

AUTORA BEST-SELLER MUNDIAL

ANNA TODD

MESMA AUTORA
DA SÉRIE *AFTER*

Stars

AS
ESTRELAS
ENTRE NÓS





AUTORA BEST-SELLER MUNDIAL

ANNA TODD

MESMA AUTORA
DA SÉRIE *AFTER*

Stars

AS
ESTRELAS
ENTRE NÓS



KARINA sabe que a vida militar é muito difícil. Ela não só conviveu com um militar dentro de casa, seu próprio pai, como passou sua infância e juventude em uma base. Ela sabe, também, que a maioria dos soldados pode até voltar para casa, mas isso não quer dizer que a experiência da guerra tenha ficado no passado.

Para fugir desse ambiente tão árido e complicado, Karina comprou uma casa fora da base militar. Ela estava determinada a construir uma vida estável e tranquila, até Kael aparecer. Ele só tem vinte anos, mas já viveu muita coisa, inclusive dois períodos no Afeganistão. Kael é lindo, mas está completamente traumatizado. Aos poucos, porém, eles foram se conhecendo melhor e, quando ela menos esperava, já tinha se entregado.

Stars

AS
ESTRELAS
ENTRE NÓS

ANNA TODD

Stars

AS
ESTRELAS
ENTRE NÓS



Copyright ©2018, Anna Todd
Copyright ©2018, The Brightest Stars by Anna Todd
Publicado em acordo com Bookcase Literary Agency
Tradução para Língua Portuguesa ©2018, Regiane Winarski
Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos
pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.

Editora responsável: Iainá Bispo
Produção editorial: Aline Santos, Bárbara Gatti, Fernanda Costa,
José Cleto, Luiza Marcondes e Natália Ortega
Preparação de texto: Luciana Bastos Figueiredo
Revisão: Juliana de A. Rodrigues
Fotos: Valerie Darling (Foto Anna Todd) e Shutterstock Images
Capa: Marina Avila

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

T568c Todd, Anna
Stars – As estrelas entre nós / Anna Todd ; tradução
de Regiane Winarski. — Bauru, SP : Astral Cultural, 2018.
304 p.

Título original: The brightest stars
ISBN: 978-85-8246-783-1

1. Literatura infantojuvenil 2. Transtorno de estresse
pós-traumático – Literatura infantojuvenil I. Título II.
Winarski, Regiane

18-1604

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil



ASTRAL CULTURAL É A DIVISÃO LIVROS
DA EDITORA ALTO ASTRAL.

BAURU
Rua Gustavo Maciel, 19-26
CEP 17012-110
Telefone: (14) 3235-3878
Fax: (14) 3235-3879

SÃO PAULO
Alameda Vicente Pinzon, 173
4º andar, Vila Olímpia
CEP 04547-130
Telefone: (11) 5694-4545

E-mail: contato@astralcultural.com.br

Em memória de Hugues de Saint Vincent.
Espero que você possa sentir a paixão neste
livro e que eu continue a deixá-lo orgulhoso.
Sinto muita saudade e vou tentar beber mais
vinho tinto, em sua homenagem.

Playlist

“One Last Time” — Ariana Grande

“Psycho” — Post Malone (feat. Ty Dolla \$ign)

“Let Me Down Slowly” — Alec Benjamin

“Waves” — Mr. Probz

“Fake Love” — BTS

“To Build A Home” — The Cinematic Orchestra

“You Oughta Know” — Alanis Morissette

“Ironic” — Alanis Morissette

“Bitter Sweet Symphony” — The Verve

“3AM” — Matchbox Twenty

“Call Out My Name” — The Weeknd

“Try Me” — The Weeknd

“Beautiful” — Bazzi

“Leave A Light On” — Tom Walker

“In the Dark” — Camila Cabello

“Legends” — Kelsea Ballerini

“Youngblood” — 5 Seconds of Summer

“Want You Back” — 5 Seconds of Summer

1

Karina, 2019

O vento sopra pelo café cada vez que a velha porta de madeira se abre. Está estranhamente frio para setembro, e tenho quase certeza de que é algum tipo de punição do universo por eu ter aceitado me encontrar com ele logo hoje. O que eu estava pensando?

Mal tive tempo de passar maquiagem nas olheiras inchadas. E a roupa que estou usando... Quando foi a última vez que viu a máquina de lavar? De novo, em que eu estava pensando?

Agora, estou pensando que minha cabeça está doendo e não tenho certeza se tenho remédio na bolsa. Também estou pensando que foi inteligente escolher a mesa mais perto da porta, assim posso fugir rapidamente se precisar. Este lugar no meio de Edgewood? Neutro e nem um pouco romântico. Mais uma boa escolha. Vim aqui poucas vezes, mas é meu café favorito em Atlanta. Os lugares são limitados, apenas dez mesas, acho que querem estimular uma alta rotatividade. Há uns dois detalhes dignos do Instagram, como a parede de suculentas e os azulejos pretos e brancos atrás dos baristas, mas o restante é bem sóbrio. Só cinza e concreto para todo lado. Liquidificadores barulhentos misturam folhas de couve com pedaços da fruta que está na moda.

Só tem uma porta barulhenta: um caminho para entrar e sair. Olho para o celular e seco as palmas das mãos no vestido preto.

Ele vai me abraçar? Apertar minha mão?

Não consigo imaginar um gesto tão formal. Não vindo dele. Droga. Estou ficando nervosa de novo, e ele ainda nem chegou. Pela quarta vez hoje,

consigo sentir o pânico na boca do estômago, e percebo que todas as vezes que fantasio nosso reencontro, eu o vejo como na primeira vez em que botei os olhos nele. Não tenho ideia de qual versão dele vou encontrar. Não o vejo desde o inverno passado e nem imagino quem ele é agora. Pensando bem, algum dia eu soube?

Talvez eu só tenha conhecido uma versão dele, uma forma luminosa e oca do homem que estou esperando. Acho que eu poderia tê-lo evitado pelo resto da vida, mas a ideia de nunca mais o ver parece pior que estar sentada aqui. Pelo menos sou capaz de admitir isso. Aqui estou, esquentando as mãos em uma xícara de café, esperando que ele entre pela porta barulhenta depois de jurar para ele, para mim e para quem quisesse ouvir nos últimos meses que eu jamais...

Ele não chega nos primeiros cinco minutos, mas, se for o homem de quem me lembro, vai entrar atrasado, com aquela testa franzida.

Quando a porta se abre, é uma mulher que aparece. O cabelo loiro é um ninho preso no alto da cabeça, e ela está segurando um celular junto à bochecha vermelha.

— Estou cagando, Howie. Dá um jeito — diz, rispidamente, afastando o celular com uma série de palavrões.

Odeio Atlanta. Todas as pessoas aqui são como essa mulher, irritadas e apressadas. Nem sempre foi assim. Bom, talvez tenha sido; eu é que não era. Só que as coisas mudam. Amo a cidade, principalmente o centro. As opções para jantar são de outro mundo, e para uma apaixonada por comida que morava em uma cidade pequena... bom, isso por si só foi motivo para mudar para cá. Toda noite tem alguma coisa para fazer em Atlanta, e tudo fica aberto até mais tarde do que na Base Benning. Mas, na época, a maior atração, para mim, era não ser constantemente lembrada da vida militar. Não havia estampa camuflada em qualquer lugar. Nem homens e mulheres vestindo uniformes militares esperando nas filas de cinema, no posto de gasolina, comprando guloseimas no Dunkin' Donuts. As pessoas falam palavras de verdade, não siglas. E há muitos cortes de cabelo diferentes para admirar.

Eu amava Atlanta, mas ele mudou isso.

Nós mudamos.

Nós.

E é o mais perto que eu chegaria de admitir uma parcela de culpa no que

aconteceu.

2

— Você está me procurando?

Só quatro palavras, mas elas caem sobre mim, chocando-se com cada um dos meus sentidos e todos ao mesmo tempo. Ainda assim, há também aquela calma, a que parece se entranhar em mim quando ele está por perto. Levanto o olhar para ter certeza de que é ele, apesar de saber que sim. Ele realmente está parado ao meu lado com os olhos castanhos mirando meu rosto, procurando... Recordando? Queria que ele não me olhasse desse jeito. O lugar está bem lotado, mas não parece. Tinha esse encontro todo planejado, mas ele estragou tudo, e me deixou nervosa.

— Como você faz isso? Não te vi entrar.

Tenho medo de minha voz soar como se eu o estivesse acusando de alguma coisa ou como se estivesse ansiosa, e é a última coisa que quero. Mesmo assim, me pergunto: *como ele faz isso?* Ele sempre foi tão bom no silêncio, em se mover sem ser percebido. Acho que é outra habilidade apurada no exército.

Faço sinal para ele se sentar. Ele desliza na cadeira, e é quando percebo que agora ele deixou a barba crescer. Linhas intensas e precisas marcam suas bochechas, e o contorno do maxilar está coberto de pelos escuros. Isso é novo. Claro que é novo: ele sempre teve que seguir o regulamento. O cabelo e a barba tinham que estar curtos e bem cuidados. Bigodes são permitidos, mas só se forem bem aparados e não ultrapassarem o lábio superior. Ele me contou uma vez que estava pensando em deixar o bigode crescer, mas o convenci a não fazer isso. Mesmo com um rosto como o dele, um bigode ficaria bizarro.

Ele pega o cardápio de cafés na mesa. *Cappuccino. Macchiato. Latte. Flat White.* Preto. Quando tudo ficou tão complicado?

— Você gosta de café agora? — Não tento esconder minha surpresa.

Ele balança a cabeça.

— Não.

Um meio sorriso surge em seu rosto, lembrando-me de por que me apaixonei por ele. Um momento antes, teria sido fácil afastar o olhar. Agora, é impossível.

— De café, não — garante ele. — De chá.

Não está usando casaco, claro, e as mangas da camisa jeans estão dobradas até os cotovelos. A tatuagem no antebraço aparece um pouco, e sei que, se eu tocar a pele dele, vou me queimar. Claro que não vou fazer isso, então olho para cima, sobre seu ombro. Para longe da tatuagem. Para longe da minha imaginação. É mais seguro. Para nós dois. Tento me concentrar nos barulhos no café, para poder me acomodar no seu silêncio. Tinha esquecido como a presença dele pode ser desconcertante.

Mentira. Não esqueci. Queria, mas não consegui.

Ouçõ a garçonete se aproximando, o tênis gemendo no piso de concreto. Ela tem uma vozinha de rato, e quando diz que ele “tinha” que experimentar o novo *mocha* de hortelã, dou uma gargalhada. Ele odeia tudo de hortelã, até pasta de dente. Penso em como ele deixava aquelas bolinhas vermelhas de gosma de pasta de canela na pia da minha casa e em quantas vezes brigamos por isso. Se ao menos eu tivesse ignorado essas pequenas irritações e prestado atenção ao que estava realmente acontecendo, tudo poderia ter sido diferente.

Talvez sim. Talvez não. Sou o tipo de pessoa que levaria a culpa por qualquer coisa... menos isso. Não tenho como ter certeza.

Não quero saber.

Outra mentira.

Kael diz para a garota que gostaria de um chá preto simples, e tento não rir desta vez. Ele é tão previsível.

— O que é tão engraçado? — pergunta ele quando a garçonete se afasta.

— Nada. — Mudo de assunto. — E então, como você está?

Não sei com que baboseira vamos preencher este encontro no café. O que sei é que vamos nos ver amanhã, mas, como eu tinha que estar na cidade hoje de qualquer jeito, pareceu uma boa ideia passar pelo primeiro encontro constrangedor sem plateia. Um enterro não é lugar para isso.

— Estou bem. Considerando as circunstâncias. — Ele limpa a garganta.

— É — suspiro, tentando não pensar muito em amanhã. Sempre fui boa em fingir que o mundo não está pegando fogo à minha volta. Tudo bem, andei escorregando nos últimos meses, mas durante anos foi algo natural, uma coisa que eu tinha começado a fazer em algum momento entre o divórcio dos meus pais e a minha formatura no ensino médio. Às vezes, sinto que minha família está desaparecendo. Ela está ficando cada vez menor.

— Você está bem? — Sua voz está ainda mais baixa do que antes.

Consigo ouvir da mesma forma que ouvia naquelas noites úmidas em que dormíamos com a janela aberta; o quarto todo ficava coberto de orvalho na manhã seguinte, nossos corpos molhados e grudentos. Amava a sensação da pele quente quando meus dedos dançavam pelos contornos suaves do maxilar dele. Até os lábios eram quentes, febris às vezes. O ar do sul da Geórgia era tão denso que dava para sentir o gosto, e a temperatura de Kael era sempre alta.

— *Hã-hã*. — Ele limpa a garganta, e desperto do devaneio.

Sei o que ele está pensando, consigo ler seu rosto com a mesma clareza do letreiro em *neon* escrito *But First, Coffee* pendurado na parede atrás dele. Odeio que meu cérebro o associe justo a essas lembranças. Não torna a situação mais fácil.

— Kare. — Ele estica a mão por cima da mesa para tocar na minha. Eu a afasto com tanta rapidez que alguém poderia imaginar que estava pegando fogo. É estranho pensar em como éramos, em como eu nunca soube onde ele terminava e eu começava. Nós éramos tão sintonizados. Tão... tão diferentes do jeito como as coisas são agora. Houve uma época em que ele simplesmente chamaria pelo meu nome e eu daria qualquer coisa que quisesse. Penso nisso por um instante: em como eu daria para aquele homem qualquer coisa que ele quisesse.

Pensei que estava mais avançada na minha recuperação, nessa coisa de “superá-lo”, pelo menos o bastante para não ficar pensando no som da sua voz quando eu tinha que acordá-lo cedo para o treino físico, nem na forma como ele gritava à noite enquanto dormia. Minha cabeça está começando a girar, e se eu não interromper esse fluxo de pensamentos, as lembranças vão me partir ao meio bem aqui, nessa cadeira, nesse café, na frente dele.

Eu me obrigo a assentir e pegar meu *latte* para ganhar tempo, só um minuto

para poder encontrar minha voz.

— É. Parece que funerais são comuns para mim.

Não ousou olhar para ele.

— Não tem nada que você pudesse ter feito, no fim das contas. Não me diga que você está achando que poderia... — Ele para de falar, e olha mais intensamente para a parte lascada na minha caneca. Passo o dedo pela cerâmica rachada.

— Karina. Olhe pra mim.

Balanço a cabeça, negando-me a cair nesse buraco de coelho com ele. Não quero isso.

— Estou bem. Falando sério. — Faço uma pausa e observo a expressão no seu rosto. — Não me olhe assim. Estou bem.

— Você está sempre bem. — Ele passa a mão nos pelos do rosto e suspira, encostando-se à cadeira de plástico.

Não é bem uma pergunta nem uma declaração, só é como as coisas são. Ele está certo. Sempre vou estar bem. Aquela coisa de *repetir uma mentira até que vire uma verdade*? Sou mestra.

Que escolha eu tenho?

3

Karina, 2017

Acertei na loteria do emprego. Só era preciso abrir a clínica de massagem às dez, então, na maioria das manhãs, eu podia dormir um pouco mais. E poder andar de casa, no final da rua, até lá, era... um bônus! Eu amava aquela rua: a loja de colchões, a sorveteria, o salão de beleza e a antiquada loja de doces. Tinha economizado meu dinheiro e ali estava, aos vinte anos, na minha rua, na minha casinha. Não na do meu pai. Na minha.

A caminhada até o trabalho levava apenas cinco minutos, o que não era suficiente para deixá-la interessante. Eu passava a maior parte do tempo desviando dos carros. Na viela cabia um pedestre ou um carro. Bom, um Prius ou algum outro carro pequeno caberia com facilidade com um pedestre. Infelizmente, as pessoas da região pareciam preferir picapes grandes, então, na maior parte do tempo, eu me espremia contra as árvores que ladeavam a viela até que os veículos passassem. Às vezes, eu criava histórias na minha cabeça, só um pouco de empolgação antes do meu turno começar. A história do dia era com Bradley, o cara barbudo que era dono da loja de colchões na esquina. Ele parecia ser legal e vestia o que passei a chamar de uniforme de cara legal: camisa quadriculada e calça cáqui. Dirigia uma picape e trabalhava ainda mais do que eu. Todas as manhãs, quando eu passava para ir trabalhar, ele já estava na loja. Mesmo quando eu fazia turno duplo ou pegava um turno à noite, eu via aquela picape branca estacionada no final da viela.

Bradley tinha que ser solteiro. Não por não ser fofo nem legal, mas porque estava sempre sozinho. Se tivesse esposa e filhos, eu os teria visto pelo menos uma vez nos seis meses desde que me mudei para aquele lado da cidade. Mas não importava se era dia, noite ou fim de semana: Bradley estava sempre

sozinho.

O sol brilhava no céu, mas nenhum pássaro cantava. Nenhum caminhão de lixo roncava. Ninguém estava ligando o carro. Havia um silêncio bizarro. Talvez tenha sido por isso que Bradley pareceu um pouco mais sinistro naquela manhã. Olhei para ele com novos olhos e me perguntei por que dividia o cabelo loiro platinado ao meio, por que achava que era uma boa ideia expor uma linha reta de couro cabeludo. O que eu realmente queria saber era aonde ele ia com aquele tapete enrolado na caçamba da picape. Talvez eu tivesse visto episódios demais de *CSI*, mas todo mundo sabia que era assim que qualquer um se livrava de um corpo: bastava enrolar em um tapete velho e jogar nos limites da cidade, não? Quando minha imaginação estava transformando Bradley em um assassino em série, ele acenou para mim e me deu o sorriso mais simpático do mundo, de verdade. Ou talvez ele fosse bom em ser encantador e, na verdade, ia...

Quase me mijeiei quando ele me chamou.

— Ei, Karina! Não tem água no quarteirão todo!

Os lábios finos viraram uma careta quando ele balançou os braços para mostrar o quanto estava chateado. Parei de andar e levantei a mão para cobrir os olhos do sol forte, que brilhava intensamente, apesar de o ar estar um pouco frio. A Geórgia era tão quente. Achei que tinha me acostumado depois de um ano, mas não. Eu ainda desejava o frio das noites do norte da Califórnia.

— Estou tentando chamar a companhia de água, mas até agora nada. — Ele deu de ombros e mostrou o celular como prova.

— Ah, não. — Tentei imitar seu tom de frustração por causa da água, mas, sinceramente, eu esperava que Mali não abrisse a clínica pelo resto do dia. Eu quase não tinha dormido na noite anterior, então adoraria dormir mais uma hora. Ou vinte.

— Vou continuar ligando — ofereceu ele.

Seus dedos tocaram a fivela de metal do cinto. Ele parecia já estar suando e, quando pegou o tapete enorme na caçamba da picape, quase senti vontade de ajudar.

— Obrigada. Vou avisar a Mali.

4

A porta estava trancada e as luzes, apagadas, até mesmo a luz do corredor que costumávamos deixar acesa. Estava bem gelado lá dentro. Liguei os aquecedores a óleo e acendi as velas no saguão e nas duas salas da clínica.

Meu primeiro cliente só chegaria às dez e meia. Elodie tinha hora marcada apenas às onze. Ela ainda estava roncando quando saí de casa, o que queria dizer que entraria correndo pela porta às onze e dez, abriria um sorriso doce para o cliente e pediria desculpas com aquele sotaque francês fofo. Apenas depois disso ela começaria seu dia.

Elodie era uma das poucas pessoas no mundo por quem eu faria praticamente qualquer coisa. Isso era a mais pura verdade, principalmente porque estava grávida. Ela descobriu sobre o bebê dois dias depois de as botas do marido pisarem em solo afegão. Esse tipo de coisa era normal aqui. Vi acontecer com meus pais, com Elodie... Boa parte das pessoas nesta região sabia que era uma possibilidade. Não só uma possibilidade, mas uma realidade quando se é casada com um militar.

Afastei o pensamento. O lugar precisava de música. Eu odiava silêncio. Recentemente tinha convencido Mali a me deixar colocar música nos alto-falantes enquanto trabalhávamos. Não ia aguentar outro turno de “melodias relaxantes de SPA” sendo repetidas por quatro horas.

Os barulhos sonolentos de cachoeiras e ondas me irritavam como nenhum outro e me deixavam sonolenta também. Liguei o iPad, e em segundos a voz de Banks estava afastando a lembrança de toda aquela melodia suave e onírica. Então, liguei o computador na recepção. Nem dois minutos depois, Mali entrou com duas bolsas enormes penduradas nos bracinhos.

— O que houve? — perguntou ela quando peguei as bolsas.

— Hmmm, nada? Não vou ganhar nem um *oi*? Ou um *como vai, Karina*?

— Sorri e voltei para a salinha dos fundos.

A comida naquelas bolsas estava com um cheiro tão bom. Mali fazia a melhor comida tailandesa caseira que já experimentei, e sempre preparava a mais para mim e para Elodie. Ela nos agradava com comida pelo menos cinco dias na semana. O abacatinho (era assim que Elodie estava chamando a barriguinha de gravidez) só queria macarrão bem temperado. Eram as folhas de manjerição. Elodie tinha ficado obcecada por elas com a gravidez, a ponto de pegar uma a uma no prato de macarrão para mastigar. Os bebês levam as pessoas a fazerem as coisas mais estranhas.

— Karina — chamou Mali, sorrindo —, como você está? Você parece triste.

Essa era Mali. *O que houve? Você parece triste.* Se estava na cabeça dela, saía pela boca.

— Ei, estou bem. Só não estou de maquiagem. — Revirei os olhos, e ela cutucou minha bochecha.

— Não é isso.

Não era mesmo. Mas eu não estava triste. E não gostei de minha máscara ter escorregado o suficiente a ponto de Mali reparar. Não gostei nem um pouco.

5

Deu dez e meia e meu cliente chegou. Estava acostumada com sua pontualidade, sem contar a sua pele macia. Dava para notar que ele usava óleo depois do banho, e isso tornava meu trabalho mais fácil, massagear óleo em pele já macia. Os músculos estavam sempre tão duros, principalmente em volta dos ombros, e concluí que ele passava o dia atrás de uma mesa. Não podia ser militar, com aquele cabelo compridinho, que fazia cachinhos nas pontas.

Hoje, os ombros estavam tão tensos que meus dedos doeram quando esfregaram a área do trapézio. Ele era do tipo que gemia (muitos clientes gemiam), e fazia uns sons graves e roucos quando eu soltava os nós de seu corpo. A hora passou rápido. Tive que bater no braço dele para acordá-lo quando acabou.

Meu cliente das dez e meia (seu nome era Toby, mas eu gostava de chamá-lo de cliente das dez e meia) dava boas gorjetas e mantinha um clima bom. Menos na vez em que me chamou para sair. Elodie surtou quando contei. Ela queria que eu falasse para Mali, mas não tinha necessidade de que aquilo se tornasse um problema. Ele não se ofendeu com minha recusa (uma coisa incomum nos homens, eu sei) nem demonstrou atração por mim depois disso, e eu achava que as coisas estavam bem entre nós.

Eram onze e quarenta e cinco e ainda nada de Elodie. Normalmente, ela manda mensagem quando se atrasa mais de quinze minutos. O homem na sala de espera devia ser novo, porque não o reconheci, e eu nunca esqueço um rosto. Ele pareceu tranquilo. Mas Mali não estava. Ela estava a dois minutos de ligar para Elodie.

— Posso atendê-lo se ela não chegar em cinco minutos. Meu próximo cliente pode passar para mais tarde. É a Tina — avisei para Mali. Ela

conhecia a maioria dos clientes que entrava e saía da clínica; Mali lembrava de nomes assim como eu lembrava de rostos.

— Tudo bem, tudo bem. Mas sua amiga está sempre atrasada. — Sua voz tinha um tom de reprovação. Mali era uma mulher muito gentil, mas feita de puro fogo.

— Ela está grávida — defendi minha amiga.

Mali revirou os olhos.

— Tenho cinco filhos e sempre trabalhei direitinho.

— *Touché*.

Segurei a gargalhada e mandei uma mensagem para Tina para ver se ela podia vir à uma hora. Ela logo respondeu que sim, como eu sabia que faria.

— Senhor — chamei o homem na sala de espera —, sua terapeuta está um pouco atrasada. Posso começar agora se desejar. Ou o senhor pode esperar Elodie. — Não sabia se ele tinha preferência por ela por algum motivo ou se só queria uma massagem. Como estávamos no Yelp e aceitando agendamentos *on-line*, eu nunca sabia quais clientes queriam uma massagista específica.

Ele se levantou e andou até a recepção sem dizer nada.

— Tudo bem? — perguntei.

Ele hesitou por um segundo antes de assentir. Certo...

— Tudo bem, então... — Verifiquei a agenda. *Kael*. Que nome estranho.
— Me siga, por favor.

Nós não tínhamos salas designadas, não tecnicamente, mas eu tinha arrumado a segunda da esquerda de acordo com meu gosto, e era a que eu usava mais. Ninguém mais usava a não ser que precisasse.

Tinha levado meu armário, meus objetos decorativos e estava no processo de convencer Mali a me deixar pintar as paredes. Qualquer coisa seria melhor do que aquele roxo-escuro. Não era exatamente relaxante, e era uma sala sem graça e datada, parecia ser de uns vinte anos antes.

— Pode deixar suas roupas no cabide ou na cadeira — indiquei. — Pode tirar o quanto o deixar à vontade. Deite de bruços na maca, volto em dois minutos.

Ele não disse uma palavra; só ficou parado ao lado da cadeira e tirou a camiseta cinza pela cabeça. Ele era militar, definitivamente. Considerando o corpo sólido e a cabeça quase raspada, ele todo se declarava soldado. Vivi em bases do exército a vida toda e conhecia o perfil. Ele dobrou a camiseta e a colocou na cadeira. Quando os dedos tocaram a calça de moletom, eu o deixei sozinho para se despir.

6

Tirei o celular do bolso do jaleco e li a primeira linha de uma mensagem de texto do meu pai: *Nos vemos hoje à noite. Estelle vai preparar uma de suas melhores receitas!* Eu era capaz de citar pelo menos mil coisas que preferia fazer, mas era isso que nós três (às vezes quatro) fazíamos toda terça.

Eu só tinha perdido um jantar em família desde que saí de casa um ano atrás, quando meu pai foi com Estelle no trailer da família à formatura militar de um parente distante. Então, tecnicamente, não fui eu que perdi. Eles mantiveram a rotina do jantar de terça mesmo viajando, enquanto Elodie e eu enchíamos a cara de pizza da Domino's.

Não respondi ao meu pai porque ele sabia que eu estaria lá às sete. Minha “nova” mãe estaria no banheiro fazendo cachos no cabelo, e nem teria começado o jantar, mas eu chegaria na hora. Como sempre chegava.

Fazia três minutos que eu tinha dito para o cliente de Elodie que voltaria para iniciar o tratamento, então puxei a cortina e entrei na sala. As luzes estavam baixas, e tudo estava no tom de roxo das paredes horrendas. As velas estavam acesas havia tempo suficiente para o ar exalar apenas o cheiro do capim-limão. Mesmo depois da minha noite agitada, aquela sala tinha o poder de me deixar mais calma.

Ele estava na maca no centro da sala com o cobertor branco puxado até a cintura. Esfreguei as mãos. As pontas dos meus dedos ainda estavam frias demais para tocarem na pele de alguém, então fui até a pia para aquecê-las. Liguei a torneira e nada. Já tinha me esquecido do aviso de Bradley, já que consegui passar a última hora sem precisar de água.

Esfreguei as mãos uma na outra e as coloquei em volta do *rechaud* na beirada da pia. Estava um pouco quente demais, mas funcionou. O toque do óleo na pele seria morno e ele provavelmente não repararia que estávamos

sem água. Não era conveniente, mas era contornável. Eu esperava que quem tivesse trabalhado no último turno do dia anterior tivesse colocado toalhas limpas na estufa antes de ir embora.

— Você tem alguma área específica de preocupação ou tensão na qual gostaria que eu me concentrasse? — perguntei.

Nenhuma resposta. Será que já tinha adormecido?

Esperei alguns momentos para perguntar de novo.

Ele balançou a cabeça raspada no apoio para o rosto e disse:

— Não toque na minha perna direita. Por favor. — Acrescentou o “por favor” no final, como se só tivesse lembrado disso depois.

O tempo todo eu recebia pedidos para não tocar em certas partes. As pessoas tinham todos os tipos de motivos, de problemas médicos a inseguranças. Não era da minha conta. Meu trabalho era fazer o cliente se sentir melhor e oferecer uma experiência de cura. Acontece que sempre que eu não pedia o preenchimento da ficha sobre o tratamento, havia um pedido especial. Mali chamaria minha atenção por isso, sem dúvida.

— Pode deixar. Você prefere pressão leve, média ou intensa? — Peguei o frasquinho de óleo na prateleira. A parte de fora do frasco ainda estava muito quente, mas eu sabia que estaria na temperatura perfeita quando começasse a usá-lo.

Mais uma vez, não houve resposta. Talvez ele tivesse alguma dificuldade auditiva. Também estava acostumada a isso, uma das dificuldades da vida no exército.

— Kael? — Chamei seu nome, mas não sei por quê.

Ele levantou a cabeça tão rápido que achei que o tinha assustado. Eu mesma dei um pulo.

— Desculpe. Eu só queria saber o nível de pressão que você prefere.

— Qualquer uma. — Ele não parecia saber o que queria. Devia ser a primeira vez. Botou a cabeça no apoio novamente.

— Certo. Só me diga se a pressão está fraca demais ou firme demais, e vou ajustando meu toque — orientei.

Eu tinha a mão meio pesada, e a maioria dos meus clientes gostava disso, mas eu nunca tinha trabalhado nele.

Quem sabia se voltaria? Eu diria que só umas quatro de dez pessoas que iam pela primeira vez realmente voltavam, e só uma ou duas viraram clientes assíduas. Nossa clínica não é grande, mas temos clientela regular.

— O óleo é de hortelã. — Bati o frasquinho no meu indicador. — Vou passar um pouco nas suas têmporas. Ajuda com...

Ele levantou a cabeça e a balançou de leve.

— Não. — A voz não soou ríspida, mas deixou claro que ele não queria que eu usasse óleo de hortelã. Certo...

— Tudo bem. — Fechei a tampa do frasco e abri a torneira.

Droga. A água. Eu me ajoelhei e abri a estufa de toalhas. Vazia. Claro.

— Hmmm, só um segundo. — Ele apoiou a cabeça novamente, e fechei a porta da estufa com força demais. Desejei que não tivesse soado mais alto do que a música. Aquela não estava sendo uma sessão tranquila...

7

Mali estava no corredor quando passei pela cortina em busca de toalhas.

— Preciso de água. Ou de toalhas quentes.

Ela levou o dedo aos lábios para me pedir para ficar quieta.

— Não tem água. Mas tenho toalhas. Quem não repôs o estoque?

Dei de ombros. Não sabia e não me importava; só queria uma toalha.

— Ele está na minha sala há cinco minutos e ainda não comecei.

Ao ouvir isso, ela se moveu mais rápido, desapareceu no outro lado do corredor e voltou com algumas toalhas quentes. Peguei-as da mão dela e joguei os embrulhos fumegantes de uma mão para a outra para esfriá-los. Quando voltei para a sala, balancei a toalha pelo ar uma última vez e a esfreguei nas solas dos seus pés descalços. A pele dele era tão quente ao toque que guardei a toalha e encostei as costas da minha mão no peito do seu pé para ter certeza de que ele não estava com febre nem nada. Eu não podia ficar doente. Literalmente. Os dias no plano de saúde do meu pai estavam acabando, e eu não tinha dinheiro para pagar um para mim.

A pele dele era tão quente. Levantei um pouco o cobertor e vi que ele ainda estava de calça. Aquilo era tão... estranho. Não sabia como massagear a outra perna, a que eu deveria massagear.

— Hmmm, você quer que eu evite ambas as pernas? — perguntei baixinho.

Ele assentiu, ainda com a cabeça no apoio. Continuei passando a toalha quente pelas solas dos pés, uma coisa que eu fazia para limpar óleo e sujeira. A higiene dos clientes... bom, vamos só dizer que variava. Algumas pessoas chegavam de sandálias depois de andarem por aí o dia todo. Mas não aquele cara. Ele devia ter tomado banho antes de vir. Gostei disso.

Comecei a massagear pela almofada dos pés, aplicando pressão e seguindo para o arco plantar. Havia uma linha mais alta na parte de baixo do pé esquerdo, mas eu não conseguia ver a cicatriz na escuridão. Deslizei o polegar pelo arco, e ele se contorceu um pouco na maca.

Eu estava acostumada a dividir o tempo das minhas sessões de uma hora com perfeição, uns cinco minutos em cada perna, então aproveitei o tempo extra para massagear os ombros. Muitas pessoas carregavam a tensão nos ombros, mas aquele cara... Se aqueles não eram os ombros mais duros nos quais eu já tinha trabalhado, com certeza chegavam perto.

Continuei mantendo as pernas cobertas pelo cobertor e trabalhando no pescoço, nos ombros, nas costas. Os músculos eram definidos, mas não volumosos nem duros sob meus dedos. Imaginei que o corpo jovem carregava peso havia muito tempo. Uma mochila, talvez. Ou só a vida mesmo. Ele não se expressou o suficiente para que eu lhe inventasse uma vida como fazia com Bradley e a maioria dos outros estranhos à minha volta. Havia alguma coisa naquele cara que mantinha minha imaginação controlada.

O couro cabeludo foi a última parte em que trabalhei. O relaxamento com a pressão suave costumava fazer as pessoas gemerem ou ao menos suspirarem, mas nada saiu dos seus lábios. Ele não deu um pio. Achei que talvez tivesse adormecido. Isso acontecia com frequência, e eu adorava. Costumava significar um bom trabalho. Quando a hora terminava, parecia que tinha acabado de começar. Normalmente, eu pensava em coisas variadas: no meu pai, no meu irmão, no meu trabalho, na minha casa. Mas havia algo com aquele cara. Não pensei em nada.

— Foi tudo bem? — Às vezes, eu perguntava aos clientes, outras, não. Aquele cara era tão silencioso que eu não sabia se ele tinha gostado ou não.

Ele manteve o rosto no apoio, e mal o ouvi quando ele disse:

— Foi.

Certo...

— Tudo bem. Bom, vou sair e deixar você se vestir. Vejo você na recepção quando terminar. Leve o tempo que precisar.

Ele assentiu, e saí da sala, com uma certeza quase absoluta de que não receberia gorjeta.

8

Ouvi Elodie na recepção. Estava conversando com Mali, que pegava no seu pé por causa do atraso.

— Atendi seu cliente; ele está se vestindo agora — avisei à minha amiga. Não era ruim deixar que Mali soubesse que tudo estava resolvido, nenhum mal havia sido feito. Elodie sorriu para mim e inclinou a cabeça para o lado. Havia algo nela que a fazia se safar de quase qualquer situação.

— Me desculpe, Karina. Obrigada. — Ela beijou minhas duas bochechas. Eu me acostumei a isso na semana em que ela foi morar na minha casa. Não gostava muito de toques em excesso, mas com ela era difícil eu me encolher como faria normalmente.

— Não consegui dormir ontem. O abacate começou a chutar. — O sorriso ficou largo, mas consegui ver em seus olhos que ela não tinha descansado. Eu conseguia entender.

Mali colocou a mão na barriga de Elodie e começou a falar com o bebê. Eu já estava achando que ela perguntaria à barriga *o que houve, por que você não está sorrindo?*, mas Mali era carinhosa e gentil com crianças, até com as que ainda não tinham nascido. A forma como ela ficava tocando em Elodie me incomodava um pouco, mas a ideia do bebê chutando era empolgante, e sorri. Eu estava muito feliz pela minha amiga. O fato de ela estar tão sozinha aqui, com a família e a maioria dos amigos do outro lado do oceano Atlântico, me preocupava. Ela era nova. Muito nova. Eu me perguntei se ela já tinha tido a chance de contar a Phillip que achava que tinha sentido o bebê se mexer no dia anterior ou mesmo se ele olharia os e-mails hoje. A diferença de fuso horário interferia na frequência das conversas que Elodie ou qualquer outra pessoa tinha com um soldado, mas ela estava se saindo bem, com elegância, como fazia com tudo. Mas, no fundo, eu morria de medo da proximidade do

nascimento do bebê.

Os olhos de Elodie se desviaram para a cortina atrás de mim. Ela se iluminou como uma árvore de Natal, e foi até o cliente. Disse um nome que não consegui ouvir direito, mas que não parecia Kael. Deu dois beijos nas suas bochechas e o abraçou.

— Você está aqui! Não consigo acreditar que você está aqui! Como sabia?
— Ela deu um gritinho e o abraçou de novo.

Mali assentiu para minha cliente seguinte, que estava entrando pela porta da frente.

— E você, de volta ao trabalho — disse ela.

9

Tina era uma das minhas clientes favoritas. Ela trabalhava em casa como terapeuta de família, e mais de uma vez me deixou usar a sessão de massagem como *minha* terapia. Eu não me sentia à vontade para fazer isso com muita gente, mas Tina não tinha ninguém para quem contar meus segredos. Pensar no quanto ela devia se sentir solitária em sua casa grande e vazia, jantando sozinha na frente da TV, me entristecia. Por outro lado, minha vida também era assim, então acho que eu não devia ficar triste por ela. Eu me sentia um pouco culpada pelo receio que me rondava: a vida de Tina era o futuro da minha?

Parecia que a sessão de hoje com ela não terminaria nunca. Tive que olhar o relógio de novo: faltavam dez minutos.

— E como estão as coisas com seu irmão? — perguntou. Coloquei o cabelo dela para o lado para poder me concentrar nos músculos tensos do pescoço. Tina tinha cortado os fios recentemente (ela chamava o estilo de Demi), mas odiou e começou a usar chapéus para esconder o novo corte. Ainda não dava para fazer um rabo de cavalo.

Não queria falar do meu irmão. Na verdade, não queria sentir o que sentiria se falássemos do meu irmão.

— Na mesma. Quase não tive notícias desde que foi morar com meu tio. Quem sabe quando ele volta? — suspirei e passei os dedos pelo pescoço de Tina.

— Ele já está estudando lá?

— Não. Ficam dizendo que vão fazer a matrícula, mas não fizeram. — Tentei não pensar muito no assunto, mas meu cérebro funcionava assim. Quando eu abria a porta do armário, tudo o que estava lá dentro despenhava.

— Parece que eles não planejam fazer isso — observou Tina.

— É. Foi o que pensei. Ele não quer falar comigo, e a bolsa no curso técnico terminou mês passado.

Pontinhos de estresse surgiram nos meus ombros e pela minha coluna. Entendia o fato de Austin não suportar mais morar com o nosso pai, mas sentia um certo conflito; ele era meu irmão gêmeo, tinha vinte anos e não estava fazendo nada da vida. Não devia morar no estado vizinho com o tio de trinta anos que fedia a Cheetos e via pornografia *on-line* o dia todo, mas também não queria que ele morasse comigo. Era complicado. Ainda assim, não conseguia acreditar que meu pai tinha permitido que ele saísse de casa. Mas, ao mesmo tempo, eu não podia culpar meu irmão por ter saído. Novamente, complicado.

— Sinceramente, Karina, você não pode assumir a responsabilidade por isso. Não é bom para você, e, no fim das contas, vocês têm a mesma idade. Tá, ele é cinco minutos mais novo, se me lembro bem.

— Seis. — Sorri e movi as mãos por suas escápulas.

Eu sabia que ela estava certa, mas isso não tornou nada mais fácil. Movi as mãos por sua pele, usando um movimento de compressão.

— Você tem que decidir o que é melhor para você — insistiu Tina. — Você está começando um capítulo novo e devia ter a vida o mais livre de confusão possível.

Era mais fácil falar do que fazer.

— Vou perguntar ao meu pai se ele teve alguma notícia.

Tina não disse mais nada. Devia saber que falar sobre o jantar com minha “família” seria muito para mim àquela hora do dia. Então, só apreciou o restante do tratamento enquanto meus pensamentos ferviam no cérebro.

10

Eram quase seis horas quando encerrei o dia. Tive mais três clientes depois de Tina, e cada um deles ocupou minha mente de um jeito diferente. Stewart (eu a chamava pelo sobrenome que estava bordado no uniforme) era auxiliar médica do exército e tinha os olhos mais bonitos que já vi. Ela me manteve ocupada falando de seu próximo posto — por causa do trabalho, ela podia ser mandada para quase qualquer parte do mundo. Então, ir para uma base no Havaí era como tirar a sorte grande. Foi bom vê-la tão feliz.

Algumas pessoas amavam as transferências comuns dos militares, e Stewart era uma delas. Ela era só um ano mais velha que eu, mas já tinha sido enviada para o Iraque, e duas vezes. E, nossa, como tinha histórias. Aos vinte e um anos, já tinha tido experiências que a maioria das pessoas não podia nem imaginar. Mas, quando essas experiências viravam lembranças... bom, elas começavam a se repetir na sua mente sem parar. Nunca passavam, nunca se acalmavam, viravam música de fundo que acabava se fixando em sua cabeça; sempre presente, porém tolerável. Eu sabia como era. O cérebro do meu pai era cheio desse clamor. Com seis idas ao Iraque e ao Afeganistão, sua música de fundo berrava pela nossa casa. Sua casa. Pensei em tudo isso com Stewart deitada na maca. Fiquei feliz por ela poder se abrir comigo, de poder se livrar do peso falando e dividindo um pouco da música de fundo. Eu sabia melhor do que a maioria das pessoas que não era só o aspecto físico da massagem que reduzia o estresse, que ajudava um corpo a ganhar energia.

Era quase poesia a forma como Stewart falava da vida. Eu sentia cada palavra enquanto ela falava. Pensava nas coisas em que tentava tanto não pensar. Ela me conectava com sua história, e quando me contava tudo pelo que passou e tudo que sabia, me mostrava uma perspectiva diferente das coisas.

Por exemplo, Stewart falava muito que, nos Estados Unidos, menos de oito

por cento dos cidadãos já tinham servido às Forças Armadas. Isso incluía todos os níveis, todos os veteranos que já tinham servido, ainda que só por um período curto. Das trezentas milhões de pessoas, menos de oito por cento. Era difícil, para mim, perceber isso considerando minha infância, indo de base em base, tentando fazer novos amigos, tentando me adaptar a estranhos em intervalos curtos de anos; não era a realidade para a maioria das pessoas. Para a maioria dos norte-americanos, pelo menos.

Menos de oito por cento? Parecia impossível um número tão pequeno. Do meu bisavô até meu pai, meus tios e primos espalhados pelo país (menos aquele otário com quem meu irmão estava morando), todo mundo ao meu redor usava uniforme ou morava com alguém que usava. O mundo nunca pareceu tão grande até Stewart e suas estatísticas. Ela falava muito durante as sessões, assim como Tina. Mas, diferentemente de Tina, Stewart não esperava que eu falasse. Eu podia me esconder atrás das experiências dela, muitas das quais me forçaram a segurar as lágrimas. Talvez fosse por isso que as suas sessões passavam tão rápido.

11

A água voltou logo depois que Stewart saiu. Lavei os lençóis e as toalhas e, enquanto esperava que meu próximo cliente ou alguém que estivesse passando na rua entrasse, fiquei trabalhando em uma *playlist* nova.

Elodie conseguiu estar ocupada com um cliente a cada vez que eu terminava com um meu. Estava doida para perguntar de onde ela conhecia aquele soldado com o nome estranho, mas sempre nos desencontrávamos. Normalmente, eu não me envolvia nos dramas dos outros, já bastavam os da minha vida, mas Elodie não conhecia muita gente ali. As únicas outras esposas de militar com quem ela conversava estavam no Facebook. Meu cliente seguinte era do tipo que dormia. Ele sempre apagava depois de cinco minutos, o que me deixou pensando no meu irmão uma hora inteira. Ah, e no quanto eu temia o jantar daquela noite. Sentia uma certa inveja de Austin por estar tão longe, na Carolina do Sul, dormindo até o meio-dia e trabalhando em meio período no Kmart.

Também pensei no amigo de Elodie, no fato de ele ter ficado de calça durante a massagem e que a quantidade de tensão no seu corpo não era saudável para um homem tão jovem. Ele não podia ter mais de vinte e dois anos. Provavelmente menos.

Meu último trabalho do dia foi uma nova cliente que me deixou uma boa gorjeta por uma massagem pré-natal de trinta minutos. A barriga estava enorme, e ela parecia exausta. Quase perguntei se estava bem, mas não quis ser grosseira.

Passei pela sala de Elodie de novo. A porta estava fechada, e por um segundo até imaginei que o amigo soldado pudesse estar lá com ela. Minha imaginação era fértil mesmo.

Antes de ir para casa, ajudei Mali a repor o estoque da sala dos fundos e

das estufas de toalhas e dobrei as roupas lavadas. Eu não estava com pressa para ir para casa, principalmente na dita noite do jantar em família.

Quando finalmente saí da clínica, levei as sobras da comida deliciosa de Mali. Aquela história de mulheres grávidas comerem por dois podia ser só papo de antigamente, mas ainda era importante Elodie fazer refeições nutritivas. Carreguei a comida em uma das mãos e tentei ligar para meu irmão com a outra. Caixa postal.

— Oi, sou eu. Só liguei para saber como você está. Não tenho notícias suas há dias. Me liga. Vou para casa do papai para o jantar de terça. Você é ridículo por não estar lá.

Desliguei e guardei o celular no bolso da frente. Ao meu redor, o céu parecia estar sofrendo da indecisão do sol de se pôr ou não, assumindo aquele tom de laranja que deixava tudo mais bonito. As vagas da viela estavam todas ocupadas. A picape branca de Bradley estava lá, estacionada de lado, ocupando duas vagas, e a caçamba estava tão cheia de colchões que me fez pensar no conto de fadas “A princesa e a ervilha”. Ele saiu pela porta dos fundos e jogou um travesseiro na pilha.

— A água voltou! — gritou ele, balançando a mão.

— É... — Sorri. — Obrigada por ficar no pé da companhia de água! — acrescentei.

Tinha certeza de que aquilo tinha sido meio constrangedor e de que eu ficaria repetindo a conversa em pensamento à noite. Meu cérebro funcionava assim. Bradley não pareceu reparar nem ficar pensando nas minhas palavras como eu; ele só me deu boa noite, trancou a porta da loja e entrou na picape.

Portas foram batidas, pneus esmagaram galhos e vozes preencheram o resto da minha curta caminhada para casa. Pensei no jantar da noite e em que conversa forçada teríamos durante pelo menos três sequências de pratos.

Eu deveria estar na casa do meu pai às sete, o que queria dizer que tinha de estar pronta para sair de casa às seis e quarenta. Era preciso tomar banho e botar roupas de verdade, mesmo que fosse só um trato mínimo na aparência. A esposa do meu pai tinha parado de comentar sobre meu visual quando perdi “quilos extras” suficientes para agradá-la. Pequenas bênçãos, eu acho.

Queria muito ficar em casa e comer restos de comida com Elodie. Pensava em variações da mesma ideia todas as semanas desde que saí de casa. Achei que fosse passar, que eu me acostumaria com a rotina. Só que não. Eu não

tinha me acostumado e achava que não me acostumaria nunca. Claro, jantar uma vez por semana era infinitamente melhor do que morar lá. Mas eu odiava o compromisso, odiava que minha semana toda girasse em torno de terça às sete. Lavar minha roupa, lavar o cabelo, trabalhar. Tudo girava em torno desse jantar. Acho que eu não era tão adulta quanto pensava.

12

O Facebook estava começando a ficar digno de ódio. Cada vez que abria o aplicativo, havia um bebê recém-nascido, um pedido de casamento ou uma morte. Se não fosse isso, era política, com todo mundo gritando tão alto que não se conseguia ouvir o que o outro estava dizendo.

A coisa toda era exaustiva, e eu quase não postava nada havia meses. Nunca senti que tivesse coisas a compartilhar com pessoas que mal conhecia. E, diferentemente de Sarah Chessman, que se mudou no meu terceiro ano, eu não achava que todas as refeições preparadas em casa e todas as *selfies* eram dignas das redes sociais.

Mas, por uma curiosidade meio cruel, e porque eu tinha mais alguns minutos para gastar no caminho até em casa, acessei a página de Sarah Chessman para dar uma olhada na sua vida chata. Talvez fosse o fato de eu estar andando pela viela barulhenta e meus pés estarem doendo, ou de estar batendo na porta do meu pai em uma hora, mas a vida de Sarah pareceu boa hoje. Ela tinha um marido, um soldado recém-formado em uma base no Texas, e estava grávida. Assisti a um vídeo de dez segundos dela abrindo uma caixa cheia de balões cor-de-rosa para revelar o gênero do bebê. Não pareceu apavorada como eu estaria se fosse ela.

Comecei a me sentir hipócrita por julgá-la, então cliquei no *feed* de notícias. Meu pai tinha postado uma foto segurando um peixe e uma cerveja. Ele amava caçar e pescar; meu irmão e eu não suportávamos. Austin mais do que eu. Ele saiu para caçar com papai até chegar no ensino médio e começar a namorar. Meu irmão, com quem eu conversava todos os dias até alguns meses atrás, mas que agora mal atendia ao telefone, já tinha curtido a postagem. Outra pessoa também, com uma foto de perfil junto com um golden retriever. O amigo comentou que meu pai “parecia mais feliz do que nunca”.

Doeu. Doeou muito. Ouvia aquilo há três anos, desde que ele se casou novamente. Dos vizinhos aos caixas do PX, o mercado que não cobrava imposto, todo mundo achava que não havia problema parabenizar meu pai pelo quanto ele estava feliz. Ninguém parecia considerar que eu podia estar por perto, que dizer para ele o quanto ele estava feliz *naquele momento* significava que ele era muito infeliz antes. Ninguém parecia me levar em consideração. Foi quando comecei a me agarrar a pessoas, principalmente garotos. Alguns da minha escola, alguns mais velhos. Eu estava procurando alguma coisa que não tinha em casa, mas não sabia dizer o que era.

Mais do que tudo, eu me agarrei a Austin. Talvez tenha sido o fato de sermos gêmeos, talvez tenha sido o fato de que nossos pais nunca estavam por perto quando mais precisávamos deles, quando seus conselhos teriam feito diferença. Ficar perto do meu irmão seis minutos mais novo pareceu ajudar por um tempo, mas, quando terminamos o ensino médio, comecei a pensar que Austin talvez não fosse a pessoa que imaginei que fosse.

Uma das partes mais estranhas de crescer era a forma como as lembranças mudavam. Como quando Austin me levou àquela festa em Chesapeake Manor, em que todos os filhos de oficiais estavam comemorando. Ele me disse que todo mundo da nossa idade estava bebendo, que eu devia relaxar. Depois, apagou em um dos quartos com uma garota de uma escola do outro lado da cidade, e fui obrigada a dormir lá, cercada de garotos barulhentos e brigões. Foi quando um deles, que me chamou de “irmã do Austin” e tinha voz grave demais para ser do ensino médio, jurou que eu estava a fim dele e enfiou a língua na minha boca. Repetidamente. Até eu começar a chorar e ele, a “surtar”.

Engraçado como mandar que ele parasse, dizer “*não, não, não, por favor, não*” não adiantou de nada. Foi o fluxo de lágrimas salgadas e quentes pelo meu rosto que fez com que ele se afastasse. Acabei pegando no sono em um sofá, ouvindo o som de um jogo de guerra do videogame na sala ao lado. Austin não pediu desculpas na manhã seguinte. Não perguntou como eu dormi e nem onde. Só beijou a garota na bochecha e fez uma piada da qual ela e eu rimos. Depois, pegamos um Uber para casa como se nada tivesse acontecido. Nosso pai gritou comigo, não com ele, e nós dois ficamos de castigo por uma semana.

Cliquei no perfil de Austin e pensei em ligar para ele de novo, mas Elodie abriu a porta de casa e me pegou de surpresa. Nem tinha percebido que eu já estava na varanda.

13

Minha casa é pequena, e quando passamos pela porta, já estamos na sala. É uma das coisas de que gosto nela: ser aconchegante e calorosa, e parecer estar me esperando. As luzes e a televisão estavam ligadas quando cheguei naquela noite. A sala estava ocupada pela voz de Olivia Pope. E ali estava Elodie, parada na porta, me cumprimentando com um sorriso nervoso. Alguma coisa estava acontecendo.

Eu conhecia Elodie havia pouco tempo, mas sentia que a conhecia bem. Não sei exatamente o quanto nós tínhamos em comum fora termos a mesma idade. E, bom, mesmo assim me sentia mais velha. Também parecia mais velha. Elodie tinha um jeito que a fazia parecer mais nova do que era, principalmente quando sorria. E quando estava nervosa ou triste, ela parecia ter uns dezesseis anos. Menos, até. Isso despertava um instinto de proteção em mim.

Elodie se esforçava para ser a perfeita jovem esposa de militar, mas já era o centro de vários boatos mesquinhos. As esposas do pelotão de Phillip faziam piadas sobre seu sotaque e a chamavam de “noiva encomendada pelo correio”. Mas ela não era a única. Muitos soldados conheceram as esposas *online*, só que isso não parecia importar para aquelas mulheres. Talvez elas deversem conversar com Stewart. Aposto que teria estatísticas sobre quantos membros das Forças Armadas encontraram as esposas em sites como o MilitaryCupid.

As bases militares eram assim: todo mundo implicando e brigando por posição. As vizinhas de Elodie passavam o dia vendendo produtos de esquemas de pirâmide pelo Facebook e fazendo *bullying* com ela porque a grama estava dois centímetros mais alta do que deveria. E não é exagero. Eu estava com ela uma vez quando a “prefeita” do lote de casas parou o carro cantando pneus e repreendeu Elodie por deixar a grama ficar um centímetro

acima do devido.

Sim, a “prefeita” mediu.

Não, ela não tinha nada melhor para fazer.

É por isso que Elodie se sentia melhor em passar as noites no meu sofá ou na minha cama, dependendo de onde adormecesse. Tenho a sensação de que ela gostava mais do sofá. Ela não acordava perguntando por Phillip quando dormia nele.

Pensei em perguntar à Elodie sobre o cara de hoje cedo. Obviamente, ela o conhecia. Mas como? Ela não tinha muitos amigos, até onde eu sabia, e não passava muito tempo socializando. Talvez Phillip tivesse amigos fora do pelotão. Não era muito comum, mas também não era impossível.

Elodie se sentou no sofá e dobrou as pernas com os pés embaixo do corpo. O corpinho pequeno estava mudando, a barriga começando a crescer. Fiquei me perguntando onde o bebê dormiria na minha casa.

A série favorita de Elodie no momento era *Scandal*, e ela estava fazendo maratona.

— Em que temporada você está agora? — perguntei.

— Na segunda — respondeu em voz baixa.

Ela estava tão quieta. Tirei os sapatos, e só quando alguma coisa se moveu na minha visão periférica foi que percebi que havia outra pessoa em casa.

Um ruído, um gritinho escapou pela minha boca quando o vi. Ele estava me olhando, o cliente monossilábico que atendi hoje cedo. Estava sentado na minha poltrona, a rosa-escura, que já tinha sido vermelha, e que foi dada pela minha avó antes de nos mudarmos para a Geórgia.

— Hmmm, oi? — Consegui dizer quando meu coração parou de saltar de susto e surpresa. Como não vi um ser humano inteiro na minha sala? Eu andava bem distraída nas últimas semanas, mas aquilo era outra coisa.

— Como foi o trabalho? — perguntou Elodie, olhando para a televisão, enquanto os dedos repuxavam o tecido da calça, e depois olhando para mim.

— Bom...

Olhei para o tal de Kael e ele olhou para mim. Quando eu me lembrasse disso depois, da primeira vez que ele havia entrado na minha casa branca, a lembrança mudaria de uma dor ardente para pura alegria e então de volta à

dor, sem parar. Mas, quando aconteceu na vida real, foi rápido. Antes que ele fosse qualquer coisa para mim, antes que ele fosse tudo, ele foi só um estranho caladão com o rosto vago e os olhos distantes. Havia algo de indomável nele, algo fechado, e eu não conseguia nem começar a inventar uma vida para ele. Odiava óleo de hortelã e não quis que eu tocasse sua perna. Essas eram as únicas pistas que eu tinha de quem ele era.

Senti o cheiro da pipoca antes mesmo do milho começar a estourar.

— Estou fazendo pipoca — anunciou Elodie. Ela estava nervosa. O que estava acontecendo?

— Tudo bem... Vou tomar um banho. Tenho que estar na casa do meu pai às sete.

Segui pelo corredor. Elodie veio atrás, mordendo o lábio inferior.

— E então? — perguntei.

— Kael voltou para cá ontem à noite. Estava com Phillip. — Sua voz estava baixa, e percebi que estava se preparando para me pedir alguma coisa. Minha mãe também era assim quando queria algo. — Ele pode ficar um dia aqui até obter... — Ela parou de falar por um segundo. — Até poder se mudar pra casa dele? Desculpe pedir assim, eu...

Levantei a mão.

— O quanto você conhece esse cara? — Queria ter certeza de que ele era de confiança.

— Ah... Eu o conheci logo antes de ele partir. Ele é um bom sujeito, Karina. Honesto. Era o melhor amigo de Phillip lá.

— Por que ele voltou?

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Eu não perguntei. Devia? — Ela olhou em direção à sala.

— Eu não perguntaria. Ele pode ficar aqui, mas, se for um cretino, vai pra rua. E você também — provoquei.

Ela sorriu ao ouvir aquilo e tocou no meu braço. Sempre tão carinhosa. Eu, nem tanto.

— Obrigada. Você é...

— Eu sei, eu sei. Sou a melhor. Agora tenho que tomar banho para não me

atrasar para a casa do meu pai.

Ela revirou os olhos.

— Olha, você devia me agradecer.

Nós duas rimos, e fechei a porta do banheiro na cara dela.

14

Todos os dias era a mesma dança: eu pulando de um pé para o outro no azulejo frio, completamente nua, esperando a água esquentar. E isso nem era o pior. Quando a água esquentava, não continuava quente. Ao menos não por muito tempo. Ia de quente para fria para quente de novo. Eu mal conseguia suportar.

...

Amava minha casa meio velha, mas precisava urgentemente de alguns consertos e demoraria um tempo para resolver tudo. Estava assim desde a mudança. Tentei fazer algumas coisas eu mesma, como colocar os azulejos no chuveiro. Durante uma tarde aventureira de sábado no Home Depot, comprei latas de tinta, tubinhos de gosma branca para cobrir buracos nas paredes do corredor, alguns puxadores para substituir os dos armários da cozinha e os azulejos para o banheiro. Os puxadores até foram trocados. Tenho que admitir que deram uma renovada nos armários, como a HGTV disse que aconteceria. Ótimo!

Pintei as paredes da cozinha. Também ficou ótimo. Depois, comecei com os azulejos do chuveiro. O que quer dizer que retirei metade e recoloquei talvez uns... seis.

Eu contei.

Tudo bem, oito.

Por mais conveniente que fosse usar a “reforma” como alternativa para desencorajar as visitas aleatórias do meu pai, eu precisava parar de procrastinar. Essa casa era minha forma de provar que eu podia cuidar de mim. Eu não sabia mais para quem estava tentando provar aquilo, se para mim ou para o meu pai. E importava?

A água daquele banho finalmente ficou quente o bastante para eu lavar o cabelo. Só falhou umas duas vezes. Mesmo desligado, o chuveiro ficou pingando enquanto eu secava um pouco os fios. Pensei no amigo de Elodie de novo, o estranho na minha casa. Ele parecia legal, mas tão quieto. Enrolei uma toalha de mão na torneira da banheira que estava pingando. E me perguntei se Phillip era o tipo de cara que se importava de o amigo se hospedar com sua esposa grávida.

Comecei a ficar inquieta quando estava usando o secador nas pontas do cabelo. Era impossível secar o cabelo em menos de trinta minutos, e eu só tinha uns dez até a hora de sair. O que eu tinha feito até ali teria que servir.

Eu precisava lavar roupa, e logo. Não tinha que me arrumar muito para o meu pai e a esposa, mas sabia que meu figurino seria assunto da conversa à mesa de jantar. Fora os trajes de cada um e a pergunta típica “Viu algum filme ultimamente?”, minha madrastra não tinha assunto comigo. Para ser justa, eu tinha menos ainda a dizer para ela.

Quase não havia roupas na minha cômoda, então enfiei a mão na sacola da Forever 21 ao lado da minha mesinha de cabeceira. Eu teria vinte e um anos para sempre? Acho que descobriria no mês seguinte, quando chegasse meu aniversário. Não havia muita coisa útil na sacola: uma calça jeans de um tamanho maior e uma camisa marrom que cabia, mas parecia do tipo que dava coceira.

Ouvi a voz de Elodie enquanto me vestia. Parecia que ela estava tentando explicar *Scandal* para o amigo soldado, e isso me fez rir, porque ela era péssima em explicar filmes e séries para quem quer que fosse. Ela sempre confundia todos os nomes e contava o final sem nem perceber. Como alguém que odiava *spoilers*, eu sabia que não devia fazer perguntas sobre nada que ela já tivesse visto.

Finalmente cheguei à sala com cinco minutos sobrando até a hora de sair. Kael estava sentado no mesmo lugar, os olhos parecendo prestes a se fechar a qualquer minuto, a camiseta agarrada nos ombros largos. Era engraçado como a poltrona parecia pequena para ele.

Elodie saiu da cozinha com uma tigela grande de pipoca.

— Está indo? — perguntou.

Assenti e enfiei a mão na tigela. Estava morrendo de fome.

— Vou chegar atrasada — resmunguei.

— O que aconteceria se você não fosse? — Elodie e eu brincávamos com frequência sobre meu compromisso de terça. Todas as terças, para ser mais exata.

— Eles me rejeitariam. — Olhei para Kael para ver se estava prestando atenção. Ele não estava olhando para nós, mas eu sabia que estava ouvindo. Ele era soldado, afinal.

— Então não seria ruim, não é? — Ela passou os dedos sujos de manteiga no short e os lambeu, só por garantia.

— Nem um pouco. Ei — abri a porta da geladeira para pegar uma bebida, Elodie tinha exagerado um pouco no sal da pipoca —, quer que eu traga sobremesa?

Ela assentiu e sorriu com a boca cheia.

— Volto umas nove. Talvez um pouco mais tarde, mas espero que não — avisei aos meus hóspedes. Fiquei pensando no que eles fariam depois que eu saísse. As imagens na minha cabeça me incomodavam um pouco, mas eu não sabia bem por quê. Antes mesmo de começar a pensar nisso, a voz dele me surpreendeu quando cheguei à porta de casa.

15

— Posso usar seu chuveiro? — Ele soou brando como chuva, e me olhou com paciência, como se esperasse alguma coisa. Era uma expressão que eu passaria a conhecer bem.

Kael era familiar da forma como só um estranho poderia ser. Eu não o tinha visto antes daquele dia, mas já tinha memorizado seu rosto. As sobrancelhas grossas, a pequena cicatriz acima do olho... Era como se eu já o tivesse visto em algum lugar, em alguma ocasião. Talvez o tivesse visto passando, em uma loja ou na rua, ou na fila para comprar um café ou um doce. Ou talvez ele só tivesse um daqueles rostos que pareciam familiares. Tinha gente que era assim.

— Posso? — perguntou de novo.

Eu me agitei um pouco.

— Ah, pode. Claro que pode tomar banho. Talvez queira alguma coisa pra comer também, né? Não tem muita coisa aqui, mas pode ficar à vontade.

Consegui perceber que Elodie estava esperando que Kael saísse da sala para começar a falar, mas eu não tinha tempo nem para cinco minutos de conversa mole. Eu conhecia meu pai, e se chegasse atrasada, ainda que cinco minutos, ele passaria o dobro desse tempo fazendo sermão. Eu tinha que ir.

— Obrigado — murmurou Kael, e se levantou.

Ele parecia tão grande ao lado do meu sofazinho de couro. Na verdade, parecia tão grande perto de tudo na minha casa, até da cristaleira que comprei na Craigslist antes de perceber como era perigoso encontrar estranhos no estacionamento dos fundos do Walmart. Eu tinha muita coisa em casa, a maioria velha e de segunda mão, e tive dúvida por um segundo sobre aquele cara na minha casa. Ele tinha reparado na pilha de roupas sujas esperando

para serem lavadas, na pilha de pratos sujos na pia? E por que eu me importaria?

— Se tiver aquela torta... como se diz...? — Elodie lutou para encontrar a palavra na minha língua. — A que tem a coisinha *rouge*... — Ela levantou um dedo, e terminei o pensamento por ela.

— Cereja? — *Rouge* era uma das pouquíssimas palavras que eu lembrava da aula de francês no ensino médio. Elodie assentiu, mas não precisava. Eu sabia que ela era capaz de comer uma torta de cereja inteira de uma só vez... Já a tinha visto fazer isso. E quem poderia culpá-la? A esposa do meu pai, Estelle, era boa cozinheira. Se eu gostasse mais dela, seria capaz de admitir que amava sua comida. Mas eu não gostava, então não admitia.

— Sim, sim! Cereja! — Elodie lambeu o lábio. Tive que rir, porque ela estava correspondendo a todos os estereótipos de mulher grávida que eu já tinha ouvido.

Eu me despedi dela de novo, e Kael acenou para mim com a cabeça, mal olhando na minha direção antes de seguir pelo corredor. Eu me vi esperando a porta do banheiro fechar.

— Ele é sempre quieto assim? — perguntei a Elodie. — Tem toalhas no armário atrás da porta do quarto! — gritei alto o bastante para ele ouvir.

Ela deu de ombros.

— Não sei... — Ela fez uma careta.

Suspirei.

— É, não me lembre.

Ela mordeu o lábio da forma que sempre fazia e deu um sorriso um tanto tranquilizador. Saí antes que mais um minuto pudesse passar.

16

Eu estava atrasada. Não um pequeno atraso por causa de uma batida no trajeto ou porque meu pai ligou no último minuto pedindo para eu comprar refrigerante no caminho. Foi um atraso dos grandes, do tipo que terminaria com os suspiros dramáticos do meu pai e um sermão dizendo que Estelle teve que manter o forno aceso para aquecer a comida, e que o frango tinha ressecado e será que eu pensava em mais alguém além de mim? Eu deveria estar na casa do meu pai em dez minutos, mas ainda estava parada na porta de casa. Como falei, *atrasada*.

Não sabia bem o que eu estava fazendo, sentada no carro olhando para o nada, em silêncio. Só sabia que odiava as terças-feiras e que estava com medo de ligar o carro. Odiava qualquer obrigação sobre a qual não tinha controle. Não gostava que me dissessem o que fazer e onde estar, mas deixava meu pai botar esse peso nas minhas costas. Ele fez esse tipo de pressão minha vida toda, e eu não fazia nada para impedir. Olhei o celular de novo: uma ligação perdida de um número desconhecido. Quando tentei retornar, dizia que era a cobrar. Isso ainda existia?

Entrei no Instagram sem nenhum motivo real e olhei imagens de garotas que conheci no ensino médio e que estavam na faculdade ou nas Forças Armadas. Na verdade, poucos alunos foram para a faculdade. Por causa de dinheiro ou qualquer outro motivo, não era o normal, como mostrava o cinema. Parei de olhar quando vi uma imagem de um litoral, água azul-cristalina e areia branca. Era o pano de fundo para duas espreguiçadeiras com guarda-sóis em cima e, no canto da foto, duas mãos batendo copos do que achei que fosse *piña colada*. A legenda dizia: “Se vocês acharam esta vista bonita, esperem até nós postarmos as fotos à noite!!! O céu aqui é tããããão lindo!”, com vários emojis de carinhas com corações no lugar dos olhos. A garota que postou aquilo, Josie Spooner, era uma narcisista social que postava

algo toda vez que saía de casa. O copo diário de café com uma citação de que estava “pronta pra arrasar na segunda-feira!” ou “Argh, odeio gente. Que saco. Não estou a fim de falar!” apareciam com frequência no meu *feed*. Eu não sabia por que simplesmente não a excluía. Não falava com ela desde que me mudei da Carolina do Norte. Por outro lado, se excluísse todo mundo que me irritava nas redes sociais, eu teria zero amigos.

Estava revirando os olhos quando notei uma presença com a visão periférica. Era Kael, usando o uniforme camuflado marrom e andando pela grama até a calçada.

Abri a janela e gritei:

— Ei!

Ele andou até meu carro e se abaixou um pouco para poder me ver.

— Aonde você vai? — perguntei antes de perceber como isso parecia xereta.

— Para a base. — Aquela voz suave de novo.

— Agora? Vai a pé? — Como se fosse da minha conta.

Ele balançou os ombros enormes.

— É. Meu carro está lá. — Ele olhou para o uniforme. — E minhas roupas.

— Mas é tão longe.

Ele deu de ombros de novo.

Kael ia mesmo caminhar por cinco quilômetros?

Olhei para o relógio digital no painel: sete horas. Eu devia estar batendo na porta do meu pai naquele momento, mas estava sentada na entrada de casa, debatendo comigo mesma se devia oferecer carona ou não. Nós dois íamos para o mesmo lugar, afinal...

Bom, talvez estivéssemos. A Base Benning não era tão grande quanto, digamos, a de Hood, mas era bem grande.

Kael se endireitou, e a parte de cima do seu corpo foi desaparecendo do meu campo de visão conforme ele saiu andando. Eu o chamei de novo, como que por instinto.

— Quer carona? Vou passar pelo Portão Oeste. Onde fica sua companhia?

Ele se inclinou de novo.

— Perto de Patton, mesmo portão.

— É no meu caminho, quer dizer, do meu pai. Entra.

Reparei que ele estava mexendo os dedos, nervoso. Lembrei como Austin ficava inquieto quando tínhamos que ir à casa da nossa mãe. Ele se sentava no banco de trás comigo e ficava puxando a pele em volta das unhas até sangrar.

Repeti minha proposta. Seria a última vez.

Kael assentiu sem dizer nada, só andou até a porta do passageiro; na verdade, foi para o banco de trás.

— Isso aqui não é Uber. — Tentei brincar.

Ele se sentou ao meu lado. Isso era diferente. Normalmente, minha única passageira era a pequenina Elodie, mas aqui estava um cara grande sentado ao meu lado com os joelhos tocando no painel, com cheiro de sabonete líquido de coco.

— Pode ajeitar o banco — indiquei.

Passei a ré, e o câmbio entalou por um segundo. Isso vinha acontecendo ultimamente. Meu Lumina 1990 de confiança era uma constante na minha vida desde que o comprei por quinhentos dólares, quase todo pago em notas de um das gorjetas que recebi no La Rosa's Pizza, onde trabalhei depois da aula e nos finais de semana.

Fui a única dentre os meus amigos a ter emprego no ensino médio. Minha pequena turma reclamava, tentava me tirar do trabalho para ir à festas, ao lago, para fumar maconha no estacionamento da escola de ensino fundamental onde nos reuníamos. Sim, ensino fundamental. Nós éramos um pouco delinquentes, mas pelo menos eu podia pagar minha própria delinquência.

— Argh — gemi, e empurrei o câmbio.

Kael ficou em silêncio ao meu lado, mas juro que vi sua mão se levantar do colo, como se ele fosse esticá-la para me ajudar se eu não conseguisse. Um ruído veio dos meus pneus enquanto o carro saía da garagem, e, então, estávamos em movimento.

Não mandei mensagem para o meu pai avisando que me atrasaria. Por que faria isso se sabia que ele daria sermão por mensagem e depois pessoalmente, só para ter certeza de que eu havia entendido? Ele era esse tipo de cara.

Viva às terças-feiras.

17

A viela parecia deserta. Era como se todo mundo tivesse sumido uma hora antes, e eu achava que tinha sido isso mesmo. Kael botou o cinto de segurança. Ignorei o sininho do carro, o que me lembrava de botar o meu cinto, como sempre. Por sorte, o carro era velho e só apitava uma ou duas vezes.

Pensei em puxar conversa, mas pelo pouco que sabia daquele cara, não era o estilo dele. Dei uma olhada na sua direção e liguei o rádio. Ainda não havia estado perto de alguém que me fizesse sentir aquele tipo de constrangimento. Eu não sabia explicar o que era, não tinha nem certeza se não gostava, mas sentia que devia falar. O que era aquilo, a necessidade de ocupar o ar, de encher o espaço com palavras? Talvez Kael estivesse certo e o restante de nós, errado.

O rádio estava tocando uma música que eu não conhecia, mas reconheci a voz de Shawn Mendes. Aumentei um pouco o volume e seguimos em silêncio até chegarmos perto da base.

Esperava que sua companhia estivesse tão próxima quanto eu pensava. Eu tentava não entrar na base a não ser que precisasse ou que tivesse que ir ao médico. O que costumava ser a mesma coisa.

A luz do meu combustível estava acesa, um lembrete do quanto eu era irresponsável. Quando a música de Shawn Mendes acabou, entraram os comerciais. Ouvi as propagandas: um depoimento sobre uma clínica de perda de peso, uma proposta de empréstimos para compra de carros a juros baixos. “Descontos enormes para militares!”, prometeu a voz com um grito alto.

— Pode mudar de estação se quiser — disse a ele. Sempre a anfitriã cordial. — De que tipo de música você gosta?

— Assim está bom.

— Tudo bem.

Saí da rodovia e fiquei feliz de ver que não havia fila para entrar na base. Eu amava morar no meu lado da cidade, perto da base, mas longe o suficiente do meu pai para eu conseguir respirar.

— Chegamos — falei, aleatoriamente, como se ele não pudesse ver as luzes à frente.

Ele se remexeu no banco e tirou uma carteira velha do bolso da calça camuflada. Colocou a identidade militar na minha mão aberta. As pontas dos dedos quentes roçaram na minha pele, e puxei a mão de repente. A identidade caiu entre os bancos.

— Droga. — Enfiei os dedos no espaço apertado e consegui pegar o cartão quando chegou minha vez de me aproximar dos guardas.

— Bem-vindos ao melhor lugar do mundo — cumprimentou o soldado no portão.

— Sêrio? — Eu não conseguia evitar uma provocação.

Desde que os soldados começaram a ter que repetir aquela frase ridícula, eu pegava no pé deles. Não conseguia evitar.

— Sim, sêrio — respondeu ele com um tom neutro. Ele inspecionou nossas identidades e o adesivo grudado no meu para-brisa.

— Tenham uma boa noite — despediu-se o soldado, apesar de eu saber que ele não ligava para nossa noite.

Ele devia achar que estávamos juntos, que eu era uma prostituta de quartel indo com aquele cara para o seu quartinho, onde faríamos sexo com o colega de quarto dormindo na outra cama.

— Não sei aonde temos que ir — lembrei a Kael.

Ele desligou o rádio.

— Vire à direita — murmurou quando eu estava passando por uma rua à direita.

— *Agora?* — Virei o volante de repente para conseguir entrar a tempo.

Ele assentiu.

— No próximo sinal. Vire à direita ali. Ali!

Como se já não fosse ruim eu chegar no meu pai atrasada e o tanque do

carro estar quase vazio, eu conseguia sentir as palmas das mãos ficando suadas no volante. Kael olhou a tempo de me ver limpá-las na calça jeans.

— É ali, à direita. Um prédio marrom grande.

Os prédios eram todos quase idênticos. A única coisa que diferenciava um do outro era o número pintado na lateral.

— É, todos os prédios são marrons e grandes aqui no melhor lugar do mundo.

Juro que ouvi um sonzinho de gargalhada, só uma nuvenzinha de fumaça, suficiente para demonstrar que ele achou uma ligeira graça do meu comentário. E, sem dúvida, quando olhei, ali estava: um sorrisinho espalhado nos lábios.

— Bem aqui. — Ele apontou para um estacionamento enorme. Kael manteve o dedo apontado para uma picape azul-marinho parada nos fundos do estacionamento mais vazio, à distância de um carro.

— Obrigado... — Ele olhou para mim como se estivesse procurando alguma coisa.

— Karina.

Ele assentiu.

— Obrigado, *Karina*.

Meu estômago deu um pulinho, e eu disse a mim que eram os nervos, que não tinha nada a ver com o jeito como ele disse meu nome. Tentei acalmar o enxame de abelhas que senti na barriga quando ele saiu do meu carro sem dizer mais nada.

18

Não sei o que eu esperava que ele dirigisse, mas certamente não era aquela picape. Apesar do seu tamanho, achei que ele dirigiria alguma coisa pequena e moderna, não aquela velharia azul com ferrugem na lataria em volta das rodas. Esse é o problema de inventar; a vida das pessoas nunca é o que você imagina. A placa era típica da Geórgia, com os pêssegos, o *slogan* brega e “Condado de Clayton” impresso embaixo. Eu não fazia ideia de onde era aquilo. Fiquei pensando se ele ficou com raiva de ter entrado no exército e ter acabado no estado de nascimento.

Ele era amigo de Elodie, então o mínimo que eu podia fazer era ter certeza de que ele chegasse na picape bem. Não queria que ele tivesse que andar cinco quilômetros até a minha casa se não conseguisse ligá-la. Eu entendia de carros que não ligavam. Vi-o enfiar a mão embaixo do metal acima do pneu da frente e tatear. Ele repetiu isso nas quatro rodas antes de tirar o celular do bolso.

O olhar dele mudou de preocupado para irritado. Passou uma das mãos no rosto; a outra ainda estava segurando o celular. Não consegui entender o que estava dizendo, mas evitei a tentação de abrir a janela para ouvir. Havia alguma coisa nele que eu precisava entender.

Quanto mais eu o olhava, parado ali na escuridão, andando de um lado para o outro com o iPhone indo do bolso para o rosto, mais eu precisava saber quem ele era.

Eu estava prestes a jogar “Condado de Clayton” no Google quando ele abriu a porta do carro e se inclinou.

— Pode ir.

Quase grosseiro. Se ele não estivesse trancado para fora do próprio carro, eu teria respondido com grosseria, mas essa não seria eu.

Olhei para a picape e para ele.

— Tem certeza? Você não consegue entrar?

Ele deu um suspiro profundo e balançou a cabeça.

— Minha chave devia estar aqui. Mas vou dar um jeito. Está tudo bem.

— Estou muito atrasada para o meu compromisso.

— O jantar.

Então, ele estava prestando atenção.

— É, o jantar. Não posso levar você antes... mas acho que posso ligar para o meu pai e cancelar. Não...

Kael me interrompeu.

— Tudo bem, de verdade.

Eu não podia deixá-lo ali. Falei isso para ele.

— Por quê?

Abri minha porta e saí do carro.

— Não sei — respondi com sinceridade. — A caminhada de volta é longa. Você não tem outra chave em algum lugar? Um amigo que possa ajudar?

— Todos os meus amigos estão no Afeganistão.

Meu peito queimou.

— Desculpa. — E me encostei ao carro.

— Pelo quê?

Mantivemos contato visual até ele piscar. Rapidamente afastei o rosto.

— Não sei. Pela guerra? — Pareceu uma idiotice tão grande quando saiu da minha boca. Uma filha de militar pedindo desculpas para um soldado pela guerra que começou antes de qualquer um dos dois nascer. — A maioria das pessoas não teria me perguntado pelo quê.

A língua de Kael passou pelo lábio inferior; ele a prendeu entre os dentes. As luzes do estacionamento estalaram acima de nós, zumbindo, rompendo nosso silêncio.

— Não sou a maioria das pessoas.

— Percebi.

As luzes brilhavam pelas janelas do alojamento do outro lado da rua, mas não parecia que ele morava lá. Isso queria dizer que ou ele era casado ou que tinha patente mais alta do que a idade sugeria. Soldados abaixo de uma determinada patente só podiam viver fora da base se fossem casados, mas eu não conseguia imaginar um homem casado dormindo na minha poltrona logo depois de voltar da guerra. Além do mais, ele não usava aliança.

Eu estava olhando a camisa do uniforme para ver sua patente quando percebi seus olhos em mim.

— Você vem comigo, sargento, ou vai me fazer ficar parada neste estacionamento até chamar um chaveiro para abrir seu carro?

Olhei para o seu peito, o sobrenome bordado em letras de forma: Martin. Ele era muito jovem para ser sargento.

— Vem. — Juntei as mãos, implorando. — Você não me conhece, mas é isso que vai acontecer se eu deixá-lo aqui sabendo que vai voltar andando para minha casa: dois segundos depois de sair dirigindo, vou me sentir culpada e vou ficar obcecada durante todo o trajeto até a casa do meu pai e em todo o jantar — expliquei. — Estou falando de mensagens para Elodie pedindo desculpas, e ela vai se estressar porque se preocupa com todo mundo, e eu vou me sentir mais culpada por estressar uma grávida, então vou ter que dirigir por aí pra tentar encontrar você caso você ainda não tenha voltado. É horrível, Kael, e, sinceramente, vai ser mais fácil se você só...

— Tá, tá. — Ele levantou as mãos fingindo se render. Assenti, sorrindo pela minha vitória. E ele quase sorriu em resposta.

19

Não importava para onde meu pai fosse transferido; ele sempre escolhia morar nas casas da base, do Texas à Carolina do Sul e Geórgia. Eu não ligava muito quando era criança porque todos os meus amigos moravam perto de mim, mas, conforme começamos a nos mudar, de novo e de novo, acabei me cansando rápido. Comecei a odiar os becos bem-cuidados e as filas de carros em cada portão. Meu pai adorava ficar perto do mercado PX e da companhia onde ele trabalhava todos os dias. Ele se sentia seguro. Mas, conforme Austin e eu crescíamos, começamos a nos sentir presos.

Eu me lembro da minha mãe andando de um lado para o outro dentro das casas, de cada uma delas, durante os dias de verão. Havia essas horas de loucura para ela, quando as cortinas estavam sempre fechadas e o sofá virava a cama. No começo, a mudança foi sutil, só durava enquanto meu pai estava no trabalho. Ela era duas pessoas e podia mudar de uma para a outra em segundos. Mas, em algum momento durante o verão do oitavo ano, a loucura a dominou. Ela acordava tarde, tomava menos banhos, parou de dançar e até parou de andar de um lado para o outro.

O jantar passou a ficar pronto tarde, depois a não ficar pronto, e as vozes dos nossos pais à noite foram ficando mais e mais altas.

— Ei, Karina? — A voz de Kael me arrancou das lembranças.

Ele estava olhando para o sinal verde à nossa frente. Pisei no acelerador.

— Desculpa. — Limpei a garganta.

Meu peito estava doendo quando meus pensamentos voltaram para a realidade.

— Olha só, a gente vai para a casa do meu pai, e ele é meio... — Expirei, tentando resumir um homem tão complicado com uma palavra. — Ele é

meio...

— Racista? — perguntou Kael.

— O quê? Não! — Fiquei um pouco na defensiva por causa da pergunta até me virar e ver a expressão no seu rosto. Dizia que ele realmente achava que era isso que eu ia dizer.

Eu não sabia o que pensar disso.

— Ele não é racista — afirmei enquanto seguíamos. Não consegui pensar em nada que ele já tivesse dito ou feito para me fazer acreditar que fosse. — Só é meio babaca.

Kael assentiu e se encostou no banco.

— Normalmente, é coisa de duas horas. Comida demais pra três pessoas. Falação demais.

Entrei na rua principal, a única em que eu sabia andar tranquilamente em toda a Base Benning. Estávamos a menos de cinco minutos da casa do meu pai. Estávamos vinte e seis minutos atrasados. Daria tudo certo. Eu era adulta e uma coisa aconteceu. Eles superariam. Repeti aquilo sem parar e comecei a elaborar minha desculpa, que não necessariamente envolvia um estranho hospedado na minha casa. Meu celular começou a vibrar no porta-copos entre nós, e estiquei a mão assim que vi que era Austin ligando. Peguei o celular. Não conseguia me lembrar da última vez que ele tinha retornado minhas ligações.

— Vou atender, é... — Não terminei de explicar. — Alô — falei para o telefone, mas só ouvi silêncio.

Afastei o aparelho da bochecha.

— Droga. — Tinha perdido a ligação. Tentei retornar, mas ele não atendeu. — Se você vir o aparelho acender, me avisa? O som só funciona às vezes. — Olhei para o celular, e Kael concordou com um movimento de cabeça.

Entrei na rua do meu pai e tentei passar os últimos dois minutos do trajeto conjurando um grande feito ou algo sobre o qual eu pudesse exagerar para que se parecesse com um. Era preciso arrumar assunto para depois da bronca pelo atraso extremo. Meu pai sempre fazia as mesmas perguntas. Para mim, para a querida esposa. A diferença era que ela só precisava plantar um canteiro de flores ou ir à festa de aniversário do filho de alguém para ouvir elogios, e eu podia salvar um vilarejo inteiro e ele diria: “Que ótimo, Kare,

mas era um *vilarejo*. Austin salvou uma cidadezinha uma vez, e Estelle criou duas cidades”.

Não era saudável me comparar à esposa dele, nem ao meu irmão. Eu tinha uma percepção clara disso, mas a forma como eu a via ser colocada contra mim ainda me incomodava muito. E ainda havia o fato de que Austin sempre foi mais ligado ao meu pai, e eu, à minha mãe. Aquilo funcionava melhor para o meu irmão que para mim.

— Estamos quase lá. Meu pai está no exército há muito tempo — comentei. Kael era soldado, não precisaria de mais explicações.

Ele assentiu e olhou pela janela do passageiro.

— Há quanto tempo você está nas Forças Armadas? — perguntei.

Eu o ouvi engolir em seco antes de falar.

— Pouco mais de dois anos.

Quase perguntei se ele gostava, mas estávamos parando na frente da casa do meu pai.

— Chegamos — avisei. — O jantar vai ser um fiasco completo, três pratos. Muita conversinha e café depois. No mínimo duas horas.

— Duas horas? — Ele piscou.

— Eu sei. Eu sei. Você pode esperar no carro se quiser.

Kael abriu a porta do passageiro e se inclinou para falar comigo enquanto eu ainda estava no banco.

Olhei meu cabelo no espelho. Estava quase seco. A umidade adensava o ar, e dava para perceber.

Peguei o celular. Austin não tinha ligado de novo.

— Só quero avisar que por pior que você pense que vai ser, ainda vai ser pior do que isso.

Achei que o ouvi fazer algo como “hmmm”. Levantei o olhar quando a porta do passageiro se fechou. A ideia de como era ruim levar um estranho para o jantar de terça estava começando a ficar clara.

20

Eu estava agitada, secava as mãos nas pernas sem parar. Sempre fazia isso quando estava nervosa.

— Eu falo — disse para Kael quando nos aproximamos da porta. — Me deixa explicar por que estamos atrasados. Por que *eu* estou atrasada. — De repente, me dei conta de com quem estava falando. Um soldado não teria o menor problema em ficar quieto.

Entramos pela cozinha, que estava cheia do aroma de mel e canela e do que poderia ser presunto. O cheiro era de festa.

— Desculpem o atraso. Tive que ficar até um pouco mais tarde no trabalho, e... e depois fui ajudar o amigo de Elodie. — Eu me virei para apresentar Kael.

Meu pai estava sentado à cabeceira da mesa quando entramos. Não estava lendo o jornal nem ouvindo rádio. Só esperando. Olhei para ele, sentado com o rosto marcado e o cabelo branco, fino e ralo. Todo mundo do lado do meu pai na família ficava de cabelo branco cedo. Ficava lindo nas mulheres, ao menos nas fotografias, mas eu sempre torcia para ter puxado minha mãe. Teríamos que esperar para ver.

Meu pai afastou o olhar de mim e olhou para Kael, que deu um passo para trás. Instinto ou nervosismo? Apesar de ter pouco mais de um metro e meio, meu pai intimidava. Ele sabia ser doce quando queria. E, quando não queria, sabia cortar como uma faca.

— Martin, é um prazer...

Meu pai apertou a mão de Kael. Eu estava esperando a bronca pelo atraso quando Estelle entrou na cozinha, carregando uma tigela com uma colher grande de madeira dentro.

— Oi! — Ela me cumprimentou como costumava fazer. Empolgada. Falsa.

Estelle sempre usava versões um pouco diferentes do mesmo traje: jeans com as pernas um pouco largas embaixo e uma camisa de botão estampada. Sempre. A blusa daquela noite era listrada de azul e vermelho. Como todas as outras, essa tinha pregas na cintura e no busto, para, como ela dizia, “criar uma silhueta com curvas”. Eu não podia estar menos interessada no caimento das roupas de Estelle, na verdade, nem em nada relacionado a ela, mas ela me disse um dia que gostava de comprar essas camisas ajustadas por causa da forma como acentuavam seu corpo. Ela deu um giro de modelo, como se estivesse se divertindo compartilhando informações com a filha do então namorado. Foi doloroso.

Era estranho Estelle nunca mudar o estilo. Eu gostava de consistência, mas não vinda dela. Eu não queria nada dela.

— Ah, bom... ei. Oi! Sou Estelle. — Ela não estava se saindo muito bem em esconder a surpresa pela pessoa a mais no cômodo.

Kael esperou que ela colocasse a tigela na mesa para esticar a mão.

— Então, hmmm, Kael é amigo do marido de Elodie. Ele acabou de voltar da missão. Chegou ontem. — Evitei olhar para o meu pai. — Ele vai comer com a gente, tá? Está trancado do lado de fora do carro.

Estelle fez sinal para Kael se sentar ao lado da cabeceira do meu pai, mas eu me sentei lá primeiro para Kael poder se sentar ao meu lado. Ele não precisava ocupar o lugar de destaque.

— Falou com seu irmão? — perguntou meu pai.

Peguei o celular.

— Perdi uma ligação dele.

— Ele está vindo.

— O quê?

Meu pai tomou um longo e lento gole de água.

— Ele foi preso ontem à noite.

Levantei da cadeira.

— O quê? Por quê?

Os olhos do meu pai eram idênticos aos olhos do meu irmão. Eles eram

parecidos. Eu era parecida com minha mãe. Ouvimos isso a vida toda. O que não queria dizer que fosse verdade.

— Não sei exatamente. A delegacia não quis me contar. Se tivesse sido em propriedade do governo, eu teria descoberto com facilidade — bufou ele. Meu pai estava tenso, frustrado e decepcionado. Consegui ver tudo isso emanar dele e sabia que estava se sentindo um fracasso como pai. Eu não podia discordar nisso.

— E como ele vai chegar aqui? — quis saber.

— De carro. Deve chegar em duas horas.

Kael ficou olhando para a mesa, batucando com os dedos, tentando ser discreto.

— Onde ele vai ficar?

— Aqui — afirmou.

Suspirei.

— Ele sabe disso? — Peguei o celular e liguei para o meu irmão, mas foi direto para a caixa postal. Não me dei ao trabalho de deixar recado.

Meu pai franziu as sobrancelhas grossas.

— Importa? Ele se meteu em um problema sério. Isso não é mais brincadeira de criança, Karina. Vocês dois são adultos agora.

— Nós dois? — repeti, bufando. — Não fui eu a ser presa. E Austin nem está aqui pra se defender, então não é justo.

Estelle ficou ciscando em volta do meu pai enquanto nós brigávamos. Ela fazia isso todas as vezes. Ficou literalmente fazendo o prato do meu pai enquanto discutíamos o futuro fracassado do único filho dele. Nós erguemos as vozes, mas ela permaneceu a pessoa normal e equilibrada de sempre. Kael se mexeu na cadeira, desconfortável.

— Quer um pedaço de presunto? — Estelle perguntou a Kael.

Ela era exatamente o que meu pai precisava. Alguém capaz de ignorar o caos e desempenhar o papel de esposa prestativa na segunda metade da sua vida. Minha mãe era um furacão, e Estelle não era nem chuveiro.

— O molho é receita de família. Aqui, experimente. — Ela ergueu uma molheira estilo colonial cheia de um líquido escuro e viscoso. Quando

comprou o objeto no eBay, ela me disse que era “de uma fazenda de verdade”, como se não fosse uma coisa nojenta de se dizer e de se ter.

Kael agradeceu a ela por lhe ajudar a fazer o prato. E eu disse ao meu pai que ele não devia ter colocado meu irmão para fora de casa, que era sua culpa. Ele respondeu que a culpa era toda minha.

— Não estou com fome — informei a Estelle quando ela me passou o presunto. Meu estômago roncou só para provar que eu estava mentindo.

— Não seja infantil — repreendeu meu pai. Ele sorriu para mim, uma tentativa lamentável de aliviar as palavras.

— Você acabou de dizer que eu era adulta. Agora, diz que estou sendo criança. Qual dos dois vai ser? — Odiava brigar assim, mas meu pai sempre despertava o pior em mim, principalmente quando o assunto era o meu irmão. — Só estou confusa com a sua maneira de agir como se não fosse nada de mais. Porque é. É uma coisa muito importante.

— Eu sei, Karina, mas não é a primeira vez.

— É só a segunda — rebati com rispidez. — Ele não é um profissional do crime.

— Não vamos nos preocupar antes de ele chegar, certo? Não tem nada que a gente possa fazer daqui. Ele já é um homem de vinte anos. — A reação do meu pai à segunda prisão do meu irmão era racional, até demais.

Quem me dera conseguir afastar as emoções assim tão facilmente. Eu demorava um tempo para mudar a marcha. Meu pai conseguia transitar entre emoções extremas, como a minha mãe. Ela era pior. Ou melhor. Acho que dependia do ponto de vista.

Meu estômago roncou de novo, então cedi e comecei a fazer um prato. Kael estava levando uma garfada de purê de batata à boca. Imaginei que tivesse entendido que estávamos nos acalmando e voltando ao ritmo normal. Podíamos bater boca de novo em pouco tempo.

Coloquei o celular na mesa com a tela para cima, para o caso de Austin mandar uma mensagem. Depois, tentei não pensar nele, dirigindo até lá sozinho, com medo de ser preso, com medo de enfrentar nosso pai.

— E então, Kael, você veio de vez? — Estelle era a diretora de palco, guiando a conversa para longe do nosso drama familiar. Desta vez, fiquei quase agradecida.

— Acho que sim. Mas ainda não tenho certeza, senhora.

Seus modos eram impecáveis. Queria saber mais sobre aquele homem. Podia apostar que sua mãe era gentil. Não conseguia lembrar a última vez que ouvi alguém da minha idade chamar alguém de senhora.

Observei-o responder educadamente cada pergunta que ela fez. A qual batalhão ele tinha sido designado? Onde no Afeganistão ficava sua base? As respostas eram curtas e sinceras e os lábios enunciavam todas as palavras ditas. Queria que ele gostasse mais de falar do que estava aparentando.

Quando chegamos à sobremesa, já tinha esquecido que tínhamos chegado atrasados. A prisão de Austin me fez sair de foco. Não era a primeira vez que aquilo funcionava a meu favor.

21

— A noite foi ótima. — Estelle estava diante de mim, meio sem jeito, esperando que eu a abraçasse. Às vezes eu a abraçava. Às vezes, não.

— Me avisem quando Austin chegar. Eu esperaria, mas tenho que trabalhar cedo.

Meu pai assentiu.

Kael ficou parado na porta, metade para dentro e metade para fora.

Meu pai me abraçou.

— Quais são seus planos para o fim de semana? Nós vamos até Atlanta, se você quiser...

— Vou trabalhar. — Eu amava Atlanta, mas não ia com eles de jeito nenhum. E os planos deles não mudariam com a chegada de Austin à cidade?

— Foi um prazer conhecer você, Kael. Dirijam com cuidado. — Estelle sorriu. Eu me perguntei se ela achou que ele era meu namorado. Eu jamais o apresentaria assim, mas ela estava com um sorriso tão bobo e um olhar tão xereta nos observando quando indiquei que ele abrisse a porta que achei que sim.

Não dei oportunidade para mais ninguém falar antes de eu pisar na varanda e praticamente correr até o carro.

— Meu Deus, odeio esses jantares.

Mesmo depois de tudo, Kael não tinha uma palavra a dizer.

— Você tem família? — Supus que ele não responderia, mas qualquer coisa era melhor do que o silêncio.

— Se eu tenho família? — repetiu ele.

— Quer dizer, obviamente você tem família, caso contrário você não existiria. Mas eles são assim? — Apontei a casa.

— Não — respondeu, olhando para o para-brisa do meu carro. — Nem um pouco.

— De um jeito bom ou ruim?

— As duas coisas. — Ele deu de ombros e prendeu o cinto de segurança.

— Acho que me incomoda tanto assim porque Estelle é muito diferente da minha mãe. Ela era muito divertida quando eu era pequena. Minha mãe, não Estelle — esclareci, embora ele não tivesse perguntado. — Ela ria e ouvia música. Dançava pela sala ouvindo Van Morrison, balançando os braços como um pássaro ou uma borboleta. Parece que foi uma vida atrás.

Eu estava pensando naquela outra versão da minha mãe, a que tinha cabelo longo e leve, que se movia com o vento. Ela ainda era um espírito livre, mas não era nem de longe do mesmo jeito.

— Ela costumava levantar o cabelo passando as mãos por entre os fios, deixando que caíssem soltos ao redor do meu rosto. Aquele movimento fazia cócegas e eu ria, e ela balançava mais o cabelo e dançava em volta de mim.

O zumbido do motor cortando o ar denso da Geórgia era tudo que eu conseguia ouvir. Nunca tinha reparado nos sons antes; nunca tinha tido tempo.

— E os meus aniversários! Ela sempre exagerava. Eram eventos grandes, mais como uma semana de aniversário. Nós não tínhamos muito dinheiro nem nada, mas ela era muito criativa. Um ano, ela decorou a casa toda com aquelas luzes da Spencer's. Você se lembra daquela loja?

Ele assentiu.

— Tinham umas luzes de discoteca lá, e minha mãe colocou várias pela sala e pela cozinha. Todos os nossos amigos apareceram. Eu só tinha uns três amigos, a maioria dos convidados foi por causa do Austin. Nossa casa vivia lotada. Eu tinha um namorado... Acho que o nome dele era Josh. E ele me deu uma broa de milho. Foi meu presente de aniversário.

Não sabia de onde vinham tantos detalhes, mas eu estava tão perdida nas minhas lembranças que continuei falando.

— Não sei por que ele comprou uma broa pra mim. Será que a mãe dele tinha comprado e ele viu em casa? Não sei. Mas lembro que ganhei um videoquê e achei que era o presente mais legal do mundo. Minha mãe se

trancou em seu quarto pra dar a ideia de que éramos mais velhos e não nos sentirmos vigiados o tempo todo. Claro que acabamos brincando de um daqueles jogos idiotas de festa de adolescente e tive que beijar um garoto chamado Joseph, que eu soube que sofreu uma overdose de heroína alguns meses atrás...

Senti Kael me olhando, mas foi muito estranho; eu não conseguia parar de falar. Estávamos em um sinal vermelho. O céu estava preto como breu e as luzes vermelhas refletiam na sua pele escura.

— Uau, estou falando muito.

Ele me encarou.

— É legal. — Sua voz soou suave.

Quem era aquele cara? Tão paciente, tão quieto e, ao mesmo tempo, tão ligado em tudo. Tentei imaginar o marido de Elodie, Phillip, tendo uma conversa com ele. Phillip era animado e simpático, e Kael... bom, eu não sabia o que pensar dele.

Fazia um tempo que eu não tinha esse tipo de conversa com alguém, isso se já tinha tido alguma. Meu irmão era a única pessoa com quem eu relembrava minha vida com meus pais. Mas até ele parou de querer reviver nossa infância comigo.

— Minha mãe me criou com minha irmã em Riverdale. — A voz de Kael surgiu de repente e alta, sufocando o ronronar do motor, o som do vento.

— Adoro essa série — comentei, e ele sorriu. Consegui ver seu sorriso antes que desaparecesse, e guardei na memória.

— É legal.

— A série ou a cidade?

— Os dois. — Ele não sorriu.

— Quantos anos a sua irmã tem? — Achei que era melhor perguntar enquanto ele parecia estar estranhamente falador.

— Mais nova do que eu.

— Meu irmão também. — Queria saber a idade exata dela, mas estávamos chegando à minha casa. — Uns seis minutos.

A maioria das pessoas ria quando eu contava isso. Kael não disse nada, mas

novamente eu soube que ele estava olhando para mim.

O vento soprou terra no meu para-brisa quando fiz a curva no caminho da garagem. Pavimentar aquele trecho estava subindo rapidamente na minha lista de prioridades. Estacionei e pedi desculpas de novo por brigar com meu pai na sua frente. Ele assentiu, murmurando sua versão de “tudo bem”.

Enfiei a mão entre nós para pegar minha bolsa no chão atrás do meu banco.

— Pelo menos você não vai ter que passar por aquilo de novo. Já eu vou ter que voltar na próxima terça, às sete em ponto — disse “em ponto” tanto para mim quanto para Kael. Se eu me atrasasse para o jantar da semana seguinte, teria que ouvir a bronca para sempre.

A viela ficava tão escura em noites sem luar como aquela que era difícil enxergar a varanda. Uma luz veio do celular de Kael, e ele a virou para a varanda.

— Preciso botar umas luzes aqui.

O corpo de Kael se manteve em movimento ao meu lado, e o vi olhar ao redor, pelo caminho de carros até a viela pela lateral do jardim. Seu pescoço estava meio esticado. Não foi um movimento de alerta, só uma verificação silenciosa dos arredores. Tentei imaginá-lo no Afeganistão, uma arma pesada presa no corpo e o peso do mundo livre nos ombros.

— Minha irmã tem quinze anos, aliás — informou ele quando passou por mim na direção da casa.

22

Elodie estava dormindo no sofá, o corpo pequeno espalhado em ângulos estranhos. Coloquei a bolsa no chão, tirei os sapatos e a cobri com seu cobertor favorito, que a avó lhe fez quando ela era criança. Estava muito gasto, puído, mas dormia com ele todos os dias. Sua avó faleceu alguns anos antes, e Elodie chorava sempre que falava no assunto.

Eu me perguntei se ela sentia falta da família. Estava tão longe deles, grávida e com o marido na guerra. Não falava muito dos pais, mas eu tinha a impressão de que eles não gostavam muito da ideia de ela ter fugido para os Estados Unidos com um jovem soldado que conheceu na internet.

Eu não podia dizer que os culpava. Elodie se mexeu um pouco quando desliguei a televisão.

— Você queria assistir? — perguntei a Kael. Tinha esquecido que ele dormiria lá e pensei em acordar Elodie para ir para a minha cama.

— Não, tudo bem.

Ah, que homem de muitas palavras.

Continuei:

— Bom, vou colocar esta torta na geladeira e vou para a cama. Tenho que trabalhar de manhã. Se você precisar de qualquer coisa do mercado, pode escrever na minha lista, presa na geladeira — ofereci.

Kael assentiu e se sentou na poltrona vermelha. Ele ia dormir ali?

— Quer um cobertor?

Ele deu de ombros e disse, quase sussurrando:

— Se você tiver.

Peguei um edredom velho no armário do corredor e levei para ele, que agradeceu. Dei boa noite novamente. Eu estava me sentindo bem desperta quando cheguei à cama. Durante a noite, pensei em como Kael se saiu com meu pai e Estelle, como conseguiu, de alguma forma, tornar o jantar mais suportável. Lembrei de seu gesto gentil e inesperado de encher meu tanque de gasolina e, claro, porque penso demais em tudo, fiquei imaginando como poderia pagar pela gasolina, mesmo que ele não quisesse.

Eu estava tão agitada. Virei, peguei um travesseiro e botei entre as pernas, apertando com força. Pensei em como seria legal ter um corpo quente ali comigo. Pelo menos haveria alguém com quem falar quando eu não conseguisse dormir. A não ser que fosse Kael. Sorri com essa imagem, pensando em como seria se ele estivesse na minha cama... Controlei minha imaginação antes de ir mais longe.

Qual era o meu problema, o que estava me fazendo imaginar Kael na minha cama? Precisava de contato físico, esse tinha que ser o motivo para eu, mesmo tentando pensar em qualquer outra coisa, qualquer outra pessoa, ficar fantasiando com ele deitado ao meu lado, olhando para o teto do jeito que tinha olhado pelo para-brisa durante todo o trajeto para casa.

Fazia quase um ano que eu não tinha um contato humano que não fosse relacionado a trabalho, sem contar minha família e Elodie. Também não estava acostumada a esse tipo de contato em grandes doses, mas Kael estava me fazendo pensar na possibilidade de nós dois juntos. As pessoas da minha idade costumavam conhecer gente em boates ou na escola ou por meio de amigos, mas eu não tinha muita experiência com nenhuma dessas coisas.

Brien e eu chegamos a nos ver algumas vezes e ainda nos pegamos no seu carro depois que prometi a mim mesma nunca mais falar com ele. A última vez que deixei acontecer foi em seu quarto, quando rolei na cama e uma coisa me espetou.

Um brinco. Senti como se estivesse em um filme, afinal, quem perde um brinco enquanto está transando com alguém e não repara? E, pior, eu estava fazendo o papel da garota solitária e desesperada por atenção que sabia que seu namorado ficava com outras garotas, mas foi preciso um brinco horrível de argola para que eu admitisse isso.

Nós brigamos. Ele disse que devia ser o brinco da namorada do colega de quarto e não teve nada a dizer quando lembrei a ele que tinha visto o tal colega de quarto ficar com um monte de gente, mas nenhuma mulher.

Peguei o celular para olhar as redes sociais e tirar Brien da cabeça. Digitei o nome “Kael” na lista de amigos de Elodie, mas nada apareceu, então o procurei de novo. Encontrei um perfil com menos de cem amigos, o que achei estranho. Eu não falava com noventa e nove por cento dos meus “amigos”, mas tinha quase mil. Parecia um exagero que quase mil pessoas com quem eu não falava tivessem acesso a mim.

A foto de perfil era uma imagem de grupo de Kael com três outros soldados. Eles estavam usando uniforme camuflado, parados ao lado de um tanque. Kael estava sorrindo na foto, talvez até gargalhando, de tão largo que era seu sorriso. Era estranho vê-lo assim, o braço em volta de um dos caras. Mas, tirando a foto de perfil, não consegui nenhuma informação na sua página. Tudo era particular. Quase pedi para ser sua amiga, mas ele podia pensar que eu o estava perseguindo ao enviar um pedido de amizade no Facebook considerando que ele estava dormindo na minha poltrona da sala.

Saí do seu perfil e comecei a olhar minha lista de amigos, encerrando a amizade com as pessoas que eu mal conhecia. Excluí umas cem antes de adormecer.

23

Acordei totalmente vestida, com o celular no peito. O aquecimento parecia estar ligado, mas não me lembro de tê-lo ligado. Olhei a hora: quase quatro. Tinha que acordar às oito para correr ao mercado antes de estar no trabalho às dez. Liguei o celular no carregador e me sentei. Fiquei de camiseta, mas soltei o sutiã e tirei a calça jeans. O quarto estava quente, e minha garganta estava seca. Senti o suor na minha nuca quando preendi o cabelo liso e volumoso.

Pensei em vestir uma calça antes de ir até a cozinha para pegar água, mas era madrugada, e Kael e Elodie, sem dúvida, estariam dormindo.

Fazia tanto calor que eu não conseguia pensar em colocar um pijama naquele momento, então verifiquei se estava tudo silencioso antes de seguir pelo corredor até a cozinha. Deixei a luz apagada e contei com as luzinhas noturnas presas nas tomadas da cozinha para conseguir enxergar.

Peguei a garrafa de água na geladeira e bebi até não conseguir mais. Fechei a geladeira e quase gritei quanto vi Kael sentado à mesa da cozinha.

— Merda, você me assustou. — Sequei a boca com as costas da mão. E fiquei chateada porque sabia que o tinha feito se sentir mal. — Desculpa se acordei você. Está muito quente aqui.

— Eu já estava acordado.

Dei um passo para mais perto e foi preciso perceber seus olhos percorrendo meu corpo, minhas coxas expostas, para lembrar que eu estava só de calcinha. Tentei usar as mãos para cobrir a bunda, mas não adiantou. Eu devia ter colocado uma calça. Ou uma calcinha que não deixasse metade da minha bunda de fora.

— Por que você está acordado? Você estava sentado aqui no escuro? Desculpe por eu não estar de roupa. Achei que você estaria dormindo.

Kael inclinou um pouco a cabeça, como se estivesse confuso pelo que eu estava dizendo, e olhou para as minhas pernas. Na mesma hora, senti uma onda de insegurança, pensando nas marcas de celulite espalhadas pelas coxas. Ele olhou novamente para o meu rosto.

— Posso tomar um pouco daquela água?

Fiquei vermelha, não só por ainda estar seminua, mas porque ele obviamente me viu beber água direto da garrafa.

Eu assenti e abri a geladeira.

— É água da torneira. Eu compro dessas aqui — mostrei a garrafa com o rótulo de água mineral — de vez em quando, mas encho com água da torneira depois. Então, não é água mineral de verdade.

Por que eu estava falando tanto?

— Passei alguns meses no Afeganistão. Acho que aguento água da torneira da Geórgia.

O sarcasmo me surpreendeu. Sorri, e ele sorriu de volta, outra surpresa. Pegou a garrafa da minha mão e levou à boca sem tocar nos lábios.

— E por que você está acordado? Se acostumando com o fuso horário?

Ele devolveu a garrafa, e tomei outro gole. Eu ainda estava com calor, mas a cozinha estava bem mais fresca do que o quarto. A sensação do piso frio embaixo dos meus pés era boa.

— Não durmo muito.

— Nunca?

— Nunca.

Sentei em frente a ele na mesinha.

— Por causa de onde você esteve?

Meu estômago começou a revirar quando imaginei aquele jovem calado, sendo acordado em uma zona de guerra por tiros ou bombas ou por qualquer outro terror pelo qual ele tenha passado.

Ele assentiu.

— É estranho estar de volta.

Considerando sua sinceridade e a vulnerabilidade que surgiu no seu rosto,

achei que eu podia estar sonhando.

— Você vai ter que voltar? — perguntei, torcendo para ele dizer não.

No fundo da minha mente, um alarme estava tocando, berrando para me avisar, ou talvez a Kael, do que eu estava começando a sentir por ele. Nós nos conhecíamos havia menos de vinte e quatro horas, mas queria protegê-lo, impedir que ele voltasse para lá.

— Não sei — respondeu ele, e ficamos em silêncio.

— Espero que não. — As palavras saíram antes de eu poder me importar com a impressão que passariam.

Parte de mim sentia que eu estava traindo minha infância, minha linhagem familiar de soldados e aviadores, mas acho que eu não era tão patriota quanto esperavam que eu fosse. Não se patriotismo fosse isso.

Quando Kael abaixou a cabeça na direção dos braços cruzados sobre o peito e disse “Eu também”, meu corpo todo tremeu. Essa vida militar era tão injusta às vezes. Queria perguntar a Kael se ele pensava no que tinha se metido, ou se, como a maioria dos jovens soldados que eu conhecia, tinha sido persuadido a se alistar pela pobreza ao redor e pela promessa de um pagamento regular e seguro saúde.

— Me desc... — comecei a dizer, mas seus olhos estavam fechados. Fiquei observando sua forma no escuro por alguns segundos antes de um ronco suave sair dos lábios carnudos.

24

— Você sempre usa uniforme? — disse a Kael no corredor de cereais. Como ele não respondeu, entendi que a resposta era sim.

— Não — disse ele, me pegando de surpresa.

Olhei para ele, fazendo pressão para que contasse mais.

— Parece. — Tentei aliviar as palavras sorrindo para ele, mas Kael não me olhou de volta.

— Eu não estou com nenhuma das minha roupas.

Merda.

— Ah, desculpa. Não pensei nisso. Onde estão? Precisa de carona pra ir buscar?

Ele pegou uma caixa de Cinnamon Toast Crunch, pelo menos tinha bom gosto em cereal, e colocou na cesta na frente do carrinho, onde as crianças costumam sentar enquanto os pais tentam fazer com que fiquem distraídas e cooperem.

— Não sei onde estão. — Ele pareceu confuso e eu conseguia interpretá-lo melhor a cada dia. Era verdade que só tinham se passado dois dias, mas mesmo assim. Eu o estava descobrindo lentamente, mas com segurança. Seu rosto era bem expressivo. — Eu ia ao shopping mais tarde. Ou a uma loja da Kohl's. Qualquer um dos dois, na verdade.

Passamos por um homem idoso que ficou olhando para Kael e para mim por tempo demais. Reparei no olhar prolongado indo de um ao outro, e os pelos da minha nuca se eriçaram. O homem desapareceu no final do corredor. Quando fui contar para Kael, fiquei pensando se eu estava sendo paranoica e decidi não dar mais atenção ao velho mal-humorado.

— Trabalho até às quatro, mas posso levar você pra comprar roupas depois — ofereci.

O mercado da base estava cheio, como sempre. Mesmo com preços baixos e a isenção de imposto, já quase não valia a pena encarar a multidão. Eu preferia fazer hora extra a ficar esperando atrás de carrinhos de compras lotados até o topo. Kael apontou para o corredor seguinte, o começo da seção de freezer.

— Você sabe que existe Uber, táxi e coisas assim, né?

Eu olhei para ele.

— Estava tentando ser simpática.

— Eu sei. Só estou brincando com você. — Sua voz soou leve, diferente do que eu tinha ouvido em outras vezes. Fez minha pele arrepiar. Desviei o olhar.

— Ha-ha — respondi, provocando.

Minha garganta estava doendo. Nunca esqueceria daquilo, da forma como ele fazia partes de mim que eu nunca tinha sentido doerem. Sempre ficaria agradecida.

— E então, devo levar você ou não? — Apontei para trás dele: — Pode pegar aquelas pizzas pequenas? Da caixa vermelha.

— Se você quiser... Olha, eu já estou ficando no seu sofá, me metendo nos seus jantares de família, comendo suas barrinhas de cereal.

— Você comeu minhas barrinhas de cereal?

Ele riu. Se eu não tivesse me virado na hora, teria perdido o momento. Foi rápido.

— Vou comprar outra caixa. — Ele não gostava de dever nada para ninguém.

— Normalmente, eu diria que não precisava só para ser educada, mas minha conta de energia está alta demais este mês, então pode comprar. — Cutuquei seu ombro. Ele ficou tenso ao meu lado. Foi uma mudança mínima, mas senti percorrer minha espinha.

Kael deu um passo para longe de mim enquanto continuamos andando. A música ambiente ficou mais alta, como devia ser. Fiquei me sentindo mal. Constrangida. Era como se alguma coisa tivesse se aberto na noite anterior. Acho que uma conversa de calcinha às três da madrugada faz aquilo. Kael

estava diferente hoje. Mais aberto. Quase falante. Ainda assim, fiquei pensando. Será que ele estava flertando comigo? Eu não tinha pensado dessa forma, mas foi o que pareceu.

— Desculpa — acabei dizendo um minuto de silêncio depois.

Estávamos parados no corredor das batatas fritas. Eu estava decidindo entre pretzels com sabor ou Doritos Cool Ranch quando Kael pegou um saco de Funyuns e jogou no carrinho.

— Eu amava isso quando era mais nova — comentei. — Sammy, minha melhor amiga, e eu comíamos o tempo todo. Ah, meu Deus, isso e Mountain Dew. Minha mãe não me deixava beber aquilo, mas a mãe de Sammy sempre tinha a versão da marca Kroger, que era até melhor.

Eu estava tagarelando.

Kael parecia estar mais relaxado do que alguns segundos antes. Não o encarei pelo tempo que queria, nem disse o quanto sentia falta de Sammy desde que ela se casou e se mudou para o outro lado do país, como eu gostaria de ter feito. Não a parte sobre se casar, dessa parte eu queria ficar longe.

Só voltamos a conversar depois que pagamos as compras, separadamente. Tivemos que mostrar a identidade, a sua de ativo e a minha de dependente. Ele era um cavalheiro e me ajudou a colocar as coisas no carro, a carregar as sacolas para casa e até perguntou se podia ajudar a desfazer as sacolas. Odiava o fato de que meu cérebro estava tentando entender por que Kael estava sendo tão legal. Era como se eu não conseguisse simplesmente aceitar gestos gentis ou elogios de pessoas, como se eu não fosse digna.

Por mais que me deixasse nervosa e meio paranoica, eu estava começando a gostar da maneira como me sentia perto dele. Desde que ele não achasse que íamos acabar tendo alguma coisa. Ele não havia mencionado ter uma namorada nem nada parecido, apesar de também não ter chegado a se abrir a esse ponto. E não estávamos fazendo nada de errado. Nada. Só compras e morando no mesmo espaço por alguns dias. Mas, se eu fosse namorada dele, não ficaria muito feliz de ele morar com duas mulheres. Mesmo que uma estivesse grávida.

Por que eu estava novamente supondo que ele tinha namorada? Ou até que ele ia gostar de mim? Droga, eu nem o conhecia o suficiente para gostar dele assim, e ele parecia o tipo de homem por quem toda mulher ficava atraída. Percebi que estava um pouco mais interessada nele do que tinha admitido.

Estava surtando um pouco, e ele estava sentado ao meu lado. Podia sentir seus olhos em mim.

— Tudo bem? — perguntou depois que as compras foram guardadas. Levou metade do tempo normal com sua ajuda, e não tive que dizer para ele separar o papel e o plástico para reciclagem.

Estávamos sentados à mesa. Ele estava olhando o celular e eu estava comendo minha segunda barra de cereal e me preparando para ir trabalhar. Ouvi o chuveiro ligado no corredor e soube que Elodie tinha acordado. Graças a Deus. Eu não conseguia imaginar ter que dizer para Mali que Elodie ia se atrasar de novo.

Tentei observar Kael de relance, sem que ele reparasse. Ele percebeu na mesma hora, como o bom soldado que eu tinha certeza que ele era. Senti as palavras subindo pela garganta e não as segurei. Eu tinha que saber.

— Você tem namorada?

— Não. Você tem? Namorado ou namorada?

Balancei a cabeça. Meus dedos tremiam.

— Não. Nenhuma das duas coisas.

Ele suspirou e se levantou. Meus olhos seguiram seus passos da geladeira até o armário para pegar um copo e de volta à geladeira. Ele se serviu de leite e derramou um pouco no chão. Se eu tivesse direito a um pedido naquele momento, pediria que ele dissesse alguma coisa, qualquer coisa. Minha garganta parecia estar pegando fogo. Meu corpo todo parecia estar pegando fogo.

— Nós vamos ficar fora até mais tarde, mas sempre estamos com o celular no trabalho. Se meu irmão aparecer, você pode abrir a porta?

Kael assentiu. Eu o vi limpar o leite que achei que ia secar no chão como o resto das coisas que caíam e se acumulavam lá desde que passei um pano umas duas semanas antes.

Elodie veio pelo corredor com o cabelo curto pingando nos ombros da camiseta cinza.

— O chuveiro finalmente foi consertado!

— Como assim? — Segui pelo corredor até o banheiro.

— A temperatura! Você mandou consertar? — perguntou ela.

Passei por ela balançando a cabeça. Quando entrei no banheiro e liguei o chuveiro, a água ficou quente na mesma hora. Virei a chave para o frio. Fria na mesma hora. A pressão estava até mais forte, como um chuveiro normal. Que luxo.

— Não tenho ideia de como foi consertado. Mas estou feliz com isso, porque... — comecei a dizer, mas meu olhar encontrou com o de Kael e ele lambeu os lábios, virando um pouco o rosto.

— Você! — concluí, de repente. — Você consertou? — De certa forma, eu sabia que tinha sido ele, apesar de aquela ser uma ideia muito estranha para mim.

Kael assentiu, timidamente.

— Não foi grande coisa. Era só um cano frouxo. Levei menos de cinco minutos.

Elodie andou até ele, com o cabelo ainda molhado.

— Você é tão legal. Ah, mal posso esperar pra contar ao Phillip. Obrigada, obrigada — disse ela, abraçando um de seus braços.

Primeiro a gasolina, depois meu chuveiro. Claro que eu achei aquilo legal, mas também fez eu me sentir impotente.

— Digo o mesmo. — Eu estava irritada, e os dois perceberam. — Bom, tenho que ir, senão vou me atrasar. Te vejo às onze. — Abracei Elodie e saí pela porta.

Não olhei para Kael. Eu sabia que sentiria culpa se o olhasse. Ele tinha feito uma coisa legal por mim. Não foi só atencioso, mas também prático. Apreciava o gesto, de verdade, mas também não queria que ele me tratasse como se eu precisasse de ajuda para consertar as coisas. Comprei aquela casa para provar que eu não era uma donzela em perigo.

25

Minha manhã passou como sempre: dois aposentados idosos e um soldado casado que ia no mesmo horário quase todas as semanas. Ele nunca marcava horário, mas eu sempre deixava um liberado para ele. Ele era simpático e tranquilo, dava boas gorjetas e não gemia enquanto eu trabalhava.

Eu estava com “tempo livre” para ajudar a arrumar o SPA e evitar clientes de impulso... tanto quanto dava para evitá-los. Eu não gostava dessa incerteza. Eles ficavam sempre inquietos e raramente voltavam. Até os mais em forma deixavam as inseguranças transparecerem na minha salinha. Era ao mesmo tempo reconfortante e desanimador saber que outras pessoas tinham pensamentos sobre os próprios corpos tão danosos como os meus.

Eu estava tirando a segunda leva de toalhas da secadora e me lembrei de como tinha que enrolar talheres quando era garçoneiro em um restaurante de carnes. Acho que todos os empregos vêm com tarefas adicionais.

— Aquele cara veio atrás de você — comentou Mali, enquanto estávamos dobrando as toalhas.

— Que cara?

— Aquele de quem você gostava. — O jeito como ela falou o “gostava” fez eu me sentir uma criança.

Ah, Brien. Que ótimo.

— Quando?

— Uns dez minutos antes de você chegar.

Coloquei uma toalha em cima da pilha antes de dobrá-la.

— O quê? Por que não me contou?

Ela deu uma risadinha.

— Porque fiquei com medo de você ligar para ele, e não podemos aceitar isso. — Ela deu de ombros. Eu a encarei, peguei uma toalha e joguei nela.

— Não ligaria pra ele, aliás. — Eu talvez estivesse meio na defensiva. De qualquer modo, achava que não ligaria, mesmo curiosa para saber por que ele apareceu lá. Sabia que eu não tinha deixado *meu* brinco na sua cama, com certeza. Acho que eu podia ligar depois do almoço.

É, talvez Mali estivesse certa.

— A-hã. — Ela fez um *sim* com a cabeça e um bico de sarcasmo com os lábios. As rugas profundas na pele bronzeada a fizeram parecer muito séria, embora eu soubesse que ela estava me provocando. Mali nunca gostou de Brien e até cortou a eletricidade do saguão na primeira vez que ele foi me ver depois que terminamos. Em sua defesa, tenho que dizer que eu estava chorando e ele estava me acusando de alguma coisa de que nem me lembro. Isso devia querer dizer que eu era inocente, certo?

A verdade é que eu não fiquei tão triste com o término quanto todo mundo achou que eu ficaria. A verdade é que eu o usei como curativo para uma parte machucada dentro de mim. Era a isso que a maioria dos relacionamentos se resumia.

Mali interrompeu minhas lembranças com Brien.

— Temos um cliente — anunciou.

Ela estava com as costas encolhidas para poder ver a telinha da televisão do sistema de segurança. Eu não conseguia ver se era homem ou mulher, mas sabia que Elodie tinha começado o atendimento dela das duas e meia e que éramos só nós duas até as quatro, quando mais três terapeutas chegavam para o turno da noite.

— Eu atendo. Não tenho mais nenhuma hora marcada hoje.

Sinceramente, eu esperava que não houvesse mais nenhum cliente sem hora marcada e que eu pudesse ir lavar a roupa, arrumar meu quarto e ajudar Mali com a contabilidade em vez de fazer uma massagem, mas esse era o meu emprego. Foi o que escolhi. Era o que eu dizia a mim cada vez que meus dedos doíam ou minha cabeça latejava pelo cheiro de alvejante nas toalhas logo depois de terem sido lavadas.

Abri a cortina do saguão e encontrei Kael andando pelo espaço apertado, quase agitado. Só havia algumas cadeiras ali, mas elas e o balcão de

atendimento ocupavam todo o cômodo. Eu o vi andar de um lado para o outro antes de passar totalmente pela cortina.

— Oi. — Meu estômago estava embrulhando.

— Oi.

Ficamos ali parados, sob luzes fracas e efeitos do aroma denso de incenso. A torre do PC antigo no chão zumbia entre nós.

— Está tudo bem? — Quando perguntei, me dei conta de que ele podia estar aqui por um motivo.

— Está, está. Eu vim pra uma massagem, na verdade. — Ele levantou as mãos.

— É mesmo?

— É. Tudo bem? — A voz dele soou baixa, uma pergunta insegura.

Assenti e levei a mão à boca. Eu não sabia por que estava sorrindo, mas estava, e não conseguia segurar.

26

Abri a cortina para a minha sala.

— Vou te dar dois minutinhos pra tirar a roupa e já volto.

Kael ficou parado junto à maca com os braços cruzados. A calça estava caída nos quadris e a pele brilhava à luz das velas. Eu não conseguia lembrar a última vez que gostei de olhar para alguém tanto quanto eu gostava de olhar para Kael. Era fascinante. Ele me fascinava. Não sabia o que havia nele, mas ficava cada vez mais atraente aos meus olhos.

Fui para o corredor escuro e respirei fundo. Disse a mim mesma que aquilo não seria esquisito. Era o meu trabalho, de todos os dias. Ele era só um cliente comum, um estranho, na verdade. Eu mal o conhecia, e, além disso, já tinha feito massagem nele. Peguei o celular no bolso para ver se Austin havia ligado. Nada. Mandeí uma mensagem para o meu pai. Qualquer coisa para me distrair.

Ouvi Mali falando com o marido no corredor. Alguma coisa sobre prolongar uma promoção de pedras quentes que estava acontecendo naquele mês. Ela sempre estava tentando elaborar novas promoções e divulgação o mais barata possível para seu pequeno negócio. Era impressionante vê-la manter o local cheio de clientes regulares, apesar de haver salões semelhantes em quase todos os bairros. A maioria cobrava uns trinta dólares, alguns mais, outros menos. Alguns eram confiáveis, outros não.

Uma mensagem do meu pai apareceu na tela.

Austin está bem. Está dormindo agora.

Enfiei o celular no bolso do uniforme. Os dois minutos deveriam ter passado. Ou mais.

— Posso entrar? — Toquei na cortina.

— Pode.

Ele estava deitado de bruços, a cabeça no suporte, o lençol branco na altura da cintura.

— Você se lembra do que gostou e não gostou da última vez? — perguntei, mais para minha informação.

— Tudo foi bom.

— Certo, então vou fazer o mesmo tipo de pressão e vamos ver o que acontece a partir disso, ok?

Ele assentiu. Peguei a toalha e comecei a trabalhar. O tecido quente deslizou facilmente pela sola dos seus pés. Ele estava de calça de novo, o tecido preto aparecendo por baixo do lençol branco. Quase empurrei um pouco a barra para cima para poder massagear os tornozelos melhor, mas alguma coisa me disse para não fazer aquilo. Ele estava usando calça por algum motivo, e apesar de admitir que estava doida para saber o que era, eu não queria deixá-lo incomodado e nem ultrapassar nenhum limite.

Pressionei o polegar na carne embaixo da linha dos dedos do pé e ele gemeu. Aliviei a pressão e o corpo tenso relaxou. Ele virou o tornozelo para se livrar da sensação. Era um ponto sensível para muita gente.

— Desculpa. Costuma diminuir a tensão.

Voltei para o alto da maca, onde sua cabeça estava, e estiquei a mão para pegar os óleos.

— Nada de hortelã, certo?

— Não, obrigado. Odeio o cheiro.

Tudo bem.

— Vou usar um sem cheiro. Melhor assim?

Ele moveu a cabeça fazendo que sim.

Esfreguei o óleo quente nas mãos e comecei na base do pescoço. Os músculos eram densos em volta do pescoço e nos ombros. Ele parecia alguém com estrutura para lutar, para proteger, mas às vezes parecia tão infantil, bobo até, alguém que devia ser protegido do perigo.

— Elodie está aqui — comentei. Ele ficou em silêncio enquanto eu passava a mão pela pele macia. Os ombros estavam menos tensos do que ontem. Puta

merda, fazia só um dia desde que ele tinha aparecido procurando Elodie!

— Eu a conheci no curso de massagista. Ela tinha acabado de chegar da França depois de pesquisar programas de empregos para esposas de militares. — Lembrava como o sotaque lindo dela parecia pesado. — Ela estava tão determinada, e passou o primeiro dia muito séria. Eu me senti ligada a ela quase imediatamente — expliquei.

Kael riu um pouco. Os ombros dançaram achando graça.

— Phillip é legal como eu acho que é, né? — perguntei, já que estávamos falando no assunto. Ele ficou quieto por alguns segundos.

— Ele é um cara legal.

— Jura? Porque ele a trouxe pra cá de outro país sem família e sem amigos aqui. Eu me preocupo com ela.

— Ele é um cara legal — repetiu.

Eu precisava parar de interrogá-lo e fazer meu trabalho. Ficava pensando sobre mais e mais coisas para dizer, mas ele não tinha ido conversar comigo. Ele tinha ido receber um tratamento para o corpo dolorido.

Massageei as costas e os braços e entrei no meu ritmo normal. Era a mesma coisa na maioria dos atendimentos, pressão média, um pouco mais de óleo do que a maioria dos massagistas usa. A música ambiente era uma mais antiga da Beyoncé, e deixei que a melodia ocupasse o ar tranquilo por uns vinte minutos, quando pedi que ele rolasse e ficasse de barriga para cima.

Ele fechou os olhos quando se virou, e tomei a liberdade de estudar seu rosto. O maxilar marcado, uma leve barba por fazer embaixo do queixo. Ele respirou fundo quando pus as mãos embaixo das suas costas e subi pela pele, apertando e alongando os músculos ali.

Abri a boca para perguntar a Kael sobre fazer compras à noite. Mas não disse nada.

Segundos depois, quase perguntei o que seria bom para o jantar. Então, quase disse que amava a música que estava tocando, e na minha cabeça estava contando que Mali me deixava botar minha própria música na minha sala. Alguma coisa nele tinha me dado vontade de falar. Quase.

Eu não sabia como interpretar aquilo.

Suspirei.

Não podia ficar jogando conversa fora durante o tempo todo em que ele estivesse na minha maca. Não era profissional. Repeti a ideia algumas vezes.

Verifiquei a hora. Só dois minutos tinham se passado desde que pedi para ele virar. Puta que pariu. Queria dizer a ele que o tempo estava passando muito devagar. Ou perguntar se ele sentia o cheiro da vela de bolo de caramelo que acendi hoje quanto cheguei.

— Tudo bem? — perguntei por fim.

Ele assentiu.

— Como está seu irmão? — A pergunta me surpreendeu.

— Eu achava que ele viria até a minha casa assim que chegasse na cidade, mas parece que não — comecei. — Ele está dormindo na casa do meu pai agora. Ainda não falei com ele sozinha. É tão frustrante. Nós éramos tão próximos.

Kael manteve os olhos fechados. Eu estava apertando seus ombros e braços com meus punhos fechados. Ele apertou os olhos.

— Desculpe por eu estar falando demais. Ando fazendo muito isso. — Dei uma risada, que pareceu falsa. Provavelmente porque era.

Kael abriu os olhos por um segundo e inclinou a cabeça para cima, forçando contato visual.

— Tudo bem. Não me importo.

Olhei para o outro lado, e ele encostou a cabeça novamente.

— Acho que... obrigada — provoquei, e meu estômago deu um nó quando seu rosto se abriu no maior sorriso que eu já o tinha visto dar.

Eu estava esperando Kael no caixa quando recebi a mensagem de Elodie com o link do BuzzFeed. Ela era a rainha dos testes tipo “É culpa sua ser solteira?” e dos artigos estilo “As mulheres estão dominando o mercado dos autônomos?”. Esse era “25 coisas que você precisa saber sobre a Target!”. Eu estava a um clique de descobrir alguma novidade sobre a batata Pringles ou o sabão em pó Tide, ou talvez sobre como encontrar a fila mais rápida dos caixas de supermercado, quando Kael apareceu no saguão.

— Oi. Espero que esteja tudo certo.

— Está, obrigado.

Passei seu cartão e entreguei a via para ele assinar. Eu nunca tinha ficado ansiosa para ver um cliente rabiscar o nome na linha preta, aquilo foi novidade. E claro que Kael não estava revelando nada, o que deixava espaço para que eu preenchesse as lacunas. Primeiro, me perguntei se ele voltaria para outra massagem. Em seguida: *O que vai acontecer depois que ele parar de dormir no meu sofá?*

Ele me deixou uma gorjeta de doze dólares por uma massagem de quarenta e cinco. Foi mais que generoso. Era mais do que eu costumava receber. Fiquei me sentindo meio estranha, como se ele estivesse me dando por pena, sei lá. Ou pagando pelo meu tempo, se bem que acho que era isso mesmo que ele estava fazendo. Mas eu precisava do dinheiro, e aceitei com um sorriso. É verdade que o sorriso foi meio forçado, mas ele não tinha como saber. Pelo menos, eu achava que não.

Pensei em como falei durante quase metade da massagem. Não devia ter sido a experiência mais relaxante do mundo.

— Me desculpa por ter falado tan...

Kael me interrompeu antes que eu pudesse terminar.

— Não — e deu de ombros com simpatia —, tudo bem.

Estava aprendendo como ele era, mas eu ainda não sabia ver se estava mentindo ou não. Ele não tinha se aborrecido nem um pouco com a minha falação infinita? Tudo bem que ele me fez uma ou duas perguntas, mas fui eu quem ficou falando dos meus turnos de trabalho e que meu irmão estava me deixando estressada por causa da segunda prisão. Quase passei os minutos restantes falando sobre meu irmão e que eu estava preocupada com ele, mas, ao menos daquela vez, queria que o assunto não fosse Austin. Talvez eu quisesse parecer mais madura do que era, ou talvez quisesse proteger Austin da opinião de um estranho. Qualquer que fosse o motivo, passei para outro assunto.

— *De que cor eu devia pintar as paredes daqui? — perguntei.*

— *De que cor você quer pintar? — devolveu ele.*

E...

— *Tem decoração demais aqui? — quis saber.*

— *Nem reparei.*

E...

— *Você sente que está em um SPA caro na cidade grande em vez de aqui, nesse complexo de lojas?*

Movimento de ombros. Kael respondia com uma palavra ou duas de vez em quando, mas foi mais minha voz que encheu a sala. Estávamos no saguão naquele momento, não exatamente um espaço terapêutico, mas ele ainda estava bancando o tipo forte e silencioso.

— Quer sua via? — Li a tela da máquina de cartão.

— Claro. — Ele esticou a mão.

— Claro? Tanta certeza por causa da sua via do comprovante do cartão? — brinquei. Eu estava começando a adorar fazer aquilo. Ele reagia de forma diferente quase todas as vezes. Era fascinante.

— É uma questão de responsabilidade. — Ele quase sorriu quando guardou a via na carteira. Era de couro marrom, com aparência de gasta.

— Certo. — E sorri. — Como queira. Melhor torcer para não ter auditoria

fiscal aqui. — Nenhum sorriso desta vez, mas ele ergueu a sobrancelha.

Mali estava assistindo a tudo com atenção. Quando Kael saiu para o saguão depois da sessão, ela estava ocupada ali perto, cantarolando baixinho enquanto limpava marcas de dedos da porta de vidro. Então, desistiu de fingir que estava limpando.

— Nos vemos à noite? — perguntei.

— Sim. Com certeza.

Ele acenou para mim e disse um adeus educado para Mali, chamando-a de senhora e tudo. A porta se fechou e ela voltou a atenção para mim.

— Hmmm? — Sabia o que ela estava pensando.

— *Hmmm?* — Fechei a registradora e enfiei a gorjeta no bolso.

Ela pousou o olhar na porta de novo, e um sorriso parecido com o do gato de “Alice no País das Maravilhas” surgiu no rosto dela.

— Ah, nada.

— Pare de fofocar — pedi quando desapareci pelo corredor.

28

Queria ir para a casa com o sol ainda brilhando, pelo menos daquela vez. Foi por isso que não fiquei para a limpeza final como de hábito. Coloquei um monte de toalhas na secadora, abri algumas caixas de produtos e guardei tudo, mas meus colegas poderiam se esforçar um pouco mais para organizar o ambiente. Eu já tinha chegado ao limite.

A viela estava movimentada quando saí. Bradley estava ajudando um cliente a colocar colchões tamanho *king* na caçamba de uma picape quando acenou para mim, simpático como sempre.

Peguei o celular para abrir o Instagram quando o nome do meu irmão pulou na tela.

— Austin, o que está acontecendo? Você está bem? — Nem me dei ao trabalho de dizer *oi*. Não tinha tempo para formalidades.

— Estou bem. Está tudo bem. De verdade, Kare, não foi nada de mais. Foi só uma briga.

— Briga? Com quem?

Ele deu um suspiro.

— Um cara. Não sei. Eu estava em um bar e ele estava enchendo o saco de uma garota.

Revirei os olhos e espremi o corpo nas árvores para uma van cheia de crianças poder passar.

— Então você está me dizendo que essa coisa toda veio do seu cavalheirismo?

Austin era bom em desenvolver histórias. Ele seria um ótimo relações públicas de alguma celebridade desastrada... ou um péssimo marido.

— É. É exatamente isso que estou dizendo. — Ele riu.

Sua voz era tranquilizadora, como ouvir uma música antiga que você tinha esquecido que amava. Eu estava com saudade.

— Certo. Qual é o tamanho do problema?

— Não sei. — Ele fez uma pausa.

Achei que ouvi o barulho de um isqueiro.

— Papai pagou a fiança... O que é uma droga, porque agora estou devendo a ele.

Inacreditável. Eu queria ter essa capacidade de olhar para o outro lado e não me preocupar com as coisas. Ele sabia que resolveria isso, ou que alguém resolveria para ele, antes que ficasse sério demais.

— Claro, porque dever dinheiro para o papai é seu maior problema.

— Não matei ninguém, tá? Foi uma briga de bar normal.

Eu ri. Dava para *sentir* sua magia em funcionamento. Estava começando a ficar quase tranquila com a prisão, e a tinta no papel da liberação nem estava seca ainda.

— Como você foi parar num bar? A gente só faz vinte e um mês que vem.

Foi sua vez de achar graça.

— Você não está falando sério.

— Claro que estou! — Mas eu estava brincando, ao menos um pouco.

Havia uma linha tênue entre me preocupar com ele e só querer me divertir à sua custa. Eu não era resmungona e nem excessivamente responsável; só estava anos-luz à frente do meu irmão gêmeo. A diferença era notável.

Sabia que meu tio otário levava Austin a bares com seus amigos nojentos, provavelmente o apresentava para mulheres mais velhas que bebiam demais, usavam maquiagem demais, tinham experiência demais... tudo demais.

— Você se preocupa demais. Você e o papai.

Grunhi. Não queria me preocupar. Não queria ser a irmã chata mais velha por seis minutos. E não queria ser nem um pouco como meu pai.

— Não me coloca no mesmo saco que o papai. Para com isso. Só quero que você não se meta em confusão. E só.

Estava quase chegando em casa.

— É, não posso estragar esse meu futuro brilhante. — Era para ser engraçado, mas senti um toque de tristeza.

— Quer vir aqui em casa hoje? Estou com saudade.

— Hoje não posso. Vou me encontrar com uma pessoa. E amanhã? Papai e Estelle vão pra Atlanta no fim de semana e vou ficar sozinho em casa.

— Festa! — Sorri ao lembrar a série de festas fracassadas de Austin ao longo do ensino médio. A maioria dos adolescentes da nossa idade tinha medo da polícia militar e não tinha coragem de ir a uma festa na base, mas as poucas pessoas que iam tornavam as festas mais divertidas.

— Isso aí.

— Ei, eu estava brincando. Você não vai fazer uma festa na casa do papai.

— Ah, vou.

Ele não podia estar falando sério. Nosso pai ficaria furioso se Austin desse uma festa na sua casa. Não queria nem pensar nas consequências.

— Não vai. Dar uma festa dois dias depois de você ser preso? Qual é o seu problema? Nós não estamos mais no ensino médio.

Eram coisas assim que me faziam voltar para minha teoria da família, que dizia que Austin era o herdeiro de todo o charme da minha mãe. Meu irmãozinho era muito bom com pessoas. Ele podia ser jogado em qualquer situação e as pessoas orbitavam ao seu redor. Como é que se diz, como mariposas em volta da luz? Ele era a luz. Eu... eu era o contrário. Eu voava em volta de pessoas como Austin e como meu pai, e me encantava com facilidade.

— Fale por você.

— Como você conhece gente suficiente aqui pra dar uma festa?

— Olha, eu tenho que ir. A gente se vê amanhã. Você devia vir. Te amo.

Ele desligou antes que eu pudesse falar qualquer outra coisa.

Ah, Austin. *Eu te amo, mas, às vezes, você faz umas escolhas de merda na vida.*

Fiquei meio surpresa de encontrar a porta da frente da minha casa trancada. Procurei a chave e entrei, parando para pegar a correspondência. A caixinha de correspondência estava caindo. Outra coisa para consertar. Quando puxei as cartas, no alto estava o folheto de uma imobiliária, apresentando casas chiques e caras em Atlanta. Procurei a corretora sorridente: Sandra Dee. O preço de uma casa em Buckhead com uma piscina cintilante era dois milhões de dólares. *Quem me dera, Sandra.*

Até eu ganhar na loteria ou minhas ideias aleatórias de abrir uma rede de SPAS de luxo com preços justos decolar, vou ficar na minha casa com a caixa de correspondência vermelha pendurada. Quando entrei, o silêncio pesava. Olhei o restante das cartas, mas não havia nada de interessante, apenas contas e folhetos. Como o cheiro da pipoca de Elodie ocupava todos os espaços, meu estômago começou a roncar, então peguei uns pretzels na despensa.

Minha casa era diferente sem som algum. Era estranho não ouvir o nome de Olivia Pope toda hora. Eu estava completamente sozinha. Nada de Elodie. Nada de Kael. Não combinamos horário nem nada, mas acho que supus que ele estaria em casa quando eu saísse do trabalho.

Para onde mais ele iria?

Esquentei os últimos restos da comida de Mali no micro-ondas. Lavei um monte de louça. Sentei à mesa da cozinha. Peguei o livro que estava lendo e tentei retomar de onde tinha parado. Eu ficava pensando em Kael, me perguntando como ele estaria quando fôssemos fazer compras. Ele estaria mais falante ou seria um passeio silencioso?

Eu amava me torturar com dúvidas, e estava pensando que talvez tivesse interpretado mal toda a situação e Kael estivesse com impressão de que eu lhe daria carona para ele ir fazer compras sozinho. Depois, convenci a mim

mesma de que eu tinha me convidado para ir às compras com ele e que ele provavelmente me achava esquisita ou intrometida. Ou as duas coisas.

Dez minutos depois, voltei à realidade. Não tinha como Kael ficar por aí repensando a nossa conversa, onde quer que ele estivesse. Eu estava exagerando.

Pensar demais. Exagerar na reação. Não eram habilidades que eu podia botar no currículo. Fechei o livro sem ler nem uma palavra, fui para o quarto e olhei o Facebook no celular. Digitei *Kael Martin* na busca. Nenhuma mudança no perfil. Mas não consegui me convencer de mandar um pedido de amizade.

Saí da sua página e fui para minha caixa de entrada, como se estivesse esperando um e-mail importante ou algo assim. Estava andando de um lado para o outro do quarto sem me dar conta, andando em círculos, deixando o nervosismo tomar conta de mim. Parei na mesma hora quando me vi no espelho. Com o cabelo escuro preso, os olhos arregalados, eu parecia a minha mãe. Estava assustadoramente parecida com ela.

Deitei na cama e peguei meu livro de novo, mas logo senti que precisava mudar de ambiente novamente, então fui para a sala e me deitei no sofá. Olhei a hora no celular. Quase sete. Continuei de onde tinha parado, na última página dobrada (nunca fui o tipo de garota que usa marcador de páginas) e deixei a história brutal de Hemingway me levar até a Primeira Guerra Mundial. Mas não foi a distração que esperava. Quanto mais o sono me envolvia, mais o rosto de Kael aparecia em múltiplos personagens. Ele era um dos sargentos. Um soldado ferido. Um motorista de ambulância. E estava me olhando como se reconhecesse meus olhos.

Acordei no sofá, o sol forte no rosto. Olhei em volta e organizei os pensamentos.

Kael não tinha voltado.

Eu só o veria novamente no dia seguinte. Quando nossos caminhos se cruzaram, eu estava sentada na varanda da frente, tentando enfiar os pés em um par de sapatos novos que tinha visto no Instagram. Sabia que a modelo do Instagram que eu seguia provavelmente tinha sido paga para usá-lo, mas eu tinha que comprar. Pela legenda, eram “Os melhores!” e “TÃÃÃO confortáveis!!!” Talvez para ela. Eu nem conseguia calçar um pé. A porcaria não passava pelo meu calcanhar. Eu estava empurrando o sapato, encostada na varanda como uma idiota, quando Kael parou em frente à casa com aquele carro enorme. Excelente momento.

Ele devia ter ido às compras, pois estava com roupas normais dos pés à cabeça. Calça jeans preta com um rasgo em um joelho e uma camiseta branca de algodão com mangas cinzentas que era quase idêntica a uma que eu tinha. A única diferença era que a minha tinha escrito “Tomahawks” e com uma imagem de um machado tomahawk verdadeiro.

Ganhei da minha melhor amiga da Carolina do Sul. Era da sua antiga escola de ensino médio, em algum lugar de Indiana. Eu me perguntava se sua casa no centro-oeste era como o lugar onde minha mãe passou a infância, uma cidadezinha que sofreu com os avanços da tecnologia, que fizeram com que uma fábrica atrás da outra fosse fechando. Eu também conhecia as histórias de horror do lugar, como quando estudantes sem noção fizeram passeios a cemitérios sagrados de nativos americanos (que eles chamavam de “túmulos de índios”) e pisotearam o solo todo enquanto ouviam uma história falsa sobre selvagens perigosos. Sem falar que aquelas pessoas foram vítimas de genocídio ou tiveram suas terras confiscadas por nós, que também as levamos à sua pobreza atual.

Pensando melhor, eu não queria mais usar aquela camiseta.

Kael parou antes de chegar à varanda.

— Oi, estranho — cumprimentei.

Ele encolheu os lábios e balançou a cabeça, depois assentiu. Acho que era o seu jeito de dizer oi.

— Procurando Elodie?

A gravadinha estava passando a noite de sexta no encontro mensal do grupo de oração das famílias dos soldados da brigada de Phillip. Ela estava determinada a fazer as outras esposas gostarem dela antes de o bebê chegar. Eu entendia. Ela precisava de apoio.

— Vou avisar que você passou aqui.

— Não. Eu só... — Kael fez uma pausa. — Fui fazer uma massagem, mas você não estava trabalhando. — Ele olhou pela viela na direção da loja.

— Ah. — Aquilo era surpresa.

Cheguei para o lado no degrau da varanda para abrir espaço. Mais ou menos. Nos intervalos da minha cena de Cinderela, eu estava soprando sementes de dente-de-leão, e Kael teve que tirar uma pilha de flores do chão antes de se sentar. Ele as colocou delicadamente na palma da minha mão.

— Alguns desejos até que seriam úteis — comentou.

— Tem mais se você quiser. — Apontei para o meu jardimzinho. Eu não pretendia ter tantos dentes-de-leão, margaridas selvagens e qualquer outra planta invasora, mas estas estavam nos cantos da minha varanda de concreto. Cercando tudo.

— Tudo bem.

Ele ficava tão diferente com roupas comuns. E não se importava de ficar sentado em silêncio, mas eu queria conversar. Além do mais, queria saber para onde tinha desaparecido.

— Estou vendo que você fez compras.

Kael puxou a camiseta.

— É, desculpa. Os dias têm sido meio malucos.

Eu tinha que saber:

— Malucos? Como?

Ele suspirou e pegou um dente-de-leão no degrau.

— É uma longa história.

Eu me apoiei nas mãos.

— É.

— Quando você vai trabalhar de novo? — perguntou ele um momento depois.

Um avião passou voando quando fui responder.

— Amanhã. Às duas horas. Vou substituir uma pessoa.

— Tem algum horário?

Ele estava me olhando com os olhos escuros protegidos pelos longos cílios.

— Talvez.

— Talvez? — Ele ergueu as sobrancelhas e riu. Ele estava tranquilo hoje. Eu gostava dessa versão relaxada. Kael, o civil.

— Vou a uma festa hoje — comentei. — Vai ser na casa do meu pai. — Ele fez uma careta. — É. Exatamente. E piora porque meu irmão está sendo um idiota e dando a festa enquanto meu pai e a esposa estão em Atlanta, no Marriott, comendo lagosta e enchendo a cara de vinho caro. — Revirei os olhos.

Meu pai nunca levou minha mãe a nenhum lugar como aquele. Eles nunca tinham momentos de adultos sem meu irmão e sem mim. Um dos muitos motivos de o relacionamento não ter dado certo. Isso e o fato de que eles eram as duas pessoas menos compatíveis do mundo.

— Seu pai não parece o tipo de cara que quer que deem uma festa na casa dele — observou Kael. — Principalmente se ele não está lá.

Se ele soubesse...

— Ah, ele não sabe. É por isso que vou tomar conta.

Ele fez um ruído, algo entre um grunhido e uma risada. Ele achou mesmo graça. Eu estava gostando disso e estava começando a entender seu rosto e adivinhar o que estava pensando.

— Você não é meio nova pra tomar conta?

— Ha-ha. — Mostrei a língua... Mas fechei a boca assim que percebi o que

tinha feito. Eu estava flertando com ele!

E não sabia como parar. Quem era aquela pessoa, mostrando a língua como uma garotinha?

— Quantos anos você tem, senhor especialista em ageismo?

— Não é isso que ageismo quer dizer — corrigiu ele com um sorriso.

Fiz um ruído debochado. Estava ao mesmo tempo encantada e surpresa.

— Tudo bem, senhor sabe-tudo, quantos anos você tem?

Ele sorriu de novo.

Tão leve.

— Tenho vinte.

Eu me levantei.

— Sério? Posso ser mais velha do que você?

— Quantos anos você tem?

— Faço vinte e um mês que vem.

Ele lambeu os lábios rosados e mordeu o de baixo. Era um hábito, reparei.

— Faço vinte e um amanhã. Ganhei.

Abri a boca em um grande “O”.

— Não acredito. Mostre sua identidade.

— Sério?

— É, sério. Prove. — E então, como não consegui evitar, acrescentei: — Quero confirmações.

Ele tirou a carteira do bolso da calça jeans e me entregou. A primeira coisa que vi foi uma foto de duas mulheres. Uma era mais velha do que a outra em algumas décadas, mas a semelhança entre as duas estava clara.

Olhei para ele, me desculpando pela falta de descrição. A foto era obviamente velha e importante, caso contrário não estaria na sua carteira. Em frente à foto das mulheres estava a identidade militar. Li a data de nascimento. E, realmente, o aniversário dele era no dia seguinte.

— Então você é um mês mais velho do que eu — atestei.

— Eu falei.

— Não se gabe.

Inclinei o corpo na direção de Kael e repeti o esbarrão de ombro esquisito do mercado. Só que, daquela vez, ele não se afastou e nem ficou paralisado. Daquela vez, na minha varanda, de calça jeans rasgada e olhos suaves, ele encostou o ombro no meu.

31

— Não fico sentada assim na varanda há tanto tempo. É gostoso.

Estávamos só Kael e eu, com um carro ou outro passando para nos fazer companhia.

— Eu ficava aqui fora quase todos os dias quando me mudei. Não conseguia acreditar. A minha varanda. A minha casa. — Fiz uma pausa. — É bom, sabe? A rua à frente, a casa atrás.

Falar com Kael era mais ou menos como escrever em um diário.

— Sempre gostei de me sentar do lado de fora. Não só aqui. Você reparou no balanço na varanda do meu pai? Nem sei se você notou, mas levamos o balanço conosco sempre que nos mudamos na infância. Foi de base em base, de casa em casa... como a poltrona do meu pai.

Sentia Kael ouvindo, me encorajando a continuar.

— Quando nos mudamos para o Texas, nós não tínhamos uma varanda grande, então o balanço ficou na garagem. É de madeira pesada... Dá pra ver que rachou em alguns lugares e que está meio gasto nos braços. Não é como os móveis de plástico para ambiente externo que se encontra agora. Como se chama, *rosina*?

— Resina — disse ele, me ajudando.

— Isso mesmo, resina. — Estava pensando na minha mãe naquele momento, que ela se sentava na escuridão e olhava o céu. — Minha mãe praticamente vivia na varanda o ano todo. Ela me disse uma vez que acreditava que Deus era feito de todas as estrelas, e quando uma se apagava, um pouco do bem do mundo morria junto.

Os olhos de Kael estavam em mim, e notei um calor se espalhando nas

minhas bochechas. O jeito como eu estava falando... bom, era como se eu estivesse pensando em voz alta. Mal percebia. Sabia que estava sendo brega. Tinha lido coisas assim em livros ou visto em filmes e não parecia possível. Que clichê. Mas ali estava eu, me abrindo com um estranho.

— Na verdade, foi bem mais complicado do que isso, obviamente. Essa foi a versão rápida. Houve civilizações cujas religiões inteiras foram baseadas em toda a galáxia de planetas e estrelas. Minha mãe contava sobre isso. Faz sentido, não faz? Estavam aqui primeiro.

Kael se manifestou:

— Estavam?

Suas palavras pareciam importantes, sendo tão poucas. Acho que era por isso que, quando ele me fazia perguntas, eu queria muito pensar nas respostas.

— Não tenho certeza absoluta. E você?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Acho que tudo bem — continuei. — São tantas religiões diferentes... gente demais pra concordar sobre uma coisa só. Acho que não tem problema levar um tempo, aprender um pouco mais. Você não acha? — Uma pergunta tão complexa embrulhada em um laço de fita casual.

Ele suspirou, soprando uma baforada de ar. Ouvi os sussurros das palavras surgindo, mas não consegui entender. Quanto mais tempo ele pensava na opinião, lambendo lentamente os lábios, mordendo a boca, mais eu esperava a resposta. O tempo derreteu enquanto eu esperava.

— Acho que sim — disse ele, finalmente. — Eu só quero ser uma boa pessoa. Conheço muitas pessoas dentro e fora da igreja que são ruins e boas. Tem tanta coisa por aí maior do que nós... Prefiro me concentrar em como tornar as coisas melhores a ficar pensando em como chegamos aqui. Por enquanto, pelo menos. — Ele tinha certeza na voz.

E continuou falando. Foi a maior quantidade de coisas que ele disse desde que nos conhecemos. Normalmente, era eu quem falava sem parar.

— Ainda não sei em que acreditar — comentou.

Houve uma longa pausa antes dele continuar. Uma porta de carro bateu e meu celular vibrou com a chegada de uma mensagem de Elodie. Ela ia para a casa de alguém, de uma pessoa chamada Julie, para todo mundo tomar uns drinques, menos Elodie. Diminuí o brilho da tela e coloquei o celular virado

para baixo na varanda de concreto.

— Eu não sei — repetiu ele. — Mas sei que tenho muita merda pra compensar.

Sua voz escorregou um pouco no final, e meu cérebro se agarrou às palavras. A gravidade do que ele estava dizendo me corroeu. Minha garganta ardeu e engoli em seco para tentar aliviar, mas não deu certo. Era fisicamente doloroso pensar nos tipos de coisa que Kael já tinha visto naquela idade... na *nossa* idade. Era mais fácil não sentir nada, mas eu não podia fazer isso.

Sempre fui tão sentimental, desde que era criança. Sempre estava sofrendo ou flutuando, indo de um extremo ao outro. “Karina sente as coisas profundamente”, minha mãe dizia. “Ela leva as coisas a sério.”

Kael limpou a garganta. Queria tanto perguntar o que ele tinha para compensar, mas sabia que ele não ia gostar. Ele estava ao meu lado, pensando, eu sentia, mas mantive o olhar no céu. Pisquei e vi o azul virar laranja. Imaginei-o com uma arma presa ao peito, um sorriso infantil. Não sabia o que ele tinha vivenciado lá, mas o olhar vazio no seu rosto... Eu tinha que dizer alguma coisa.

— Acho que não funciona assim. Acho que você está protegido.

Minhas palavras soaram fracas quando falei, mas se ele pudesse sentir o que eu sentia por ele naquele momento, saberia que aquilo não poderia estar distante da verdade.

— Protegido? — perguntou ele, enquanto nuvens passavam acima de nós.
— De quem?

Não ouvi música alta nem vi luzes fortes quando parei o carro. E ninguém estava deitado no gramado. Só podia ser um bom sinal.

— Não parece tão ruim — comentei.

O bangalô ficava no canto extremo de uma rua sem saída silenciosa, com um campo atrás e casas ao redor. Tive que estacionar na rua porque já havia três carros na entrada da garagem, dois que não reconheci. Além do mais, tinha a van do meu pai, uma coisa branca feia em que ele não tocava havia pelo menos um ano. Passei a odiar aquela van.

Não tinha sido sempre assim, mas as lembranças agradáveis da nossa única viagem de carro à Disney foram substituídas por discussões feias e ressentimento que emanavam dos bancos da frente.

Meus pais não tinham brigas típicas de um casal. Mesmo criança, lembro-me de desejar um pouco da raiva honesta que eu ouvia nas outras famílias. A deles era pior. Minha mãe usava uma voz fria e seca para atingir a gente. Acertava com força e sabia instintivamente onde pegar, como fazer doer mais. Eu era uma garota carente e queria que sua raiva me garantisse que ela se importava comigo. Acho que meu pai sentia o mesmo, mas ela não podia ou não queria nos dar isso. Meu pai e eu lidamos com nossas perdas de formas diferentes.

A tela do celular de Kael acendeu. Ele olhou para baixo e guardou o aparelho no bolso. Eu me senti importante. Mesmo que fosse uma vaidade boba.

Estávamos andando na grama quando alguém que não reconheci saiu da casa e andou na direção da rua. Vi Kael o observar até estarmos em segurança dentro da casa do meu pai. Não foi nada óbvio, só um inclinar de cabeça, uma avaliação quase imperceptível de onde o outro cara estava e o que estava

fazendo. Fez com que eu pensasse nas experiências de Kael e do que poderia ter medo. Tentei não deixar que a fantasia sobre o que ele tinha visto no Afeganistão afetasse meu humor. Tinha certeza de que era a última coisa sobre a qual ele queria falar na noite anterior ao aniversário.

Levei Kael para a casa do meu pai pela segunda vez em menos de uma semana. Brien só foi lá um total de três vezes, acho, nos quatro meses que namoramos. Ele gostava do meu pai... bem, ele gostava de tentar impressioná-lo enquanto olhava para os peitos de Estelle. Ela era nova na época, e os peitos, também.

Argh. Brien era a última pessoa em quem eu devia estar pensando. Olhei novamente para Kael para tirar Brien da mente e também para ter certeza de que ele ainda estava caminhando junto comigo.

Um clipe estava passando na tela da televisão. Era uma música de Halsey, e eu soube que ia gostar de pelo menos uma daquelas pessoas aleatórias. Eu estava começando a relaxar.

Austin estava certo sobre a festa, pelo menos até aquele momento. Só havia umas dez pessoas, e todo mundo parecia já ter terminado o ensino médio, graças a Deus. E não havia sinal de Sarina e nem de nenhum dos outros amigos dela, e, pelo que eu sabia, ela era a única garota do ensino médio com quem Austin saía. Nem sinal de Austin também, o que queria dizer que ele estava do lado de fora fumando ou em um quarto com uma garota. Desde que não fosse no meu antigo quarto e que a garota fosse maior de idade, eu não ligava.

Umas cinco ou seis pessoas estavam espalhadas pela sala. O restante estava na cozinha, em volta da bancada com as bebidas. Não havia muita coisa: uma garrafa de vodca, uma garrafa bem maior de uísque e um monte de cerveja. Ficamos na cozinha, contornamos um cara e uma garota que pareciam estar discutindo e passamos por um homem com um gorro cinza. Não dava para ver o cabelo dele, mas eu desconfiava que fosse soldado, por causa do corpo. Meu irmão sempre parecia gravitar em torno de militares, mesmo quando estávamos no ensino médio.

Austin e eu fizemos um pacto desde muito cedo de que nenhum de nós se alistaria, mas ele ainda tinha uma atração natural pela vida nas Forças Armadas. Se era por hábito ou conforto — vir de família militar e essas coisas —, eu não sabia. Sua curiosidade me assustava às vezes.

Kael ficou perto de mim junto à pia, sem me tocar nem falar nada, mas

perto o suficiente para eu sentir o cheiro do perfume na sua camisa. Era doce e me fez pensar se ele tinha outros planos para aquela noite. Eu não era boba. Sabia que os clubes da cidade como o Lone Star e o Tempra estavam lotados de solteiros e “temporariamente solteiros”. Mas não queria pensar em Kael em nenhum desses lugares. Peguei um copo plástico em uma pilha e servi um pouco de vodca e um monte de suco de cranberry.

— Quer? — ofereci a Kael.

Ele balançou a cabeça em um *não*. Eu não sabia dizer se ele estava mais tenso do que o normal. Olhou para mim como se quisesse dizer alguma coisa, mas não pudesse. Seu olhar pousou na minha mão.

— Só vou tomar um porque estou dirigindo — expliquei, um pouco na defensiva. Culpa não pareceu um sentimento apropriado, pois eu podia dormir no andar de cima, na minha antiga cama, se precisasse.

— Não gosto muito de álcool. — Eu não precisava de explicações, mas fiquei me perguntando se era isso que o fazia parecer tão tenso.

Era como se ele quisesse estar presente, mas sua mente estivesse vagando entre a cozinha e outro lugar. Tentei adivinhar o lugar exato e até considerei perguntar abertamente, mas a ideia fez meu coração disparar.

— Vou só tomar uma cerveja — disse ele.

Entreguei a ele uma lata da bacia à minha frente, ao lado da divisória entre a sala e a cozinha. Prateleiras cheias de fotos do meu pai e Estelle, minhas e de Austin quando pequenos pareciam nos olhar. Minha mãe tinha sido apagada do registro há tempos.

Kael observou a cerveja por um momento e rolou a latinha na mão antes de abrir.

— Natural Light, é? — Ele ergueu as sobrancelhas. Eram tão grossas que faziam sombra nos olhos fundos e ajudavam a escondê-lo do mundo. Como se ele precisasse de ajuda com isso.

— É. A melhor das melhores. — Tomei um gole da mistura de vodca. Rapidamente, senti um aquecimento nas bochechas e na barriga.

Kael tomou um gole da cerveja aguada. Levantei o copo para brindar com ele.

— Feliz aniversário! Você vai poder beber oficialmente em umas três horas — brinquei.

— E você em um mês — lembrou ele, tomando um gole de cerveja e fazendo careta. Eu não o culpava. Preferia vodca às bolhas pesadas da cerveja. Era o que eu gostava quando bebia. Beber menos e sentir mais.

Outro ponto positivo da vodca: eu sabia exatamente o quanto beber para não chegar a ficar bêbada. Eu já dominava a vodca. Bebia desde que Austin e eu fomos àquela festa de formandos na Carolina do Sul.

Devíamos ser os únicos calouros lá. Observamos o ambiente quando chegamos, mas não demorou para que Casey, uma garota de dezessete anos, fosse direto para cima de Austin. Ela era uma das formandas populares. *Popular*. Eu odiava essa palavra. Mas Austin não. Ele sabia que era sua porta de entrada. Assim que ele elogiou os cílios de Casey, algo brega tipo *Você tem os cílios mais longos do mundo*, bom, já era. Cinco minutos depois eles estavam se beijando de língua, e fiquei largada na festa sozinha.

A única pessoa que falou comigo foi um garoto com mancha de mostarda na camisa. Ele tinha caninos afiados, como os de um lobo, e cheirava a desinfetante. Eu o deixei no corredor perto do banheiro e encontrei uma garrafa de vodca no freezer. Estava gelada quando bebi. Deve ter sido por isso que bebi tanto tão rápido. Tanto. Tão rápido. Corri para o banheiro com a mão cobrindo a boca, segurando o vômito. Infelizmente, encontrei o cara do desinfetante de novo, e ele me olhou como se a patética fosse eu. Talvez fosse. Afinal, era *eu* quem estava empurrando pessoas para chegar ao banheiro.

Mas isso foi naquela ocasião, agora era diferente. Aquela festa foi diferente. Eu estava diferente. Já tinha aprendido a beber. E não era mais a garota que não conseguia sair de perto de um cara assustador sem duvidar de si mesma. Eu me sentia segura com Kael. Interessada e interessante. Como se eu fosse aquela formanda na festa.

33

Kael estava observando tudo. Não era explícito, mas estava de olho. Analisando. Prestando atenção.

Cruzamos o olhar, e ele me surpreendeu rompendo o silêncio entre nós.

— Bem como pensei em passar meu vigésimo primeiro aniversário — comentou ele, tomando outro gole de cerveja. E outro.

Alguém colocou uma velha música do Usher, e sorri para o copo. As pessoas estavam tentando criar um clima se estavam tocando Usher das antigas. Eu estava gostando daquele pessoal, apesar de tentar não gostar. Eu sempre curtia nostalgia.

— Uau. Usher. Bom, pode tirar todo o sarcasmo do que acabei de dizer. — Kael sorriu.

Eu conhecia o cara havia pouco tempo, mas, uau, já adorava quando agia daquele jeito. Divertido e de guarda baixa. Ri e ele me observou: minha boca, meus olhos, minha boca de novo. Não foi nada sutil.

Ele estava ciente da forma como estava me olhando?

Ele tinha que estar ciente da forma como estava me olhando.

Minha cabeça ficou tonta, e aquilo não tinha nada a ver com a vodka.

— Kare! — A voz de Austin explodiu acima de todos e de tudo, inclusive do liquidificador sendo usado para preparar uma bebida *neon* que eu esperava não encontrar vomitada mais tarde no piso do banheiro do meu pai. — Aí está você! — Ele passou os dois braços em volta de mim. Cheirava a cerveja.

O pensamento passou tão rapidamente quanto chegou. Ele me abraçou com força e beijou meu cabelo.

— Olha só pra você! — Ele segurava o copo de plástico no ar. Sabia que

ele estava bêbado. Não estava louco, mas embriagado, com certeza. — Você pegou uma bebida? — Os olhos verdes de Austin estavam vermelhos. Lembrei que ele tinha acabado de sair da cadeia e provavelmente precisava da bebida.

O fato de a palavra cadeia ser parte do meu vocabulário era uma coisa séria, mas me recusei a não relaxar durante a noite. Eu estava lá para me misturar, e como Kael estava junto, queria que ele se divertisse.

— Peguei. — Mostrei meu copo, e Austin assentiu como quem diz *bom*.

— Já conheceu todo mundo? — As palavras saíram meio arrastadas. O cabelo estava desganhado, cobrindo sua testa.

— Ainda não. Acabei de chegar.

— Você parece feliz. Está feliz?

Suas bochechas estavam coradas. Apoiei as mãos em seus ombros.

— Você parece bêbado. Está bêbado? — provoquei. Carinhosamente, claro. Mas provoquei mesmo assim. Ele estava bêbado. Eu estava feliz. Mas não ia falar sobre isso na frente de um casal brigando e de Kael.

— Estou. Da mesma forma que você deveria estar — respondeu Austin com convicção. — É tão bom estar de volta. — Ele levantou as mãos para o ar. Sua felicidade era contagiosa e me deu uma carga de energia que eu não sentia havia um tempo.

Austin levantou o copo até o meu e foi até o de Kael. Levou um segundo para perceber que Kael não foi uma das pessoas que ele convidou.

— Oi. — Austin esticou a mão para Kael. Eu me encolhi, desejando ter colocado uma dose dupla de vodka na bebida.

— Oi. Sou Kael. É um prazer conhecer você. — Os dois apertaram as mãos como se tivessem acabado de fechar um acordo de um bilhão de dólares.

— Kael. — Austin deixou o nome ser absorvido por um segundo. — É um prazer conhecer você, cara. Tem bebidas aqui, pizza a caminho. Ela sabe onde fica tudo. — Ele apontou para mim com o copo. — Vocês deviam vir pra sala comigo.

Kael olhou para mim e deu de ombros. Sabia que era ou a melhor ou a pior ideia ir com Austin para a sala.

— Peguem mais bebida e venham comigo.

Tentei fazer contato visual com Kael, mas ele estava olhando para o meu irmão, que estava perguntando quanto tempo havia que ele estava no exército. Austin percebeu. Mesmo sem ninguém falar nada, ele percebeu.

Sabia que Austin não ia me constranger com perguntas demais na frente de Kael, mas também sabia, pela forma como estava me olhando, que ia fazer um monte de perguntas depois. O casal que estava discutindo desapareceu pelo corredor, provavelmente para fazer as pazes com sexo no banheiro.

— Estou feliz de você ter vindo. — Austin me disse enquanto nos conduzia para a sala.

Ele olhou para Kael de novo e revirei os olhos. Austin e eu não nos metíamos na vida amorosa um do outro. Não que houvesse muito para xeretar do meu lado. Eu só tive um namorado sério sobre quem tinha decidido não pensar naquela noite e que, com o passar dos meses, fui percebendo que não foi tão sério quanto achei que tivesse sido. Eu não tinha ouvido um “eu te amo” de uma pessoa que estivesse sendo sincera. Austin era diferente, se apaixonava toda semana. Ele conseguia ser honesto de alguma forma e canalizava sua carência e solidão para os contatos físicos. Se era isso que tornava sua vida um pouco melhor, quem era eu para julgar? Eu tinha o mesmo incômodo, só que sem ninguém para aliviá-lo.

34

Kael e eu ficamos espremidos em um canto do sofá. Não juntos. Não apertados. *Espremidos*. Austin e um cara que se apresentou como Lawson estavam em uma almofada; Kael e eu estávamos na outra.

— Você parece familiar — disse Lawson para Kael depois de alguns minutos.

Kael disse algumas coisas que pareceram jargão militar, e Lawson fez que não.

— Não é isso.

— Você diz isso pra todo mundo — rebateu Austin, pegando um controle de videogame em uma cesta embaixo do rack. — Quem vai jogar?

— Eu não vou — avisou Lawson. — Tenho que ir. Vou acordar às cinco pra assumir o serviço. — Ele e Austin se levantaram e fizeram aquele aperto de mãos em que os caras batem as palmas e cerram os punhos.

Com um pouco mais de espaço, cheguei para o lado no sofá. Não estávamos mais espremidos, mas minha coxa ainda estava tocando na de Kael.

— Quer jogar? — Austin mostrou um controle para Kael, mas ele balançou a cabeça.

— Não, não jogo.

Ah, graças a Deus.

— Quem quer jogar? — perguntou Austin de novo, levantando um controle para ver se teria algum companheiro no jogo.

A porta da frente se abriu e um rosto familiar entrou. Eu não consegui lembrar seu nome de primeira, mas sabia que ele e Austin eram amigos antes

de ele ir para a casa do nosso tio para *ficar longe de confusão*. É, deu tão certo.

— Mendoza! — Austin correu até a porta para cumprimentar o cara com camiseta dos Raiders. Meu irmão sempre agregava pessoas, era bom nisso.

O cara, presumivelmente Mendoza, abraçou Austin. Seu olhar pousou em mim enquanto eu o olhava. Minhas bochechas ficaram vermelhas. Ele olhou para o meu lado, para Kael.

— Martin! — disse ele, afastando-se do meu irmão. Andou até o sofá, e Kael esticou a mão entre nós. Demorei mais do que deveria para entender que eles se conheciam e que Martin era o sobrenome de Kael.

— Achei que você ia ficar em casa hoje. — Os olhos cor de mel de Mendoza pousaram em mim.

— Eu ia.

Mendoza olhou para mim de novo, depois para Kael.

— Certo. — Ele sorriu.

— Vocês dois se conhecem? — Austin apontou para um e para o outro. Fiquei ali sentada, observando. Confusa. Austin estava tão surpreso quanto eu.

— É, fizemos o treinamento básico juntos. Depois, viajamos...

— Mendoza, essa é Karina. — Kael olhou para mim.

— Minha irmã — completou Austin para os dois.

— Já nos conhecemos. Não sei se você lembra. — Eu não devia ter ficado incomodada de Kael e esse cara se conhecerem, mas fiquei. As bases militares sempre parecem tão pequenas, mas na verdade são cidadezinhas com centenas de milhares de pessoas. Quando alguém diz: “Ah, seu pai é do exército, aposto que conhece meu tio Jeff, ele também é do exército!”, bom, as coisas não são bem assim. Então, o fato de Mendoza conhecer Kael e Austin e meio que me conhecer era uma coincidência, no mínimo.

— Lembro. Já nos encontramos algumas vezes. — Mendoza inclinou a cabeça para o lado. — Nós não fomos ao castelo uma noite? Quando foi isso, uns dois verões atrás? — Lembrei do final do verão, de andar na van do meu pai cheia dos amigos de Austin. Espremida.

— Fomos. Eu tinha me esquecido disso. — Brien também estava junto.

Nós tínhamos acabado de nos conhecer, na verdade. Não mencionei aquilo.

— Seu irmão e aquele maldito castelo. — Ele riu. Austin mostrou o dedo do meio.

Kael estava nos olhando como se fôssemos malucos.

— Você não ouviu falar? Do castelo do Drácula? — falando em voz alta, parecia ridículo.

Ele balançou a cabeça, e continuei explicando.

— Não é bem um castelo, mas uma torre de pedra enorme que todo mundo diz que é assombrada.

— É assombrada! — argumentou Austin.

— É assombrada — repeti, revirando os olhos. Fui ao castelo do Drácula pelo menos cinco vezes com Austin desde que fomos morar naquela cidade. Eu não sabia se a história sobre o garoto eletrocutado na velha torre era verdade, mas o lugar tinha conquistado a reputação de assombrada por fantasmas. *Fantasmas de verdade* era o que todo mundo dizia. Havia todos os tipos de histórias.

— É uma torre, e as pessoas vão lá à noite, bebem e tentam não ser pegas — expliquei para Kael.

— Ela está agindo com tranquilidade agora, mas sempre era a primeira a voltar correndo para o carro. — Austin levantou a bebida para Kael e Mendoza, rindo.

— Ah, foda-se. — Fiz cara feia para ele e ri depois.

— Oooh. — Mendoza começou a provocar Austin. — Parece que sua irmãzinha cresceu desde que a vi pela última vez — comentou, pegando a garrafa de bebida escura na mesa. — Alguém quer um *shot*? — perguntou às pessoas na sala.

Todos tomaram uma dose da bebida. Todos menos Kael, claro. Houve gritos de “A Austin!” e “Bem-vindo de volta, mano!”. Austin fez uma reverência debochada para cumprimentar os amigos comemorando sua volta. Eu não sabia se os amigos sabiam que ele tinha sido preso. Ao olhar para aqueles caras, bom, não sabia se algum deles se preocuparia com uma coisa tão trivial quanto uma noite na cadeia. Mas talvez eu estivesse sendo dura com eles.

Nós todos voltamos para a cozinha para comemorar a volta de Austin à Base de Benning. Coloquei meu copinho de *shot* na pia e recolhi mais alguns. Um cara de camiseta azul com os dizeres *Bottom’s Up!* tirou o copo da minha mão e foi pegar mais bebida. Era definitivamente um soldado. Ele estava com um cara de aparência mais nova usando uma camiseta marrom com a palavra *MURPH*. Também soldado. Havia esquecido como tinha me distanciado da vida na base. Claro, eu ainda via soldados no trabalho e no mercado. Ainda sorria para eles quando passava pelo portão do “melhor lugar do mundo”, mas não tinha amigos soldados. Nenhum. A não ser que contasse Stewart. Ela era o mais perto que eu tinha de uma amiga no exército. Mas, apesar de gostar dela, de respeitá-la e de me sentir próxima a ela, eu não podia dizer que era minha amiga. Como Mali gostava de nos lembrar, clientes não eram amigos.

Liguei a torneira quente e passei água em alguns dos copos de *shot* só para ter o que fazer. Fiquei feliz de Austin não me ver. Ele teria feito alguma piada sobre eu ser *responsável*. Não teria sido elogio. Meu Deus, era tão estranho ele estar de volta, na casa do nosso pai, cercado por aquelas pessoas. Não havia dúvida: aquele era o mundo de Austin e eu era a visita.

Mas eu não era a mesma pessoa de antes de ele ir embora. Era bom lembrar daquilo. E Austin, bom, por mais que reunisse pessoas em torno de si, elas também grudavam nele. O que era arriscado, porque era comum que ele fugisse, como nossa mãe. E costumava deixar corações partidos para trás,

como ela.

Andei até Kael, Austin e Mendoza.

— Mais um? — perguntou Mendoza.

— Não mesmo. — Balancei a cabeça e levantei a mão, o símbolo universal de *não, obrigada*.

Meu estômago ainda estava queimando da tequila se acomodando dentro de mim. O sabor era tão forte, gostoso, mas tão potente em comparação à vodca barata diluída com suco de laranja que eu costumava beber.

— Vamos lá. Alguém?

O olhar de Austin estava em Kael, que também estava dizendo não. Ele não precisou levantar a mão nem balançar a cabeça. Aparentemente, “não” é a única resposta necessária quando é dada por um homem.

Austin se virou para Mendoza e encheu o copinho.

— Ele está tentando tomar o máximo de *shots* possível antes que a esposa diga que é hora de dormir — provocou Austin.

Pelo jeito como Mendoza sorriu quando meu irmão fez a provocação, entendi que havia amizade ali. Ele parecia ser um cara legal. Pude sentir. Não era fácil prever as pessoas que eu conheceria pelo meu irmão porque ele não seguia um padrão de amigos. Costumava haver soldados envolvidos, mas podia ser mais uma questão geográfica. A maioria era errante. A maioria era simpática. Mas todo grupo tinha algumas surpresas.

— Bom, ela deixou que ele saísse essa semana — provocou outra voz masculina. Virei e vi o cara com camiseta escrita *Bottom's Up!*, segurando o copo de *shot* de uma forma meio ameaçadora. Tinha o rosto quadrado, lábios finos e corte militar malfeito.

Mendoza riu de novo, mas o sorriso não chegou aos olhos. Não como quando ele brincou com Austin. O cara de camiseta riu e apontou uma Bud Light para Mendoza.

— Quantos filhos você tem mesmo? — A pergunta foi feita com expressão séria.

— Três — respondeu Mendoza, sério. Alguma coisa mudou no ambiente. Deu para sentir. Kael ficou tenso ao meu lado. Austin chegou mais perto dos dois babacas.

— Três? Só isso? Achei que tinha visto você saindo do mercado com uns dez...

— Não é engraçado, Jones. Nem você e nem Dubrowski são engraçados. Comédia não é sua praia. Agora, podem ir embora — disse Austin, apontando com o queixo para a porta. O olhar podia estar vidrado, mas ele estava totalmente presente. Ele não ia aguentar babaquice.

O cômodo ficou silencioso, exceto pela introdução chata do jogo de videogame que estava tocando repetidamente no fundo.

— Relaxa, a gente está mesmo indo embora — disse o cara de *Bottom's Up!*.

Ninguém falou nada enquanto Jones e Dubrowski colocavam as cervejas na bancada, abriam a porta dos fundos e saíam. Mendoza e Austin se olharam por um segundo. Tentei não olhar, mas tive um vislumbre.

— Quem eram aqueles caras? — perguntei a Austin quando a porta se fechou.

— Eles são da minha companhia nova — respondeu Mendoza. — Achei que eles eram legais e me senti mal porque eles são muito jovens e acabaram de voltar pra casa e não têm família aqui, sabe?

— Pare de ser tão legal! — Austin bateu nas costas de Mendoza, e todos rimos. — Viu no que dá! Agora vamos beber sem desperdiçar tempo nem tequila com aqueles imbecis.

— Isso não é uma tequila qualquer, meus amigos. — Mendoza mostrou a garrafa. — É uma *Anejo*, envelhecida à perfeição. Desce lisa como manteiga. — Ele mostrou o rótulo, e assenti, lendo o que podia enquanto ele me olhava, depois virou para Kael.

Anejo ou não, eu sabia que não devia beber mais. Mesmo com a tolerância da minha mãe a todos os vícios, eu já sentia o álcool se espalhando pelo sangue. Minhas bochechas estavam vermelhas, dava para perceber. Kael estava mais sóbrio.

Sabe aqueles momentos em que uma pessoa fica diferente? Como quando você mexe na tela do celular e um filtro cobre a imagem? Tudo na pessoa fica com uma cor mais profunda, mais vibrante?

Kael estava encostado justamente na bancada da cozinha do meu pai, respondendo perguntas triviais, quando aconteceu. Havia alguma coisa na sua

imagem ao lado de Austin, no jeito como ele estava parado com as costas retas, os olhos um pouco mais agitados do que o habitual. Ele ainda era a definição de compostura, mas havia algo emanando dele naquele momento.

Algo forte e sombrio. Eu tinha saber o que era.

36

— De onde você é?

— Da área de Atlanta. E você? — Kael tomou um gole de cerveja. E outro. Eu lembrava que ele tinha dito que era de Riverdale. Mas era mais fácil dizer Atlanta, eu achava. Gostava de saber disso, como se fosse um dos seus segredos.

Austin cruzou os braços.

— De toda parte. Base Bragg, no Texas, e algumas outras cidades. Você sabe, moleque do exército.

Kael assentiu.

— Sei. Nem consigo imaginar, cara.

A campainha tocou.

— A pizza? Espero que seja. Não comi nada o dia todo. — Austin desapareceu da cozinha.

— Está com fome? — perguntei a Kael.

— Um pouco. E você?

Assenti.

— Vamos? — Indiquei a sala.

Ele assentiu, sorriu para mim e jogou a lata de cerveja no lixo.

— Quer outra? — perguntei, olhando para meu copo quase vazio e pensando se queria mais.

— Pra mim, já chega. Um de nós tem que dirigir.

— Ah... — Mordi o lábio. Kael bateu com o ombro no meu. Ele estava tão

perto de mim. — Posso ficar aqui.

Ele arregalou os olhos um pouco.

— Você também pode. Tem espaço.

Tínhamos parado de andar, mas eu não conseguia lembrar quando. Ele estava me olhando, e eu para ele. Lembro-me da curva dos seus cílios cobrindo os olhos castanhos. Do seu cheiro de canela. Pela primeira vez, o aroma não me lembrou de mais nada além dele. Meu cérebro estava em curto, sem conseguir se conectar com a língua.

— Quer dizer, você não precisa ficar. Pode usar meu carro ou pegar um Uber. Só sugeri ficar porque eu não vou dirigir e o seu carro... — Kael se inclinou na minha direção. Tive que me esforçar para recuperar o fôlego.

— Vou tomar outra cerveja — disse ele em um sussurro, parado ali, tão perto da minha boca, que o fundo do meu estômago doeu.

Ele se afastou calmamente e pegou outra cerveja. Engoli em seco e pisquei.

Achei que ele ia me beijar?

Achei.

Só podia ser por isso que eu estava respirando como se tivesse subido correndo um lance de escada.

Eu me recompus o mais rápido que consegui.

— Hmmm, é. Eu também. — Minha voz saiu rouca e audivelmente constrangida. Abri a porta do freezer para pegar gelo. O ar frio foi tão bom no meu rosto. Deixei que se espalhasse por alguns segundos antes de encher o copo com as pedrinhas.

Kael estava esperando junto à parede, tomando outra cerveja. Minhas entranhas não se acalmavam. Ele me deixou tão tensa em um segundo e tão calma no outro.

Nós dois ficamos em silêncio quando fomos para a sala. Parecia haver o mesmo número de pessoas na casa, menos os dois babacas, mas o grupo pareceu mais compacto com todos lá. Meu coração disparado não ajudou, por mais que eu tentasse me acalmar.

Austin estava falando com o entregador de pizza. Eu o vi entregar dinheiro e guardar um bolo no bolso. Até onde eu sabia, Austin só trabalhava umas poucas horas por semana no supermercado Kmart, e complementava a renda

pedindo dinheiro para o meu pai de vez em quando. Meu irmão não era bom com dinheiro. Mesmo quando tinha empregos no verão, ele gastava tudo no dia que recebia. Eu não era muito melhor e não podia julgar, mas de onde tinha vindo aquele dinheiro? Não fazia sentido.

— Kare! Pegue uns pratos — gritou Austin para mim, passando as caixas de pizza para o grupo.

Eu não sabia o que estava acontecendo, mas meu cérebro não aguentava mais. Eu só queria me divertir, não me preocupar com coisas que não podia controlar. Estava tentando havia anos, quem sabe aquela noite seria uma em que eu realmente conseguiria?

Um jeans preto é o melhor amigo de uma garota. Chama mais atenção do que o tradicional azul. Faz suas pernas parecerem mais longas. E a coloração escura é ótima quando você sai em um encontro e precisa resolver o problema de dedos gordurosos de pizza. Não que eu estivesse em um encontro. Estava?

É que o jeito como Kael me olhava e o fato de ele aceitar ir à festa me deixaram pensativa. Mas eu não podia ter certeza, assim como todas as outras coisas relacionadas a Kael.

Ainda estávamos sentados um ao lado do outro no sofá. O prato vazio de Kael estava sobre um guardanapo no colo. O prato estava limpo e o guardanapo impecável. Meu prato tinha um pedaço de borda de pizza e um pedacinho de pepperoni. Meu guardanapo branco de papel estava manchado de molho de pizza. Mas minha calça jeans preta não exibia as marcas de gordura das minhas mãos. Pequenas alegrias. Eu não era tão “arrumadinha e limpinha”. Não como Kael. E certamente não como Estelle, a dona de casa perfeita, cuja foto estava pendurada em uma moldura preta grossa acima de nós. Estava mais para uma nuvem preta. Eu não via seu rosto, mas conseguia senti-la me olhando. Eu conhecia bem aquela foto; tinha sido tirada em uma das suas muitas viagens de férias. Meu pai estava ao seu lado com um sorriso largo e um bronzado da Flórida. Um *American Gothic* na praia.

Kael se inclinou para pegar uma caixa de pizza.

— Pode me passar um guardanapo? — pedi.

Qualquer outro cara poderia ter feito uma piada sobre o massacre de molho de tomate que eu estava fazendo, mas ele não disse nada, só pegou pizza e guardanapos e se encostou na almofada do sofá. Senti o calor que ele emanava. Minha imaginação estava brincando com aquilo. Meu corpo também.

— Quer um pedaço? — perguntou ele, oferecendo o prato, que tinha duas fatias grossas, com queijo brilhando.

Balancei a cabeça que não e agradei.

— Estou vendo que você tem um gêmeo novo. — Austin apontou para Kael, e quase todo mundo olhou para ele e depois para mim. Sua camisa e a calça jeans eram praticamente idênticas às minhas. Pensei na fotografia do meu pai com Estelle, parados lado a lado com as camisas havaianas iguais da Old Navy, e morri de vergonha. Mas Kael abriu um sorriso. Bem pequeno, mas era um sorriso.

— Ha-ha. — Revirei os olhos. — Você ficou um tempo longe, então...

As gargalhadas explodiram pela sala.

— É justo. — Austin deu uma mordida na pizza de pepperoni.

O queijo escorreu pela fatia, e ele pegou com a língua. Ele era tão adolescente às vezes, como se tivesse parado de amadurecer depois do primeiro ano do ensino médio. A inocência era parte do seu charme, eu acho. Ele tinha mesmo uma alma boa que era fácil de ver. Era o tipo de garoto que começaria um incêndio e depois salvaria você.

Fiquei me perguntando se essa garota nova entendia no que tinha se metido, se sabia que estava brincando com fogo. Era uma morena bonita com sardas nas bochechas, olhos azuis profundos, quase escuros. A blusa acentuava suas cores, e o estilo da blusa de camponesa destacava o cabelo; eram mangas bufantes que caíam em ondas pelos braços, como as ondas do cabelo comprido. Ela estava sentada no chão aos pés de Austin, olhando para cima, uma flor virada para o sol. A atração que sentia por ele era clara como o dia. O jeito como quase pedia para que ele virasse o rosto para ela, que lhe dissesse alguma coisa, qualquer coisa. O jeito como os ombros estavam inclinados para ele, repuxados para expor o pescoço longo e gracioso. Ela não estava sentada de pernas cruzadas como os outros no chão. A pose constrangedora de criança não era para ela. Ela tinha dobrado uma perna por cima da outra, o tornozelo no joelho, e estava inclinada de lado para as pernas formarem uma seta virada para o meu irmão. Essa garota era vulnerável e aberta. Calculista também.

A linguagem corporal pode ser tão óbvia.

Austin sabia que ela estava planejando o primeiro beijo dos dois, o primeiro encontro?

O prato de papel na mão de Austin escorreu um pouco, e ela levantou a ponta para ele. Ele olhou para ela, sorrindo, agradecendo, e ela fez um beicinho com os lábios e um movimento de cabelo. Foi muito impressionante. Mesmo para mim, e eu não era o alvo. Desviei o olhar do meu irmão e da garota. Já tinha visto aquele filme.

— O Mendoza parece legal — comentei com Kael.

— Ele é mesmo. — Kael olhou para o amigo, que estava oferecendo a tequila especial para alguém que tinha acabado de chegar. Eu achava que já tinha visto aquele cara, talvez na cozinha. Me lembrava da camisa quadriculada branca e preta. Pelo jeito como ele fedia a fumaça de cigarro, ficou claro que ele só tinha saído para fumar. Pelo menos esse grupo de amigos tinha respeito suficiente para não fumar dentro de casa, diferente de outros do passado.

— Ele é casado? — perguntei.

Kael franziu um pouco a testa e assentiu.

— Legal. — Minha conversa trivial tinha acabado. Eu poderia ficar falando do tempo ou dos Falcons, mas teria sido um gesto desesperado. Estava ligada pelo álcool e ficando paranoica com o silêncio de Kael, e embora pudesse estar ansiosa, não estava desesperada. Eu não seria a garota carente da festa. E logo uma festa na casa do meu pai.

Kael assentiu e... nada. Eu devia ter me acostumado com as barreiras que ele erguia, com a distância entre nós, mas ele tinha baixado um pouco a guarda desde que chegou à festa, e eu já estava começando a esquecer das barreiras que tinham existido. Mas elas estavam ali de novo, bem ao meu lado.

E é por isso que não gosto de encontros. Ou o que quer que aquilo fosse.

Sabia que eu estava sendo ridícula. Só tinham se passado uns vinte minutos desde que decidi admitir que estava atraída por ele. Estávamos parados lado a lado na cozinha, e senti aquele calor vir dele, mesmo sem estarmos nos tocando. Eu estava sendo atraída para perto dele. Era forte essa atração. Quase

com intensidade animal. Eu me perdi na sensação física por um momento, e meu cérebro assumiu o controle e começou a dissecar os motivos pelos quais ele não gostaria de mim ou pelos quais aquilo não podia dar certo. Sou tão romântica.

Olhei ao redor, para o simpático Mendoza servindo um *shot* para Austin e a morena ondulada. Para os três caras sentados no chão e para as vozes falando na cozinha. Todos estavam vivos a seu modo, falando, ouvindo, bebendo, rindo, mexendo no celular. Todos exceto a pessoa com quem eu realmente queria me conectar.

Minha frustração cresceu na minha cabeça, e quando Austin e a garota estavam se beijando (o que demorou menos de cinco minutos), eu não conseguia mais ficar ali sentada. Precisava de ar.

Levantei do sofá. Se Kael reparou, não se deu ao trabalho de demonstrar.

Sentei no balanço da minha mãe e senti o peso da situação com Kael. Não era a primeira vez que pensava naquele balanço como uma oscilação de humor. Minha piadinha particular. Só que não era engraçada.

Tinha perdido a conta das vezes em que recorri à varanda. Se estivesse ansiosa e solitária, se quisesse refletir sobre alguma coisa ou só fantasiar, eu ia para o balanço. Ficava muito lá fora depois que minha mãe foi embora de casa, às vezes achava que talvez ela estivesse sentada lá. E quando meu pai falava sobre mandar Austin para morar com o nosso tio, o rei do pornô, eu corria para o balanço. Há algo de tranquilizador no delicado movimento para frente e para trás, quando o assento faz o arco para frente e volta. Eu podia estar à beira do pânico total, mas, depois de alguns minutos no balanço, minha respiração desacelerava e eu me acalmava. Na maior parte do tempo, pelo menos.

Quando Brien e eu estávamos mal, eu vivia aqui fora, tentando encontrar alguma perspectiva. Estelle foi atrás de mim para ver como podia ajudar mais de uma vez. Ela me olhava de um jeito que certamente achava ser solidário, mas eu achava sinistro. Era como se ela estivesse tentando me vender alguma coisa. Um carro usado, talvez. Estava mais para uma madrasta usada.

Ela dizia coisas do tipo: “Eu também já fui jovem, sabe”. Essa era minha deixa para dizer: “Ah, mas você ainda é jovem” e “Você é tão bonita”. Mas eu que não ia fazer aquilo; não daria o que ela queria nem se fosse verdade. Ela me dizia que tudo ia ficar bem, que eu estava vivendo um momento difícil, mas que ela entendia meus sentimentos. Isso era o que mais me incomodava. Como ela podia entender o que eu estava sentindo se não me conhecia e nem eu me conhecia?

E lá estava eu de novo, sentada na varanda do meu pai, sem saber direito o

que estava sentindo. Queria chegar mais perto de Kael, mas me sentia ferida pelo seu silêncio. Queria pedir para ele se juntar a mim no balanço, mas tinha vergonha. Queria... o que quer que quisesse, eu não teria, então saí emburrada como uma criancinha.

Eu estava balançando um pouco os pés e estava começando a mover o balanço quando a porta da frente se abriu e Kael saiu para a varanda. Ele se encostou no corrimão e me olhou com os olhos vidrados. Ele parecia mais velho, de alguma forma. Eu não tinha certeza se gostava daquilo.

A luz da rua zumbia enquanto iluminava o jardim do meu pai. Eu não conseguia ver carros, árvores ou casas, só contornos. Não sabia se era porque estava ficando mais escuro ou porque eu estava ficando bêbada. Não fazia diferença. Fazia um tempo que eu não bebia nada além de vinho e sentia essa vibração enevoada. Na verdade, eu estava me sentindo muito bem.

Balançando para a frente e para trás, fiquei ciente de que minha respiração estava em sincronia com o ritmo do balanço, e por isso ficou mais fácil fingir que eu não tinha reparado em Kael. Eu que não ia ser a primeira a dizer alguma coisa. Fiquei de boca fechada e guardei meus pensamentos. Deus, esse cara era difícil de entender.

Talvez fosse o jeito como ele era comigo: observador, sem criticar. O que era muito raro. Era comum perceber a pessoa avaliando, tentando entender você. Quem você é e o que você tem que eu quero? Não Kael. Ele só reparava. Gostava daquilo. Mas não parecia justo. Ele sabia muita coisa sobre mim, e eu não sabia quase nada sobre ele. As coisas que eu sabia, podia contar em uma das mãos. Quase por reflexo, foi o que fiz.

- 1: ele era encantador daquele jeito forte e silencioso.
- 2: ele tinha um tipo de magnetismo que atraía as pessoas.
- 3: ele fazia você querer saber em que ele estava pensando.
- 4: ele agia como se tivesse uma coisa muito importante a dizer.
- 5: não tinha cinco. Era só isso que sabia sobre ele.

Tudo sobre Kael parecia muito complexo, mas descomplicado ao mesmo tempo. Ele não tinha dito muita coisa para mim quando estávamos lá dentro além de perguntar se eu queria uma fatia de pizza, mas obviamente tinha me seguido para fora da casa. Então, por que estava ali, parado com aquele campo de força em volta, mudando o peso de um pé para o outro e me

olhando como se as palavras fossem um peso grande demais para carregar? Pensei em dizer alguma coisa para quebrar a tensão, mas me obriguei a parar a tempo. Eu que não ia facilitar as coisas para ele. Era hora de ver se ele gostava do próprio remédio.

O crepúsculo estava abrindo caminho para a noite. O céu estava escurecendo, se enchendo das estrelas mais lindas. Sei que todo mundo acha que são mágicas, diamantes pairando no céu e tudo mais, mas eu as acho tristes. As estrelas parecem tão fortes e brilhantes, mas quando chegam a nós, estão morrendo, quase desaparecidas. E as estrelas maiores? Elas queimam mais rápido, como se o brilho intenso fosse demais para elas. Droga. Lá estava eu, amolecendo. Sempre penso em como as coisas ficam frágeis quando bebo. Sei ir da beleza ao desespero num piscar de olhos. Ou no brilho de uma estrela. Como falei, *droga*.

— Posso me sentar com você? — perguntou Kael. Será que ele tinha percebido meu olhar chateado?

Fiz que sim e cheguei para o lado para abrir espaço.

— Esse é o balanço?

Assenti de novo. Ainda tinha uma dose ou duas do seu próprio remédio para dar. Na verdade, não. Eu só estava tentando ficar calma. Para me autocriticar, era melhor ficar calma.

— Ela não levou junto? — perguntou ele no ar da noite.

Virei a cabeça e olhei para ele.

— O quê?

— Quando ela... — Ele reparou que tinha tocado em um ponto delicado, mas não tinha como voltar atrás.

Pisquei. Ele estava se referindo à minha mãe, claro. Mesmo com toda a natureza reservada, ele gostava de fazer perguntas que eram uma porrada na cara.

— Foi embora? — terminei para ele. — Não, ela não levou nada.

Nem nós.

Nem eu.

Não estava com vontade de falar da minha mãe, mas estava feliz por ele ter perguntado, feliz por ele ter se lembrado do balanço. Ele era um bom ouvinte; precisava admitir. Ficamos sentados sem nada além das estrelas entre nós por um tempo, o que não foi problema para mim. Eu só queria ficar sentada ao lado de Kael, saber que ele estava lá. Naquele momento, foi suficiente.

Mas a paz não durou.

— Ah, cara, você acabou com o jogo!

— Não, ei, Austin... cuidado...!

— Cara! Você é maluco. Estou falando sério, que porra é essa!

Era só o barulho de um videogame bobo, mas Kael ficou em estado de alerta. Foi difícil não reparar como ele vivia atento aos arredores. Eu não conseguia imaginar como isso devia ser difícil, nunca conseguir relaxar. Devia ser exaustivo. Ele se virou para dizer alguma coisa, mas foi interrompido por gritos vindos de dentro de casa.

— Você pegou ele, cara. Matou com um tiro!

— Puta que pariu! Está morto como uma porta, cara!

Balancei a cabeça. Kael contraiu o maxilar.

Pelo menos nós concordávamos sobre alguma coisa.

41

— Estou agindo de um jeito esquisito, não estou? — perguntou Kael, mexendo nos dedos.

Como eu devia responder àquilo?

— Você acha que está agindo de um jeito esquisito? — A melhor forma de fugir de uma pergunta era repeti-la . Aprendi com meu pai.

Ele soltou o ar.

— Acho que sim? — Ele abriu um sorriso. Adorava a forma como todo o seu rosto mudava quando ele sorria.

Não consegui segurar uma risada.

— Bom, não diria esquisito. Mas em um minuto você me ignora, e no...

— Ignoro? — perguntou ele, sobressaltado.

— É. Você meio que me deixou de lado — expliquei.

Ele pareceu genuinamente surpreso. Quase magoado.

— Eu não estava deixando você de lado. — Ele hesitou. — É meio difícil me ajustar a estar de volta aqui. Tem poucos dias, mas tudo está tão... diferente. É difícil explicar. Não me lembro de me sentir tão estranho na última vez que voltei.

— Eu nem consigo imaginar. — E não conseguia mesmo.

— São as pequenas coisas. Como as cafeteiras com cápsulas, ou poder tomar banho todos os dias e lavar as roupas em uma máquina de verdade com cápsulas de sabão.

— Bom, estou supondo que não haja cápsulas de sabão no exército — comentei. Meu pai sempre odiou sabão assim, então mesmo quando voltou e

podia usar, ele se recusava. Ele gostava de sabão em pó antiquado, e isso me irritava.

— Às vezes. As esposas enviavam para os maridos e a gente aproveitava.

Fiquei pensando se alguém mandava alguma coisa para ele, mas não perguntei. Além do mais, seria minha vez de rir, mas não fiz isso.

Se eu quisesse me conectar com esse cara, descobrir quem ele realmente era, talvez devesse dar o primeiro passo. Parar de sair pela tangente. Construir uma ponte. Encontrar terreno comum, essas coisas.

— Sabe — comecei —, meu pai sempre voltava agindo como se tivesse voltado pra casa depois de uma temporada no programa *Survivor*. Era uma piada na nossa casa. Não que fosse algo engraçado. — Eu era tão ruim nisso. Estava pensando demais em todas as palavras que saíam da minha boca.

— Tudo bem. — Ele sorriu, achando graça da minha falação. Ele se virou para me olhar de frente. — De verdade, Karina. Está tudo bem. Você é ótima.

Continuei falando, mais relaxada. Calma.

— Ele tinha vontade das coisas mais esquisitas e comia no Taco Bell por uma semana inteira depois de voltar.

Kael assentiu lentamente e sugou os lábios.

— Quantas vezes ele foi?

— Quatro.

— Uau. — Kael assobiou. — E eu estou aqui reclamando de duas. — Ele deu uma risada fraca.

— Mas é muita coisa. E você tem a minha idade. Eu estou aqui reclamando de nada.

— Você já pensou em se alistar?

Balancei a cabeça rapidamente.

— No exército? Não. De jeito nenhum. Austin e eu sempre dissemos que não faríamos isso.

Nós parecíamos aqueles gêmeos sinistros sobre os quais se lê em livros bobos, que ficam fazendo promessas estranhas um para o outro. Um vive na sombra e o outro tem que viver o legado do outro. Não queria pensar em que papel eu executava naquela saga.

— Por que não? Não é sua praia? — Kael quis saber.

— Não sei.

Cuidado, Karina, avisei a mim mesma. Eu não queria ofendê-lo, mas minha boca era famosa por cuspir palavras sem a aprovação do meu cérebro.

— Um belo dia, nós chegamos a um acordo sobre isso. E só. Nem me lembro o que gerou a conversa, mas meu pai estava no meio da terceira missão e... — Consegui visualizar a fumaça se espalhando pelos corredores. Senti o cheiro de fogo antes de ver. — E minha mãe fez... bom, vamos só dizer que ela fez uma bagunça na sala. Tipo uma fogueira de bagunça.

Kael me olhou intrigado.

— Ela disse que foi uma pistola de cola quente, tipo de artesanato, sabe? Mas foi um cigarro. Ela dormiu no sofá com um cigarro aceso na mão e mal tinha acordado quando desci a escada correndo e encontrei a sala cheia de fumaça. Foi uma loucura — contei.

Algumas pessoas saíram de casa. Algumas entraram. Tráfego de festa. Parei de falar. O último cara a sair estava usando uma camiseta branca com uma mancha vermelha no peito. Impedi que minha imaginação transformasse uma mancha de molho de pizza em qualquer outra coisa. Kael ficou olhando para mim o tempo todo. Era intenso o jeito como ele me olhava. Meu estômago ardeu, e acabei tendo que interromper o contato visual. O cara da mancha de pizza desceu a escada e entrou no carro. Eu o reconheci da cozinha. Era um dos amigos quietos de Austin. Os caras quietos sempre iam embora primeiro.

— E depois? — encorajou-me Kael.

— Ela estava se encaminhando pra sair da casa, seguindo pra porta, como se estivesse saindo pra comprar leite ou suco de laranja. Não gritou por nós. Não nos procurou. Não fez... nada.

Kael limpou a garganta. Avaliei sua expressão para ter certeza de que ele não estava incomodado com os detalhes.

— Então... sabe aquelas perguntas que fazem sobre o que você salvaria se sua casa estivesse pegando fogo?

— Não.

— Acho que é uma coisa do Facebook. Perguntam que bens você salvaria se sua casa estivesse pegando fogo, e sua resposta revela sua personalidade.

Se você diz que salvaria seu álbum de casamento, isso diz uma certa coisa sobre você. Mas se sua escolha é salvar sua coleção de vinis, isso quer dizer outra coisa.

Kael ergueu as sobrancelhas, como se nunca tivesse ouvido nada tão absurdo.

— Né? — Continuei a história. — É uma loucura tão grande, mas a fumaça estava aumentando, e quando subi a escada pra buscar o Austin, eu me lembro de ter pensado *aquele teste é a coisa mais ridícula do mundo. Quem pensaria em bens numa hora dessas...* Mas eu só estava pensando no teste idiota, então, o que isso diz sobre mim?

— Acho que diz que sua mente estava tentando impedir que você entrasse em pânico. Acho que diz que você tem bons instintos.

Deixei a informação ser absorvida antes de continuar.

— Corri até o quarto do Austin e o sacudi pra acordá-lo. Descemos a escada correndo juntos, ele na frente, apertando meu pulso com muita força, e quando chegamos lá fora, no gramado, nossa mãe estava parada, observando a fumaça. Ela não tinha tentado botar fogo na casa nem nada. Só nem chegou a perceber o que estava acontecendo.

— Karina...

— Foi como em um daqueles filmes antigos, sabe, quando a maluca acende o fogo e fica hipnotizada, como se entrasse em um transe... — Ri um pouco, sem querer parecer estranha. — Desculpa, todas as minhas histórias são exageradas.

— Karina... — Deus, eu amava a forma como ele dizia meu nome.

— Ah... — Eu ia dizer *sem problemas*. Era o que eu sempre dizia quando contava essa história. Não que contasse com frequência. Mas a questão era que eu estava sentada no escuro com Kael ao meu lado, me estimulando, ouvindo, sem julgar... Bom, eu sabia que tinha tido problemas. Tinha tido muitos problemas. Eu podia ter morrido. Austin podia ter morrido. Tinha sido um problema. Mas problemas costumavam ser minha realidade.

— Você é uma boa contadora de histórias.

Era uma coisa gentil de se dizer, ao contrário de *sua mãe parece uma maluca*. Eu era uma boa contadora de histórias. Gostei daquilo, e da segurança com que ele fez o comentário.

— É, não sei nem sobre o que eu estava falando... — Eu fazia muito aquilo, contava longas histórias com vários desvios e outras mini-histórias no meio.

— Sobre você não querer entrar pro exército — lembrou Kael.

— Ah, é. — Eu me recompus. — Basicamente, meu pai ficava longe muito tempo e voltava pra casa e ainda tinha que treinar muito. Ele sempre estava longe e sempre vivia muito infeliz. Minha mãe também. O estilo de vida praticamente a destruiu, sabe?

Ele assentiu.

— Então, meu irmão e eu prometemos depois do incêndio que não viveríamos nossa vida toda daquele jeito.

— Faz sentido. — Kael olhou para o jardim e depois para mim. — Quer ouvir o meu lado?

Fiz que não, provocando. Ele sorriu.

— Eu entendo, de verdade. Mas, pra mim, um garoto negro de Riverdale, entrar no exército mudou a trajetória da minha vida. Foi algo que mudou minha família inteira. O pai do meu bisavô foi escravo, e aqui estou eu, entende? O único emprego que tive foi ensacando compras no Kroger, e agora dirijo um carro decente, posso ajudar minha mãe... — Ele parou abruptamente.

— Não pare — pedi.

Ganhei um largo sorriso.

— E coisas desse tipo. É difícil, eu sei. Difícil pra caralho às vezes, mas era o único jeito de conseguir pagar uma faculdade. De conseguir me manter sem ter estudado.

Fiquei parada, pensando. Ele tinha argumentos válidos, era meio loucura como sua experiência no exército era tão oposta à minha.

— Entendo.

— Tudo tem dois lados, sabe?

Assenti, sussurrando:

— Sei. Dois lados pelo menos. Sua mãe tem orgulho de você agora?

— Ah, claro. Ela conta pra todo mundo na igreja e pra quem quiser ouvir que o filho dela é soldado. Na minha cidade, é uma coisa e tanto. — Naquele instante, ele ficou tímido. Foi adorável.

— Você é uma celebridade local — provoqueei, me encostando ao seu ombro.

— É. — Ele sorriu. — Mas não como Austin — brincou quando meu irmão gritou de novo.

— Argh, a gente devia entrar. Tenho que lembrar a ele que a polícia pode aparecer a qualquer momento, e, até onde eu saiba, ninguém lá dentro é maior de idade além de Mendoza. — Tirei o celular do bolso e olhei a hora. Eram quase onze e meia. — Só daqui a meia hora — aponteí, de provocação.

43

A festa tinha sossegado. A mesa de centro estava cheia de garrafas de cerveja e copos de plástico; o controle do videogame estava na frente da televisão. Corpos inertes cobriam o sofá, e algumas pessoas se acomodaram no chão. Eram mais homens (e a maioria do exército, concluí), menos a garota que antes estava se pegando com Austin. Ela estava sentada sozinha no chão, se movendo de leve com a música, os ombros dançando. Basicamente, estava fazendo o que se faz quando se está sozinho numa festa e quer dizer *está tudo bem, eu estou bem, tudo tranquilo*.

— Quer outra bebida? — perguntei a Kael.

Ele levantou a cerveja e balançou a garrafa vazia.

— Quero, por favor.

Saímos da sala, passando com cuidado por cima de corpos de calça jeans. A cozinha estava vazia. As tentativas infelizes de Estelle do que ela chamava de decoração de interior francesa (um pano de prato que dizia *CAFÉ*; um galo de cerâmica; uma plaquinha brega de metal que dizia *Boulangerie*, que Elodie diz que Estelle pronuncia errado) estavam visíveis no meio das garrafas vazias e das caixas de pizza. Ainda assim, ver Kael ali, naquele ambiente de tantas coisas familiares, senti-lo ao meu lado irradiando aquele maldito calor... A cozinha pareceu muito pequena. E ele parecia grande, maior que tudo, e quase dei uma cotovelada no seu tórax ao me deslocar no ambiente. Ele chegou um pouco mais para longe, para mais perto da geladeira. Claro que eu precisava pegar gelo no congelador.

— Desculpa — disse ele, quase tropeçando nos meus pés para sair da frente.

— *Tuzubem*. — Minhas palavras se embaralharam.

Ele me deixava tão... *nervosa*. Talvez essa não fosse a palavra certa. Eu não estava tensa nem em pânico, os sentimentos que costumam acompanhar o nervosismo. Ele me fazia sentir como se tudo estivesse bem mais perto da superfície, exposto e mais vivo. Quando eu estava perto dele, meu cérebro processava tudo tão rápido, mas tudo parecia tão imóvel, tão calmo nos instantes em que ele se abria comigo... Eu me sentia inteligente e ágil e estável e equilibrada, tudo ao mesmo tempo.

Meu coração disparou quando olhei para ele e notei que ele também me olhava, os dedos longos brincando com o cordão no pescoço. Talvez fosse o efeito da vodca, mas quando enchi o copo, senti os olhos de Kael em mim, como se ele estivesse me observando da cabeça aos pés. Ele não estava me avaliando daquele jeito baixo nível de alguns caras. Não foi assim.

Quando Kael me olhava, era como se ele visse *a verdadeira Karina*: quem eu era, não aquilo que estava tentando ser. Ele sustentou meu olhar por um momento e depois baixou os olhos. Meu peito tremeu. Que borboletas que nada, eram passarinhos batendo asas. Pássaros pretos e brilhosos batendo as asas e fazendo meu coração levantar voo. Respirei fundo para me acalmar. Senti seu olhar novamente e tentei ignorar o frio no estômago. Coloquei a garrafa de volta na bancada e misturei suco de maçã. Alguém tinha acabado com o de cranberry.

— Como vai ficar o gosto disso? — Ele estava parado atrás de mim. Se tinha se movido ou não, eu não sabia dizer. Vi sua sombra na pia de metal e torci como louca para ele não conseguir ouvir os batimentos disparados no meu peito.

Eu me virei para olhar para ele. Ele estava muito perto.

— Ou vai ficar ótimo ou não vai. — Dei de ombros.

Ele deu meio passo para trás. Meu corpo não se acalmou.

— E você está disposta a correr esse risco? — Ele sorriu por trás da cerveja. Eu queria dizer que ele não precisava esconder o sorriso. Que eu gostava quando ele era engraçado, quando pegava no meu pé. Mas precisaria de mais alguns *shots* para o meu sangue chegar a esse nível.

— Pois é. Acho que estou. — Coloquei o nariz no copo e cheirei. Não estava tão ruim. Tomei um gole. Não estava horrível. Será que eu devia botar no micro-ondas para fingir que era cidra?

— Bom?

— Bom. — Levantei o copo entre nós. — Quer experimentar?

— Não, obrigado. — Ele balançou a cabeça. Ergueu a cerveja.

— Você sempre toma cerveja?

— Sim, quase sempre. Mas fazia um tempo que eu não tomava — explicou, sorrindo, mas tentando não sorrir. — Porque eu estava longe, estava lá — esclareceu.

— Ahhh, porque você estava longe. — Levei um segundo para entender apesar da forma como ele disse a palavra “longe”. — Certo. Sim. Longe. Lá. — Eu era uma idiota, repetindo tudo que ele dizia. — É, se ajustar deve ter sido estranho.

Cada vez que ele me lembrava que sua vida era tão drasticamente diferente da minha, eu ficava abalada. Reparei nos olhos vidrados de novo... nos lindos olhos castanhos. Talvez ele estivesse tão tonto quanto eu. Inclinei-me na direção de Kael para perguntar se ele estava bêbado, para perguntar se estava bem. Foi quando Austin entrou com Mendoza logo atrás. Era assim que se matava o momento.

— Ei, pessoal! Está muito quieto aqui — disse ele, batendo palmas como se quisesse espantar um animal pequeno.

Kael e eu nos afastamos um do outro, como que por instinto.

— Amigão. — Eles fizeram um *high five*. — Já está indo? — Mendoza assentiu. — Que bom que você veio. Sei que é difícil sair.

— É. — Mendoza se virou para Austin e depois para Kael. Senti que tinha uma coisa importante acontecendo na minha frente, mas não consegui decifrar o quê.

— Da próxima vez, traga a Glória — disse Austin, esticando a mão para a garrafa de tequila. — Mais uma antes de você ir?

Mendoza olhou para o grande relógio branco preso no pulso e balançou a cabeça.

— Não mesmo, cara. Tenho que ir pra casa. Os bebês ficam com fome e Glória está cansada. O garoto a acorda a noite toda.

— Eu não estava falando de você. — Austin tocou na chave do carro de Mendoza no cinto. — Mas... e pra mim?

Mendoza serviu uma boa dose de tequila no copo de Austin. Não era

responsabilidade minha me preocupar com meu irmão. Essa festa era dele, e eu não seria a mãe da casa. Não hoje.

— Foi um prazer conhecer você — eu disse para Mendoza quando ele disse tchau para mim.

— Cuida do meu garoto — ele sussurrou para mim. Em seguida, abraçou Kael e saiu pela porta, me deixando curiosa para saber o que ele quis dizer.

— Como eu adoro aquele cara. Ele é um sujeito da melhor categoria.

Austin estava alegre demais, até para ele. Isso me deixou meio nervosa. Não que eu estivesse preocupada de ele se meter em confusão. Na verdade, não. Só era difícil vê-lo oscilando parado daquele jeito.

— Minha irmã! Minha gêmea linda. — Austin passou o braço em volta de mim. Os movimentos foram fluidos, e as bochechas brancas estavam vermelhas. Ele estava caindo de bêbado.

— Ela não é linda? — ele perguntou a Kael. Fiquei paralisada. Eu odiava quando Austin falava da minha aparência.

Kael fez que *sim*, claramente incomodado.

— Você cresceu mesmo. Comprou sua casa e tudo. — Ele me apertou. — E agora, você tem um emprego firme e as porras todas. Paga contas...

— E as porras todas? — concluí para ele.

— *Essatamente*.

Alguma coisa no alto do seu nariz chamou minha atenção. Eu me aproximei.

— Você quebrou mesmo o nariz? — perguntei, levando a mão ao seu rosto. Ele se afastou, rindo.

— Não quebrou, só, hmmm... só se deslocou um pouco. — Ele se virou para Kael com um sorriso bobo na cara. — Tome cuidado com ela, mano. Não vou ser o cara que fica ameaçando os homens por causa da irmã nem nada do tipo. Nada do tipo. Só estou dizendo que minha irmã, bom... ela surta com você e, cara... — Ele usou os dedos para fazer o movimento de uma faca na garganta

Kael baixou os olhos, sem dar indicação nenhuma do que pensava que tinha acabado de ouvir.

— Estou brincando. Ela é uma fofa. — Ele me abraçou de novo. — Uma fofa mesmo, uma irmã fofa. Não é?

Ah, ele estava completamente bêbado.

A cozinha estava voltando a ficar movimentada, com pessoas indo pegar mais bebida, como se tivesse chegado a hora da mudança de plantão. Só quando Kael me olhou foi que me senti uma criança. Eu devia parecer tão imatura, lutando com meu irmão que estava tão bêbado. E as porras todas.

— Maravilha. Obrigada pelas informações. — E me soltei dos seus braços. — Sua nova amiguinha está te esperando. Ela parecia solitária. — Indiquei a sala com um movimento de cabeça.

— Ah, é? Ela é bonita, não é? Está estudando pra ser enfermeira — contou, com orgulho.

Kael fez uma expressão de impressionado, mas eu não estava tão bêbada quanto Austin e percebi que ele estava fazendo aquilo só para agradar meu irmão. Ele escondeu a boca atrás da garrafa escura de cerveja.

— Você quer dizer que a garotinha vai querer ser enfermeira quando ficar adulta? Depois de sair do ensino médio e partir pra esse mundão? — perguntei.

Eu era assim com Austin, vivia de zoação com as coisas. Era parte da nossa dinâmica de gêmeos. Nós não tínhamos aquela coisa mítica de conseguir ler a mente ou sentir a dor do outro. Nada estranho assim. Era verdade que eu o entendia em um nível que não alcançava com mais ninguém. E sentia uma proximidade com ele que não conseguia explicar; muitos irmãos sentem isso, principalmente quando enfrentaram o divórcio dos pais e toda a sujeira que acompanha isso. Mas não tinha nada a ver com sermos gêmeos.

Então, no fim das contas, meu comentário não tinha nada a ver com a garota. Era como a gente se comportava. Como o comentário que ele fez para Kael. O comentário que jurei remoer depois, quando estivesse sozinha.

— Ela tem dezenove anos, tá? E estuda em uma *escola de enfermagem* de verdade. — Austin levou o copo de plástico à boca e virou as últimas gotas da mistura que tinha bebido a noite toda.

— Tenho certeza que sim. — Revirei os olhos para Austin. — E a próxima

Barbie vai ser...

Demorei um momento para registrar que todo mundo estava olhando para alguma coisa atrás de mim. A polícia, eu pensei por uma fração de segundo. Droga. Estamos ferrados. Eu me virei para olhar para os policiais, para dar algum tipo de desculpa ou tentar fazer algum tipo de negociação. Só que, quando me virei, vi que não era a polícia. Era a garota de blusa de babados, e tinha ouvido todas as minhas palavras.

Droga. *Eu que estava ferrada.*

A garota ficou de cara no chão. Eu fiquei de cara no chão. Ficamos paradas em silêncio. Tínhamos sido pegas. Dois cervos na luz dos faróis.

Eu tinha acabado de insultá-la, insinuei que não só ela estava no ensino médio, mas que amanhã à noite meu irmão estaria pegando outra pessoa. E isso não só fez com que meu irmão parecesse um babaca, mas também foi uma baita grosseria com ela.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Desculpa... me desculpa... não era nada contra você... eu só queria dizer... — Ela parecia tão nova fazendo beicinho daquele jeito, o lábio inferior tremendo. Droga. Eu não queria improvisar um pedido de desculpas nem inventar alguma coisa só para ela se sentir melhor. Mas não podia dizer que ela realmente parecia estar no ensino médio, e também não podia dizer que era bem provável que meu irmão estivesse pegando alguém diferente, se não amanhã, então depois de amanhã.

Fiquei parada na porta por um segundo, sem olhar para o grupo, na dúvida se pedia desculpas de novo... e como. Eu estava pensando em como ajeitar as coisas com Austin também, apesar de não haver muita chance de ele estar tão irritado comigo. Ele conhece meu senso de humor melhor do que qualquer pessoa. E retribui à altura.

Austin falou primeiro.

— Legal, Kare. Muito legal. — Ele foi na direção da garota e passou um braço reconfortante em volta dela. — Essa é minha irmã, Karina — disse ele, apertando o ombro dela. — Karina, essa é...

Ela o interrompeu.

— Pode me chamar de Barbie. — Sua voz falhou.

A cozinha explodiu em riso. Gargalhadas grandes, ousadas, estrondosas. Ponto para a Barbie. E quem poderia culpá-la? Não eu. Eu me permiti soltar o ar com força.

Tudo teria ficado bem se tivéssemos parado ali. Um momento constrangedor confrontado e resolvido. Sigam a vida, pessoal, não tem nada para ver aqui. Só que Austin tinha que abrir aquela sua bocona.

— Não se preocupe com ela. — Ele apontou com o queixo para mim. — Ela está irritada. Está sempre irritada — corrigiu ele. A palavra pareceu escorregadia. Cruel. Abri a boca para dizer alguma coisa, mas ele ainda não tinha terminado. — Ela gosta de bancar a irmã mais velha. A única adulta presente. É só ignorar.

Senti como se tivesse levado um tapa na cara. Com força. Eu sabia que tinha magoado os sentimentos da garota e me sentia péssima por isso, mas não foi de propósito.

Foi uma piada ruim entre irmão e irmã, e foi um azar danado que fez tudo dar errado. Mas o que Austin disse sobre mim me magoou, de verdade.

Eu queria dizer alguma coisa em minha defesa, qualquer coisa, mas não queria fazer uma cena. Se eu me chateasse na frente de todo mundo, estaria mostrando que Austin tinha razão e faria todo mundo pensar que eu era maluca ou que estava *sempre irritada*. Saí da cozinha com uma dor crescente no peito. Era a minha vez de chorar.

Porra, Austin. Desde quando você pensava em mim como alguém que está sempre irritada? Ficar preocupada com você não é estar irritada. Alguém tinha que fazer isso, e obviamente você não estava preocupado com seu futuro, porque tinha acabado de sair da cadeia e a primeira coisa que fez foi dar uma festa cheia de bebida alcoólica e menores. Na base militar. Na casa do nosso pai.

Esses eram os pensamentos girando na minha cabeça quando subi a escada para o meu antigo quarto. O ar dentro da casa estava denso e ficando mais denso ainda. Eu tinha que ir para longe. Precisava me distanciar de Austin. Da vodca. Da festa. Não tinha certeza se precisava me distanciar de Kael, e por um momento quase esqueci que ele estava lá.

Por um momento.

Quase.

Não tinha como ele não ter ouvido a conversa. Devia pensar que eu estava sendo maldosa, que eu era uma vaca. Não era verdade. Não era mesmo. Eu tentava não ser dura com outras garotas. Já tínhamos dificuldades suficientes: os hormônios, a menstruação, o sutiã com aro. Dois pesos e duas medidas. Caras babacas. Nós tínhamos que nos unir, não ficar umas contra as outras. Eu realmente acreditava nisso. Mas... sempre tinha um *mas*, né? Eu não conseguia evitar essa avaliação imediata que fazia de outras mulheres. Dar uma olhada geral, tentar determinar quem elas eram, onde se encaixavam na nossa hierarquia invisível. Parecia cruel falando assim, mas não era que eu as comparasse a mim, *eu* é que me comparava a elas.

A garota da blusa de babados era mais bonita do que eu. Tinha uma pele clara linda, quadris estreitos e pernas compridas. O cabelo era maravilhoso. Ela se vestia de forma a se valorizar, destacando suas melhores

características. Eu me vestia com o que estava (meio) limpo ou em liquidação. Eu não estava competindo com Katie, Barbie ou qualquer que fosse seu nome — tudo bem, isso foi cretinice. Não estava mesmo. Primeiro de tudo, ela estava num nível diferente do meu e, segundo, o alvo dela era meu irmão. Isso ficou claro desde o começo. Então, essa coisa de comparação, essa competição... não era por causa de homens.

Se fosse, por que eu me compararia às garotas no Instagram ou na televisão, como fazia quando Madelaine Petsch me olhava da tela? Ela era perfeita. Mesmo na minha TV de alta definição, sua pele era lisa como a de uma boneca de porcelana. Nenhuma mancha, nenhuma espinha, nenhum caroço. Quase me dava vontade de ser vegana, se o efeito era esse.

Eu pensava muito nesse tipo de coisa. Tentava entender de onde vinha. De onde vinham todas as minhas inseguranças. Eu não ligava de os garotos olharem para as outras garotas mais do que olhavam para mim. Só que algumas garotas faziam com que eu me sentisse *inferior*. Eu não sabia explicar direito, mas era difícil tirar aquilo da cabeça. E a questão era que eu sabia que não era só comigo. Pensei em Elodie, a adorável parisiense loura com as bochechas lindas e os olhos grandes. Ela se sentava com um espelho no colo e ficava cutucando o rosto, dizendo que a pele estava horrível, que os olhos eram tortos e que o nariz não ficava no meio da cara. Todas as mulheres faziam isso?

Era nessas horas que eu mais sentia falta da minha mãe. Seria legal poder conversar com ela sobre esse tipo de coisa, ter alguém para quem contar, que ouvisse sem me julgar. *Sempre foi assim?*, eu perguntaria a ela. E ela me diria: *Não, nunca foi ruim assim, as redes sociais e as selfies e as Kardashians tornaram tudo muito pior*. Ou diria: *Sim, sempre foi assim. Eu me comparava com as Panteras antigamente*. Depois pegaria um antigo álbum de fotos e nós riríamos dos cabelos dos anos 1980.

A quem eu queria enganar?

Aquilo nunca aconteceria.

A porta do meu quarto estava fechada. Tinha alguém dentro? Não seria inédito encontrar um soldado desmaiado na minha cama ou um casal se pegando. Mas não Austin e Katie. Eles ainda estavam na cozinha, provavelmente falando sobre mim. Katie já teria superado a mágoa, e, sendo a garota inteligente que era, teria virado a situação a seu favor, para se aproximar mais do meu irmão. Unidos contra um inimigo comum, essas coisas. E Austin saberia que esse era um caminho certo, e provavelmente ficaria falando sobre como eu era chata, como sempre fui travada. Ele tinha dois lados, um que me defendia ferozmente, a qualquer custo. E outro que me usava como adereço, um pedestal que o elevava ao status de cara legal. Eu não precisava de três palpites para adivinhar qual deles estava na cozinha.

Por mais que tentasse, eu não conseguia me livrar do hábito de imaginar o que as outras pessoas estavam pensando ou dizendo sobre mim. Eu fazia isso o tempo todo, apesar de saber que nenhum bem poderia resultar disso. Era como puxar a cutícula, morder a unha até começar a sangrar. Eu estava fazendo isso naquele momento, imaginando todo mundo na cozinha, o que estavam dizendo ou pensando. Até os que não sabiam meu nome ficariam pensando em mim como aquela garota metida que falou mal da doce Katie. Alguém perguntaria quem eu era e outra pessoa diria: *“Ah, é a irmã de Austin”*, e todos se lembrariam de mim como a garota que ficou recolhendo garrafas vazias e caixas de pizza como se estivesse trabalhando no turno da noite no Friday’s.

Argh.

Odiava a forma como meu cérebro trabalhava. Tentei dizer a mim mesma que não tinha feito nada de horrível, que as pessoas entenderiam que eu estava brincando. Eu nunca teria falado daquele jeito se soubesse que ela estava lá, mesmo se o que eu disse fosse verdade.

Eu estava começando a entender.

Não era engraçado como as pessoas sempre exigiam a verdade, mas não eram capazes de enfrentá-la? Para ser justa, eu também era assim. Exigia a verdade, mas me agarrava às mentiras. Elas eram úteis quando você queria se proteger das verdades.

Parei na frente do meu quarto. Eu não achava que houvesse alguém dentro; aquela festinha estava mais calma do que a maioria das festas que Austin dava antes de ir morar com nosso tio. E eu tinha que admitir que meu irmão parecia diferente, mais estável. Ou talvez eu só quisesse que ele estivesse mais calmo e estivesse pensando assim para me proteger de ver a verdade.

Bati e esperei um momento para abrir a porta de um quarto que estava mesmo vazio.

Fiquei parada um segundo antes de entrar, só observando tudo. Até o cheiro. Deus, o ar era pura nostalgia, o aroma da minha vida antiga. Eu estava me esforçando tanto para começar um novo capítulo, virar uma nova página... ou qualquer coisa que as pessoas faziam quando tentavam seguir em frente e caminhar sozinhas. Fiquei olhando para o meu antigo quarto enquanto pensava no meu quarto novo. Uma diferença tão grande.

Estava intacto. A mesma colcha roxa com florezinhas brancas. A mesma cortina combinando, e a marca de queimadura no canto, da minha época de fumante. Fiquei de castigo por causa daquilo. Meus pais não repararam na cortina queimada, sorte minha, mas sentiram a fumaça do cigarro que se espalhou pelo corredor. Depois disso, fui proibida de andar com Neena Hobbs, a única garota da minha série que tinha permissão de raspar as pernas... e que me fez querer fumar que nem ela.

Minha cômoda estava cheia de coisas de adolescente. Tubos antigos de *gloss* labial com purpurina que tinha passado da validade anos antes. Montes de faixas de cabelo e de elásticos. Bilhetes da minha melhor amiga, Sammy. Canetas gel de todas as cores imagináveis. Tudo com lembranças associadas. Algumas com mais de uma.

Eu não conseguia jogar nada fora. Não as faixas de cabelo que usei durante anos, com múltiplas cores e cortes ruins. Nem os *glosses* labiais grudentos que minha mãe me deu escondido quando meu pai disse que eu só podia usar maquiagem no ensino médio. Peguei todos de uma vez. Tinham nomes como BELEZA SILVESTRE, ROSA CARNUDO e MAIS DOCE QUE DOCE. Engraçado era que quando estavam nos lábios, todos tinham mais ou menos o mesmo tom

rosado, o mesmo brilho açucarado no qual meu cabelo sempre grudava.

Não fazia tanto tempo que eu tinha me mudado para a minha casa, mas aquele quarto já parecia uma máquina do tempo. Eu não dormia nele desde o dia em que me mudei. Pensando bem, nem tinha entrado nele. Às vezes, parecia que eu tinha me mudado anos antes; em outras, pareciam dias. Passei o dedo na poeira sobre a cômoda. Estelle deixava todos os cômodos da casa limpos, menos aquele. *E o quarto de Austin?*, eu me perguntei. Ela bancava a Martha Stewart lá? Provavelmente. Ela tinha regras diferentes para homens e mulheres.

Eu não tinha percebido que aqueles eram os mesmos móveis desde o sétimo ano, mais ou menos. Lembrava-me de me sentar naquele pufe roxo quando Josh, o cara que achou que era uma boa ideia me dar uma broa de milho de presente de aniversário, terminou comigo. Sua mãe tinha dito que ele precisava melhorar as notas, e se ele queria seguir uma suposta carreira no futebol americano, teria que ficar de cabeça limpa e longe das garotas. Fui boba o suficiente para acreditar. Mas ele começou a sair com uma das garotas populares no dia seguinte. O boato da escola foi que ele me largou para ficar com ela. O sétimo ano foi fundamental para aumentar minhas inseguranças.

Aquele pufe era como o balanço da varanda, cheio de drama e de lembranças sonhadoras. Aposto que havia muitas lágrimas adolescentes naquele tecido roxo.

Minha mesinha de cabeceira estava com uma pilha alta de livros. Meu livro de economia do terceiro ano do ensino médio e a versão em capa dura de *Você*, de Caroline Kepnes, estavam pegando poeira. Comprei outro exemplar do livro quando me dei conta de que tinha deixado o livro na casa do meu pai e não queria voltar lá tão cedo. Meu pai e Estelle estavam casados havia pouco tempo, e eu odiava ficar perto dos recém-casados, então ficava longe sempre que podia. Com aquele, eram dois exemplares, três se eu contasse a versão em audiolivro. Comprei para ouvir os personagens ganharem vida em uma voz diferente da minha.

Era um dos meus livros favoritos, e eu sempre queria ter um exemplar em cada casa. Era uma das poucas histórias que meu pai e eu amávamos. Peguei o livro e abri as páginas. Uma distração cairia bem.

“Você entra na livraria e deixa a mão na porta para que não bata. Sorri, constrangida por ser uma garota legal, e suas unhas estão sem esmalte e seu

suéter de gola v é bege e é impossível saber se você está de sutiã, mas acho que não...”

Quando ouvi uma batida na porta, quase tive um troço.

— Merda!

— Karina?

— O QUÊ?! — Minha voz saiu zangada, como acontece quando levamos um susto.

— Karina, você está bem? — Era Kael. — Posso entrar?

— Pode. — E assenti junto, apesar de ele provavelmente não conseguir me ver pela fresta da porta. Ele entrou lentamente e fechou a porta com delicadeza. O pequeno estalo foi tão alto. Tão definitivo.

— Você está bem? — perguntou enquanto se aproximava de mim, parando perto da cama.

Suspirei.

— Estou. — Dei de ombros e fechei o livro.

— Você sempre lê em festas?

Quando ele disse aquilo, me lembrei de um livro que tinha lido no ano anterior. Eu tinha uma relação de amor e ódio com aqueles livros, mas estava esperando o próximo da série. Então, estava apaixonada no momento.

— É que... não sei. Fiquei sufocada? Aquela garota... — Levantei a mão no ar, segurando o livro. — Ela me ouviu dizer aquelas coisas, e agora Austin está sendo babaca, e ela provavelmente está se sentindo mal com o que eu disse.

Kael assentiu de leve.

— Você não sabia que ela ia chegar.

— Mesmo assim.

— Tente não se preocupar. Sei que você vai ser cruel com você mesma, você é assim...

— *Como é que é?*

Ele se surpreendeu. Estava claro que não pretendia dizer o que disse. Ou

talvez tivesse tido a intenção de falar de outra maneira. Ele ficou com a boca meio aberta.

— O que você quer dizer com *eu sou assim*? — Meu tom era acusatório. Era melhor que ele não tivesse querido dizer o que eu achava que queria ter dito.

Ele respirou fundo.

— Eu só quis dizer que você se preocupa muito e bota muita pressão em si mesma. Muita culpa.

Queria me levantar, dizer para ele sair do meu quarto, mas fiquei sentada segurando meu livro, com as pernas cruzadas.

— E como você sabe disso? — perguntei, sem querer saber de verdade o que ele ia dizer. Eu já tinha me tornado essa garota para ele, a que ele precisava observar, talvez cuidar. E desprezava a ideia.

Eu não seria daquele jeito.

Eu não podia ser daquele jeito.

— Ah, você sabe. — Ele não parecia mais seguro sobre o que tinha dito ou diria; parecia irritado.

— Você está agindo como se me conhecesse. Mas nos conhecemos há quanto tempo, menos de uma semana? E em metade desse tempo você sumiu.

— Então você ficou incomodada quando eu não voltei?

Por que ele estava falando tanto de repente? E como eu podia fazer com que parasse?

— Bom, isso não importa. O que quero dizer é que você não me conhece, então não vem dizer que estou fazendo uma coisa ou bancando a vítima ou sei lá o que você está pensando. — Minha voz soou aguda e dramática.

— Não é isso que estou fazendo — ele suspirou e passou as palmas das duas mãos nas bochechas. — E com certeza eu não disse nada sobre você ser a vítima.

— Você disse: “Você bota muita pressão em si mesma”.

— Deixa pra lá. — Ele parecia derrotado. — Esquece o que eu falei.

Eu estava com muita raiva, constrangida e chateada. Não tinha entendido ainda que estava direcionando meus sentimentos para Kael. Ele tinha ido até o

meu quarto para saber como eu estava — pelo menos era aquilo que eu achava. Teria sido uma coisa legal.

— Desculpa. Eu só estou frustrada e estou descontando em você. Acho que faz sentindo, considerando que eu — fiz aspas com os dedos no ar — “estou sempre irritada”.

— Acho que você não devia ser tão dura com você mesma. As pessoas fazem merdas; fomos feitos pra isso.

Ele estava tentando mudar de assunto, e fiquei agradecida, porque eu estava me sentindo um lixo. Qualquer efeito que a bebida estava tendo sobre mim antes já tinha passado, mas Kael ainda parecia diferente, mesmo sem meus copos de vodka.

— Os humanos foram feitos pra fazer merda? Que deprimente! — comentei. Mas até que gostei da ideia, por mais cínica que parecesse.

Ele se sentou ao meu lado na cama, e a estrutura de metal gemeu. Ele era grande demais para a minha cama. Parecia um homem adulto em uma casa de bonecas. Eu tinha a sensação de que ele ia começar a fazer um sermão, talvez perguntar se eu tinha feito o dever de casa. Os olhos sábios estavam voltados para mim, e em uma ocorrência rara, ele não desviou o olhar nem o virou para o chão.

— É a vida. — Os olhos ainda estavam em mim.

— A vida é deprimente?

— Todas as vidas que encontrei — respondeu.

Eu não podia discordar, por mais que deixasse tudo parecendo pesado.

— É. Acho que você está certo. — Desviei o olhar.

— Foi você quem me contou que quando as estrelas se apagam, o bem no mundo morre. — Ele riu de leve. — Foi a coisa mais deprimente que eu já ouvi, e já vi e ouvi muuuita coisa. — Ele prolongou a palavra “muita”.

Ri daquilo e o encarei. Mesmo sentado, ele parecia bem mais alto do que eu, e a calça jeans preta ficava muito bem em sua pele negra.

As mãos de Kael foram até a perna, e meu estômago deu um nó, achando que viriam até mim em seguida, que ele ia tocar em mim. Mas ele só massageou a própria perna.

— Qual é o problema da sua perna? — perguntei.

Mesmo com todas as vozes lá embaixo, eu não conseguia ouvir nada além da respiração de Kael mais devagar e o som do duto de ar-condicionado no teto.

— É... — ele começou a dizer. Vi as palavras hesitarem no caminho. — Dói às vezes. Não é nada de mais.

— Posso fazer perguntas sobre isso? — perguntei.

Lembrei-me da primeira massagem, quando ele ficou de calça o tempo todo, quando achei que o vi mancando, mas não tinha certeza.

— Não precisa me contar. É que eu... talvez possa ajudar, sabe?

Ele fechou os olhos e não disse nada por alguns segundos.

— Você não... — Comecei a pedir desculpas por perguntar, mas ele se inclinou, segurou a barra da calça e começou a enrolar o tecido.

Foi um momento tão intenso, o ar tão parado entre nós.

De repente, o silêncio foi rompido pelo toque de um celular. O celular de Kael. Dei um pulo, de tão repentino que foi. Kael soltou a calça e se levantou enquanto tirava o celular do bolso. Seu rosto mudou ao olhar para a tela e silenciar o toque. Meu coração estava disparado dentro de mim.

— Tudo bem?

O rosto bonito estava distorcido em uma careta enquanto ele olhava para o número. Ele ignorou a ligação. Achei que uma mensagem de texto tinha chegado, mas não tive certeza.

— Tudo.

Não acreditei.

Ele enfiou o celular no bolso e olhou para mim. Meus olhos foram imediatamente para sua perna direita, e ele deu um passo para trás. Observou o quarto como se estivesse procurando alguma coisa que não conseguia encontrar.

— Eu... eu, hmmm. Tenho que ir — gaguejou.

Ele se moveu rapidamente, como um soldado, e abriu a porta antes que eu pudesse impedir. Seu nome ficou entalado na minha garganta quando ele se virou para me olhar, como se fosse dizer alguma coisa. Fixamos o olhar um no outro por meio segundo antes de ele parecer mudar de ideia e se virar para

longe de mim. Eu não sabia o que pensar sobre o que tinha acabado de acontecer. Tínhamos ficado muito próximos. Eu me abri com ele, e ele estava se abrindo comigo... e, de repente, foi embora.

Fiquei tão confusa com tudo que nem entendi por que caí no choro assim que ele desapareceu da minha vista.

Acordei com uma dor de cabeça como nunca tinha tido. Minha boca parecia o interior de uma gaiola de hamster, e minhas mãos pareciam grandes demais para o meu corpo. Até meu cabelo doía. Rolei para o lado e escondi o rosto no travesseiro para não ter que abrir os olhos. Remexi na cama para procurar o celular (quando me deitei e entrei embaixo das cobertas?), e senti a tela fria de vidro nas pontas dos dedos. Lentamente, me virei. Ainda mais lentamente, abri os olhos.

Duas chamadas perdidas de Austin e uma mensagem de texto perguntando: *Cadê você?*

Mas claro que a pessoa em quem eu estava pensando era Kael.

Que ótimo.

Já era bem ruim ele ser a última pessoa em quem eu pensei antes de adormecer. Tinha que ser a primeira pessoa em quem eu pensava ao acordar? Eu o via sentado ali na cama ao meu lado. Quase senti a marca que seu corpo fez na cama. E vi seu rosto saindo pela porta, me deixando para trás.

Eu tinha que fazer alguma coisa sobre essa situação.

Eu tinha que ficar longe desse cara.

De onde ele tirou a ideia de que eu estaria esperando sempre que ele tivesse vontade de aparecer? Quem ele achava que era com essa baboseira de *estou aqui, agora não estou mais*? Esse cara estava brincando comigo com aquela pergunta, *então você ficou incomodada quando eu não voltei*? Claro que fiquei incomodada, Kael. Como você sabia que aconteceria.

Na noite de ontem, ele se abriu, baixou a guarda e me deixou entrar. Ele falou. Ouvii. Riu. E o jeito como começou a enrolar a calça jeans... Estávamos nos aproximando, mas de repente ele voltou a ser o estranho que o

marido de Elodie por um acaso conhecia.

Eu não queria vê-lo nunca mais.

Precisava vê-lo.

Eu não queria saber aonde ele tinha ido ontem à noite.

Precisava saber.

Nunca devia ter deixado que ele passasse a noite na minha casa quando Elodie o levou. Não devia tê-lo levado para jantar na casa do meu pai. E claro que não devia tê-lo levado àquela festa.

Eu não gostava de sentir tanta raiva e arrependimento. Como ele ousava fazer eu me sentir assim?

Lição aprendida. Lembre-se disso, Karina, no decorrer do dia.

Merda! Meu dia! Eu tinha que trabalhar. Dei uma olhada rápida no relógio do celular. Eram nove horas, e eu tinha que estar no trabalho às dez, mesmo que estivesse me sentindo péssima. Não tinha como alguém me substituir tão em cima da hora. Além do mais, eu precisava trabalhar para pagar a última conta da TV a cabo, então teria que ir de qualquer jeito. Eu estava acostumada. Pelo menos, não tinha ninguém marcado, só para depois do almoço. Seria eu quem atenderia algum cliente que entrasse sem hora marcada. Mas isso não seria tão ruim, porque a maioria dos clientes novos não falava muito no primeiro atendimento. Pelo menos isso.

Sair da cama foi a parte difícil. A primeira parte difícil, quer dizer. Depois — e eu mais caí do que saí da cama —, enfiei a calça, vesti a camiseta e peguei um dos meus elásticos antigos para prender o cabelo em um rabo de cavalo enquanto repassava os eventos da noite anterior em pensamento.

Não queria admitir, mas eu estava começando a sentir aquela atração. Tesão. Não tinha outra palavra. O rosto bonito. O corpo forte. A voz confiante. Amava o jeito como ele não perdia tempo com trivialidades, como se soubesse instintivamente o que era importante. Percebia que todos os outros caras o admiravam.

Mas o que mais estava acontecendo? O que o fazia passar de um cara qualquer com uma cerveja na mão numa festa a um soldado supervigilante, alerta? O que Mendoza tentou me dizer com *meu garoto*?

A voz de Kael na minha cabeça foi sufocada pelo som dos roncos do meu irmão quando passei pelo seu quarto. Eu estava feliz por ele estar dormindo.

Não queria falar com ele. Nem com ninguém, na verdade. Só faria um xixi rapidinho e...

— Ah, merda! Ah... me desculpa. Eu não sabia que tinha gente aqui. — Eu saí do banheiro, tentando desviar o olhar. Aquilo tinha mesmo acontecido?

Segui para o corredor, sem saber se devia ir embora ou se devia esperar que ela saísse. Eu estava tentando decidir qual era a etiqueta numa situação assim quando a porta do banheiro se abriu e Katie apareceu.

— Você realmente sabe entrar em cena, né? — Ela estava com uma escova de dentes na mão e o cabelo estava penteado e caído acima dos ombros.

— Ah, hmmm, oi. — Como se a situação não fosse constrangedora demais. — Desculpa.

— Está virando um hábito nosso. Eu te surpreendo. Você pede desculpas. — Ela riu. Acho que era meio engraçado. — Olha, tudo bem. De verdade. Não aconteceu nada. Fui pega de surpresa ontem à noite. Pelo que você disse.

— É, quanto a isso...

— Não, tudo bem. De verdade. A coisa de eu ainda estar no ensino médio não foi legal, mas o que você disse sobre o seu irmão não era nada que eu não soubesse.

— Espera. Você quer dizer...?

— Não sou idiota. Já ouvi falar muito do seu irmão. Mas, assim como você, não costumo dar atenção a tudo que me dizem. — A expressão no seu rosto era de sabedoria. Os olhos azuis estavam grudados em mim. Naquele momento, ela não parecia estar no ensino médio.

Não sabia se era a ressaca ou o choque de dar de cara com ela assim, mas, cacete?

— E isso quer dizer o quê?

— Talvez outra hora, tá? A noite foi longa. — Ela parou para se espreguiçar, exagerando nos movimentos e fazendo a camiseta grande que estava usando subir o suficiente para eu perceber que a depilação da enfermeira Katie não estava em dia. — Estou cansada e quero muito voltar pra cama. Além do mais, está frio aqui.

Depois dessa, ela deu meia-volta e foi se juntar ao meu irmão.

Elodie não estava em casa quando cheguei. Não lembrava se ela teria que ir trabalhar, quase não tinha lembrado que *eu* teria que trabalhar. Também não prestei atenção se seu carro estava ou não na entrada.

Tomei um banho rápido, mas ainda estava me sentindo péssima quando saí. Brien tinha um *kit* de ressaca no quarto do alojamento. Tylenol extraforte para dores de cabeça. Antialérgico para o inchaço. Pedialyte para repor os sais minerais essenciais. E antiácido para acalmar o estômago.

Ele parecia um escoteiro depravado, sempre preparado. O que eu não teria dado por dois Tylenol... O melhor teria sido largar o ex-namorado e ficar com os remédios. Parecia um bom plano. Procurei pela casa toda, mas não achei nada.

Até remexi na gaveta com pacotes de molho de soja e palitinhos, para ver se encontrava uma daquelas cartelas individuais de Tylenol ou Advil lá dentro. Nem me importaria se tivesse passado da validade. Não tinha nenhum tipo de comprimido, mas encontrei um biscoito da sorte velho, que abri.

“Você não precisa de força para deixar as coisas para trás. Só precisa de compreensão.”

Na verdade, sr. fabricante do biscoito da sorte, eu só preciso de aspirina.

Fiz uma xícara de café e me sentei à mesa da cozinha, olhando para o nada. Minha mãe, meu pai, Austin, Kael... todos os estresses da minha vida pareciam estar pesando muito. Batendo no meu ombro, repuxando os músculos das minhas costas. Eu tinha vontade de bater a cabeça na parede, de chorar, de gritar e de berrar. Mas precisava sair para trabalhar, e, como todo mundo ficava lembrando, eu era uma pessoa responsável.

Só faça o estritamente necessário, disse a mim mesma. Coloque um pé na

frente do outro e faça o que precisa ser feito. É assim que você vai enfrentar o dia.

Com essa conversinha motivadora na cabeça, saí de casa, segui pela viela e fui até o SPA. As portas estavam destrancadas quando cheguei, o letreiro de “aberto” iluminado estava na janela. Mali estava atrás do balcão, recebendo um homem e uma mulher de meia-idade para uma massagem de casal. Fiquei feliz de ter chegado quando eles estavam sendo levados para a sala, porque não teria que atendê-los. Ela parecia empolgada. Ele parecia irritado, como se a esposa o tivesse arrastado até ali para fazer alguma coisa pelo relacionamento. Sempre dava para perceber. Era por isso que as massagens de casal eram as que eu menos gostava. Preferia massagear os calcanhares cheios de calos de um cliente, e eu odiava fazer aquilo.

— Bom dia, querida — disse Mali quando voltou. — Ou nem tanto? — Ela observou meu rosto; sempre conseguia me ver a fundo.

— Ressaca. — Achei que era melhor admitir pelo menos metade do meu problema.

Ela notou meu cabelo molhado, o rosto inchado e os olhos vidrados.

— Hmmm — foi tudo o que disse.

O dia seria longo se até Mali estava me irritando.

— Elodie está? — perguntei. Não dava para ver o calendário de onde estávamos.

— Sim, e chegou na hora — confirmou Mali, assentindo em aprovação e talvez dando uma alfinetada, mas eu não sabia bem por quê. Meu primeiro cliente estava marcado para a uma da tarde.

— Ela não chega atrasada...

— Seu cliente está aqui — anunciou Mali, olhando para a porta.

— Só tenho cliente às...

— Não é verdade. Aqui. Olhe a agenda. — Ela apontou para o nome rabiscado na linha azul que dizia dez horas.

— Alguém mudou o horário? Não consigo ler isso.

O sino tocou atrás de mim, e Mali se virou para atender o cliente com sua voz mais doce.

— Mikael? Para uma hora de massagem profunda às dez? É você?

Quase engasguei quando me virei e avistei Kael.

Ali estava ele, com uma camiseta cinza e calça esportiva. Era preta, apertada nas pernas, com uma grande marca da Nike na coxa. Ele parecia exausto ou de ressaca. Como eu.

— Kael — disse seu nome como aquilo fosse me ajudar a acreditar que ele estava mesmo ali.

— Oi.

Oi? Ele veio falar comigo? Receber uma massagem? Ou os dois?

Era demais para mim.

Ele esperou pacientemente enquanto eu me recompunha e riscava seu nome na agenda. Fiquei olhando para Mali até ela se afastar com relutância, com um sorrisinho no rosto. Olhei para Kael e senti a fita das últimas vinte e quatro horas rebobinando.

Falei para mim mesma que não gostava dele. Essa coisa de tesão era besteira. O problema era que fazia um tempo que eu não tinha um contato mais próximo com a espécie masculina, então claro que ele estava impregnando minha cabeça. Eu estava me sentindo solitária, apenas isso. Todo mundo passava por solidão. Era natural.

— Por aqui. — Minha voz soou calma, profissional. Ele não era o único que podia ser distante. Puxei a cortina para entrar na minha sala e, quando fiz isso, Elodie apareceu no canto, um palhacinho francês saltando da caixa.

— Oi! — Sua voz estava aguda e alegre. Ela me deu um susto enorme, e dei um pulo para longe de Kael. — Saí antes de você acordar. Eu tinha... — Ela parou de falar quando viu quem estava comigo. — Kael? Oi! — Ela deu dois beijos nas suas bochechas, e saí do caminho. Na verdade, me encostei na parede. *Uma metáfora apropriada*, pensei.

— Elodie. Como está?

Eles conversaram por um momento, uma conversa tranquila e casual. Mas, quando ele colocou as mãos nos cotovelos dela, um gesto simpático e totalmente adequado, senti uma onda de raiva crescer. Foi quando eu soube que tinha perdido completamente a cabeça.

— Eu vivo com fome o tempo todo. Parece que a comida nunca é

suficiente. — Elodie riu ao dizer aquilo. Kael sorriu de volta, e me vi feliz de ele não ter rido junto. É. Minha cabeça estava mesmo perdida. Ela olhou para mim, e não a encarei. Ela devia estar se perguntando o que estava acontecendo.

Como eu poderia responder se não sabia?

— Bom, vejo você por aí — disse Elodie, e se voltou na direção de Mali.

Entrei na sala sem nem olhar para Kael. Eu costumava ser mais educada com os clientes; jamais daria as costas para eles. Mas fiz aquilo naquele momento. Deixei que ele viesse atrás de mim e que sentisse como era ver as costas de alguém desaparecerem pela porta.

A sala estava escura, e acendi algumas velas. Era uma daquelas pequenas tarefas que me ajudavam a entrar na rotina. Quase um ritual. Mali tinha uns dois isqueiros Bic em cada sala, mas eu preferia fósforos. Adorava o barulho ao passar a cabeça do palito na superfície áspera, a pequena explosão que dava vida à chama. Era muito melhor do que o *clique* nervoso dos isqueiros.

Eu estava atenta a Kael, parado logo depois da entrada. Ele podia estar avaliando a rota de fuga ou até pensando em uma escapada rápida. Quem saberia? Eu o ignorei enquanto acendia as velas de amêndoas, da Bath and Body Works.

— Volto em alguns minutos, para dar um tempo de você tirar a roupa — avisei, mas ele tirou a camisa quando fiz que ia sair, então nem tive chance. Fiz um ruído para expressar meu descontentamento e me virei para a parede. Senti os movimentos dos músculos dos ombros quando ele levantou a camisa. — Eu podia ter saído.

— Só preciso tirar os sapatos e a camisa.

Ele ainda era meu cliente, independentemente do que tinha acontecido ou não entre nós, e do que eu sentia. Como se eu soubesse o que era. Eu nem queria chegar perto de agir de forma inadequada com ele no meu local de trabalho. Fora daquele ambiente, eu poderia ter lhe dado um tapa. Mas ali... bom, meu trabalho era curar, não machucar.

Olhei para a parede roxa e tentei imaginá-la em azul-marinho. Eu ainda não tinha decidido de que cor pintá-la, mas Mali tinha me autorizado no dia anterior, uma vitória naquela semana maluca. O aroma limpo e masculino da vela estava se espalhando pela sala, e senti minha respiração se acalmar. Olhei para a chama até ouvir a maca gemer e o lençol ser puxado. Contei até dez depois que ele parou de se mexer.

— A mesma pressão de antes?

Kael estava deitado de rosto para cima, a barriga exposta. O cobertor e o lençol finos estavam puxados só até os quadris.

Ele assentiu. Ótimo. Hora de voltar àquilo. Seus olhos estavam abertos, me seguindo pela sala.

— Normalmente, costumo começar pelas costas, o que quer dizer que o cliente fica de bruços — observei.

— O cliente... Certo. Sou eu. — Kael se virou e apoiou o rosto no suporte. Peguei uma toalha na estufa e tentei pensar nele apenas como o cara que marcou horário às dez, o que era impossível. Ele estava fazendo algum tipo de jogo comigo? Era o que parecia.

Coloquei uma toalha quente sobre suas costas. O calor úmido ajudaria a relaxar os músculos e tornaria a massagem mais eficiente. Peguei outra toalha quente e enrolei seus braços e mais outra para os pés. Em silêncio, me concentrei na pele macia e absorvi seu aroma: de cedro e amadeirado, imaginei. E definitivamente sabonete em barra. Kael não era do tipo que usava sabonete líquido.

La colocando óleo de hortelã na mão aberta quando lembrei que ele pediu que eu não usasse esse óleo na primeira vez; aquele “*não*” breve foi um dos seus primeiros monossílabos. Esfreguei as mãos para esquentá-las, embora fosse adorar surpreendê-lo com dedos gelados na pele quente. Uma vingancinha pelo carrossel no qual ele me colocou.

Estava ficando nervosa de novo. Na verdade, estava a dois minutos de dizer para ele sair da maca e sumir ou pelo menos explicar qual era a sua. Já estava arrependida de ter me aberto. Todas aquelas coisas que ele sabia sobre a minha mãe, o meu pai... sobre mim. Aumentei a música do celular. Banks. Ele que dissesse para Kael que eu estava cansada daquele joguinho. Aumentei o volume o suficiente para ele ouvir a letra, mas não alto demais a ponto de incomodar os outros clientes. Mesmo com tudo aquilo, ainda era uma profissional.

A calça de Kael estava desbotada, e a barra estava quase roxa de tanto ter sido lavada. Algodão preto é assim, às vezes fica da cor de berinjela. Que ótimo. Aquilo me levou de volta à noite anterior: na festa, no meu quarto, na minha colcha roxa. Mais uma vez, um vislumbre de nós dois juntos, sozinhos. Kael baixando a armadura emocional. Deixando os guarda-costas invisíveis

do lado de fora.

Olhei em volta e vi o brilho roxo de tudo. Por que eu estava cercada de roxo? Naquele momento, senti que tinha sorte de ter sete cérebros na cabeça, todos pensando coisas diferentes ao mesmo tempo. Era meu serviço de *streaming*, e felizmente eu podia mudar de canal para que os cinquenta e cinco minutos seguintes não fossem constrangedores para nenhum dos dois.

Comédia? Drama? Melhorias na casa?

Pode escolher, Karina. Era bom pensar em outras coisas enquanto eu massageava a base dos seus pés, enquanto passava as palmas das mãos pelos tornozelos. Tylenol. Eu passaria na farmácia depois do trabalho e compraria Tylenol. De que mais eu precisava? Xampu? Tentei erguer um pouco a barra da calça, mas era apertada embaixo. Não cedia. Ele estava puxando a calça, e o celular tocou, mas ele não atendeu. Não consegui ser xereta o suficiente para perguntar quem era.

Eu estava prestes a dizer que a maioria dos clientes prefere desligar o celular, que acha as interrupções incômodas. Mas quem eu queria enganar? Kael não era como a maioria dos clientes.

Subi para a lombar e deslizei as mãos pelas costas expostas. Tentei pensar em qual filme assistiria quando me sentasse no sofá depois do trabalho, mas era difícil pensar em qualquer outra coisa que não fosse aqueles músculos, tão proeminentes embaixo da pele macia e escura. Debaixo da escápula havia um ponto que devia estar gerando algum tipo de dor quando eu apertava.

— Isso dói?

— Dói.

— O tempo todo ou agora?

— Não é a mesma coisa?

— Não. — Afundei a lateral dos polegares no músculo.

— Ah, sim. Isso dói o tempo todo.

— Você não disse nada antes. — Eu não me lembrava de ter sentido, mas não tinha como isso ter aparecido de repente.

— Por que eu diria? — perguntou ele. Eu queria poder ver seus olhos enquanto ele falava.

— Porque dói. — Apertei com mais força do que o habitual, e ele grunhiu.

O músculo se afrouxou com a pressão do meu toque. — Porque perguntei.

— Tudo dói. Todo o meu corpo. O tempo todo.

Eu amava meu emprego, mas os estereótipos, não. Eu tinha me esforçado muito para me tornar massagista, fiz aulas de anatomia, de trabalho corporal, de fisiologia, até de psicologia e de métodos éticos de trabalho. Pratiquei incontáveis horas, passei no exame de Massagem e Trabalho Corporal, tirei meu diploma. Tudo isso e ainda tinha que aguentar as piadas clássicas sobre “finais felizes”.

Lembro a primeira vez que alguém deu a entender que eu era uma trabalhadora do sexo de uniforme. Ele ficou com um brilho nos olhos quando falei que trabalhava como massagista. Eu estava em um café, tomando um *latte* e lendo um livro quando um cara mais velho se sentou ao meu lado e me perguntou o que eu estava lendo. Nós conversamos um pouco, ele pareceu legal. Isso até a conversa se voltar para o que cada um fazia. Ele me disse que era advogado em uma firma de prestígio. Consegui ver que ele estava tentando me impressionar, soltando nomes de alguns clientes importantes e falando sobre ser pago por hora.

Contei que era massagista recém-qualificada e que estava feliz com o começo da minha carreira. Eu estava falando sobre saúde e bem-estar, sobre a ligação entre corpo e mente e que a terapia de massagem era uma indústria em crescimento quando ele ergueu as sobrancelhas, se inclinou para perto de mim e disse: “Ah, você é... *massagista*”. O que ele quis dizer ficou claro, e as intenções, também. Mesmo sem contar os homens nojentos com propostas descabidas, eu ouvia as piadas óbvias de amigos e familiares. Essas eram as piores.

A maioria dos clientes era respeitosa e parecia entender que poucas trabalhadoras do sexo se escondiam sob o título de massagista. Houve uma batida recente em um estabelecimento do outro lado da cidade, e isso nos deixou um pouco abaladas. Eu tinha me candidatado a um emprego lá antes

de Mali me contratar, e fiquei arrepiada só de pensar. Também me fez apreciar Mali ainda mais, se isso era possível. O jeito como ela cuidava do nosso estabelecimento pequeno, sempre procurando o que era melhor para nós.

Amava meu emprego, amava poder aliviar a dor e acalmar as pessoas usando as mãos. Curar as pessoas, oferecer alívio mental e físico. Minha carreira era a minha paixão, e eu odiava que o ramo que eu amava tanto levava golpes como aquele por causa de uns poucos. Eu nunca seria uma dessas pessoas que correm riscos, que passavam do limite do que é adequado, fosse por dinheiro ou por desejo. Então eu tentava me concentrar no tratamento que estava oferecendo, sem nem um olhar gratuito ao corpo exposto de Kael, por mais difícil que fosse me controlar.

Ele virou de barriga para cima, os braços nas laterais do corpo. Respirei fundo. Não olharia para a pele exposta.

Eu nunca tinha pensado em um cliente assim, e não começaria naquele momento. Bom, já tinha começado, mas não ia continuar. Tentei me distrair com fisiologia, dando nome aos músculos do peito. Peitoral maior. Peitoral menor. Serrátil anterior. Eu me lembrava de ter aprendido na aula que as mulheres são biologicamente preparadas para preferirem homens com peitos e ombros fortes, algo a ver com níveis de testosterona. Por essa lógica, eu nem estava sendo inadequada. Era biologia.

— Gosto dessa música. — A voz de Kael cortou a escuridão, me surpreendendo.

— Obrigada.

Eu queria dizer que Kings of Leon era uma das minhas bandas favoritas de todos os tempos e que o primeiro disco era a coisa mais próxima de uma obra-prima que meus ouvidos já tinham escutado. Mas eu não ia mais me abrir com ele.

Quando terminei de trabalhar na parte superior da coxa por cima da calça, fui para a outra ponta da maca. As pontas dos meus dedos tocaram sua cabeça e apertaram com firmeza a pele macia do pescoço. Seus olhos, que estavam fechados quando eu estava nas pernas, se abriram lentamente.

Ele me viu olhando para as feições fortes, para a curva funda dos lábios? Eu me recusava a ser a pessoa a quebrar o gelo. Ele havia me deixado repentinamente na noite anterior, sem aviso e sem nenhuma explicação. Como ele teve coragem de entrar aqui e agir como se nada tivesse acontecido?

Talvez fosse por isso que eu estava tão chateada. Porque nada tinha acontecido.

Passei os dedos pelo peito e circulei o tronco. Pela sensação dos músculos firmes se soltando embaixo das pontas dos meus dedos, quase dava para sentir a tensão se libertando pelos poros.

— Você está calada hoje — disse Kael.

Minhas mãos pararam de se mexer.

— Você não disse nada — respondi.

— Acabei de dizer que gosto da música.

Revirei os olhos e apertei os lábios.

— Você quer dizer alguma coisa. Dá pra perceber.

— Ah, dá pra perceber. Pois é. Eu tinha esquecido que você me conhece tão bem. — O sarcasmo é o melhor amigo de uma garota. — Por que você veio aqui?

— Você sabia que eu vinha.

— Você me disse que queria uma massagem. Não disse quando. Não me deu o horário — expliquei. — Nem nada.

Ele ficou quieto por algumas batidas da música.

— Pois é, foi o que pensei — eu disse, baixinho.

A mão de Kael saiu de debaixo do cobertor e seus dedos envolveram meu pulso. Os olhos eram poças profundas, e não consegui afastar os meus. Não me mexi nem um centímetro. Tudo parou. Até minha respiração. Intensa era uma palavra que não chegava nem perto da melhor descrição.

— Por que você não me diz o que está se passando dentro dessa sua cabeça, Karina?

Eu não pensei antes de falar.

— Tem coisa demais. — Fiquei parada ao lado da maca, meus quadris alinhados com seu peito. — Demais... — Não consegui terminar a frase.

Seus dedos quentes apertavam minha pulsação, que tinha disparado debaixo daquele toque.

— Apenas fale — disse ele, sussurrando. As pupilas estavam tão pretas à

luz de velas, me investigando, procurando minhas palavras... Minhas inseguranças me diziam que ele estava procurando mais, procurando um ponto fraco.

— Pra você poder ir embora? — respondi, sarcástica.

Ele fechou os olhos, com seus cílios longos sobre as bochechas. Eu não conseguia acreditar que houve uma época em que eu o via e não via como ele era realmente.

— Eu mereço isso. — Ele ainda não tinha soltado a minha mão. — Mereço isso e mais. — Ele abriu os olhos. — Então, fale tudo.

Suspirei e puxei minha mão. Ele segurou com mais força, mas puxei mesmo assim.

— O que estamos fazendo? — perguntei.

Eu tinha tantas coisas a dizer. Tantas coisas a perguntar. Mas meus pensamentos estavam tropeçando nas palavras. Eu não fazia ideia do que ele tinha escondido na cabeça. E eu não sabia por onde começar.

— Nós estamos conversando. Bom, você ia começar.

Eu me afastei da maca, e ele se sentou e se virou para mim.

— Estou falando sério. Por que você veio aqui?

Ele só me olhou. Não disse nada, só ficou me olhando.

— Agora você voltou a ser assim. — Falei alto o suficiente para ele conseguir me ouvir acima da música, mas não tão alto a ponto de todo mundo lá fora ouvir.

— Olha... — Ele enrijeceu as costas. E ergueu a mão como se ele quisesse segurar a minha, mas desceu antes de eu poder decidir o que teria feito. — Me desculpa por ter ido embora ontem. Foi... meu amigo teve um problema e tive que ir. Eu não devia ter saído daquele jeito, mas eu... — ele falava como se as palavras estivessem sendo arrancadas dele. — Não consegui. Eu tinha que estar lá.

— Se seu amigo precisava de ajuda, por que você não falou? Eu teria entendido.

Kael ergueu a sobrancelha.

— Não sei. Acho que entrei em pânico. — Ele olhou para as mãos. — Eu,

hmmm, não sou muito bom nisso. — E tropeçou nas palavras.

— Nem eu. — Eu andava pela salinha sem parar. Uma tentativa vã de fugir dele. — E não estou perguntando se estamos juntos nem nada, só não tenho espaço pra esse tipo de coisa na minha vida agora. Você vem e vai, e já tive muito disso na minha vida. Não preciso de nem mais um segundo disso.

— Eu não estava tentando ir e vir.

— O que exatamente você estava tentando, então?

Ele baixou os ombros, derrotado.

— Eu gostaria de saber. Sinceramente, Karina, eu nem sei direito que dia é hoje, então também estou confuso. Conhecer alguém era a última coisa que eu tinha na cabeça.

— É isso que eu sou? *Alguém que você conheceu?*

Ele deu de ombros.

— Eu também não sei o que é. Mas o que sei é que dirigi pelo quarteirão quatro vezes, repetindo para mim mesmo que não era pra eu vir aqui. — Ele levantou o olhar. — Mas estou aqui.

Pela primeira vez, quem ficou em silêncio fui eu.

Tem vezes em que você não precisa dizer nada. Horas em que tudo é fácil e você pode compartilhar um ambiente ou um momento sem ter que preencher o espaço com palavras, quando tudo se encaixa. Aquela não foi uma delas.

Dava para cortar o ar com uma faca.

Kael também devia ter sentido.

— Estou gastando muito dinheiro com massagem. — Foi sua primeira tentativa de retomar uma conversa.

— É um cuidado pessoal — argumentei.

Nós dois rimos, e fui tomada de alívio. O jeito como sua gargalhada se misturou com a minha foi como música. Foi um daqueles momentos que eu queria poder engarrafar e carregar pendurado no pescoço, da mesma forma como Angelina Jolie guardava o sangue do seu amado.

Opa, esse pensamento foi estranho. Por que minha mente ricocheteou assim?

— Se melhora alguma coisa — continuou Kael —, eu me arrependi.

— De ter ido embora ontem?

Ele assentiu e deixou as pernas compridas e musculosas ficarem penduradas na maca. Fiquei surpresa de não tocarem no chão.

— Eu queria ficar lá com você, naquele quarto, ouvindo você contar suas histórias. Adoro quando você conta histórias... poderia ficar horas escutando.

Aumentei um pouco a música para disfarçar nossas vozes. “The Hills” estava nos provocando. Rouca e cheia de suspense, a música encaixava perfeitamente entre nós, preenchendo nosso silêncio.

Adoro quando...

— Então por que você não ficou?

— Foi uma coisa de amizade... — A expressão de Kael mudou.

— Amizade? — repeti, e tive um estalo. — Ah, você tem...

— Não esse tipo de amizade. — Ele queria me tranquilizar, e foi tocante. Uma corrente de eletricidade percorreu meu corpo. — Um dos meus amigos está passando um sufoco agora. É que, hmmm... a esposa dele ligou, e tive que ir até lá. — A expressão de Kael parecia pedra.

Eu estava confusa. Ele estava se abrindo, mas eu precisava de mais.

— Mas, como já falei, se você ia ajudar um amigo, por que não contar? Eu teria entendido se você tivesse me falado e...

Ele me interrompeu.

— Os problemas são de Mendoza e eu não tenho direito de contar.

— Mendoza? — Andei pela sala e parei na frente de Kael.

Ele suspirou. Mordeu o lábio.

— Não cabe a mim, Karina. Não vou falar sobre isso.

Admirei sua lealdade ao amigo. De verdade. Mas eu também não era sua amiga? Eu não era alguém? Aparentemente, não.

— Que novidade... Você não vai falar sobre isso. — Eu queria que minhas palavras machucassem, ou ao menos o fizessem suar. Não fizeram nem uma coisa nem outra.

Ele olhou para mim como se estivesse fazendo um teste de detector de mentiras e eu tivesse acabado de perguntar se o céu era azul. Complacente. Tranquilo. Calmo pra caralho.

Não era nem meio-dia e eu já estava pronta para o dia acabar. Como ele ousava ir lá complicar minha vida assim. Eu só queria uma vida normal. Um bom emprego. Uma casa bonita. Um cara legal. Outras pessoas tinham essas coisas. Por que eu não?

Respirei fundo e tentei relaxar um pouco. Mas tomei o cuidado de não desabar. Não na frente dele. Não mais.

— Nós acabamos aqui? — perguntei.

— Ainda tenho dez minutos. — Ele mostrou o celular como se quisesse provar.

— Tudo bem. Mas você precisa agir como um cliente normal. Isso aqui é meu emprego, e, diferente de você, posso ser demitida.

Kael afastou o olhar para o que estava atrás de mim, se concentrando na parede onde ficava minha caixa de som e as toalhas limpas. Ao lado das toalhas, em uma moldura de madeira, havia uma foto minha com Austin e Sammy. Foi no baile do nono ano: Sammy e Austin foram juntos, a segunda tentativa dos dois de serem um casal. Eu fui sozinha. Sammy e eu estávamos arrumadas para a noite. O vestido dela era de um vermelho meio brilhante com decote nas costas. O meu era roxo, só me dei conta naquele instante. Roxo *dégradé*. A gola era de uma cor clara, quase malva, mas a cor ia mudando conforme o vestido descia pelo corpo, indo de claro a escuro, até que a barra parecia ter sido mergulhada em tinta. Nós compramos os vestidos na J.C. Penney, mas deixamos as etiquetas para podermos devolver no dia seguinte.

— Tudo bem. Cliente normal. — Ele estava tentando romper minhas defesas, mas eu não ia permitir. Ele deu de ombros e se deitou de barriga para cima. Desta vez, fiz o que costumava fazer com novos clientes ou clientes que

apareciam sem hora marcada e coloquei uma toalha macia sobre seus olhos.

Baixei o volume da música e levantei o braço direito dele. Dobrei-o delicadamente no cotovelo e puxei de leve, e quando fiz isso, os músculos rígidos das costas se moveram. Segui pelo bíceps. Não era enorme daquele jeito artificial, carregado de suplementos e visitas diárias à academia. Ele era sólido sob as minhas mãos, e eu sabia que vinha do trabalho físico árduo. Trabalho do exército.

Usei o antebraço para aplicar pressão no nó embaixo do bíceps, onde ele tinha uma cicatriz que parecia um *M* incompleto. A pele avermelhada e marcada era inchada e macia. Precisei de toda a minha força para não passar o dedo por cima de novo. Tentei não pensar na dor que ele devia ter sentido quando aconteceu, independentemente do material que tinha cortado o corpo dele.

A cicatriz era funda, como a de um corte de uma faca de serra. Fez meu coração doer por ele. Deslizei os dedos pelo antebraço, a parte do corpo que era mais pigmentada. Ele tinha bronzado de soldado, que era como o de um fazendeiro, mas pior, porque ele estava no deserto sendo frito pelo sol. Levantei sua mão com a minha, apertei o polegar na base da palma e o mantive lá. Senti seus dedos ficarem inertes e segui a pressão pela palma da mão.

Foi só na noite anterior que nos sentamos juntos, lado a lado, na minha cama de infância?

Comecei a pensar em Mendoza e me perguntei se ele estava bem. Ele não tinha saído muito tempo antes da hora que Kael recebeu a ligação. Devia ter sido uns vinte minutos antes de Kael, e se Mendoza morava na base perto do meu pai, não podia ter chegado em casa mais do que quinze minutos antes. Torci para que não estivesse dirigindo.

— Isso é tão gostoso — disse Kael quando dobrei seus punhos, apertando nas laterais e puxando de leve ao mesmo tempo.

— Acabei de aprender.

— É mesmo?

— É, vi um vídeo que ensinava no YouTube e experimentei em mim primeiro. Foi tão bom. Principalmente pra quem usa muito as mãos.

— Espera, você aprendeu no YouTube? — perguntou ele, levantando um

pouco a cabeça. Puxei a toalha de volta sobre seus olhos e apertei delicadamente as palmas das mãos na sua testa para ele baixar a cabeça.

— Apreendi. É útil.

— Você é tão *millennial*.

— Você também. — Botei o braço dele no lugar e fui para o outro lado.

— Tecnicamente, sou. Pelo menos me diz que você tem licença de verdade e não aprendeu tudo no YouTube.

— Ha-ha. — Revirei os olhos. — Claro que eu tenho licença. — Lembrei que era seu aniversário. — Feliz aniversário, aliás.

— Obrigado.

Voltei silenciosamente à massagem e até ultrapassei os dez minutos que faltavam. Quando terminamos, ele agradeceu, pagou, deu uma boa gorjeta e murmurou uma despedida rasa, como um bom cliente.

O fato de ele ter me dado o que pedi e de eu ter odiado ficou queimando dentro de mim como café ruim.

Eu nunca tinha ficado tão aliviada por acabar as massagens de um dia. Mali tinha me pedido para atender uma cliente nova que estava passando na porta e entrou depois daquela sessão horrível com Kael. Não sei se foi o humor em que eu estava ou se foi a cliente, mas nada que eu fizesse estava bom para ela. A pressão foi pouca, depois forte demais. A sala estava fria; ela podia ficar com dois cobertores? Depois os pés ficaram quentes embaixo dos cobertores; eu podia tirar um? E eu poderia apagar a vela? A fragrância estava dando dor de cabeça nela.

Fiz tudo que ela pediu e até tentei argumentar comigo mesma a favor dela. Ela pareceu um teste do universo para ver se Kael podia ou não estragar meu dia. De alguma forma, tudo tinha a ver com ele.

Minha imaginação assumiu o controle e começou a criar uma vida em que minha cliente trabalhava demais ou vivia um casamento de merda. Talvez eu fosse a única pessoa na vida dela com quem ela podia expressar a raiva. Melhor eu do que os filhos, a família ou até ela mesma. Comecei a sentir pena, afinal, todo mundo tem um dia ruim.

Mesmo quando ela disse que eu precisava cortar as unhas... e foi embora sem me dar gorjeta. Eu talvez tenha mostrado o dedo do meio quando ela saiu pela porta.

Meu cliente da uma hora era legal, ainda bem. A cliente que entrou em seguida também; era uma jovem do estúdio de ioga no quarteirão vizinho. Ela adormeceu quase na mesma hora que deitou, e a pele era macia, sem músculos tensos a serem trabalhados.

Mesmo assim, fiquei feliz de encerrar o dia e voltar para casa. Graças a Deus. Mali tinha me dado Ibuprofeno, e o remédio ajudou a diminuir o latejar na minha cabeça. Mas eu ainda me sentia péssima. Estava ansiosa e irritada, e

nada ajudava a melhorar.

Eu só conseguia pensar em me deitar na cama com a persiana fechada e a coberta por cima da cabeça. Queria escuridão e silêncio. Mas, quando dobrei a esquina mais próxima da minha casa, eu o vi esperando na varanda.

Meu maior problema e meu maior alívio embrulhados e entregues direto na minha porta.

Kael.

Ele parecia nervoso, sentado ali com os fones no ouvido, uma expressão distante nos olhos. Estava tão distraído que quase não viu eu me aproximar.

— Veio pedir seu dinheiro de volta? — perguntei para manter o clima leve. Eu não estava incomodada por ele estar ali. Não estava nervosa. Não estava. Não. Não mesmo. Eu estava ótima. Não tinha deixado que ele me atingisse, não do jeito que ele achava. Não eu.

— Não é nada disso. — Ele balançou a cabeça. — Acho que deveríamos terminar nossa conversa.

— Ah? E que conversa é essa? — Eu estava bancando a sonsa e ele sabia. Gato e rato. Era aquele tipo de coisa, a preliminar dos adultos.

— Sobre conhecer alguém. Você sabe, se estamos saindo ou não.

— Nós não estamos saindo, definitivamente — afirmei com uma gargalhada forçada e falsa.

— Bom, a gente está fazendo o quê, então?

— Você não sabia mais cedo — lembrei a ele.

— Nem você.

Kael estava com uma laranja na mão. Era uma laranja grande, mas parecia pequena na sua mão, com o adesivinho SUNKIST ainda grudado. Ele a estava massageando delicadamente com o polegar, mas ainda não tinha rompido a casca.

— Quero saber mais sobre você. É só o que estou pedindo, tá? — Com um rosto daqueles, eu duvidava que ele precisasse fazer aquela pergunta. Quem não ia querer dizer “sim” sem nem pensar? Eu era a única idiota que confundiria as coisas. Como eu podia sentir uma atração tão forte por aquele cara e ainda ficar incerta sobre o que sentia? Sobre o que ele sentia?

Eu o observei. Não consegui evitar, passei os olhos pelo corpo forte. Ele estava usando uma camiseta cinza do exército e calça preta. Era injusto como ele ficava lindo com qualquer roupa.

— Como você planeja fazer isso? — Quis saber.

Eu parecia estar reagindo da forma que ele queria. Ele ficou satisfeito com isso, como se tivesse sido esse o seu plano durante todo o tempo. Gostei de ele ter um plano. A ideia de um plano fez eu me sentir importante. Ele fez eu me sentir importante.

— Fazendo perguntas sobre você. De que outra forma seria? — Ele estava sendo brincalhão, diferente do homem controlado que conheci nos dias anteriores.

— Tudo bem. — Eu estava cética. — Pode falar.

Ele indicou o lugar vazio ao lado.

— Pelo menos senta comigo. Que tipo de encontro é esse?

— Não é um encontro. Só estamos conversando e nos conhecendo. Só isso.

Falei isso mais para mim do que para ele, mas Kael não precisava saber disso. Sentei no degrau mais alto da varanda e apoiei as pernas nos degraus de baixo.

— Você fica dizendo que nós não nos conhecemos, então vou conseguir conhecer você, nem que seja a última coisa que eu faça — garantiu ele. Estava tão confiante. Nas palavras, no sorriso. Até o jeito como se reclinou nos degraus de concreto passava confiança. Senti aquela pressão familiar se deslocar do fundo da barriga, na direção das pernas.

— Tudo bem, tudo bem. Chega de conversinha, pode perguntar. — Eu precisava me distrair da dor que a boca de Kael me fez sentir quando ele lambeu os lábios enquanto tirava a casca da laranja.

— Eu só trouxe uma, mas a gente pode dividir — ofereceu. Eu adorava aquela sua versão brincalhona.

— Que encontro, hein — brinquei, e ele balançou a cabeça.

— Não, você disse que não era um encontro.

— *Touché*. Agora faça as perguntas, senão vou encerrar esse “não encontro” prematuramente — ameacei. Nós dois sabíamos que era uma ameaça vazia. — Mas quem não revela nada é você.

— Pergunte primeiro, então... — sugeriu ele. Pensei no que queria saber. Era tanta coisa...

Música.

Foi o que apareceu na minha cabeça primeiro. Eu perguntaria sobre música!

— Qual é a sua banda favorita que ninguém conhece?

Ele se virou para mim com olhar espantado e feliz.

— São tantas! Adoro bandas desconhecidas. É o que mais escuto. Tem a MUNA. Acabei de descobrir. É ótima.

— MUNA não é desconhecida, elas fizeram turnê com Harry Styles. — Contei que adorava o som daquela banda e que Elodie e eu tentamos comprar ingressos para o show, mas esgotaram muito rápido, e eu precisava pegar uns clientes novos para poder pagar os ingressos de cambista.

— Harry Styles, é? Se você pudesse ir a qualquer show, em qualquer época, qual seria? — perguntou ele.

Fiz que sim para Harry Styles e pensei em que show escolheria se pudesse ver qualquer pessoa. Alanis Morissette sempre foi minha resposta àquilo, mas, com Kael, escolhi o que realmente pensei primeiro.

— Shawn Mendes.

Foi libertador ser sincera assim. Eu gostava de como ele despertava isso em mim. Não dei a resposta que achava que ele queria. Dei a verdade.

— Shawn Mendes? — repetiu. Eu praticamente conseguia ouvir a piada a caminho, então tentei seguir com a conversa.

— E você?

— Eu, bom, acho que veria a Amy Winehouse antes de ela... — Ele fez uma pausa. Foi lindo, um sinal de respeito. Dei um sorriso para que ele continuasse. — Ou Kings of Leon na primeira turnê. Quando eles eram desconhecidos.

— Vou fazer uma lista de bandas desconhecidas antes do nosso próximo... bate-papo, ou seja lá como vamos chamar isso.

— Nosso próximo “não encontro”. — Acho que nós dois ficamos aliviados de ouvir a palavra “próximo”.

— Isso — confirmei, sentindo alívio e empolgação ao mesmo tempo.

— Então... tenho outra pergunta pra você. Se pudesse descrever Austin com uma palavra, qual seria?

— Hmmm. — Bati com o dedo no nariz, pensando em uma palavra para descrever meu irmão gêmeo. — Bem-intencionado? — respondi. Mas não tinha certeza. Não era a palavra que eu queria. Não exatamente aquela.

— São duas palavras.

— Na verdade, tem hífen, então conta como uma. — Ele gostou daquilo. Deu para perceber. — Ele tem boas intenções, mas faz escolhas ruins pra executar essas intenções.

— Entendi. — E senti que entendia mesmo.

— Minha vez. E você? E sua irmãzinha? — Ele ficou sério por um momento, quase como se sua expressão fosse fruto da minha imaginação. Mas voltou ao normal com a mesma rapidez.

Ele refletiu por um momento e pensou em não responder; vi no seu rosto.

— Potência — acabou dizendo.

— Potência? — repeti. Que forma linda de ser vista por alguém, principalmente alguém da família.

Ele assentiu.

— É, ela é brilhante. E não deixa que nada a detenha. A escola onde ela faz o ensino médio é uma dessas particulares chiques em que só ensinam aquilo em que o aluno é bom. O lance dela é ciências. Ela teve pontuação na prova pra entrar na escola aos nove anos, mas minha mãe não dirige e não queria deixar ela andar de ônibus sozinha antes dos quatorze. Agora, ela pode atravessar a cidade de ônibus sozinha, todas as manhãs e todas as tardes.

— Uau. — Foi tudo que consegui falar. Claro que a irmã de Kael era um prodígio da ciência. Era impressionante e engraçado comparar esse prodígio adolescente atravessando a cidade de ônibus para frequentar a escola especial ao meu irmão, que se metia em confusão mesmo quando ficava em casa.

— A próxima? — Foi a vez de Kael de mudar de assunto.

Resolvi fazer uma pergunta básica.

— O que você gosta de fazer no tempo livre?

— Receber massagem — ele sorriu para mim — e trabalhar na minha casa. Comprei uma geminada quando estava fora. Lembra quando você me levou até o estacionamento pra pegar minha chave? Era pra estarem lá. Comprei uma casa velha e estou consertando o lado que está vazio, e também estou trabalhando lentamente no outro pra poder alugar e depois me mudar para ele e repetir o ciclo. Talvez ir pra Atlanta quando puder.

— Comprei a minha casa pelo mesmo motivo.

Ele deu uma mordida na laranja descascada. Senti o cheiro da doçura e fiquei com água na boca.

— Bom, a parte da reforma. Eu não aguentava mais morar com meu pai e a esposa, então encontrei esta casa *on-line* e estou consertando devagar, beeeem devagar. — Arrastei a palavra para dar ênfase.

Ele riu e chegou mais perto de mim.

— Eu reparei.

— Você não acha que estou fazendo um bom trabalho? — perguntei. — Não viu os azulejos do chuveiro? — Eu apostava que ele tinha ficado horrorizado com a quantidade de projetos inacabados por toda a casa.

Ele estava perto de mim, tão perto que senti o cheiro da fruta no seu hálito. Eu não sabia se era eu ou se era Kael, mas um de nós estava chegando mais perto do outro. Quando Kael e eu terminamos de fazer perguntas aleatórias, como por quanto tempo o outro conseguia prender a respiração e que barulho poderia ficar escutando o dia todo, todos os dias, sem ficar irritado, nós estávamos a poucos centímetros um do outro.

Era uma força magnética. Uma atração irresistível.

— Eu poderia ficar ouvindo você falar o dia inteiro — disse ele, me surpreendendo. — Virou uma das minhas coisas favoritas.

Seus olhos estavam na minha boca.

Meu coração estava pulando no peito.

— Eu queria ouvir você falar o dia inteiro — confessei. Estávamos tão próximos, sentados na minha varanda, sem reparar nos carros ou nas pessoas passando por nós.

— Um dia você vai se arrepender de ter dito isso. — O hálito de Kael cobriu as minhas bochechas e os meus lábios úmidos e carentes.

Seus lábios estavam muito próximos dos meus. Ele ia me beijar ali e naquele instante, do nada, com o sumo da laranja na boca?

Minha boca implorava para que a sua se aproximasse, para que me tocasse. Nunca quis tanto alguma coisa quanto queria que ele me beijasse ali na varanda.

Ele ia me beijar?

Seus lábios logo responderam minha pergunta. Ele se inclinou e tocou sua boca macia na minha.

Tudo ficou em silêncio no mesmo minuto. O trânsito. O som dos pássaros. Até a minha mente barulhenta. Eu não tinha palavras. Não tinha pensamentos. Era apenas ele.

No começo, ele foi tímido, gentil... até eu enfiar a língua entre seus lábios e sentir seu gosto. Então, meu tesão explodiu, e eu soube que jamais me cansaria dele. Eu precisaria de todas as doses e aproveitaria todas as oportunidades que tivesse.

Aquele primeiro beijo virou incontáveis outros, e chegamos ao limite entre o casual e o comprometido.

Eu conhecia o perigo.

Se minha história não tinha me ensinado nada, eu pelo menos podia usar a lição de quase todas as edições da *Cosmopolitan* e de todas as comédias românticas das duas últimas décadas. Não daria certo nunca.

Mas eu tinha que tentar.

Qualquer que fosse o preço, eu tinha que tentar.

Kael tinha estacionado atrás do SPA quando saí do trabalho no dia seguinte, o enorme Ford Bronco pingando água no chão. Ele vestia uma camiseta de mangas longas com o nome da sua companhia do exército impresso na frente e uma calça jeans com barra desfiada, como se a tivesse usado por anos. Tive vontade de tocar no brim macio e gasto e sentir o tecido nos dedos.

— O que você está fazendo aqui? Como soube a hora que eu terminaria?
— Fiquei surpresa de vê-lo no meu trabalho, esperando com um carro recém-lavado e sapatos novos nos pés. Empolgada, mas surpresa.

— Um passarinho me contou — respondeu, tirando os óculos de sol e abrindo a porta do passageiro para mim.

— Esse passarinho tem um sotaque francês adorável?

Ele deu de ombros.

— Isso é confidencial — disse ele, sério. Vi um certo brilho nos seus olhos. Como era possível que eu tivesse ficado com saudade durante a noite, depois de ele ter ficado na minha varanda comigo quase até a meia-noite e estar ali de novo?

— O que você está fazendo aqui? — perguntei. Eu não ia simplesmente subir no carro sem que ele tivesse que se esforçar.

— Vim com a esperança de levar você pra sair.

— Sair? Achei que não fôssemos ter encontros, que a gente só estivesse conversando e vendo onde isso ia dar.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e ficou ali parado, ao lado da porta aberta.

— Não precisamos chamar de encontro. Mas você gostaria de bater um papo comigo esta noite, considerando que só tem que trabalhar amanhã ao

meio-dia?

Eu disse sim sem nem fingir precisar pensar. Não fazia sentido. Nós dois sabíamos que eu iria para onde quer que ele me convidasse. Ele segurou meu cotovelo quando subi no carro e fechou a porta. Era tão educado ele abrir a porta para mim...

Ele era um cavalheiro sem nem se esforçar. Eu mal podia esperar para conhecer a mulher responsável por criá-lo junto com a irmã prodígio da ciência.

— Tenho uma coisa planejada pra você. Escolhi umas músicas — ele fez uma pausa, encabulado — e quero levar você ao meu restaurante favorito desta cidade.

Eu estava ficando cada vez mais empolgada.

— Encontrei cinco bandas que acho que você nunca ouviu falar. Uma se chama Chevelle. Conheci um cara no treinamento básico que gritava as letras sem parar. A banda era da cidade dele, e quando nos formamos, eu sabia quase todas as músicas de cor. Não sei se você vai gostar agora, mas, se tivesse ouvido antes de gostar do Shawn Mendes, talvez fosse diferente.

Eu amava o jeito como a língua de Kael se enrolava nas palavras e as fazia parecerem bem mais impressionantes, mais prazerosas de ouvir quando ele as pronunciava.

Ele era leve e pesado, ao mesmo tempo em que era à vontade e distante. Um uísque ardente e um vinho suave. Eu amava a forma como ele contradizia tudo nele mesmo. Ele era um homem fascinante, e eu mal podia esperar para saber mais sobre ele.

— Deixe o Shawn fora disso — avisei com um sorriso.

— Vi aquele pôster no seu quarto na casa do seu pai. Não pensei muito na hora, mas me lembro dele agora.

Kael entrou na via expressa enquanto a luz do dia desaparecia do céu.

— Ele é o John Mayer da nossa geração — argumentei.

Kael deu uma risada debochada.

— John Mayer é o John Mayer da nossa geração.

Alguns minutos depois, ele ficou em silêncio, e fiquei feliz ouvindo música e seguindo por uma estrada longa e sinuosa pela qual eu nunca tinha passado.

Eu sempre me lembraria do jeito como o sol e a lua dançaram no céu naquela noite e na sensação de calma que o silêncio dele gerou no meu corpo.

Ouvi sua voz fazendo perguntas aleatórias como tinha feito no nosso primeiro “encontro” na minha varanda. Seria eternamente o melhor primeiro “não encontro” da minha vida.

— Quantos irmãos você queria ter?

— Qual é seu personagem favorito de *Friends*?

— Quantas vezes você viu *O Rei Leão*?

Eu estava começando a ficar à vontade demais com ele no banco da frente do Ford Bronco. Mas quase conseguia sentir o caos fermentando. Tudo estava indo bem demais. Eu estava começando a sentir coisas demais por aquele cara.

O nome do meu irmão apareceu na tela do celular e pensei em ignorar, mas mudei de ideia. Havia música alta tocando do seu lado da linha, e as palavras se arrastavam e se tornaram inaudíveis.

— Kareeee, vem me buscar. Por favor, Katie. Que se foda a Katie. Que se foda a Katie e o ex-namorado e a porra do celular... — Austin falou ainda mais enrolado. — Kare, vem me buscar, por favor.

Caos. Fermentação concluída.

Eu não podia dizer não. Pedi a Kael para me levar ao endereço que Austin tinha me dado e fomos direto para lá. Quando chegamos, havia dois caras rolando no meio da rua. Uma camiseta vermelha e uma camiseta preta foi tudo que consegui decifrar dos corpos.

— Sai de cima dele! — Reconheci a voz de Katie antes de a ver.

— Vai, Nielson, acaba com ele! — disse alguém ao fundo. Mais algumas frases de encorajamento tóxico foram ditas antes que eu percebesse que era Austin de camiseta vermelha. Ele parecia estar segurando o cara em um mata-leão e não aparentava estar planejando soltar tão cedo.

— Pare! — gritou Katie de novo. Corri até ela, que estava com o rosto manchado por lágrimas e máscara de cílios.

— O que aconteceu? — perguntei, segurando-a pelos ombros. Kael estava gritando o nome de Austin, tentando apartar a briga.

— Meu ex e Austin... — Ela começou a chorar histericamente e não

conseguiu me contar mais nada além do que eu estava vendo na minha frente.

Sirenes piscaram no ar quando Austin soltou o pescoço do cara de camiseta preta para poder dar socos nas costelas. Eles pareciam garotinhos brigando no quarto com decoração de MMA, mas eram adultos, e a polícia estava chegando.

Gritei o nome de Austin, e Kael tentou puxar a camiseta dele para tirá-lo de cima do cara. Se fosse preso de novo, ele estaria ferrado. A sirene foi interrompida e as vozes ficaram mais altas. Só havia umas cinco pessoas ali, mas, quando todas as vozes estavam gritando ao mesmo tempo, o som era de caos.

Tudo aconteceu tão rápido.

Os policiais saíram do carro e foram direto para cima de Kael. Eu gritei e corri até ele quando o corpo de Austin caiu no chão e me derrubou em cima do homem com quem ele estava brigando, cujo cotovelo ou punho estava voando na direção do minha cara. Ergui as mãos para bloquear o rosto e ouvi Kael gritar. Não só um grito, mas um berro gutural de dor. Foi de uma intensidade animal e me afetou diretamente. Eu me virei para ele, sem pensar mais em me proteger. Vi o policial erguer o cassetete preto em direção a Kael, que estava jogado no chão, com a perna direita na direção do golpe do policial.

Outro grito soou no ar. Talvez tenha sido Katie. Talvez tenha sido eu. Jamais saberia. O que sei foi que Austin rastejou pelo caos, encontrou o Ford Bronco e conseguiu arrastar o corpo bêbado para dentro e se deitar.

Kael e eu fomos interrogados pelos policiais.

— Para onde vocês dois estavam indo?

— Vocês têm certeza de que não estavam bebendo na festa?

— Mostre a identidade, soldado.

Fiquei olhando de cara feia para os policiais após Kael parar de tremer no estacionamento. O outro cara envolvido na briga também foi embora, e foi a identidade de Kael que eles pediram para olhar.

Quando falei para Kael que não era justo ele ser tratado assim quando nem era ele que estava brigando, ele me disse para não questionar a autoridade, que não era seguro. *Dê poder a um homem e ele vai destruir o mundo*, minha mãe sempre dizia.

A cada dia ficava mais provado que ela estava certa.

Uma hora depois, finalmente voltamos para o carro. Austin despertou e estávamos quase na casa do meu pai. Meu irmão acordou bem e perguntou por Katie, pela nossa mãe e pediu um sanduíche de pasta de amendoim.

— Acho que ele está mais do que bêbado — disse Kael depois de ajudar Austin a entrar na casa do meu pai e a subir a escada. Kael praticamente botou Austin na cama, mas meu pai teve a coragem de me mandar uma mensagem minutos depois que fomos embora para perguntar se Kael estava bebendo e dirigindo. Fiquei pensando por que meu pai estava acordado até tão tarde em um dia de semana, e não respondi a ele. Havia um limite para o que eu era capaz de aguentar.

— O que isso quer dizer? — Olhei para Kael com olhos severos. Não era hora de fazer acusações aleatórias, como insinuar que meu irmão usava drogas. Ele mal conseguia pagar um corte de cabelo, como poderia comprar drogas e sustentar seu amor por álcool e Chipotle?

— Nada, só estou pensando em voz alta — respondeu.

— Bom, não pense. — Eu estava na defensiva e Austin era meu irmão gêmeo. Ele não estava drogado, só tinha bebido bem mais do que deveria. — Acho melhor não falarmos nada — sugeri, só para tentar arrancar uma reação dele, o que foi injustiça, principalmente depois da confusão com a polícia. Eu ainda não conseguia acreditar na forma como agiram com Kael. Era como se tivessem algo pessoal contra ele. O policial quase bateu com um cassetete na perna já machucada. Ver aquilo foi apavorante, e a lembrança era cem vezes pior.

— Desculpa, de verdade — eu disse, esticando a mão para segurar a dele e me acalmar. Seus dedos, quentes e familiares, se entrelaçaram aos meus, e me senti com os pés no chão novamente. — Sinto muito por tudo isso. Você foi defender Austin e foi atacado pelos malditos policiais, teve que cuidar do meu irmão. Argh, sinto muito pelo tanto que compliquei sua vida nos últimos dias.

Kael suspirou no silêncio do carro e levou meus dedos aos lábios.

— Você vale cada complicação que trouxe junto. — Ele se inclinou para me beijar. — Espero que sempre sinta isso em relação a mim — disse ele, aninhando meu rosto com as mãos grandes.

— Sempre, é?

— Bom, talvez nem sempre, eu não ia querer assustar você.

— Quase sempre?

Kael assentiu, sorriu e me puxou para perto. Mesmo dentro do olho de uma tempestade, ele conseguia fazer eu me sentir segura. Era uma questão de percepção, e a minha precisava de uma ou duas doses de realidade. Mas, em vez de procurar o chão, eu flutuava no céu com a estrela mais brilhante de todas. A voz da minha mãe ecoou na minha cabeça quando beijei Kael de novo: *As estrelas mais brilhantes se consomem mais rápido, e temos que amá-las enquanto podemos.* Ela só me disse isso uma vez, mas, mesmo tantos anos depois, eu ainda me lembrava. Acho que eu não podia me dar ao luxo de esquecer as palavras de sabedoria e as histórias que ela colecionou ao longo dos anos, considerando que tinha ido embora.

— Vamos pra casa? — perguntei a Kael, sabendo que ele entenderia que eu estava falando da minha casa.

Ele assentiu, e seguimos para casa em um silêncio tranquilo, e as palavras da minha mãe sumiram da minha mente quando pegamos a via expressa.

Não sei o que eu faria sem meu emprego. Não era só para pagar as contas, se bem que Deus sabia o quanto eu precisava disso. Era girar a chave na porta da frente, acender as luzes, cuidar para que tivéssemos toalhas frescas e estoque de óleos. Cada tarefa me tirava de mim e me ajudava a me conectar com o mundo ao meu redor. Eu tinha certeza da minha capacidade como terapeuta massagista, tinha orgulho do que podia fazer para ajudar as pessoas a desfazerem os nós das próprias vidas. Eu precisava daquilo mais do que tudo hoje, enquanto tentava desemaranhar a confusão da minha própria vida.

Mali entendeu por que me atrasei. Ela tinha me dito para tirar o dia de folga quando liguei para contar o que tinha acontecido, mas não consegui. Kael tinha compromissos na base o dia inteiro, e eu precisava de distração. Pensei em ir junto, mas fiquei com medo de acharem que eu era esposa dele. Com mais medo ainda de gostar. Eu odiava ficar longe e até liguei para ele enquanto andava até o trabalho.

Eu era grata pelo meu emprego, mas tive um dia quase cheio e estava pronta para ir embora, principalmente porque Kael disse que ia passar na minha casa depois do meu turno. Minha agenda ia até as quatro, mas eu sairia uma hora mais cedo se não tivesse um cliente novo às três.

Estava cansada, exausta por causa da noite infernal do dia anterior. O jeito como ele tentou ajudar Austin com a polícia, o jeito como beijou minha testa quando chorei nos seus braços a caminho de casa. Austin não se lembrava de nada. Claro que não. Ele tinha passado desse ponto. É possível que não tenha sido só álcool, embora isso já fosse bem ruim. Nossa mãe devia ter servido de alerta para nós dois. Talvez fosse mais do que bebida, ainda mais pelas pupilas grandes e pretas. Ele estava desorientado e desajeitado, como alguém que tivesse sido deixado vendado em uma floresta e estivesse tentando sair. Quando chamou meu nome, ele não conseguiu nem dizer as primeiras letras

direito. Eu só ouvi um “κ” estrangulado. Kael estava certo? Era mais do que álcool controlando seu corpo e enevoando a mente dele?

Eu só queria tirar os eventos da noite anterior da cabeça e não vivenciar nada tão apavorante nunca mais. Todo mundo estava dizendo que eu não estava tão abalada quanto deveria. Não sei bem o que as pessoas queriam dizer com aquilo. Era para ser um elogio? Elodie fez chá e ficou com Kael e comigo enquanto eu falava e gritava e tentava entender tudo. Tentava sair da escuridão. Quando não consegui mais falar, ele me pegou no colo e me carregou para a cama. Ser abraçada daquele jeito. Ser pega no colo daquele jeito... Foi o mais perto que cheguei de ser resgatada.

Eu estava exausta. Meu corpo derreteu no colchão até o meio-dia.

Kael não se deixou abalar pelo incidente, só ficou com raiva. Fiquei pensando que para ele se abalar seria preciso bem mais do que um policial babaca que devia ter sofrido *bullying* no colégio e estava descontando em todas as pessoas negras que encontrava. Eu assistia ao noticiário; era uma epidemia no país. Kael não queria *usar o argumento da raça*, como ele dizia, mas eu queria. Queria usar todos os argumentos possíveis. O mínimo que eu podia fazer era tentar usar meu privilégio para algo significativo. Mas ninguém percebe o quanto é impotente até tentar fazer uma coisa importante.

Eu via. Via cada momento sujo de racismo e de dois pesos e duas medidas. Amava meu irmão e não ia querer que ele se machucasse, mas, cara, por mais ferrado que fosse, Austin era tratado como cidadão exemplar. O jeito como o policial protegeu a cabeça de Austin quando o ajudou a entrar na viatura pelos dois minutos que ele teve que ficar lá dentro. Mesmo Austin provocando o policial, ou tentando. Ele só conseguia soltar pedaços de palavras com a boca torta. Teria sido engraçado se não fosse tão trágico.

Era horrível vê-lo ficar tão parecido com a nossa mãe.

Eu ainda não entendia completamente o que tinha acontecido, foi tudo rápido demais. Eu estava gritando por Austin, depois por Kael, depois cassetetes pretos foram tirados de cintos. Eu queria proteger a perna de Kael... eu tremi. Tudo bem, talvez eu ainda estivesse meio abalada. É que parecia não fazer sentido a rapidez com que eles apareceram, a rapidez com que foram de quase atacar Kael a me dizer para levar meu irmão de volta para o Ford Bronco do qual o tinham tirado. Mesmo quando nos interrogaram, eles foram severos e mordazes, mas recuaram rapidamente. Pequenos detalhes do incidente.

Eu estava na metade do dia quando Kael me mandou uma mensagem. Ele estava saindo da base e iria até a minha casa depois de passar na dele para deixar umas tintas. Falei para ele usar a chave debaixo do meu capacho onde se lia HELLO. Estava gasto e as letras não estavam mais tão claras quanto já tinham sido, mas era bom para esconder uma chave.

Vou deixar a cama quente, escreveu ele.

Suspirei e encostei o celular no peito. Tive aquela sensação de alívio que sentimos quando entramos em um banho ou em uma cama quente. Cama. Quando eu pensava em Kael me esperando na cama... Ele tinha um jeito de fazer tudo parecer contornável.

Mandei um emoji de beijo e ele respondeu com outro igual. Eu sentia tanto a falta dele que conseguia sentir fisicamente o vazio da ausência. Às três horas, ninguém entrou no SPA. Ninguém. Era uma terça-feira. Eu precisava aproveitar cada minuto do meu tempo com Kael antes de ir jantar na casa do meu pai. Pensei em levá-lo, mas não queria que nada furasse nossa bolha de felicidade, principalmente meu pai. Não consegui imaginar Austin contando para ele sobre o incidente, então era bem possível que ele não soubesse. Eu estava contando com aquilo.

Eu queria passar pelo jantar sem complicações e sem drama. Não queria ir, só desejava ficar na minha cama com Kael. Eu estava completamente viciada nele, e o sentimento me apavorava e me empolgava ao mesmo tempo.

Havia tantas coisas que eu *queria* fazer, e todas envolviam Kael. E só havia uma coisa que eu era *obrigada* a fazer: jantar na casa do meu pai.

Eu ainda sentia meu gosto nos lábios de Kael quando o beijei de novo. Estava abraçada ao seu corpo, grudada ao seu lado. Ele era tão quente, a pele e o corpo eram tão lindos, como se ele tivesse sido esculpido diretamente do solo que nutre e alimenta a própria terra.

Lambi a pele dele só para sentir o gosto. Nem me preocupei com nada, só com ele e o jeito como gemeu quando suguei sua pele. Eu nunca tinha pensado naquele tipo de relação antes de o conhecer. Brien e eu começamos a sair sem nem dizer que estávamos saindo. Eu só soube que éramos um casal quando ele me disse que eu não devia usar um short tão curto na frente dos seus amigos. Ele não me protegia de outras formas, só quando queria bancar o macho na frente dos amigos. Era masculinidade tóxica ao extremo.

Eu nem sabia que estar com alguém podia ser assim. Brien e eu nos agarrávamos muito no começo. Não sei bem o que aconteceu, mas nossa atração física virou outra coisa. Essa outra coisa era confortável... e destrutiva. Não era bom para nenhum dos dois. Bom, não era bom para mim. Eu só queria ter sido capaz de saber na época. Nós começamos famintos e excitados, mas ficamos cansados dos nossos amassos ansiosos e inexperientes. Logo nosso tempo juntos pareceu servir apenas para ir ao cinema e ao *shopping*. Depois disso, terminamos algumas vezes e ficamos juntos de novo. Porque estávamos sozinhos demais, ou entediados, ou qualquer outra desculpa que eu tenha me dado sempre que ia à casa dele naquelas últimas vezes.

Eu não sentia a mesma coisa com Kael. Não tentava contar a quantidade de vezes que ele respirava em um minuto. Não tentava ouvir o coração dele

batendo no peito.

Beijei Kael de novo, e as mãos dele desceram das minhas costas pelo meu corpo e apertaram minha bunda.

— Meu Deus. — Ele gemeu no meu pescoço enquanto me beijava. — Parece que você foi esculpida especialmente para mim. — Ele levou a mão para a frente da minha calcinha. Massageou de leve, me apertando. Tentei ficar quieta, era tão bom. Não queria que ele parasse e também não queria ter uma reação exagerada. Então, quando meus quadris se moveram e se ergueram de leve e a respiração entalou na garganta, engoli seu nome e fechei os olhos. Meu corpo se contraiu e relaxou, e me agarrei ao corpo dele quando gozei.

Mantive os olhos fechados ao sair do estado de graça, mas para logo entrar em outro. Esperava que ele não fosse como Brien e não perguntasse como foi, porque faria tudo girar ao seu redor. Achava que Kael não era assim, e ele provou que eu estava certa assim que encostei a cabeça em seu peito e o silêncio ficou confortável entre nós.

— Quero te mostrar as janelas novas que chegaram pra minha casa — disse Kael do nada enquanto movia os dedos em círculos no meu quadril.

— É nisso que você pensa depois que faz as garotas gozarem?

— Só com você. Minhas duas coisas favoritas, meu projeto de reforma e você. — Ele pareceu tímido ao falar, e isso me fez rir.

— Só quero que você termine a sua casa pra poder vir trabalhar na minha — brinquei. Eu amava a ideia de Kael tirando os armários da minha cozinha sem camisa. Não era essa a fantasia de todas as garotas, um cara trabalhador e dedicado... só para elas?

Escondi o rosto no seu peito como se ele pudesse ouvir meus pensamentos.

— Hmmm, mal posso esperar pra trabalhar na sua casa e poder dormir aqui todas as noites, nessa cama. — Ele me apertou com mais força. — Adoro quando você tem folga do trabalho. Você precisa de mais dias de folga. Imagine se tivéssemos um dia inteiro só pra nós. — Ele estava com o rosto no meu cabelo. Eu amava o jeito como os dedos grossos seguravam minhas mechas escuras, as enrolavam delicadamente. Isso me fazia pensar nele esfregando minha pele, me fazendo ter um orgasmo sem nem tirar a calcinha.

Ainda encostada nele, concordei, satisfeita e aquecida. Senti um cansaço

repentino e me dei conta de que podia dormir se quisesse. Isso era novidade para mim, estar tão relaxada durante o dia que poderia adormecer. Desconfiava que tinha tudo a ver com a companhia dele.

Kael estava cantarolando uma música e me contando sobre uma bandinha que descobriu em um bar no Kentucky depois que terminou o treinamento básico e ouviu a música no rádio. Eu amava quando ele estava cansado e a voz soava mais grave do que costumava ser.

— Estou tão relaxado que até parece que eu também gozei.

Eu me virei para cima, para que ele pudesse ver meu rosto.

— Você quer? — Beije o queixo dele.

Ele sorriu.

— É uma pergunta retórica?

Balancei a cabeça.

Comecei beijando o queixo, as clavículas e os ombros. A pele dele era tão macia embaixo dos meus lábios, e beijei a cicatriz do ombro duas vezes.

Ele começou a falar comigo, a me encorajar, a me dizer como eu o deixava duro, quando seu celular começou a tocar na mesinha de cabeceira. Ele pegou o aparelho e leu a tela.

— É Mendoza. — E me mostrou o celular.

Assenti, indicando que era para ele atender.

— Alô... — Kael começou a falar, mas foi interrompido por gritos. — Ei, ei, cara, mais devagar. Está tudo bem. — A voz dele estava diferente, novamente a voz do sargento Martin.

Aquilo me surpreendeu e me impressionou. Ele tinha tanta empatia que sua alma brilhava por dentro. Achava que a empatia poderia acabar virando nossa destruição, porque parecia que nenhum de nós dois era capaz de controlá-la. Então, estávamos ambos vivos, e ele estava me mostrando como era um homem solícito. A pele marrom era linda, os olhos eram solidários, o coração era atencioso. Era exatamente daquele jeito.

— Não, não. Nós estamos bem, cara. Vamos conversar sobre onde você está? E vou até você, vamos tomar uma cerveja, jogar dardos, o que for. — Kael estava fora da minha cama, vestindo a calça antes que o amigo respondesse.

Eu não sabia o que fazer, então me sentei enquanto Kael se movia ao meu redor, mergulhado no modo missão. Ele me olhava em intervalos curtos para lembrar a mim que ele sabia que eu ainda estava ali, mas ele estava tão concentrado em Mendoza no celular que era impressionante e assustador.

— Só eu. Não vou contar a Glória onde você está. Também não quero que Karina saiba. — Kael olhou para mim. *Não quero dizer o que estou dizendo*, seus olhos diziam. Eu sabia disso.

Os sapatos de Kael estavam nos pés, e ele disse para Mendoza que estava a caminho.

— Olha, volte pra dentro e peça umas cervejas pra gente. Porra, eu tomo até tequila com você, mas não vai embora, me espere aí.

Ele tentaria tirar a própria vida? Saí da cama e fui até Kael. Ele levantou o dedo para me avisar para não fazer barulho.

— Chego daqui a pouco, está tudo bem. Não fale com mais ninguém enquanto eu não chegar — instruiu Kael.

— Está tudo bem? — perguntei. Ele assentiu.

— Mendoza está bêbado e começou a dizer que tem uns caras espionando ele. É paranoia de ter que ficar alerta o tempo todo. De ver seus amigos serem mortos. Eu entendo. — Aquelas palavras me abalaram. — Me desculpe por ter que ir embora de novo. — Ele beijou minha testa, minhas bochechas e minha boca. — Volto assim que resolver as coisas lá.

— Não beba tequila e dirija — adverti. — Pensando bem, quer que eu te leve?

Ele fez que não.

— Desculpa, Kare, mas se ele te vir depois de eu ter dito que você não ia, ele não vai confiar em mim. Eu não vou tomar tequila lá, nem ele. Vou convencê-lo a ir ao Steak and Shake comigo. Só vamos tomar *milk-shake* — garantiu.

— Tenho que ir à casa do meu pai. Só que não quero. Estou muito cansada. — Eu me encostei ao seu peito para mais um toque antes de ele ir embora.

— Então não vá dessa vez. É apenas uma noite. Você está trabalhando demais ultimamente e gastando todo o seu tempo livre comigo. — Ele me abraçou. — Você odeia ir lá mesmo. Por que não tirar uma semana?

Eu não conseguia ver o rosto de Kael, mas sua voz soou convincente. Ele estava certo, por que eu estava tão disposta a me fazer passar pela inconveniência de ir a esses jantares toda semana só para não chatear meu pai e a esposa dele vinda de Stepford. Pelo menos Rory e Lorelai faltam aos jantares na casa da avó de Rory quando elas têm compromisso. Eu poderia fazer isso. Eu era adulta, poderia não ir.

— Eu... — Kael começou a dizer quando se afastou.

Fingi não ouvir. Não queria que nada estragasse nossa bolha de felicidade, e se ele viesse dizer que me amava sendo que só nos conhecíamos havia uma semana, eu jamais o perdoaria.

— Fique bem e me mande uma mensagem avisando que está tudo bem, por favor — pedi. Ele assentiu, me beijou de novo e foi até a porta do quarto.

— O que você vai fazer sobre esta noite? — perguntou Kael.

Tomei uma decisão.

— Esta noite pretendo cochilar até você voltar.

Um sorriso se abriu no rosto dele, mas não chegou aos olhos.

— Ele está bem, né?

Kael assentiu.

— Está, Kare. Ele vai ficar bem — garantiu.

Caí na cama pensando em quantos soldados em todo o planeta eram perseguidos por demônios bem depois de terem saído do campo de batalhas. Voltar para casa não era tão seguro para eles. Mandeí uma mensagem para o meu pai pedindo desculpas por não poder ir e tirei um cochilo de três horas. Adormeci pensando na força dos demônios que perseguiam o meu soldado.

Quando acordei, decidi ir ao mercado e liguei para o meu pai enquanto estava na parte dos congelados. Eu disse que não estava com vontade de ir. Só isso. Ele não gostou da resposta, mas me deixou desligar quando Austin ligou para a outra linha.

Elodie estava em outro evento das esposas do exército, um jantar desta vez. Ela parecia feliz de estar socializando, principalmente porque encontrou duas esposas que foram bem gentis com ela. Eram novas na base e não queriam envolvimento com as babacas que achavam divertido tirar sarro de Elodie. Por terem vindo de fora, elas viam a situação como realmente era, um bando

de garotas cruéis que não tinham crescido de verdade e que achavam que não tinha problema deixar que a inveja guiasse seus atos. As novas amigas de Elodie só queriam tomar vinho e assistir à Netflix, então, fora o vinho, era perfeito para ela.

Kael estava dormindo na minha cama quando voltei do mercado. Ele estava sem camisa, com uma cueca boxer que acentuava as coxas musculosas. Pensei no primeiro dia em que o vi na recepção, quando ele se recusou a tirar a calça e a me deixar tocar na perna direita. Não fazia tanto tempo que um estranho com um nome estranho se deitou na minha maca de massagem, e aqui estava ele, deitado na minha cama, o braço caído pela lateral.

Peguei sua mão, levei aos lábios e a beijei delicadamente. Ele nem se mexeu. Segurar a mão dele daquele jeito... tocar cada um dos dedos, passar o dedo pelas dobras... só segurar aquela mão era o melhor remédio. Eu amava suas mãos: grandes, fortes. Pensei em como me abraçavam, me tocavam, me levavam ao limite e além. Baixei o braço dele com cuidado, tirei os sapatos e a calça e deitei na cama com ele. Ele acordou assim que encostei meu corpo no seu, agarrada, como se fosse questão de vida ou morte.

Vida ou morte. Era o que ele estava começando a parecer para mim. Eu devia ficar preocupada com isso, mas não estava. Nunca fui do tipo carente, nunca banquei a donzela em perigo. Não é meu estilo. Mas... ali estava ele, o cavaleiro deitado e aconchegado na minha cama. Eu devia ter lembrado que nem todos os contos de fadas terminam com *felizes para sempre*.

Quando os olhos de Kael se abriram, vi confusão neles por alguns segundos. Vi bem o momento em que ele voltou à realidade.

— Oi. — Ele aninhou o corpo em volta do meu. Estávamos tentando envolver um ao outro, e qualquer coisa diferente... bom, nada seria suficiente.

— Como foi no mercado? Precisa de ajuda pra carregar as sacolas? — perguntou ele.

— Foi bom, eu...

Ele me interrompeu antes de eu poder terminar.

— Por que você ainda está vestida? — reclamou ele, apesar de eu estar sem calça.

O fato de ele estar me querendo me dava uma euforia que eu nunca teria sonhado em sentir. Eu nunca tinha me sentido daquele jeito. Nunca. Sabia que

era clichê e não ligava. Só me importava com o que estava na minha frente, chegando mais perto.

Kael se apoiou no cotovelo, se curvou sobre mim e se posicionou para me observar. Os ângulos do seu rosto continuaram a me surpreender, como se cada vez que ele me olhasse de uma nova posição eu visse um novo lado seu. O jeito como ele me observava... ele engoliu em seco, querendo me devorar. Foi um movimento pequeno, quase imperceptível, mas um ato tão intenso que precisei fechar os olhos para não cair.

Senti o calor do rosto dele chegando perto do meu, os lábios se aproximando dos meus. Os dedos estavam quentes quando ele subiu minha blusa para cima do umbigo, pelo meu tronco, até eu me contorcer o suficiente e ele tirar minha blusa. Senti o ar frio na pele, mas o arrepio, a eletricidade que percorria meu corpo, vinha de Kael.

— Fiquei com saudade da sua boca. — Cada palavra traiu seu desejo, cada respiração revelando sua vontade. Ele levou as pontas dos dedos aos meus lábios e os contornou. Eu os lambi, passei a língua pela pele macia, pelas unhas duras. Mordisquei de brincadeira, e ele reagiu primeiro lambendo os lábios e depois mordendo. Ele estava tentando ir devagar. Ouvi em sua respiração, vi em seu rosto. Ele me queria.

— Kael — chamei o nome dele, respirando com certa dificuldade. — Esse momento. Agora...

— As palavras, as suas palavras... — A voz de Kael estava rouca, os olhos escuros estavam indistintos. — O gosto delas. — Ele se inclinou para me beijar. — O gosto é melhor do que o som. — Ele se afastou e me beijou de novo.

Foi mais do que um beijo. Foi um toque e um beijo, uma coisa que eu não conseguia explicar, e latejava pelo meu corpo como puro desejo. Ele enfiou a língua entre os meus lábios e os afastou para ter mais de mim.

Meu corpo tinha ganhado vida. Eu chegava mais perto da mais pura forma humana quando estava sob seu feitiço. Quando ele estava me tocando, eu sentia minha mente se abrindo. Espaços amplos eram esvaziados, cada gesto dele afastava o caos dentro da minha cabeça, me deixava à vontade.

— Cada parte de você tem um gosto tão bom... — Ele beijou meu maxilar, me fazendo fechar os olhos.

Ele estava tão duro. Eu o sentia se encostando em mim, meu corpo

reagindo a ele antes da minha mente. Enfiei a mão entre nós para tocar nele, mas ele pegou meu pulso e o segurou acima da minha cabeça.

— Com pressa? — Kael baixou a cabeça de novo e desta vez sugou a pele que aparecia acima do sutiã. Tremi.

— Passei o dia pensando nos seus peitos. Na sensação deles nas minhas mãos. — Ele ergueu o braço e cobriu meu seio todo com a mão grande. Revirei os olhos e podia jurar que senti que estava perdendo a consciência. Ele me sugou até eu sentir o ardor de sangue saindo pela pele. Ele estava me marcando. Me tornando dele.

Senti dor entre as coxas.

— Que gosto. — Ele me mordeu delicadamente, passando a língua por baixo da renda do sutiã.

— Senti sua falta — consegui dizer entre gemidos. Ele estava sugando meu mamilo, mordendo delicadamente. A dor misturada com prazer provocou um sentimento louco pelo meu corpo todo.

— Ah, senti tantas saudades.

— Eu quero... — Ofeguei. Não conseguia mais respirar.

— O que, Karina? O que você quer? — Ele estava me provocando, me tentando.

Engoli areia de tão seca que minha boca estava. Toda a umidade tinha ido para outra parte do meu corpo. Nunca tinha entendido por que as pessoas gostavam tanto de sexo, por que o sexo as levava a fazer coisas loucas. Mas se Kael me pedisse para roubar um banco com ele naquele momento, enquanto sugava e puxava delicadamente meu mamilo, eu teria dito sim com alegria. Não estar com ele, não sentir as mãos dele nas minhas, a boca em mim... esse seria o verdadeiro crime.

— Mais, Kael. Preciso de mais... — Eu mal tinha dito a última palavra e ele colocou a mão embaixo do meu corpo e me levantou, virando nossos corpos para que eu ficasse por cima. Senti a poça de excitação encharcando minha calcinha e ele latejando em mim, pressionando meu sexo pulsante.

Queria mandar que ele me comesse. Não me importava se fosse doer. Queria que ele metesse em mim. Que me tomasse até não sobrar mais nada. Queria tirar a calcinha e fazer meu corpo se encaixar no dele. Como se estivesse lendo a minha mente, os dedos soltaram o aperto nos meus quadris e

entraram na minha calcinha. Gemi, deixei a cabeça pender de alívio, depois a joguei para trás de excitação. Eu estava latejando por ele no âmago do meu corpo.

O dedo grosso de Kael me provocou, subiu e desceu, passou por toda a umidade, mas não onde eu mais precisava. Ele sabia onde tocar, dava para perceber pelo jeito como manuseava meu corpo, pelo jeito confiante como falava comigo. Movi os quadris e ergui o corpo para que o dedo dele deslizasse no meu clitóris. Gemi, e de repente havia dois dedos dentro da minha calcinha, me abrindo. Estremeci e senti uma onda de extremo prazer.

— Quero te lamber, te chupar, sentir teu gosto, te provocar. — Cada palavra dele foi sussurrada e não dita. Os olhos estavam ardendo. Estremeci de novo.

— Porra. — Movi os quadris de novo e esfreguei o pau dele no meu ponto dolorido. Era o painel de controle do meu corpo, e Kael estava testando todos os circuitos. Ele tirou os dedos de mim e levou à boca para sentir meu gosto. Olhei para ele, me sentindo uma deusa que alimenta um homem faminto. Ele sugou os dedos e fechou os olhos.

— Vem aqui — disse ele, as mãos segurando minha cintura. Ele me levantou e me levou até a boca.

— Eu... você vai... — Comecei a fazer perguntas, mas a língua dele deu a resposta ao lamber meu corpo em círculos. Eu queria me afastar, dizer... pedir desculpas por não ter me depilado toda. Todas as minhas inseguranças surgiram e lutaram contra a dor do prazer crescendo no meu corpo.

Não sei como era possível, mas, pela primeira vez, o prazer venceu a guerra dentro da minha cabeça, e pensei só nas mãos de Kael no alto das minhas coxas, abaixo da minha cintura. No jeito como ele me segurava no lugar, em cima da sua língua. Quando meu corpo começou a tremer acima dele e palavras inaudíveis saíram dos meus lábios, ele usou os dedos para ajudar a língua mágica, e gozei tão intensamente que desabei em cima do corpo quente e sólido dele.

Ele me abraçou, os braços envolvendo minhas costas com força, apertando meu corpo no seu. Enquanto vibrava na satisfação pós-orgasmo, eu me perguntei se os outros garotos conheciam o corpo feminino como Kael conhecia, e isso me fez começar a pensar nas garotas em que ele tinha tocado antes, que tinha beijado e feito gemer seu nome ao gozarem.

— Você fica tão linda quando goza — disse ele no meu ouvido, passando os dedos pelas minhas costas.

Eu queria me punir, lembrar que aquilo tudo parecia bom demais para ser verdade, mas o jeito como ele virou meu rosto com as duas mãos nas minhas bochechas e me beijou me fez esquecer as dúvidas que flutuavam dentro de mim. Ele tinha aquele poder, que ao mesmo tempo me apavorava e me empolgava.

Meu turno na manhã seguinte foi tão longo que mal consegui ficar de olhos abertos. O tratamento de Stewart estava chegando perto do final, e ela estava me contando sobre a mudança iminente para o Havaí.

Era importante para ela, a promoção que ela tanto queria finalmente tinha acontecido. Stewart estava falando ansiosamente sobre a companheira, que ela estava otimista de levar o pequeno negócio para o Havaí. Ela fazia vestidinhos florais fofos e vendia *on-line* e em algumas boutiques locais, ou seja, o negócio não seria afetado pela mudança. Na verdade, ela provavelmente teria mais sucesso em uma cidade de praia do que aqui, perto da fronteira da Geórgia com o Alabama, a quase cinco horas do litoral.

Fiquei meio distraída enquanto Stewart estava falando. Cada vez que me mexia, sentia Kael percorrendo meu corpo. Doze horas depois daquele momento explosivo, mas eu ainda conseguia me lembrar de cada momento e cada toque. Eu mal tinha botado os pés no chão.

— Ela vai montar uma daquelas lojinhas na praia. Está convencida de que foi feita pra vida na praia. — Stewart fez uma careta quando fiz uma pressão mais forte. Ela estava sempre cheia de nós, mas conseguia aguentar a dor melhor do que a maioria.

Eu ri um pouco enquanto ela continuava falando. A cabeça estava apoiada no suporte e a voz estava um pouco abafada, mas é o tipo de coisa com que nos acostumamos.

— Eu lembrei a ela que vamos morar *perto* da base, já que não podemos morar *na* base — continuou ela. Os militares precisavam se adequar aos novos tempos. Eu ficava besta ao pensar que ela podia servir o país do mesmo jeito que uma mulher hétero, mas não podia ter os mesmos benefícios para a família que um soldado hétero tinha. Parecia que a política do *não faço*

perguntas, não quero saber tinha sido substituída por *não ligo, não vou pagar*.

Kael me contou uma vez que conheceu uma mulher gay que estava no leito de morte na Alemanha por causa de ferimentos relacionados à guerra e o exército não ligou para a companheira dela. Só para os pais homofóbicos, que a deixaram morrer sozinha. Eles se esconderam por trás do regulamento e se safaram daquela negligência horrível.

— Ouvi falar que as casas na base são muito boas, mas nós encontramos uma casa linda a poucos quilômetros dali. Tem um jardim pequeno para os cachorros. Falando em cachorros, é quase impossível levá-los para o Havaí conosco. As pessoas estão me contando que os animais delas ficaram meses de quarentena até serem liberados. Essa é uma dor de cabeça que ainda estamos tentando resolver.

Ouvi Stewart falar pelo resto da sessão de massagem, mas por baixo de cada palavra estava Kael. As mãos calejadas segurando minhas coxas, a boca entre elas, me abrindo. Ficar exposta daquele jeito não me assustou. O jeito como ele tocou em mim, o jeito como me olhou, como se tivesse encontrado alguma coisa dentro de mim, me fez florescer. Implorei que a boca dele chupasse minha pele, supliquei para que ele enfiasse os dedos em mim.

Minha barriga estava doendo, meu corpo sentia falta do dele. Depois da noite anterior, eu não tinha mais tanto medo do que aconteceria conosco.

Nós não tínhamos planos, mas também não precisávamos de um. Tínhamos tempo de seguir no nosso ritmo e moldar esse... “relacionamento” da forma como quiséssemos. Então, aquilo queria dizer passar cada momento questionando o mundo juntos.

Percebi que estava contando os minutos até o final do tratamento de Stewart para poder pelo menos olhar o celular. Queria ter qualquer contato possível com ele. Precisava me sentir mais próxima dele. Mesmo que fosse só vendo seu nome na tela do celular. Relendo as mensagens que ele mandou de manhã. Queria ver a foto que tirei de nós, deitados na minha cama com seu braço caído preguiçosamente no meu colo. Seus olhos estavam fechados, um sorriso grande na cara. Mais três minutos. Parecia um tempo excruciantemente longo. Achava que Stewart nem notaria, porque eu já estava fazendo uma espécie de encerramento, passando as mãos delicadamente por sua pele para que ela relaxasse depois da massagem profunda.

Esperei mais um minuto e encerrei a sessão faltando dois. Fiquei me sentindo um pouco culpada, mas estava com certa pressa. Peguei o celular na

prateleira assim que minhas mãos saíram do corpo da minha cliente.

Não havia mensagens novas, mas uma ligação perdida do meu pai. Bom, isso podia esperar. Eu não estava com vontade de falar com ele. A única coisa na minha mente era que a boca de Kael tinha gosto de ChapStick de cereja e como ele riu quando tropecei em um pedaço de azulejo no banheiro. Nós tínhamos ido do meu quarto para o banheiro, ainda sem conseguir nos separar, parar de nos tocar, parar de explorar o outro.

— Karina? — A voz de Stewart me fez pular. Meu celular caiu no chão, com a minha foto com Kael aberta na tela.

— Ah, meu Deus, desculpa! — Escondi o rosto no cabelo quando me abaixei para pegar o aparelho. — Vou deixar você se vestir. Vejo você no saguão. — E deixei-a sozinha.

Quando pisei no corredor, precisei morder o lábio para não rir. Normalmente, eu surtaria por causa de uma coisa daquela. Mesmo que fosse pequena. Será que Stewart estava incomodada ou achando que perdi a cabeça? Desta vez, meu cérebro não seguiu esse caminho como era de costume. Pensei naturalmente sobre o quanto eu estava ficando obcecada por Kael e como o sorriso dele seria grande quando eu contasse sobre o que aconteceu com o celular na frente de Stewart.

O que eu sentia por Kael era algo entre uma paixonite doce e aniquilação total. Era poderoso e bruto. Ele era feroz como um animal, mas também tão legal e gentil. Era um poço de contradições. Todos os conflitos estavam ali. Ele tinha uma natureza animal. Era mais seguro e calmo do que o caos de estar à beira do compromisso. Eu estava apavorada porque por mais emocionante que fosse me imergir em Kael e na tranquilidade que ele trazia para a minha vida, meus medos me fizeram lutar contra tudo, até meu próprio desejo. Enquanto ele dormia no meu peito e novamente quando acordou no meio da noite perguntando por alguém chamado Nielson, depois gritou o nome de Phillip, eu fiz uma promessa a mim e a Kael de que enfrentaria meus medos, que pararia de deixar o terrível desconhecido controlar tudo. Eu merecia deixar tudo para trás e viver de verdade. E ele merecia a versão de mim que não precisava saber onde tudo encaixaria.

E eu estava vivendo, depois que minhas dúvidas e inseguranças foram afastadas o suficiente para sentir a vibração dentro de mim se transformar de pânico em empolgação.

A felicidade era assim?

59

— É tão bom te ver assim — disse Stewart, apertando minha mão quando lhe dei uma caneta e a via do cartão.

Sorri e balancei a cabeça.

— O quê? Eu sempre fui assim.

Nós duas rimos, e senti que foi um sorriso de cumplicidade. Sim, a felicidade devia ser assim mesmo.

— Nos vemos semana que vem. — Ela se despediu.

Fiquei feliz por Stewart e pela mudança no futuro, mas eu sentiria muito a sua falta.

Arrumei a salinha o mais rápido que consegui, mas com muita atenção. Joguei as toalhas na lavanderia e olhei o banheiro para ver se estava limpo e se o *rechaud* aromatizador não precisava de outro cubo de cera.

Não esperei que Elodie terminasse com o cliente, só gritei um *tchau* na direção de Mali e fui embora. A cada dia que se passava, eu amava mais a minha casa e agradecia por só precisar caminhar cinco minutos. Mandeí uma mensagem para Kael para ter certeza de que ele ainda estava na minha casa.

A caminho. Senti saudades. Espero que você ainda esteja na minha cama. ;)

Fiquei olhando para o celular quando saí e entrei na viela. Estava fresco, com nuvens bloqueando o sol. Eu estava me sentindo só um pouco ridícula, mas achava que quando visse Kael, até o céu pareceria mais claro. Mais alguns minutos. A notificação da mensagem apareceu, os três pontinhos que indicavam que ele estava digitando surgiram, depois sumiram.

Deixei o celular e foquei no fim da viela. Avistei o Ford Bronco de Kael

estacionado na rua, na frente da minha casa. *Uma motivação diferente pra voltar pra casa*, pensei. Mas, quando fui mudar de calçada no final da rua, meu olhar se deparou com um Buick preto estacionado na minha vaga. Não tinha reparado naquilo. Eu não precisava ver o adesivo de exército dos EUA no para-choque para saber que era o carro do meu pai.

Foi um balde de água fria. Fiquei nervosa. Inquieta. Quase queria voltar e me esconder atrás de uma fileira de latões de lixo enquanto mandava uma mensagem para Kael pedindo para ele se livrar do meu pai. Sinceramente, eu teria feito isso, e devia ter feito, mas a voz do meu pai explodiu pelo jardim até onde eu estava, do outro lado da rua.

A porta de tela estava aberta, e andei o mais rápido que pude. Vi meu pai de costas. Ele estava dentro da minha casa, com as mãos erguidas como se estivesse gritando. A voz de Kael soou em seguida.

— Você não faz a menor ideia! — gritou ele. Senti um arrepio das pontas dos dedos do pé até o último fio de cabelo, e uma coisa no meu cérebro, algum detalhe minúsculo de uma lembrança enterrada, me mandou parar antes de chegar à varanda.

Fiquei escondida pela própria viela enquanto eles brigavam. E estavam brigando feio, cada palavra um golpe. *Afeganistão. Missão secreta. Como você ousa vir aqui. Criminoso. Minha família. Minha filha. Minha filha.*

Grudei no muro e me agachei, uma tentativa vã de me proteger do que estava ouvindo. Mas claro que eu não sabia o que estava ouvindo. Não conseguia entender o que estava sendo dito, só que meu sonho de *felizes para sempre* tinha acabado. E um pesadelo tinha começado.

— Não pense que não te reconheci assim que você entrou na minha casa. — Meu pai estava com raiva. A última vez que o vi com raiva assim foi quando ele viu ADVOGADOS DE DIVÓRCIO no histórico de buscas da minha mãe no computador da família. É, meu pai era o tipo de cara que olhava o histórico de buscas da esposa.

— Por que você não disse alguma coisa naquele dia? Se estava tão preocupado com minhas intenções com a sua filha? — As palavras de Kael chamaram minha atenção.

O que era aquilo? O que estava acontecendo?

Senti como se estivesse em uma casa maluca, com espelhos cortados em formatos estranhos, tortos para confundir com uma visão distorcida da realidade. Do que você *achava* que era realidade. Tudo ao meu redor estava retorcido, eu mal sentia meus pés na grama.

— Não tive certeza no começo, mas perguntei a Mendoza. Você cresceu muito desde aquela época.

— Porque eu era uma criança e tinha acabado de sair do ensino médio.

— Você ainda é criança. Fazendo perguntas por aí, metendo o nariz onde não é chamado.

— Eles me procuraram. Fui chamado para ser interrogado porque ele tentou estourar a própria cabeça, tá? — Kael estava tentando se controlar. Percebi pelo jeito como prendia o ar enquanto falava.

— Aquilo foi uma pena, admito. Mas isso não pode sair daqui. — A voz do meu pai estava mais baixa. Ameaçadora. Mas um pouco assustada também. — A gente vai se foder! Você não percebe isso, garoto?

— Não me chame de garoto! Não sou sua porra de garoto.

Levantei, sem me importar se me veriam.

Eu sabia que precisava entrar, pelo meu pai. Não podia deixar aquilo aumentar, mas sabia que não podia confiar em nenhum dos dois para me contar toda a verdade quando eu chegasse lá. Estava odiando aquilo.

— Nós todos vamos nos foder. Vou me aposentar e você está perto da dispensa médica que tanto quer. — Era a voz do meu pai. — Mendoza está recebendo a ajuda que precisa e pode continuar servindo. Não podemos deixar que as pessoas fiquem xeretando.

— Xeretando? Pessoas inocentes morreram, e você sabia disso e escondeu! — gritou Kael na hora que abri a porta. Quando ele me viu, a raiva virou pânico.

Com reflexo mais lento, meu pai se virou para olhar o que tinha chamado a atenção de Kael.

— Karina, eu falei sobre ele. — Meu pai apontou Kael para mim. Ele sempre era rápido em tentar botar um Band-Aid no problema. — Falei que ele era confusão, mas você não me ouviu.

— O que está acontecendo? — Meu coração estava disparado. Kael estava diferente, um estranho novamente. Meu sangue ficou gelado. — Me conte do que vocês estão falando! — gritei. E, quando nenhum dos dois disse nada, gritei de novo: — Agora!

Kael esticou a mão para mim, mas me afastei.

— Eu posso contar o que está acontecendo, seu pai é um filho da puta corrupto e...

— Porra nenhuma! — meu pai tentou interromper.

— Deixa ele falar! — Minhas mãos estavam tremendo. Meu corpo todo estava tremendo.

— É ele, Karina. Ele é um velho narcisista que se convenceu que estou com você por causa dele. Não é verdade, ele é a causa de tudo isso! — O véu de compostura de Kael estava caindo. Queria consolá-lo. Queria fugir.

Fiquei parada entre eles, as verdades de cada um no ar, tentando me convencer.

— Mendoza... O policial que veio pra cima da gente! Ele está por trás

disso tudo. — Meu pai fechou os punhos. — Falando em carreira militar, ele te contou que está prestes a receber uma expulsão a bem da disciplina?

Senti meu rosto mudar de cor. O sangue estava subindo para a superfície enquanto meu peito latejava dentro da roupa.

Tentei interpretar Kael, mas não consegui. Eu não podia puxar de volta as lentes para ver o Kael por quem eu estava me apaixonando.

— A essa altura, você nem se importa, não é, Martin? Está com as malas prontas pra se mudar pra Atlanta. Os boatos se espalham rápido. Você comprou uma casa lá, né? Outro projeto pra você destruir. — A camisa polo do meu pai estava saindo de dentro da calça e a pele dele estava vermelha e manchada. Como um mentiroso ou um homem inocente em julgamento. Eu não sabia qual ele era.

— Você comprou uma casa em Atlanta? — Eu me virei para Kael com um nó na garganta.

Ele estava sem palavras. Eu não estava disposta a tolerar aquilo.

— Comprou? — Eu o empurrei pelo peito, mas ele não se mexeu. Estava uniformizado. O verde e o marrom sempre foram um prenúncio das merdas na minha vida. Parecia que aquilo não tinha mudado.

Eu o empurrei de novo, e ele segurou meus punhos.

— Não é nada disso. Ele está distorcendo tudo, Karina. Tudo. Este sou eu. — Ele bateu com os dedos no próprio peito.

— Ele falsificou um relatório, não deixe ele te enganar. Assinou o papel sabendo muito bem o que aconteceu. Vai negar, Martin? — Meu pai estava provocando Kael, conhecia aquele tom. Passei a desprezá-lo desde que aprendi a decifrar seus truques. — Você está negando que entrou no meu escritório tremendo, a perna cheia de ataduras, e assinou seu nome no pé daquela página? Você assinou. Mendoza assinou. Lawson assinou. Todos vocês! E agora você decide, quase dois anos depois, voltar e desenterrar esse defunto?

Meu pai estava em modo oficial. Escutei obedientemente sua explanação. Kael também. Era terrível ver como meu pai sabia mudar o tom de voz para botar soldados em modo submissão... qualquer um, na verdade.

— O amigo dele morreu, Kare...

— Não me chama assim — consegui dizer. Meu estômago embrulhou. A

pele pálida do meu pai caía em rugas soltas embaixo do queixo. Aquilo, combinado ao volume de cabelo branco, o fez parecer um vilão. Kael parecia ferido e magoado, mais herói do que anti-herói. Mas as aparências enganam. Eu sabia. E queria que os dois desaparecessem. A fachada de uma vida normal... essa estabilidade que eu havia me convencido de que tinha com Kael se estilhaçou. Virou mil pedacinhos perigosos demais para que eu tentasse recolhê-los.

— O amigo dele foi atingido na troca de tiros em que Mendoza matou aqueles inocentes. Você sabe o quanto de investigação acontece quando há esse tipo de alegação? Vocês são crianças. — Naquele momento, ele estava se dirigindo aos dois. — Eu estava ajudando eles! Vi os rostos deles quando voltaram. Você. — Ele apontou um dedo acusador para Kael. — Eu vi você puxar o corpo dele para o acampamento, sem nem conseguir andar direito.

— Você estava só se protegendo! — rosnou Kael para o meu pai. — Você está cagando para nós e para as nossas vidas!

Meu pai continuava falando, ao mesmo tempo que Kael. Minha cabeça estava girando.

— Conta pra sua filha como você usa as vidas de homens e mulheres jovens pra conseguir promoções e medalhas. Conta pra ela que foi por causa da sua quase ameaça que meu amigo está surtando de culpa e não consegue falar com ninguém sobre o assunto porque ele... — Kael deu um passo na direção do meu pai. Desisti de tentar ficar entre os dois. — Conta pra ela que Mendoza implorou pra você deixar ele se entregar. Aquelas vítimas o assombram, e você está impedindo que ele se cure pra que sua aposentadoria não seja ameaçada!

— Aquelas vítimas o assombram? Você está se ouvindo, Martin? Você é soldado. Eu sou soldado. Nós vimos e fizemos coisas que a maioria das pessoas nem sonha.

Meu pai estava falando com Kael na sua linguagem própria. Eu ouvia as palavras, mas, diferentemente deles, não conseguia formar as imagens de morte e destruição.

— Sabe o que vai assombrá-lo? Se ele não puder alimentar a família, e a esposa ficar sozinha com aquelas crianças e sem pagamento no fim do mês. Isso assombra. Você tem que ser homem. Você e ele. Isso aqui não é uma porra de videogame. É coisa de homem adulto, e se você não aguenta, é um desperdício como soldado. Ou você quer proteger seu amigo e a família dele

ou você quer que ele se trate. Não dá pra ter os dois no mundo real.

Meu pai sempre falava do “mundo real” quando queria um argumento forte, e o que ele queria dizer era que ele era adulto e todo mundo, Austin, eu ou, nesse caso, Kael, não éramos.

— Lidar com isso dormindo com a minha filha não é a forma de resolver, a não ser que você queira se meter em mais problemas. — Meu pai estava ameaçando Kael abertamente. Ele se virou para mim. — Ele está tentando rebaixar minha patente antes da minha aposentadoria, e não vou permitir. Sinto muito, querida.

Meu pai estava se esforçando para se recompor e assumiu novamente a postura de pai que ele tira e bota com tanta facilidade. Era sinistro como ele conseguia mudar a voz, o volume, de acordo com o papel que estivesse desempenhando. No momento, era de pai preocupado.

— Isso vai além de você e dos sentimentos que você tem. Ele está botando gente em perigo, inclusive ele mesmo ao tentar chamar atenção para um caso encerrado que nenhum de nós precisa que seja reaberto. Isso vai voltar as atenções pra você também. Você não pensou nisso? — Eu não sabia se ele estava falando comigo ou com Kael.

— Eu só perguntei a Lawson se era você. — Kael se virou para mim. — Eu não sabia, Karina. Nunca mentiria sobre isso. Não contei o resto porque...

— Porque ele sabia que era melhor pra todo mundo — interrompeu meu pai.

Olhei para Kael enquanto ele tentava se explicar. Tentei firmar os pés, encontrar meu ponto de equilíbrio. Eu precisava processar aquilo tudo, mas estava além das minhas forças. Olhei para Kael. Procurei algo nos seus olhos, mas não consegui encontrar o que estava procurando. Ele estava vazio, fechado, interpretando meu silêncio como dúvida.

— Nem reconheci seu pai de primeira, eu juro. — Kael tentou pegar minhas mãos. O *timer* do forno tocou aleatoriamente, e achei bem irônica a forma como ficou tocando, quase como se minha casa estivesse tentando me ajudar a fugir do caos.

Meu pai se virou para mim em seguida.

— Ele estava usando você pra me atingir, Karina. Estava tentando tirar você de mim. Eu tinha uma foto sua na minha mesa, todo mundo via. Pense

nisso, em como você anda distante ultimamente. No jantar que perdeu. Não retorna minhas ligações. Ele botou isso na sua cabeça, não foi?

Refleti sobre o assunto, muito. Pensei em como era fácil meu pai distorcer a verdade. Ele era tão bom nisso que devia ter sido político.

Mas Kael tinha me dito que meu pai era complicado, só que eu não dei atenção. E me disse que eu devia me dar um descanso e não ir jantar na casa do meu pai. Também não dei atenção. E a questão da dispensa e da casa em Atlanta? E a mudança de comportamento repentina, como ele passou de excêntrico e imprevisível a estar constantemente ao meu lado? E o jeito como ele me disse que eu podia confiar nele? Ele cobriu meu rosto de beijos delicados depois de ter feito o que queria comigo. Senti vontade de vomitar só de pensar.

— Karina, você é minha filha. Não tenho motivo pra mentir pra você.

Ao ouvir isso, eu ri.

— Isso por si só é uma mentira.

— Você nem conhece ele direito. Pense bem. — Meu pai estava falando comigo como se eu fosse criança. Como se ele estivesse prestes a me dizer que eu estava exagerando, *as crianças da sua idade são tão emotivas*. — A facilidade com que você é influenciável me assusta, e ele é irresponsável, Karina. Arrisca a carreira pra fazer perguntas sobre uma coisa que acabou, foi encerrada.

— Eu não estava fazendo perguntas a ninguém além de Lawson — rebateu Kael, ao mesmo tempo que eu disse:

— Eu sou facilmente influenciável?

— Você levou Mendoza ao departamento de saúde mental. Não foi? Tenho olhos e ouvidos em toda essa base. Você se esqueceu disso? — Meu pai tinha deixado o papel de pai preocupado de lado. Tinha se transformado em lobo.

— Ele estava no jardim de casa, balançando uma arma no ar. Me disse que não merecia viver.

As palavras faziam mal a Kael. Deu para sentir. Eu sentia tudo o que ele sentia além das minhas próprias emoções. Eu estava quase desmoronando de tanto peso.

— Ele me disse que era um monstro. Um monstro. Gabriel Mendoza se acha um monstro? Se ele é, nós todos somos o Satanás em pessoa.

A voz de Kael estava penetrando na escuridão que me partia em duas. Metade de mim estava apavorada de aquilo acabar o engolindo inteiro. Ele precisava de mim para tirá-lo da areia movediça, mas como eu podia fazer isso se nem sabia em quem e em que acreditar? Sabia que os dois estavam me puxando, me usando como peão para atingir o outro. Mesmo que Kael não tivesse premeditado nada (e eu realmente não conseguia imaginar essa possibilidade), eu não podia deixar a ideia totalmente de lado. Ainda havia mentiras. Muitas.

— Karina, querida. Você sabe a diferença entre o certo e o errado. Pode achar que não fui o melhor pai pra você e seu irmão, mas sabe que eu faria qualquer coisa por vocês e pelos soldados sob meu comando. Dediquei a vida a servir este país. Não queria fazer mal nenhum quando os ajudei. Diz isso pra ele, Karina, se ele não quiser uma expulsão a bem da disciplina. — Meu pai levantou as mãos como se estivesse orando.

Eu só o tinha visto fazer aquilo em um momento, quando minha mãe estava fazendo as malas da primeira vez. Ele andou atrás dela pela sala, dizendo todos os motivos pelos quais a vida deles era *boa*. Não de qualidade, mas boa.

Você vai ficar bem, ele disse para ela.

Tudo vai ficar bem.

Considerando as mãos de súplica e a infelicidade quase real nos seus olhos me encarando, tive um vislumbre do que minha mãe viu nele tantos anos atrás.

— Vamos lá, Karina. Você não quer isso pra ele. Vai estragar o futuro dele.

Kael estava quase saindo da minha sala. Estava apoiado na parede que ele tinha remendado depois que eu tentei pendurar um relógio e arranquei metade dela. A minha casa, como a minha vida pessoal, estava ficando complicada demais para eu consertar.

— Ele não consegue olhar pra cara dos filhos sem ver os rostos deles. Sabia disso? Está o consumindo! Ele não está bem. Nenhum de nós está.

Kael conseguiu romper minhas barreiras, devorou meu corpo e minha mente em um tempo tão curto. Eu faria qualquer coisa para curar sua dor em qualquer momento desde que o conheci, mas não agora, quando tudo estava indefinido.

— Nós todos somos assim. Temos demônios que nos mantêm acordados à

noite. Ele pode tentar alegar transtorno por estresse pós-traumático se precisar, mas você tem que parar de cutucar o dragão adormecido. Este é o último aviso. Você está colocando todos nós em perigo, até ela. — Meu pai apontou para mim, me usando para atingir Kael.

Se ele achava que Kael estava me enganando, por que achar que Kael se importaria de me botar em perigo? Meu pai era um mentiroso. Do tipo bom. Bom para ele e para mais ninguém, mas ainda era do tipo bom. Minha mãe contava histórias sobre o homem que ela conheceu no último ano do ensino médio e como ele a encantou enquanto ela servia uma pilha de panquecas para ele todas as terças. Era daí que vinha a tradição familiar dos Fischer.

O homem por quem ela se apaixonou tinha olhos suaves e um coração atencioso. Supostamente, até a chamava de raio de sol, como também me chamava. Aquele homem desapareceu lentamente, se dissolveu em um caos manipulativo no qual caí de paraquedas.

— Pense bem, Martin. Não bote seu futuro em jogo. Vou cuidar para que a dispensa médica ocorra tranquilamente, desde que você possa prometer o mesmo sobre minha aposentadoria.

Ali estava ele, tramando na minha frente. Pedindo a Kael para ignorar a dor do amigo e fazer uma escolha egoísta para agradá-lo.

— Você é nojento — eu disse para o meu pai, antes que Kael pudesse concordar ou discordar.

— Fique fora disso. — Ele me ignorou. Ali estava ele, diminuindo minha inteligência, minha força para fazer minhas próprias escolhas. Ele estava se alimentando das minhas inseguranças. Kael também estava?

Olhei para Kael e depois para o meu pai.

— Vocês dois, saiam. — Minha voz estava tremendo, mas as palavras chegaram claras aos seus ouvidos.

— Martin, não seja tolo e não se meta em uma coisa que não tem como enfrentar. Não vai mais haver salvação depois disso — continuou meu pai, apesar do meu pedido claro.

— Saiam da minha casa. — Consegui falar mais alto.

Kael implorou com os olhos e meu pai, com a voz.

— Saiam. Agora — repeti na hora que Elodie entrou em casa. Ela observou a cena à frente.

— Eu devo...? — começou a perguntar.

— Não. Você fica. Eles estavam de saída.

Meu pai foi o primeiro a ceder. Para não ter que sair do personagem na frente de Elodie, eu tinha certeza. Eu não me importava com o motivo, só queria que ele saísse da minha sala e a porta se fechasse em seguida.

Kael foi mais difícil. Ele estava tremendo. Vi seus ombros sacudindo embaixo do uniforme, e precisei de toda a força que havia em mim.

— Sai da minha casa — pedi com o máximo de convicção que uma voz e um coração partido conseguiam.

— Karina, me escuta, por favor.

Levantei a mão.

— Se você quer que eu volte a falar com você, sai da minha casa e me deixa respirar. — Não o encarei. Sabia que não devia.

Eu não ia conseguir me segurar por muito tempo até desabar nos seus braços, para curar a nós dois. Via a dor ardendo nos olhos brilhantes quando ele se virou e finalmente saiu pela porta.

Quando acordei na manhã seguinte, minha cabeça estava latejando. Meu corpo estava doendo. Meu coração estava partido. Tudo voltou como uma onda.

Kael. Meu pai. A história deles.

A acusação do meu pai de que Kael estava me usando como peão em uma espécie de vingança pelo que aconteceu no Afeganistão. O que eles fizeram lá. O que Kael precisou enfrentar. O que Kael encobriu.

Parte de mim achava que meu pai era completamente louco e estava obcecado com essa história. Era coincidência Kael e meu pai se conhecerem. Coincidência, como esbarrar em um velho amigo no cinema ou pensar em uma pessoa que você não via havia um tempo e ver o nome dela aparecer em uma mensagem.

O fato de que meu pai e Kael estavam na mesma companhia era assim. Uma circunstância muito extraordinária. Mas o fato de eles terem tido contato enquanto estavam fora ao mesmo tempo e o fato do marido de Elodie, por um acaso, ser o melhor amigo de Kael eram forçados demais até para alguém disposto a acreditar. A dor de tudo me fez querer me atormentar só para me distrair da dor que eu já estava sentindo.

Era exatamente isso que eu estava evitando com Kael.

Eu sabia que ele revelaria exatamente quem era mais cedo ou mais tarde, o que nós todos éramos, a mais egoísta das criaturas. Eu não devia ter ignorado aquela voz dentro de mim que dizia que estávamos indo para lugar nenhum com muita pressa e a gasolina estava acabando. Senti na forma como ele começou a agir assim que ficamos íntimos. Foi errado o jeito como ele chegou a mim, tirou minha casca protetora e revelou meus pensamentos mais íntimos e profundos. Ele absorveu todas as informações, mas manteve o

caminho seguro quando o assunto era ele.

Consegui uma coisa aqui, outra ali, uma imagem do antigo Kael deitado na minha cama no meio da noite, nós dois abraçados. Tudo ficou diferente, mesmo acreditando que nosso relacionamento não tinha sido premeditado. Ele me jurou várias vezes que queria tentar, o que quer que fosse.

O que quer que fosse.

Enquanto me vestia, tentei pensar em alguma outra coisa que não fosse Kael. Que não fosse a mente profunda e brilhante dele. Eu poderia passar dias em casa, aproveitando sua luz. Ele parecia ser tudo o que um homem devia ser, o primeiro que amei, e acabou se transformando em um modelo de fábrica qualquer.

Mesmo assim, meu corpo se agarrava ao sol que ele era na minha vida. Então, pensei no meu próprio conselho para Sammy depois que ela e Austin terminaram de novo, que ele era só uma partezinha pequenininha da vida dela, que em um ano ele não importaria mais. Em cinco, mal existiria na sua memória. Ela disse que nunca o esqueceria porque sempre estaria perto de mim e que Austin nunca estava longe de onde eu estava, mas as coisas mudam. Obviamente. Andei pelo quarto e a cada passo senti meu corpo doer da noite anterior. Cada pontada de dor era sentida em todas as partes.

Mesmo assim, meu corpo não recebeu a mensagem de que tínhamos passado a odiar Kael.

Eu queria o toque dele. Precisava senti-lo, pele na pele. Não conseguia tirá-lo da cabeça, ele tinha ficado tão à vontade lá. Meus dedos doíam por ele quando revirei minhas gavetas procurando uma coisa leve e confortável. Cancelei o trabalho e ignorei as perguntas na voz de Mali. Desliguei antes de começar a chorar. Concentrei-me em me vestir. O dia de trabalho seria curto, e claro que Kael tinha planos de irmos o mais longe que pudéssemos daquela cidade, de carro. Nós estávamos preparando perguntas um para o outro, escolhendo músicas. Na noite anterior, Kael estava fazendo planos de entrelaçar nossas vidas.

Era o que eu pensava. Talvez ele só estivesse fazendo planos para se vingar da merda que tinha acontecido naquela missão.

Como tudo se estilhaçou tão rápido?

Achei que, se eu me limpassem, se tomasse um banho e escovasse os dentes, talvez me sentisse mais normal. Um pouco menos zumbi, pelo menos. Mas,

quando cheguei no banheiro e vi o tubo de pasta de dentes de canela enrolado na ponta, quase engasguei. Odiava aquela sensação. Era ruim. Eu não sabia se valia a pena. Nunca mais queria me sentir daquele jeito. Naquele momento, decidi que nunca mais me permitiria entrar nessa zona de perigo.

Peguei a pasta de dentes nojenta e joguei na lata do lixo. Errei, e bateu na parede de *drywall*, e uma linha preta se abriu com mais de dez centímetros. Eu estava começando a desprezar minha casa e sabia disso. Era por isso que ela estava desmoronando junto comigo.

O banho ajudou um pouco, mas eu ainda estava péssima. Vesti uma *legging* preta e uma camiseta, sequei o cabelo com a toalha e borrifei um *spray* texturizador.

Era a salvação para o meu cabelo volumoso. Eu queria que o dia passasse rápido, apenas isso. Belisquei as bochechas para ficar com um pouco de cor no rosto.

Ouvi a voz de Elodie assim que pisei no corredor. Parecia que estava pedindo para alguém fazer silêncio, mas ela estava sozinha com o *laptop*. A voz de Phillip soou no alto-falante.

— Não minta pra mim.

Pensei que tinha ouvido errado, mas ele repetiu:

— Não minta pra mim, Elodie. A esposa de Cooper me contou que você estava lá. A esposa dele conta tudo, diferente da minha.

Elodie estava chorando. Precisei me segurar à soleira da porta para não me intrometer na vida dela. Eu não entendia o que Phillip dizia, mas sabia que não estava gostando do tom da sua voz. Nunca tinha visto aquele lado dele, nem ouvido. Não sabia se a esposa estava acostumada ou não.

— Não estou mentindo. Nós paramos lá por uma hora, no máximo. Fomos às reuniões e depois para aquela casa. Não tinha nenhum homem lá — afirmou ela.

Bati com os dedos na parede para avisar a Elodie que estava entrando. Ela se animou e limpou as lágrimas, como eu sabia que faria.

— Phillip, Karina chegou. — Acho que disse aquilo como um aviso.

Não sabia o que estava acontecendo entre eles, mas sabia que não gostava

do jeito como ele estava falando com a minha amiga, que carregava o filho dele na barriga.

— Oi, Karina — disse Phillip, com a voz gentil e simpática, o oposto de um momento antes.

Lancei um “oi” vazio e fui até a cozinha. A pilha de pratos na pia estava crescendo. A roupa suja no canto estava caindo para fora do cesto. Eu nem podia botar a culpa da bagunça no meu desespero emocional, porque o rompimento tinha acontecido apenas doze horas antes. Consegui dar uma mordida em uma laranja, mas ele voltou com tudo, o gosto dos seus lábios nos meus na primeira vez que me beijou. Senti seu calor, seu gosto cítrico e doce, e joguei a laranja no lixo. Jogar coisas no lixo acabaria virando hábito.

Elodie saiu do Skype e foi me encontrar na cozinha. Os olhos dela estavam vermelhos; a ponta do nariz estava parecendo pegar fogo.

— Tudo bem? — perguntei, lambendo o sumo dos lábios.

Ela assentiu e se sentou à minha frente à mesa.

Não quis pressioná-la, mas estava óbvio que ela não estava bem.

— Elodie, você sabe que pode conversar comigo, né?

— Você já tem problemas suficientes. — Ela tentou sorrir, ser forte.

— Elodie, podemos falar sobre qualquer coisa. Tenho tempo pra você.

Ela balançou a cabeça.

— Não, não. Estou bem. É só drama dos outros soldados. Pra que tanto drama? Eles não têm coisa melhor pra fazer? — Ela fungou e limpou o nariz.

— Como você está? — perguntou, esticando a mão para mim. Fingi não reparar e baixei as mãos para o colo.

— Estou bem. Só cansada — menti.

Se ela podia mentir na minha cara, eu podia mentir na dela.

Passei o dia lendo. Elodie estava no trabalho e de lá iria para uma das casas das outras esposas. Em vez de me preocupar com ela, tentei fazer coisas que gostava de fazer antes de conhecer Kael. Não tinha sido tanto tempo antes. Isso queria dizer ler um livro de poesia inteiro, do tipo novo e *hipster* com capas pretas e títulos chamativos. Não resisto a bons anúncios, então comprei mais três na Amazon. Cada vez que comprava alguma coisa *on-line*, eu sentia que estava recebendo algum tipo de ponto adulto por ter dinheiro no banco e poder fazer coisas daquele tipo. Depois de passar muito tempo no site da Amazon e de me convencer a não comprar uma lavadora de alta pressão que eu definitivamente não usaria (a que eu estava vendo se chamava The Clean Machine), entrei no Facebook. Uma olhadinha rápida distrairia minha cabeça. Era tão mais fácil me concentrar nos problemas dos outros do que nos meus.

Eu me senti vergonhosamente melhor quando vi que Melanie Pierson estava se divorciando. Melanie estava uma série à minha frente no colégio e dormiu com Austin quando estava no terceiro ano. Sem dúvida, ela fingia gostar de mim para se aproximar do meu irmão. Até que um dia estávamos nadando e ela viu as linhas brancas no alto das minhas coxas. Eu não tinha reparado, nem sabia o que eram estrias, até que ela curvou a mão em garra e me chamou de “tigre”. Era só mais uma pessoa que tentava melhorar a autoimagem debochando de outra.

Melanie devia ter achado que escaparia daquela cidade ao se casar com um soldado, mas era só olhar como estava agora. Voltando para casa com o rabo entre as pernas. Ela atualizava todo mundo sobre tudo o que fazia, e eu sabia que ela voltaria em uma semana.

Passei dela para o meu tio, que tinha postado fotos de pedras que pareciam pessoas. O tédio e a falta de motivação fazem isso com um homem. Eu me perguntei como as pessoas reagiriam se eu postasse um emoji de coração

partido. Ou um longo parágrafo sobre minha tristeza estar me consumindo de dentro para fora e que eu merecia sentir essa dor toda por estar tão desesperada por atenção que perdi o controle sobre mim e sobre minha vida.

Fiquei pensando se Melanie teria a mesma reação à minha infelicidade que tive à dela. Ela me via como a irmã mala do Austin, que sempre estava atrás deles, a garota que usava uma roupa de banho que exibia demais coisas que ela achava repulsivas o suficiente para mostrar na frente de todo mundo que conhecíamos. Fiquei pensando em Sammy também e se ela veria minha postagem e se sentiria mal pela melhor amiga, ou o que quer que nós fôssemos. Nós quase não nos falávamos mais, mas eu ainda a considerava minha melhor amiga. Pelo menos quando perguntavam. Não que perguntassem. Acho que era hábito.

Fechei o Facebook antes de poder seguir com meu experimento social. Fui para a varanda. A temperatura lá fora estava perfeita, quente o suficiente para eu não precisar de casaco, mas não tão quente a ponto de eu ficar suada. Peguei o livro de poesia e uma cerveja que Kael tinha deixado na minha geladeira e passei uma hora no ar fresco. Tomei um gole da cerveja âmbar e só consegui sentir o gosto de Kael.

Ele estava em toda parte. Tinha se tornado tudo. Virei as páginas do livro e senti que cada poema era lido na voz de Kael, de página em página.

“Sua pele é escura

Como o veludo da noite

Seus olhos estrelados

São inquietos nas constelações”

Fechei o livro e o joguei de lado, vi-o deslizar pelo chão da varanda. *The Chaos of Longing*, ou “O caos da saudade”, era exatamente o que eu estava sentindo, e eu queria o livro o mais longe possível de mim. Chutei o livro e o vi desaparecer no mato ao lado da varanda.

Mas senti culpa. Não foi por causa da poeta que meu primeiro amor só tinha durado uma semana. Fui pegar o livro e enfiei a mão no mato áspero. Estava bem alto, descontrolado, virando uma vegetação imprevisível se espalhando por todo o meu jardim. Aquela casa era a única coisa que não ia se revelar algo que não era. Eu sabia o que estava comprando quando assinei na linha pontilhada para ficar com a casa basicamente abandonada no final de uma rua junto a um *shopping* a céu aberto. A casa era exatamente o que eu

sabia que era. Claro, estava caindo aos pedaços e malcuidada, mas foi aquilo que comprei. Eu estava trabalhando para que voltasse a ser bonita. A minha casa. Para mim. Mas tinha se tornado outra coisa que me lembrava Kael. Comecei a arrancar ervas-daninhas no jardim. Eu precisava de distração e tinha o resto do dia para fazer o que quisesse, desde que Mali não passasse de carro pela minha casa e me visse ali fora arrancando mato do jardim. Os minutos se passaram, e fui das ervas-daninhas para o caminho de cascalho da entrada de carros. Tinha começado a se espalhar pelo jardim.

Pensei em Kael e nos planos de reforma que ele tinha para a casa geminada. Ele tinha talento para cuidar de casas, e eu odiava o fato de ele ter me dito para asfaltar a entrada de carros. Passei a ver o cascalho e pensar nele.

Nem pense nisso, disse a mim. Possivelmente em voz alta, mas àquela altura eu não tinha como ter certeza. Não deixe que ele faça você se virar contra essa casa. Ela é tudo que você tem.

Primeiro, pensei que o Ford Bronco parando na frente da casa fosse miragem. O sol estava se pondo, então eu devia estar lá fora havia pelo menos duas horas. Minha mente estava pregando peças em mim. Levantei e observei, vi quando ele encostou.

Quando ele saiu da picape, me dei conta. Ele estava na minha casa e eu estava deixando que ele andasse na minha direção.

— Karina. — A voz dele dançou ao meu redor, me hipnotizando.

Abri a boca para falar e ouvi a voz do meu pai na cabeça, seguida da de Kael, depois da de meu pai de novo.

Não tive tempo para entender o que senti e nem ao menos o que ia fazer.

— Você não pode estar aqui. Preciso de tempo, Kael — consegui falar quando ele chegou à grama. Minhas costas estavam doendo, e eu estava parada com uma das mãos no quadril e a outra protegendo os olhos do sol poente.

— O jardim está tão bonito. — Ele apontou para algo atrás de mim, ignorando o que eu tinha dito.

— Kael, você não pode vir aqui.

— Karina, por favor — suplicou. Só tive um vislumbre do seu rosto, da tristeza nos olhos que ele usou para atrair meu olhar de volta. Abaixei a mão como uma covarde para não poder ver mais nada.

— Preciso de tempo. Não sou o tipo de garota que gosta de ser perseguida, Kael. Não vou dizer de novo. — Repeti para ele a mesma coisa que disse para Estelle quando ela ligou e tentou me amaciar. Naquele momento, as únicas pessoas em quem eu podia confiar eram Austin e Elodie. E com a sorte que eu

tinha com pessoas, eles provavelmente me trairiam também.

Kael estava me encarando, dava para sentir. Estava avaliando tudo que eu estava sentindo, absorvendo cada coisa, como nós dois fazíamos com outras pessoas.

— Deixa eu me apaixonar por você, Karina.

A voz dele soou tão baixa que não tive certeza se ouvi corretamente.

— Como é?

Ele chegou mais perto e andei para trás, aumentando a distância entre nós.

— Estou tão perto, Karina. Deixa eu me apaixonar por você. Você me conhece. — Ele tocou no peito, e balancei a cabeça intensamente.

Como ele ousava dizer aquilo como se não fosse nada, como se eu fosse perdoá-lo só por ter dito aquelas coisas?

— Não ouse usar isso contra mim — rebati com desprezo.

As árvores sacudiram enquanto minha raiva crescia. Disse a mim mesma que era a Mãe Natureza me ajudando, me dando forças.

— Não estou usando, Kare. — Ele chegou mais perto ainda. Enfiei as unhas nas mãos fechadas até estar quase tirando sangue.

— Não me chame assim — avisei. — Aquela casa em Atlanta? Você ia se mudar sem me contar! — Não ligava se minha voz estava alta e nem quem ia escutar. — Eu não conheço você. — Imittei seu tradicional tom seco. Queria que ele ouvisse e sentisse a dor. Ele devia ter visto alguma coisa na minha expressão quando meus olhos se encontraram com os seus que o mandou recuar, porque levantou as mãos, deu meia-volta e foi embora.

Caí na grama depois que o carro se afastou e fiquei lá até as estrelas secarem minhas lágrimas e a lua me mandar ir para a minha cama.

Mali me tratou bem no dia seguinte. Achei que ela pudesse pegar no meu pé, mas ela sabia que alguma coisa estava acontecendo e me deu o espaço de que eu precisava.

Concentrei-me nos meus clientes, em deixá-los melhores. Eles não precisavam se sentir tão mal quanto eu. Meu turno de trabalho passou sem ocorrências. Lento, mas sem ocorrências. A caminhada curta até em casa foi difícil. Fiquei pensando na última vez que dei os mesmos passos, como comecei com alegria e terminei em desespero.

A vida seguiu assim por mais alguns dias. Eu trabalhava. Dormia. Posso ter assistido a alguns filmes com Elodie. Não tenho certeza. Tudo foi meio indefinido. Não sei bem quando foi, quantos dias depois do rompimento, que cheguei em casa do trabalho e encontrei Austin me esperando.

O rosto dele estava vermelho e o cabelo, desgrenhado. As mãos estavam rígidas e os dedos brancos tremiam. Não tinha carro na entrada da garagem e nem na rua, não entendi como ele tinha chegado.

— O que houve? Está tudo bem? — perguntei, em pânico. Ele só tinha ido à minha casa uma vez desde que havia voltado.

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Papai e eu nos desentendemos.

Sentei ao seu lado no cimento frio.

— Aos gritos? Ou brigaram?

— As duas coisas. Bati nele.

— Austin!

— Mas ele que veio pra cima de mim. Ele me fez perder a cabeça, Kare.

Você sabe como ele é. Fica sentado lá, todo superior e poderoso. *Faça isso. Não faça aquilo. Quando eu tinha a sua idade...*

— Eu sei, eu sei. Já ouvi minha cota de sermões, pode acreditar.

Austin continuou falando como se nem tivesse me ouvido.

— Sabe, ele não liga pra ela. Está pouco se fodendo pra ela. Quando perguntei se ela tinha feito contato, ele só riu. Juro, Kare, ele caiu na gargalhada. Na frente de Estelle. Será que ele teve notícias dela? Você não teve, né?

Fiz que não. Eu estava acostumada a fazer aquele gesto quando o assunto era minha mãe. *Ela. Dela. Minha mãe.* Eu sabia exatamente de quem ele estava falando.

— Não. — Minhas entranhas estavam fervendo.

— Mas ela está perto. Sei que está. Estou sentindo.

— Austin. — Tentei pegar a mão dele. Nunca fomos uma família de gestos afetivos, com exceção da nossa mãe. Quando éramos pequenos, ela me abraçava por qualquer coisa, como um adesivo de carinha feliz em um trabalho sobre um livro ou por arrumar meu quarto sem ela pedir. Mesmo quando cresci, ela continuou passando as mãos pelas minhas costas quase todas as noites antes de eu ir dormir. Às vezes, escrevia palavras na blusa do meu pijama com as unhas compridas.

Boa noite.

Te amo.

Kare linda.

— Você não pode se preocupar com ela, Austin. Ela é adulta. Fez as próprias escolhas. Você vai ficar doido se entrar nessa obsessão por ela. — Eu era tão hipócrita.

Não conseguia parar de pensar na minha mãe, por mais que tentasse. Eu a via na fila do mercado. Ouvia a voz dela na minha cabeça enquanto lavava a louça. Deitava na cama à noite e chorava até dormir. Ela estava em toda parte. Não estava em lugar nenhum. E eu sentia tanta raiva dela e do mundo. Como ela podia sumir assim? Como podia ir embora e não fazer contato com a gente? Como podia ter um poder tão forte sobre nós?

— Estou cansado daqui, Karina. Queria ir pra outro lugar. Não pra casa do

Rudy, só... outro lugar. Você não pensa mais no nosso plano?

Uau. Nosso plano. Isso me levou ao passado.

Parecia tanto tempo antes, os dias em que planejávamos nossa fuga. Nós elaborávamos tudo, até o menor detalhe. Eu seria garçõete e ele trocava pneus e botaria gasolina em carros, dependendo de onde fôssemos parar. Eu encontraria um bom restaurante com toalhas de algodão e uma garçõete mais velha e atrevida chamada Phyllis, que me chamaria de “garota” e me colocaria debaixo da própria asa. Austin trabalharia muito e ficaria longe de confusão. Chegaria cedo ao trabalho quase todos os dias. O proprietário do posto de gasolina repararia como ele era bom funcionário e depois de um tempo o ensinaria a consertar carros. Austin seria um bom mecânico. Se ao menos se concentrasse em resolver problemas em vez de criá-los...

Inventamos tantas aventuras na época, deitados no futon no quarto de Austin depois da hora de dormir. Nós sabíamos que eles nem reparariam. Eles não iam mais nos olhar. Nós éramos crianças, mas já pensávamos em nossos pais como *eles*. Fazendo a diferença entre *eles* e *nós*.

Falei para Austin que eles não iam mais nos olhar porque estávamos mais velhos; tínhamos quase doze anos, depois treze e quatorze. Ele tinha quinze anos quando parou de perguntar por quê. Nós conversávamos por horas, sonhando com viagens futuras, com a cidadezinha que seria a nossa. Nós aprenderíamos a nos adaptar, e sermos quem quiséssemos ser. Ele seria aquele mecânico. Eu seria aquela garçõete. Ou talvez ele fosse músico e eu pintora. Ou artesã que trabalha com vidro.

Gostaria que Austin acreditasse mais do que queria acreditar. Tecia as palavras com delicadeza e o puxava cada vez mais para perto, até perceber que ele tinha aceitado a possibilidade de um futuro melhor. E quando conseguia senti-lo se conectar com o sonho que estávamos criando, relaxava a respiração e até conseguia acreditar naquele futuro glorioso, às vezes. Sussurrava alto naquelas noites, com as mãos em volta do ouvido de Austin para distraí-lo das ondas de infelicidade vindas do quarto dos meus pais no final do corredor.

— Para onde podemos ir? — perguntei.

— Arizona. Barcelona. Qualquer lugar. Porra, eu moraria com nossos av...

— Você sabe onde está seu passaporte?

— Sei. E o seu. Estão com o papai, na gaveta.

Antes de sermos enviados para a Geórgia, papai nos disse que iríamos para a Alemanha. Minha mãe ficou o mais perto de estar feliz do que eu já tinha visto em muito tempo. Ela sempre quis visitar Munique; aparentemente, uma das amigas dela tinha se mudado para lá depois que terminou a escola. Nós corremos para tirar os passaportes. Minha mãe passava o tempo pesquisando os mapas dos trens pela Europa e aprendendo palavras básicas em alemão. Era *guten morgen* quando ela nos acordava de manhã e *guten tag* quando voltávamos da escola à tarde.

— Kare — ela me disse um dia. — Escuta isto: “*Schönes wetter heute, nicht wahr?*” — Ela estava sorrindo de orelha a orelha. — Eu acabei de dizer “O tempo está lindo hoje, não está?”

— Mãe — brinquei —, está chovendo.

— Ah, não seja tão literal — respondeu ela, rindo. — Que tal isto: “*Das sind meine kinder, Karina und Austin. Ja, sie sind sehr gut erzogen. Vielen dank.*”

Austin entrou correndo quando ouviu seu nome. Mamãe sorriu para ele.

— Acabei de dizer: “Esses são meus filhos, Karina e Austin. Sim, eles são muito bem-comportados. Obrigada.”

— Você disse que Austin é bem-comportado? Mãe! Você é hilária. Você não pode enganar os pobres alemães assim. Dou três dias a Austin pra estar violando alguma lei internacional.

— Ha-ha-ha, Karina — devolveu Austin.

Nós rimos e minha mãe fez espaguete naquela noite.

Era fácil lembrar os momentos felizes. Foram tão poucos.

Minha mãe tinha voltado a ser ela mesma. Estava animada sem parecer maníaca. Lúcida e no controle sem parecer superconcentrada. Compreensiva e misericordiosa, como aquelas mães da televisão que sempre sabem a coisa certa a dizer. Passava o tempo limpando e arrumando, encaixotando todas as coisas. A coleção de pratos e as joias *vintage*. Nossos brinquedos e roupas. A televisão não tinha um descanso assim desde antes de ela começar a se apagar.

— Vão valer alguma coisa um dia — comentou minha mãe, remexendo nas revistas velhas. — Quando a palavra impressa estiver completamente extinta. — Ela gostava de nos avisar sobre o futuro quase tanto quanto gostava que soubéssemos como ela estava bem preparada para ele.

Eu estava sentada à mesa da cozinha naquela tarde; minha mãe estava parada atrás de mim, puxando mechas do meu cabelo por uma touca sádica de fazer luzes. Mas sofri aquilo tudo com alegria, só para ter o cabelo como o de garotas chamadas Ashley e Tiffany. Nossa casa estava toda preparada antes do agendamento oficial da empresa de mudança. Mas minha mãe deixou os discos de vinil de fora e até começou a cantar junto de novo quando Alanis Morissette parecia mais animada.

— São só duas horas de Paris até Londres. Dá pra acreditar? — informou.

Ela estava dançando em volta de mim, usando aquelas luvas de plástico esquisitas. Quando “You Oughta Know” começou a tocar, ela deu socos no ar, como se fosse sua música de treino. Lembro como ela estava naquele dia. Estava usando delineador e tinha decorado o cabelo castanho comprido com tranças aleatórias. Ela estava linda, feliz.

— Karina, nós vamos nos divertir tanto. Imagine as pessoas que vamos conhecer. Todo mundo é diferente lá, misturado, e ninguém presta tanta

atenção como aqui. As pessoas não vão nos julgar. Vai ser incrível, Kare — prometeu.

Por que a felicidade é sempre tão curta quando o desespero parece estar espreitando como um convidado indesejado?

Foi no dia seguinte, quando Austin e eu estávamos na escola, que meu pai deu a notícia. Nós não íamos mais para a Europa. Uma mudança de ordem mandou que fôssemos para a Geórgia, a dois estados de distância. Meu pai disse que era melhor para suas chances de promoção. Minha mãe disse que era pior para o que havia sobrado da sua alma.

Na manhã seguinte, encontrei uma garrafa vazia de gim no banheiro. Botei em um saco e levei para fora, para a lixeira grande, ajudando-a a esconder provas. Sendo cúmplice, acho que é assim que se diz. Àquela altura, não era a garrafa vazia que me preocupava. Era o fato de que, se era gim, era porque minha mãe devia ter acabado com a vodka.

— Quer ficar um pouco aqui? — Olhei para Austin por um segundo, consegui vê-la nele, uma coisa em volta dos olhos, na forma da boca. Nós sempre seríamos uma mistura dos nossos pais, e isso me horrorizava.

— Não — disse ele, suspirando. — Não sei. Preciso resolver minha vida. Não posso fazer isso do seu sofá.

— É mais barato do que Barcelona — brinquei.

— Estava pensando em ficar com Martin. — Aquelas palavras foram como um soco. No estômago.

— Martin?

Queria fazê-lo dizer o nome.

— Kael.

— Desde quando vocês são amigos assim? — Não consegui nem esconder a dor na minha voz.

— Sei lá, uma semana, mais ou menos. — Ele riu. Eu não conseguia respirar. — Ele tem ido muito na casa do Mendoza.

— Sério?

Não conseguia acreditar nele.

— Olha, sei que aconteceu alguma coisa entre vocês e sei que terminou. E só sei isso mesmo. Você me disse que não era sério, que a merda com papai foi uma confusão, certo? — Ele me olhou direto nos olhos. Um desafio para que eu fosse sincera.

Era um desafio que eu não encararia.

— Então, a não ser que haja mais alguma coisa na história, mais do que

— você quer compartilhar comigo, não vejo problema em ficar na casa dele. Ele é o único além de Mendoza que fica em casa e não leva mulher pra casa todas as noites. Ele não se mete em confusão.

Fiquei com vontade de vomitar. Estava aliviada e arrasada. Era uma combinação horrenda.

— Não estou dizendo pra você não ser amigo dele. — Soltei o ar com frustração. — Só... — Não conseguia pensar em um motivo válido para dizer para Austin não ficar com Kael, a não ser que eu quisesse contar tudo, e isso não era possível. Ele odiaria todos, talvez até Mendoza.

Já bastava que eu os odiasse.

— Se você não quiser, é só dizer. Mas saiba que não posso mais ficar com o papai, Kare. Não posso.

Concordei. Entendia aquilo de precisar ficar longe da casa do nosso pai. Ele devia ficar na casa de Kael. Ou melhor, de Martin. Gostava de pensar nele como Martin, como o soldado que só fazia o que mandavam, que ofereceu ajuda ao meu irmão quando ele precisou. Não o homem por quem me apaixonei profunda e tolamente. Não o via tinha um tempo, só quando olhava o Instagram e passava pelas fileiras de fotos de nós dois. Ele me mudou tanto em um tempo muito curto. As legendas pareciam tão inteligentes. “Atlanta se recusa a nos ver agora”, escrevi embaixo de uma foto nossa no carro, um exemplar de *Cinquenta tons de cinza* no painel. Para me preparar para o filme, que seria lançado em breve, eu o estava relendo, e era ainda mais excitante tendo um homem que gostava de ficar mandão na minha cama quando eu fechava o livro. Meu pneu estourou quando estávamos partindo na nossa viagem para Atlanta, a viagem que não aconteceu.

Precisei afastar os pensamentos, balançar a cabeça para impedir que os pensamentos sobre Kael invadissem a minha mente. Minhas mãos estavam tremendo. Eu achava que já tinha superado aquilo.

— Papai está me ligando de novo — avisou Austin, mudando de assunto.

— Você vai atender?

— Não.

Um carro passou e um garotinho no banco de trás acenou para nós. Austin respondeu o aceno e até sorriu para a criança.

— E tenho um emprego — informou Austin um minuto depois. O sol

estava descendo, e o céu estava mudando de cor à nossa volta.

— Mesmo? Que boa notícia. — E estava falando sério. Ele não tinha emprego desde que tinha sido demitido do *drive-in*. — Onde é?

Ele hesitou. — É com Martin.

— Claro que é. — Baixei a cabeça e apoiei entre os joelhos.

— Ele está transformando aquela casa geminada, sabe? Onde mora. Está me pagando, pagando a Lawson, a todo mundo que está ajudando. Vou conseguir mais horas do que todo mundo porque eles têm trabalho durante a semana. Temos que fazer coisas como tirar o carpete, merdas assim.

Eu precisava ficar feliz pelo meu irmão, mesmo que a vida dele estivesse girando em torno da única pessoa da qual eu estava tentando desemaranhar a minha.

— Vocês dois são muito parecidos, sabia? — comentou com um sorriso na cara. Era o primeiro momento que ele parecia quase feliz desde a hora em que tínhamos nos encontrado.

Balancei a cabeça.

— Não é verdade.

— Você que sabe, Karina.

— Como está a Katie? — perguntei, voltando a atenção para ele. Eu sabia que eles estavam juntos de novo, vi no Facebook. Acho que o ex-namorado dela tinha saído de cena de vez.

— Bem. Ela é boa pra mim. Me deixa na linha. E acorda cedo pra ir à aula, então eu saio menos, sabe? — Ele parecia tão orgulhoso de si mesmo que não o contestei. Éramos seres humanos totalmente diferentes, mesmo tendo compartilhado um útero.

— Que bom. Fico feliz por você. — Eu me encostei na varanda e apoiei a cabeça perto da dele. Éramos quase crianças novamente.

— Obrigado. Não vou trazer Kael aqui se você não quiser, mas ele está me ajudando muito.

Olhei para o céu e implorei para as estrelas aparecerem e virem brincar. Queria saber que podia contar com elas. Queria estar certa de alguma coisa.

— Tudo bem. Estou saindo com outra pessoa mesmo. — As palavras

escorregaram da minha língua, tão deturpadas quanto a mentira em si.

— Está?

— Estou. Não quero falar sobre isso. — Sabia que Austin fugiria de qualquer coisa complicada se tivesse oportunidade.

— Tudo bem — concordou. — Então você não pode ficar com raiva de ele vir me buscar aqui a qualquer momento — ele disse aquilo rápido demais, como se pudesse mudar o sentido das palavras.

— Austin. — Choraminguei seu nome. — Tudo bem. Vou entrar. Você precisa de um carro.

— Vou comprar um agora que tenho um emprego. — Ele abriu um sorriso e aliviou um pouco a minha dor.

— Estou orgulhosa de você, de verdade. E está vendo, você não precisava mesmo entrar no exército, afinal — brinquei. Sabia que ele não iria até o fim, por mais que nosso pai tentasse forçar.

Ouvi o rugido da picape de Kael antes de a ver. Meu corpo reagiu na mesma velocidade da minha mente, e precisei me obrigar a entrar em casa antes de ele entrar na minha rua. *Vão*, disse para os meus pés. *Agora*. Mas ele estava fora da picape e percorrendo a grama antes que eu tivesse tido a chance de me mexer. Os olhos estavam escondidos por um boné. Percebi a confusão no rosto dele quando não saí correndo.

Queria que ele soubesse que eu não conseguia evitar. Queria me mexer. Queria desesperadamente me mover e entrar correndo e me esconder embaixo das cobertas e fingir que nada tinha acontecido.

— Karina. — A voz de Kael era punição embrulhada em seda.

Não consegui falar com aquele nó na garganta. Minha língua estava muito pesada.

Ele estava igual, e isso me surpreendeu. Como fazia só uma semana que eu tinha tocado nele? Não parecia possível. Meu corpo me traiu e ficou relembrando seu calor diante da imagem dele, parado no jardim, longe demais de mim.

Meu irmão se levantou e escondeu Kael por um segundo. O que eu precisava para sair do transe.

— Até mais — disse para Austin, tão casualmente quanto consegui sem

olhar para Kael. Eu merecia um Oscar. Segurei a maçaneta da porta de tela e não olhei para trás. Estava dentro de casa quando ouvi o trinco fechar, e encostei o corpo na porta. Foi uma tentativa de me estabilizar, de me manter ereta. Não deu certo. Chorei tanto que deslizei até o chão. Fiquei lá até Elodie chegar do trabalho e me atrair com imagens da ultrassonografia. O abacatinho já estava do tamanho de uma banana. Ela estava tão feliz que chorei de novo.

Não me importei de fechar o SPA no lugar de Elodie, porque ela estava com dores nas costas. E não me importei quando Mali saiu cedo para soltar os cachorros porque o jogo de pôquer do marido atrasou e ele não chegaria em casa a tempo. Mas ficar lá sozinha? Odiava.

O problema estava em minha imaginação, que amava viajar aos extremos, e muito rapidamente. Estava começando a ficar com medo, como acontecia quando ficava sozinha na casa dos meus pais e como ainda acontece às vezes na minha casa. Estava pensando em todas aquelas lendas urbanas que todo mundo achava tão engraçadas. *A ligação está vindo de dentro da casa!* Eu nunca entendi a piada. E a do homem escondido embaixo da cama da garota, lambendo os dedos dela para ela achar que era o cachorro? É... eu estava surtando.

Não faltava muito. Não havia clientes marcados, e eu duvidava que alguém fosse passar por ali nos vinte minutos seguintes, então fechei minha sala e preparei tudo para a manhã seguinte. A empresa de limpeza tinha ido lá na noite anterior e tudo estava arrumado. Eu só precisava botar algumas coisas no lugar e ver se todas as velas estavam apagadas. Esse tipo de coisa. Apaguei as luzes uma a uma antes de trancar a porta dos fundos, com cadeado e tudo, e apagar a luz do escritório.

Eu praticamente corri para o saguão, onde as luzes ainda estavam acesas, e apaguei a luz do teto. Acendi a lanterna do celular e fui até a janela do canto da fachada para acender o abajur de piso. Nós sempre deixávamos uma luz fraca acesa para impedir invasões. Mali me disse que as escolas faziam isso pelo mesmo motivo. Só a menção a uma invasão me deixava nervosa. Muito assustada.

Estava rindo um pouco de mim, pensando como eu era medrosa. Parecia

um daqueles cenários de *CSI* que eu inventava para as pessoas. E *Lei e ordem*? Maratonas demais de *Lei e ordem: Unidade de vítimas especiais* tiveram um efeito óbvio na minha cabeça.

De repente, vi uma sombra se aproximar da porta e quase tive um troço. Talvez tenha dado um gritinho. Fiquei parada, tentando recuperar o fôlego e diminuir os batimentos. A sombra chegou mais perto, e foi nessa hora que vi que era um homem; era jovem, mas não garoto. Talvez soldado, considerando o corte de cabelo. Estava meio tarde para alguém passar. Além do mais, não o reconheci, e isso me deixou meio inquieta.

Eu nunca tinha ficado sozinha no SPA à noite e nunca mais faria aquilo. E desejei ter ouvido Kael quando ele me disse para voltar a carregar o spray de pimenta comigo. Olhei para o tubo rosa vazio pendurado na bolsa. Não era engraçado ser rosa? Como se tivesse que ser “fofo e feminino” para eu poder me proteger de homens à noite. O homem puxou a porta e eu apareci, acendendo a outra lâmpada novamente. Apaguei a lanterna do celular e fiquei meio longe da porta.

— Desculpa, já fechou? — Ele estava calmo. A voz era simpática.

— Vamos fechar em dez minutos. — Eu parecia um ratinho assustado. E me sentia assim, coisa que odiei. *Coragem, Karina*.

— Ah, desculpa. Acho que ferrei as costas no treinamento e estava com esperanças de ainda estar aberto. — Ele pareceu estar falando a verdade, mas eu não conseguia ver seu rosto.

— Podemos te atender de manhã. Posso chegar cedo — ofereci, supondo que ele teria que trabalhar, mas sentindo uma certa culpa por saber que ele era soldado e estava com dor.

— Acho que consigo sair do treinamento da manhã. Posso entrar para você anotar meu nome? — perguntou ele. Olhei para o pontinho vermelho da câmera pendurada na parede e destranquei a porta. Minha mente voltou para *Lei e ordem* e como Mali reagiria quando encontrasse meu corpo de manhã.

O homem entrou e me encarou. Foi meio desconcertante, mas com uma sinceridade estranha. Ele me seguiu até a recepção, e peguei a agenda em papel, porque já tinha desligado o computador. Olhei meu dia seguinte.

— Tenho um horário às dez e outro ao meio-dia, mas posso chegar às nove ou às oito e meia, considerando que você veio até aqui hoje.

Não sabia de onde ele tinha vindo, mas eu estava tentando recitar frases típicas de atendimento ao cliente que usei nos empregos anteriores. Fazer um esforço pelo cliente infeliz costuma funcionar, a não ser que o cliente seja babaca. Nesse caso, ninguém se importa.

— Vamos marcar nove e meia. Vai estar bem tranquilo aqui. — Ele olhou para trás, para o horário de funcionamento pintado na porta com letras brancas.

— Tudo bem. — Engoli em seco. — Nove e meia. Pode me dizer seu nome?

— Nielson. — Anotei o nome que me pareceu familiar, mas eu não me lembrava de ter visto aquele rosto antes.

— É você que... você sabe, que faz o tipo especial de massagem? — Sua voz rastejou por mim como pequenas aranhas.

Meu estômago despencou.

— O que você disse? — O tom foi mais de acusação. Olhei para a câmera de novo, desta vez de uma forma bem óbvia. Desta vez ele reparou.

— Hmmm, er... é. Bom... Ouvi falar que tem uma aqui que faz isso — disse ele. — Você sabe. *Massagens especiais...*

Senti vontade de vomitar. Senti vontade de sair correndo. Mas reuni toda a minha coragem e me mantive firme.

— Vou pedir que você vá embora. — Usei o máximo de firmeza possível na voz. Em seguida, peguei o telefone fixo e levei para perto do ouvido.

Ele levantou as mãos fingindo rendição, com um sorrisinho na cara. Pensei ter visto um brilho metálico no maxilar quando ele sorriu.

— Tudo bem, calma. Estou brincando. Desculpa, desculpa. Não aconteceu nada. Não precisa ficar na defensiva.

Fiquei olhando para ele em silêncio, sem baixar o telefone e torcendo para ele não poder ver minha mão tremendo e meus dedos apertados e brancos, segurando o aparelho com toda a força que eu tinha. Depois dos segundos mais longos da minha vida, ele recuou e foi andando de costas até a porta.

Mas manteve o olhar em mim. Os olhos azuis gelados e a pele pálida e esticada estavam bem mais sinistros e ele estava me enchendo de medo. Mas eu não podia deixar que ele visse, então mantive os lábios apertados e o

telefone erguido, para ele poder ver.

Logo antes de sair pela porta, o estranho sorriu de novo.

— Você é filha do Fischer, não é? — Um alarme soou na minha cabeça. Quem era aquele cara?

O sinal sonoro tocou quando ele encostou as costas na porta. Meu coração estava batendo quase para fora do peito. *Vai embora*, implorei, silenciosamente. *Vai embora*. Ele se virou e parou na porta. Naquele momento, quando a porta estava se fechando lentamente, Kael apareceu na calçada. Achei que ia desmaiar só de vê-lo ali.

Kael. Em carne e osso. Eu não estava mais sozinha.

Kael abriu a porta e entrei na picape. Tentei não pensar em quanta coisa ficou sem resolução entre nós e nem em quanto eu queria ficar perto dele e abraçar seu corpo quente.

Kings of Leon das antigas estava tocando baixinho.

— Cinto de segurança — lembrou Kael, como sempre.

— Você não está em posição de me dar ordens — rebati. Ele sorriu. — Estou ligando o cronômetro agora. Vinte minutos. — E liguei mesmo. Coloquei o cronômetro do celular.

Ele sorriu de novo. Eu odiava estar baixando a guarda, mas a explosão de alívio que senti quando ele olhou para mim, a cabeça inclinada e os lábios entreabertos... bom, aquilo eu não odiava.

— O quê? — perguntei a ele, apoiando o queixo no ombro para esconder a boca.

— É bom respirar de novo — respondeu ele, os olhos grudados nos meus. Era isso. Vício. Recaída. Eu não podia controlar.

— Hmmm — provoquei. — Pergunte alguma coisa. — Queria quebrar o clima. Era isso ou ceder ao meu corpo e tocar seu ombro, seu pescoço, seus lábios.

Toda a dor da semana anterior pareceu valer a pena só para estar ali, sentada ao seu lado. Como falei, vício.

Ele baixou mais o volume do rádio.

— Tem certeza de que está bem? Você parece assustada. Parece que ficou assustada com aquele cara que estava saindo do seu trabalho. — Ele pareceu preocupado. Queria que ele ficasse preocupado, mesmo sem jamais admitir

para ele.

Assenti.

— Estou bem. De verdade. — Mais tarde eu perceberia. Eu sabia. Quando estivesse sozinha, sem a segurança do corpo de Kael ao meu lado, sem a proteção que a presença dele oferecia, eu perceberia o que aconteceu, que um cara sinistro entrou e fez uma piada nojenta e conhecia o nome do meu pai. Abri a janela do passageiro para respirar ar puro. O cheiro era de chuva e terra molhada. Ajudou a me acalmar. O vento soprando, Kael na direção, o ronco alto do motor naquela picape enorme que ele dirigia. Tudo ajudou a me acalmar.

— Tudo bem, mas você tem mesmo certeza? — Ele esperou minha resposta.

Confirmei.

— Quantos anos você tinha quando perdeu o primeiro dente? — perguntou ele.

Pensei por um momento.

— Seis, eu acho. Minha mãe dizia que eu comia os dentes. Que literalmente os engolia antes que ela pudesse tirá-los, então a fada do dente não foi lá em casa duas vezes.

Ele mordeu o lábio e tentou não rir.

A pergunta seguinte foi:

— Quantas multas você recebeu? Na vida?

Eu inclinei a cabeça.

— Da biblioteca ou de trânsito? — perguntei.

— De trânsito.

— Três.

— Três? Você só dirige há quanto tempo, quatro anos, no máximo? — provocou. — Bom, se você está tentando ter uma por ano, está atrasada. Você sabe disso, né?

Assenti.

Ele continuou.

— Quantos bichos de estimação você teve ao longo da vida?

— Só um. O nome dele era Moby. — Expliquei que amava o peludinho, até que ele fugiu pela quadragésima vez e nunca voltou.

— Em homenagem à baleia ou ao cantor? — perguntou Kael.

Segurei uma gargalhada, mas não me saí muito bem.

— Nenhum dos dois. Nós só gostávamos do nome.

Ele estava usando uma camiseta cinza com uma jaqueta de piloto por cima. A jaqueta ficava apertada nos braços e a calça jeans era preta com rasgos nos joelhos, minha calça favorita. Do mundo.

— O gosto de macarrão com queijo lembra você de quê? — perguntou ele quando entrou na via expressa.

— De onde você tira essas perguntas? — Eu já estava rindo.

Ele deu de ombros.

— Por quê? Você não tem resposta?

Balancei a cabeça.

— Macarrão com queijo me lembra minha mãe. — Inclinei o corpo para a frente e cobri o rosto. — Essa é sempre minha resposta. — Descobri o rosto e empurrei o cabelo desgrenhado para longe das bochechas. — Mas ela faz... *fazia* o melhor macarrão com queijo do mundo. Sem nada pronto. Só o macarrão, claro. Ela não faz o macarrão — esclareci. — Ela sempre me disse que, quando eu me casasse, me ensinaria a receita. E isso é estranho. — Dei uma risadinha.

— E ultrapassado — acrescentou ele.

— Totalmente ultrapassado — concordei.

— Tenho mais algumas perguntas — anunciou. A seta ficou fazendo barulho enquanto esperávamos no sinal vermelho em frente ao Kroger. Do outro lado da rua havia um lava-jato, o mesmo em que Brien e eu terminamos enquanto ele aspirava o carro. Ele era obcecado por carros aspirados.

— Pode perguntar. — Eu o encorajei a perguntar mais para poder tirar Brien da cabeça.

— Quando você percebeu que é diferente de todos à sua volta?

Cruzamos o olhar naquele momento. Estava tão escuro no carro, ele estava

com uma das mãos no volante e a outra no colo. Eu queria desesperadamente tocar seus dedos. Toda a força de vontade que reuni na última semana evaporou muito rápido. Cheguei um pouco mais perto de Kael e movi a mochila de couro que estava entre nós. Uma pequena pilha de papéis caiu pelo zíper aberto; eu a coloquei no espaço vazio ao meu lado.

— Que carro você se imagina dirigindo em cinco anos? — perguntei.

— Hmmm, provavelmente o mesmo. Sei lá, não ligo pra carros.

— Qual é seu maior medo? — perguntou Kael.

Respondi essa sem nem pensar.

— Que alguma coisa aconteça a Austin.

Kael olhou para mim e, sem uma palavra, me disse que sentia minha preocupação com meu irmão. Kael foi a primeira pessoa a se comunicar comigo dessa forma, sem esforço, e era tão bom estar perto dele de novo. Tanto que sufocou a dúvida que ocupava minha mente desde que eu o tinha visto pela última vez.

— Minha vez. — Fiquei em silêncio nas últimas perguntas dele. Eu não tinha resposta para a primeira pergunta que ele fez porque nunca tinha visto um filme da Marvel.

— Você sente que me conhece agora? — perguntou ele. Balancei a cabeça que não.

— Eu disse *minha vez*. — Eu estava quase ao seu lado na cabine do carro, e ele olhou para o espaço entre nós.

— Coloque o cinto e, depois disso, será sua vez. — Assim que ele disse aquelas palavras, um jorro de luz banhou o para-brisa.

Ele desviou para outra pista. Uma buzina tocou quando Kael virou o volante para ajeitar o carro, e preendi a respiração.

Voltei para meu lugar do outro lado da cabine e preendi o cinto. Kael estava olhando para a frente, as mãos apertando o volante.

— Você está bem? — quis saber.

Alguns segundos se passaram, e ele engoliu em seco.

— Você está? — Ele não se virou para mim para perguntar.

— Estou. Você estava tão preocupado com meu cinto de segurança que

quase nos matou.

Estiquei a mão para a dele e percebi a força com que ele estava apertando o volante.

— Kael.

Falei seu nome baixo, como fazia quando ele acordava de manhã, confuso sobre o continente em que estava. Enxerguei a mesma expressão naquele momento.

— Kael, está tudo bem. Eu estou bem. Nós estamos bem. Quer parar o carro?

Ele estava em silêncio. Estiquei o braço e coloquei a mão na sua perna dele. Fiz um carinho de leve por cima da calça jeans.

— Pare o carro. — Não foi uma pergunta. Vi que ele ainda não tinha saído do transe. — Kael. — Levantei a mão no ar. — Vou tocar no seu rosto — avisei, sem saber como ele reagiria. Meu corpo acabaria falhando se eu continuasse passando por medos como aquele. Ele assentiu lentamente, e coloquei a mão com delicadeza na sua bochecha e apertei a pele quente. Fiquei parada e passei o polegar pela barba por fazer no queixo.

Ele parou no acostamento antes de eu ter que chamá-lo de novo. A respiração saía em baforadas pesadas, sopros densos de pânico. Fiquei tão feliz de estar com ele, tão próxima, e feliz por ter esquecido as coisas que eu me dizia toda manhã e toda noite para ficar longe dele. Eu devia saber que seria impossível.

— Está tudo bem — repeti, abraçando sua cintura.

— Karina. — A respiração dele estava pesada e rápida, como se ele tivesse subido correndo um lance de escadas.

Mudei de posição e me ajoelhei no banco, o corpo virado para ele.

— Nós estamos bem. Olha. — Encostei meu nariz no dele, e os olhos recuperaram o foco. Ele parecia um garotinho, não um veterano de guerra. Não um homem. Fez meu coração derreter. Fez com que eu tivesse vontade de dizer que estava me apaixonando por ele, que ele só precisava explicar o que tinha acontecido sem nenhuma mentira, sem deturpar a verdade. Nós tínhamos tanto para conversar.

No momento, eu só queria consolá-lo. Ele estava voltando a si. Estava voltando para mim.

Cheguei o corpo para mais perto do dele.

— Vou tirar esses papéis daqui — comentei enquanto os arrumava.

Havia uma pasta do exército no alto, com a típica estrela. Kael ficou imóvel ao meu lado. Senti a mudança no espaço entre nós quando me dei conta do que o *kit* dizia. Carros passaram por nós na via expressa, mas não me importei. Eu queria que ele ficasse calmo, que conseguisse respirar.

— De quem é esse *kit* de alistamento? — perguntei, curiosa como sempre.
— Achei que você estivesse querendo sair. — Não consegui me controlar. Abri a pasta. Foi nessa hora que Kael esticou a mão e tentou tirar a pasta de mim. — Não consigo acreditar que você vai se alistar de novo depois de tudo...

E então, li o nome na primeira página.

AUSTIN TYLER FISCHER.

Então, foi a vez de Kael me chamar. Foi a vez de Kael me trazer de volta para a terra.

— Karina. Karina. Me escuta, Karina. Tem uma explic... — As palavras dele eram só ruídos. Consegui entender meu nome, mas só. Mal conseguia sentir meu corpo.

— O que é isso, Kael? — consegui dizer. A picape estava parada no acostamento, mas parecia pendurada na beira de um penhasco.

Como ele não respondeu, gritei. Eu não tinha tempo para perder com enrolações e desculpas. Eu estava lendo a prova.

— POR QUE ISSO... POR QUE ISSO ESTÁ NO SEU CARRO?

Bati com a pasta no espaço vazio no banco entre nós. Um trailer buzinou, e Kael botou o câmbio na posição de dirigir.

— Não mova essa porra de carro enquanto não me explicar isso e por que está no seu carro! — Eu era uma mistura de emoções: medo, raiva, nojo, desprezo. Ele era uma estátua de mármore: linda, mas fria.

O alarme no meu celular tocou. Os vinte minutos tinham acabado. Só vinte minutos tinham se passado? Austin tinha mesmo entrado para o exército? E Kael sabia? Mais importante ainda: qual era a participação dele naquilo?

— Me responde ou nunca mais fale comigo — disse enquanto procurava o celular na bolsa. Tinha perdido uma ligação de um número local que não reconheci, e mais nada.

Procurei o nome de Austin, e minha cabeça estava girando tão rápido que tudo estava borrado quando tentei digitar uma mensagem para ele. Liguei, mas ele não atendeu.

— Você o obrigou, não foi? — acusei Kael. — Você fez isso pra me atingir! — gritei.

— Fiz isso porque ele precisa de estrutura. Fiz isso porque ele precisa parar de foder com a própria vida.

— Ah, meu Deus! Você é inacreditável! Está disposto a ir longe assim nessa coisa com meu pai? A ponto de mandar o filho dele pra guerra?

Eu ia vomitar. Tentei abrir a janela, mas não encontrei a manivela. Estiquei a mão para a maçaneta, mas Kael tentou me segurar.

Eu me afastei.

— Não ouse! Não ouse tocar em mim! — Quase caí do carro ao sair. — Vai embora daqui. Vai embora.

Lágrimas encharcavam meu rosto, e meu cabelo estava grudado nas bochechas molhadas.

— Vai! — gritei, sem me importar de estar escuro e nem de ficar sozinha no acostamento da via expressa. Eu só queria ficar o mais longe possível dele.

E, claro, como o universo me odiava, assim que meus sapatos tocaram no chão e eu gritei para ele ir embora, o céu começou a chorar e me cobrir com lágrimas densas de chuva da cabeça aos pés.

Agradecimentos

Esta é a parte constrangedora do livro em que finjo que acabei de ganhar um Oscar e cito as primeiras pessoas que surgem na mente. Por isso, tenham paciência enquanto tento dar a esses humanos um pouco do que eles merecem.

Flavia Viotti, agente maravilhosa: você é uma mulher tão incrível e batalhadora e uma das melhores mães que conheço. Eu fico honrada de conhecer você e mal posso esperar pelo nosso futuro juntas. Você se dedicou muito a este livro, e isso é importantíssimo para mim.

Erin Gross, você me completa. Literalmente. Obrigada por ser minha mão direita e esquerda, meu cérebro, meus braços, tudo. Você é a melhor, e vamos dominar o mundo juntas. Você é inovadora e trabalha até dormindo. Te amo demais.

Jen Watson, também conhecida como Jenny do quarto, você! Você é uma companheira de vida, e já vivemos tantas aventuras juntas, muito trabalho, ou nem tanto, ha-ha-ha. Mal posso esperar por mais.

Ruth Clampett, você é seu próprio aplicativo de meditação. Sua graça e gentileza são coisas sem as quais não consigo viver.

Erika, você é minha maior apoiadora, e eu não teria carreira sem sua influência na minha vida e nas minhas palavras. Obrigada por ser uma mentora e mulher tão incrível para eu admirar.

Kristen Dwyer, esse é nosso décimo livro juntas! O quêêêê? Você é demais, e mal posso esperar pelo décimo primeiro, décimo segundo, nonagésimo nono.

Brenda Copeland, que batalhadora maravilhosa você é! Estou tão feliz de você ser parte dessa equipe! Você arrasou no primeiro livro caótico, se

prepare para o próximo. <3

A todas as minhas editoras de todo o mundo, editores, equipes de vendas, capistas, todos que passam parte de seu tempo precioso me ajudando a tornar meus sonhos realidade, obrigada! Sua dedicação não passou despercebida.

Primeira edição (novembro/2018)

Tipografias Adobe Devanagari



ANNA TODD

é a autora

da série best-seller internacional **After**.

Ela sempre foi uma leitora ávida e decidiu escrever suas próprias histórias, pelo celular, na plataforma Wattpad. A série **After** tornou-se a mais lida do Wattpad no mundo. A edição impressa da série foi publicada em 2014 e traduzida para mais de 30 línguas, atingindo mais de 8 milhões de exemplares vendidos. Anna Todd foi primeira na lista dos mais vendidos na Itália, Alemanha, França e Espanha. Atualmente, Anna e seu marido moram em Los Angeles.

Acompanhe a Anna nas redes sociais:



AnnaTodd.com



[@imaginatord](https://twitter.com/imaginatord)



[@imaginatord](https://www.instagram.com/imaginatord)



[Imaginator1D](https://www.youtube.com/imaginatord)

"ANNA TODD
É O MAIOR FENÔMENO LITERÁRIO
DA SUA GERAÇÃO"
COSMOPOLITAN

Karina viveu toda a sua infância e juventude rodeada por soldados. Aos vinte anos, ela decide construir uma vida nova e diferente, longe das regras rígidas da rotina militar. Ela só queria um pouco de tranquilidade. Mas, no meio de uma confusão familiar, justamente nesse momento tão delicado de sua vida, Karina encontra Kael, um soldado lindo, que fala pouco e que acaba de voltar do Afeganistão. Karina nada sabe sobre ele, exceto que...

- 1 Ele era encantador daquele jeito forte e silencioso.
- 2 Ele tinha um tipo de magnetismo que atraía as pessoas.
- 3 Ele fazia você querer saber em que ele estava pensando.
- 4 Ele agia como se tivesse uma coisa muito importante a dizer.
- 5 Não tinha cinco. Era só isso que sabia sobre ele.

Ela pode dizer ao seu melhor amigo
qualquer coisa... **Exceto isso.**

A BARRACA DO BEIJO

BETH REEKLES



A barraca do beijo

Reekles, Beth

9788582467480

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

ELLE EVANS é o que toda garota quer ser: bonita e popular. Mas ela nunca foi beijada. NOAH FLYNN é lindo e um tanto quando bad boy - tá, o maior bad boy da escola - e o rei dos joguinhos de sedução. A verdade é que Elle sempre teve uma queda pelo jeito descolado de Noah, que, por coincidência, é o irmão mais velho de seu melhor amigo, Lee. Essa paixão cresce ainda mais quando Elle e Lee decidem organizar uma barraca do beijo no festival da Primavera da escola e Noah acaba aparecendo por lá. Mas o romance desses dois está bem longe de ser um conto de fadas. Será que Elle vai acabar com o coração partido ou conseguirá conquistar de vez o bad boy Noah?

[Compre agora e leia](#)

A história de Elle e Noah continua em...

A CASA DA PRAIA

BETH REEKLES

Mesma autora de

A BARRACA DO BEIJO



A casa da praia

Reekles, Beth

9788582468272

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quem disse que a história de Elle e Noah acabou? Para a sorte de todos nós, que amamos A Barraca do Beijo, Beth Reekles decidiu contar mais um pouco da história deles. Namorar o maior bad boy da escola jamais esteve nos planos de ELLE EVANS, mas aconteceu. Porém, isso teve um preço. Sua amizade com LEE FLYNN foi colocada à prova e ela teve que rever suas prioridades e abrir o jogo de uma vez por todas sobre o seu relacionamento secreto com NOAH FLYNN. Pode parecer um sonho finalmente conquistar o crush eterno de uma vida, mas uma hora o ensino médio vai acabar e Noah começará a faculdade. Entre fogos de artifício e confusões na praia durante as férias de verão, Elle e Noah precisam decidir qual será o futuro de seu relacionamento. Afinal, as coisas nunca mais serão as mesmas, nem mesmo na casa da praia.

[Compre agora e leia](#)



Ikigai: Os cinco passos para encontrar seu propósito de vida e ser mais feliz

Mogi, Ken

9788582467381

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Viver uma vida plena, longa e feliz? Sim, é possível. A fórmula, segundo os japoneses, é encontrar o seu próprio ikigai, que vai ajudar você a definir e apreciar os prazeres da vida. Aqui, você irá descobrir os cinco passos para alcançá-lo e, assim, encontrar satisfação e alegria em tudo aquilo que faz. Esse antigo segredo dos japoneses pode fazer você viver mais, ter mais saúde, ser menos estressado e, principalmente, mais realizado com a sua vida.

[Compre agora e leia](#)

ANNATODD

BEST-SELLER INTERNACIONAL DO THE NEW YORK TIMES

*nothing
more*

A HISTÓRIA DE LANDON - LIVRO I

SUCESSO NO
wattpad
IMAGINATÓRIO



Nothing more

Todd, Anna

9788582466896

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Os arranha-céus de Nova York e o ritmo frenético da cidade são bem diferentes do lugar onde Landon Gibson foi criado, e essa transição está sendo desafiadora. Mas até que ele está se virando, arrumou um emprego para pagar (algumas) contas, está gostando da faculdade e, de vez em quando, encontra sua ex, Dakota. Sabe como é, aquela por quem ele largou tudo e foi estudar na Universidade de Nova York... para no fim levar um pé na bunda. Por sorte, sua melhor amiga, Tessa, apareceu para dividir com ele seu (minúsculo) apartamento no Brooklyn. E, apesar dos altos e baixos que enfrenta com o ex, ela é uma boa ouvinte e conselheira, especialmente quando ele se vê envolvido em uma espécie de triângulo amoroso quase viciante, como todas as garotas bonitas. Para um jovem, encontrar um caminho na vida não é fácil. Landon sempre foi uma pessoa otimista, mas numa cidade tão barulhenta e complicada, e tão longe de casa, só dá para seguir em frente com uma bela ajudinha dos amigos e com um bom par de fones de ouvidos.

[Compre agora e leia](#)

Kathryn
Hughes

*Tudo aquilo
que eu
não disse*

Duas garotas.
Uma carta.



Tudo aquilo que eu não disse

Hughes, Kathryn

9788582467039

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

A vida da doce Tina Craig parece estar destinada a mesmice dos anos 70: ela vive presa em um casamento infeliz com um marido problemático. Isso desafia Tina a unir todas as suas forças para sair desse abismo e finalmente conquistar a paz de espírito que ela tanto quer. Seu destino toma um rumo diferente quando ela encontra uma carta escrita em setembro de 1939. A carta, que nunca chegou ao destino certo, lhe traz uma nova esperança, um alento para o seu coração tão maltratado. Tudo muda de figura quando a vida de Tina se choca com os destinos do casal Billy e Chrissie, trazendo William, um jovem em busca de sua mãe biológica, para sua jornada por conta de um mero acaso.

[Compre agora e leia](#)